



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
Centro de Humanidades
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Mestrado Acadêmico em Psicologia

GEÍSA SOMBRA DE CASTRO

DIÁLOGOS E VIVÊNCIAS SOBRE ARTE E IDENTIDADE
COM JOVENS DO BOM JARDIM

Fortaleza
2009



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
Centro de Humanidades
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Mestrado Acadêmico em Psicologia

GEÍSA SOMBRA DE CASTRO

DIÁLOGOS E VIVÊNCIAS SOBRE ARTE E IDENTIDADE
COM JOVENS DO BOM JARDIM

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Cezar Wagner de Lima Góis

Fortaleza
2009

"Tecturis saltem"

Ficha Catalográfica elaborada por
Telma Regina Albreu Camboim – Bibliotecária – CRB-3/593
tregina@ufc.br
Biblioteca de Ciências Humanas – UFC

C351d Castro, Geisa Sombra de.
"Diálogos e vivências sobre arte e identidade com jovens do Bom Jardim" / por Geisa Sombra de Castro. – 2009.
260 f. : il. ; 31 cm.
Cópia de computador (printout(s)).
Dissertação(Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza (CE), 03/06/2009.
Orientação: Prof. Dr. Cezar Wagner de Lima Góis.
Inclui bibliografia.

1-PSICOLOGIA COMUNITÁRIA – BOM JARDIM(FORTALEZA,CE).2-IDENTIDADE SOCIAL – BOM JARDIM(FORTALEZA,CE).3-ARTE – PSICOLOGIA.4-BIODANÇA. 5-JOVENS POBRES – BOM JARDIM(FORTALEZA,CE) – PSICOLOGIA.6-SERVIÇOS DE SAÚDE MENTAL COMUNITÁRIA – BOM JARDIM(FORTALEZA,CE). 7-MOVIMENTO DE SAÚDE MENTAL COMUNITÁRIA DO BOM JARDIM.I- Góis, Cezar Wagner de Lima,orientador.II-Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III-Título.

CDD(22ª ed) 305.235098131

94/09

GEÍSA SOMBRA DE CASTRO

**DIÁLOGOS E VIVÊNCIAS SOBRE ARTE E IDENTIDADE
COM JOVENS DO BOM JARDIM**

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Data da Aprovação: ___/___/_____

Prof. Dr. Cezar Wagner de Lima Góis – UFC
Orientador

Prof^ª. Dr^ª. Ana Luisa Teixeira de Menezes - UNISC
Membro da Banca Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Ângela de Alencar Araripe Pinheiro – UFC
Membro da Banca Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Verônica Moraes Ximenes – UFC
Membro da Banca Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Laéria Bezerra Fontenele
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia – UFC

*Ao Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim –
Fértil espaço de vida, crescimento, conhecimento e florescimento.*

AGRADECIMENTOS

“Gracias a la vida que me ha dado tanto”

(Violeta Parra)

RESUMO

Esta pesquisa busca compreender as implicações da participação em um grupo de arte-identidade no movimento da identidade de jovens vinculados ao Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim (MSMCBJ), organização não governamental que atua em Fortaleza no bairro do Grande Bom Jardim localizado na Secretaria Executiva Regional – SER V. Tal iniciativa deu-se a partir da nossa prévia inserção nas atividades do MSMCBJ, que garantiu o desdobramento de um processo de vinculação tanto com a comunidade, quanto com os funcionários da instituição, permitindo, assim, uma abertura para a realização da pesquisa. Outro motivo foi a existência de um grupo de trabalho com arte-identidade realizado com a população jovem que participa dos cursos profissionalizantes oferecidos pela ONG. Nesse sentido, nossa investigação deteve-se em dois objetivos específicos: 1. Analisar as personagens que surgem no movimento da identidade dos jovens durante a participação assídua no grupo de arte-identidade; 2. Compreender a direção da expressão e metamorfose da identidade mediante a presença de novas personagens e o desaparecimento de outras. A relevância desta pesquisa destaca-se pelo fato de a arte-identidade como proposta de facilitação de grupos não ter sido sistematizada. Além disso, vinculá-la ao trabalho com jovens de um bairro popular da capital cearense muito pode contribuir como alternativa de facilitação de grupos com esta população. Como marco teórico, utilizamos as contribuições da Psicologia Comunitária, que busca facilitar, através do aprofundamento da consciência, o desenvolvimento dos sujeitos comunitários; da Biodança, que é um sistema de desenvolvimento humano que busca a integração afetiva, a renovação orgânica e a reaprendizagem das funções originárias da vida; e da Educação Biocêntrica, que utiliza a Biodança como mediadora no processo de ensino-aprendizagem, buscando a construção do conhecimento a partir do fortalecimento da identidade do educando para que este possa aprender a viver, conectando-se de forma profunda com a vida. Assim, através do método facilitar-pesquisando com um grupo formado por 32 jovens na faixa etária de 16 a 20 anos, realizamos questionários, círculos de cultura, círculos de encontro e relatos de vivência como instrumentos para coletar os dados. Elegemos 8 jovens como participantes da pesquisa a partir de dois critérios: 1. a densidade das informações oferecidas por estes participantes, apresentando um conteúdo significativo para uma análise com qualidade, e 2. a frequência de participação nos encontros semanais do grupo, acompanhados por assinatura numa lista, caracterizando uma porcentagem superior à 64%. Após a transcrição e codificação dos dados, submetemo-nos aos procedimentos de análise temática. Concluímos que a arte-identidade atua na construção de uma identidade-amor a partir da transformação positiva dos seguintes aspectos identitários: atua no fortalecimento dos aspectos saudáveis da identidade (ausência de agressão gratuita, percepção de si mesmo como criatura portadora de um valor intrínseco, capacidade de intimidade, capacidade de auto-regulação e empatia); potencializa a expressão das linhas de vivência (enfocamos a vitalidade, criatividade e afetividade); fortalece os tipos de vinculação com a vida; e atua no fortalecimento do valor pessoal e poder pessoal.

Palavras-chave: Juventude, arte, identidade, processo grupal e Biodança.

ABSTRACT

This research search to understand the implications of the participation in an art-identity group in the movement of the Movement of Community Mental Health of the Good Garden (MSMCBJ) youths' identity, organization non government that works in Fortaleza in the neighborhood of the Grande Bom Jardim located in the Secretaria Executiva Regional - SER V. Such an initiative felt starting from our previous insert in the activities of MSMCBJ that it guaranteed an approximation with the community and with the employees of the institution allowing this research. Another reason was the existence of a group with art-identity accomplished with the young population that participates the courses offered by ONG. This way, our investigation had two specific objectives: 1. to analyze the characters that appear in the movement of the youths' identity during the assiduous participation in the art-identity group; 2. to understand the direction of the expression and metamorphosis of the identity by the new characters' presence and the disappearance of other. The relevance of this research is the fact of the art-identity as proposal of facilitation of groups it was not systematized. Besides, the work with youths of a popular neighborhood of the capital from Ceará a lot can contribute as alternative of facilitation of groups with this population. We used the contributions of the Community Psychology theory that it looks for to facilitate through the conscience, the development of the community subjects; of Biodança a system of human development that looks for the affective integration, the organic renewal and the learning of the original functions of the life; and of the Educação Biocêntrica, that uses Biodança as way in the teaching-learning process, looking for the construction of the knowledge starting from the invigoration of the student's identity so that this can learn how to live, being connected in a deep way with the life. Like this, through the method facilitar-pesquisando with a group formed by 32 young with 16 to 20 years, we accomplished questionnaires, culture circles, encounter circles and existence reports as instruments to collect the data. We chose 8 young as participants because: 1. the density of the information offered by these participants with a significant content for an analysis with quality, and 2. the participation frequency in the weekly encounters of the group, accompanied by signature in a list, characterizing a superior percentage to the 64%. After the transcription and code of the data, we made thematic analysis. We concluded that the art-identity group acts in the construction of an identidade-amor through the positive transformation from identity: it works in the healthy aspects of the identity (like aggression, perception of himself value, intimacy, self-regulation and empathy); it works in the expression from the vitality, creativity and affectivity; it strengthens the life love; and it acts in the personal value and personal power.

Key Words: Youth, art, identity, group process and Biodança.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

QUADRO 1: Modelo de facilitação de desenvolvimento	37
QUADRO 2: Pulsações da identidade.....	56
QUADRO 3: Caminho a identidade-amor	58
QUADRO 4: Identidade como Noção e Sentimento de Si	62
FIGURA 1: Pintura com tinta guache numa folha de papel A4	106
FIGURA 2: Grupo: “Tornado”	109
FIGURA 3: Grupo: “Desocupados”	109
FIGURA 4: Grupo realizando colagem.....	113
FIGURA 6 : Grupo 2 realizando escultura coletiva com argila.....	118
FIGURA 7: Obra em argila criado pelo Grupo 1.....	119
FIGURA 5 : Grupo 1 realizando escultura coletiva com argila.....	118
FIGURA 8: Obra em argila criado pelo Grupo 2.....	119
FIGURA 9: Apresentação de fantoches do Grupo 1	122
FIGURA 10: Apresentação do acróstico do Grupo 2.....	123
FIGURA 11: Apresentação de fantoches do Grupo 3.....	123
FIGURA 12: 1º círculo de cultura.....	129
FIGURA 13: Roda estelar	146
FIGURA 14: Grupo produzindo cartões orgânicos	146
FIGURA 15: Jovem produzindo máscara.....	151
FIGURA 16: Grupo de jovens usando máscaras.....	152
FIGURA 17: Grupo de jovens caminhando pelo zoológico.....	153
FIGURA 18: Mandalas criadas pelo grupo.....	156
FIGURA 19: Jovens produzindo colagens	159
QUADRO 5: Percepção do grupo sobre cada jovem	165
QUADRO 6: Síntese da percepção de si após o grupo.....	167
FIGURA 20: Entrega de certificados.....	171
QUADRO 7: Papéis e personagens de Pâmela.....	175
QUADRO 8: Papéis e personagens de Wilson	177
QUADRO 9: Papéis e personagens de Gilson	180
QUADRO 10: Papéis e personagens de José.....	184
QUADRO 11: Papéis e personagens de Lia	187
QUADRO 12: Papéis e personagens de Roberto	189
QUADRO 13: Papéis e personagens de Ricardo	191
QUADRO 14: Papéis e personagens de Glória	192

SUMÁRIO

1. A GÊNESE DESTA CRIAÇÃO	12
1.1. “PENSO, LOGO, EXISTO”	13
1.2. NOVOS CAMINHOS NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO	16
1.3. “PENSAR É ESTAR DOENTE DOS OLHOS”	20
1.4. TRAJETÓRIAS NA CONSTRUÇÃO DA ARTE-IDENTIDADE	25
1.5. NOSSA PROPOSTA COM ESSE ESTUDO	27
2. INICIANDO NOSSA TRAJETÓRIA TEÓRICA	29
2.1. A PSICOLOGIA COMUNITÁRIA	29
2.2. A PSICOLOGIA COMUNITÁRIA NO CEARÁ	30
2.3. UM ENCONTRO: BIODANÇA E PSICOLOGIA COMUNITÁRIA	32
2.4. O MÉTODO DA PSICOLOGIA COMUNITÁRIA	34
2.4.1. O método dialógico-vivencial	36
2.5. BIODANÇA	48
3. IDENTIDADE: NOSSO CAMINHO	52
3.1. CARACTERÍSTICAS DA IDENTIDADE	52
3.2. ARTE: UM CAMINHO À IDENTIDADE	63
3.3. ARTE-IDENTIDADE	68
3.3.1. A arte-identidade como proposta pedagógica e terapêutica	72
3.3.2. Arte-identidade com jovens do Bom Jardim	77
4. MÃOS À OBRA	82
4.2. OS CO-CRIADORES	86
4.3. O PALCO METODOLÓGICO	87
4.4. A LENTE	93
4.5. OS ARTEFATOS	94
4.5.1. Questionário	94
4.5.2. Círculo de cultura	95
4.5.3. Círculo de encontro	96
4.5.4. Relatos de vivência	97
5. 1º ATO: FORTALECENDO OS VÍNCULOS	98
5.1. ABRINDO AS CORTINAS	98
5.2. PINTANDO OS SENTIMENTOS	102
5.3. COLANDO OS VÍNCULOS	106
5.4. TERRA PARA A MÃO CARÍCIA	114
5.5. CONSCIENTIZAÇÃO COM ARTE	119
5.6. ILHA DAS FLORES	124
6. 2º ATO: PACTUANDO A PESQUISA	128
6.1. APRESENTANDO A PESQUISA	128
6.2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	136
7. 3º ATO: CLÍMAX	139
7.1. CANTANDO NOSSA CANÇÃO	139
7.2. CRIANDO CARTÕES ORGÂNICOS	142
7.3. DRAMATIZANDO O TRABALHO INFANTIL	147
7.4. MOSTRANDO AS MÁSCARAS	150
7.5. VISITANDO O ZOOLOGICO	152
7.6. MANDALAS	154
8. 4º ATO: DESPEDIDAS	157
8.1. FINALIZANDO A COLETA DOS DADOS	157
8.2. CONSIDERAÇÕES SOBRE A COLETA DE DADOS	169

8.3. E CHEGAMOS AO FIM...	171
9. FOTOGRAFANDO MOVIMENTOS: AS IDENTIDADES EM FOCO.....	172
9.1. PÂMELA	172
9.2. WILSON	176
9.3. GILSON	179
9.4. JOSÉ	181
9.5. LIA	185
9.6. ROBERTO	187
9.7. RICARDO	190
9.8. GLÓRIA	191
10. DESENHANDO OS CONTORNOS DA ARTE-IDENTIDADE.....	195
10.1. ARTE-IDENTIDADE E O FORTALECIMENTO DOS ASPECTOS SAUDÁVEIS DA IDENTIDADE	195
10.1.1. Percepção de si mesmo como criatura portadora de um valor intrínseco.....	196
10.1.2. Capacidade de intimidade.....	196
10.1.3. Capacidade de auto-regulação.....	197
10.1.4. Empatia.....	198
10.2. ARTE-IDENTIDADE E AS LINHAS DE VIVÊNCIA	199
10.2.1. Linha de vivência da vitalidade.....	199
10.2.2. Linha de vivência da criatividade.....	200
10.2.3. Linha de vivência da afetividade.....	201
10.3. ARTE-IDENTIDADE E OS TIPOS DE VINCULAÇÃO COM A VIDA	203
10.4. ARTE-IDENTIDADE: VALOR PESSOAL E PODER PESSOAL	204
10.5. ARTE-IDENTIDADE E IDENTIDADE-AMOR	204
10.6. ARTE-IDENTIDADE E A ARTE DA FACILITAÇÃO	206
11. ÚLTIMOS ACORDES.....	214
12. REFERÊNCIAS.....	218
13. ANEXOS.....	224
14. APÊNDICES.....	233

1. A GÊNESE DESTA CRIAÇÃO

Tudo tem um princípio, e a força motriz que originou a realização desse estudo foi a nossa *práxis* em Psicologia Comunitária e a nossa vivência com arte e Biodança. E no movimento da prática de pensar a prática, surgiram as linhas que seguem. A proposta de investigação a ser apresentada foi também originada no decorrer do nosso processo de crescimento pessoal e profissional, que perpassou a experimentação artística e, em especial, a dança.

Diante disto, nossa trajetória acadêmica e pessoal transcorreu na participação de grupos Biodança e de dança, este último através de um projeto de extensão intitulado “Vixe! Grupo de dança” coordenado pela Prof^a Dr^a Ângela de Alencar Araripe Pinheiro; a realização de uma formação em arte-terapia com Raimundo Severo Júnior; a criação de um grupo de expressão corporal na Clínica de Psicologia da UFC coordenado pelo Prof. Dr. Cezar Wagner de Lima Góis; a escrita de poesias, exposição de pinturas em mostras de artes plásticas e saraus, apresentação e intervenções artísticas em saraus, teatros e eventos acadêmicos juntamente com o grupo “Movimento de arte da UFC”; a facilitação de um grupo de teatro popular através do projeto de extensão intitulado “Intervenção Psicossocial junto à Associação de Moradores da comunidade do Sítio São João”; a participação assídua em espetáculos de dança; entre tantas criações e vivências artísticas cotidianas. Contudo, além de despertados e movidos pelo impulso criador, nos indagávamos sobre a possibilidade de sistematização da experimentação e uso da arte como uma prática instrumental na formação integral do psicólogo. Por que não ser um artista e co-criador no desabrochar e florescimento de si e de tantas criaturas através da arte?

Alguns estudos em que nos apoiávamos durante nossos trabalhos e vivências também apontavam para essa mesma proposta de utilização da arte como poderoso recurso terapêutico. Em Psicologia, gostaria de citar: a abordagem compreensiva, que inclui os humanismos (Gestalt-terapia, Arte-Terapia Gestáltica e Biodança), e a abordagem analítica, incluindo a Psicanálise, a Psicologia Junguiana e a Análise do Caráter de Reich (ANDRADE, 2000). Cada uma das teorias citadas têm compreensões diferentes sobre a arte, o processo de criação e a possibilidade terapêutica dos recursos artísticos.

Segundo Andrade (2000), as primeiras pesquisas envolvendo a relação entre arte e psiquiatria deram-se em 1876, com o médico psiquiatra Max Simon, sucedido por

Lombroso em 1888, Morselli em 1894, Julio Dantas em 1900, Fursac e Mohr em 1906. Freud, em seus estudos, também investigou sobre o papel da criação artística, relacionando-a como uma estratégia de sublimação. Jung, na década de 20, passou a compreender a arte como instrumento de simbolização do inconsciente individual e/ou coletivo.

Muitos foram aqueles que utilizaram a arte como recurso analítico, a citar Margaret Naumburg, Edith Kramer e Françoise Dolto. Nos referenciais humanistas, temos como referência Janie Rhyne e Natakie Rogers. No Brasil, destacam-se os seguintes autores: Osório Cesar, em 1923, precursor desses trabalhos no Hospital Juquerí; Nise da Silveira, em 1946 no Centro Psiquiátrico D. Pedro II, criando em 1952 o Museu de Imagens do Inconsciente; Selma Ciornai, em 1990, no Instituto Sedes Sapientiae; e Eliane Dias de Castro, em 1998, no departamento de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da USP (ANDRADE, 2000).

Severo Júnior (1999), em sua dissertação de mestrado, realizou um estudo intitulado “Criatividade, identidade e arte: descobrindo caminhos no trabalho com grupos em saúde mental numa perspectiva existencial fenomenológica”. Consideramos que esta produção avança na problematização da pesquisa que queremos realizar envolvendo a relação entre arte e identidade, uma vez que o autor utiliza-se de referenciais humanistas e também da Biodança para a compreensão da arte na expressão da identidade, no entanto ainda não integra os dois conceitos como objetivo nosso estudo.

Para dar início a nossa criação, traremos, neste tópico, um pouco da gênese das inquietações teóricas encontradas na nossa caminhada. Além disso, apontaremos os objetivos que delinearão esse estudo, bem como a estrutura da nossa pesquisa

1.1. “PENSO, LOGO, EXISTO”

O paradigma da racionalidade tem sido a lente para o homem compreender a realidade desde a Renascença (séculos XV e XVI). Neste período histórico, o teocentrismo medieval cedeu espaço para o individualismo, o racionalismo, a ciência experimental e o humanismo, bem como houve uma valorização da faculdade do conhecimento e da sabedoria de raciocínio, considerados capazes de conduzir o homem a grandes conquistas sobre a natureza. Enquanto o homem medieval estava voltado para

Deus, o homem moderno passou a valorizar a razão como estratégia para conquistar o almejado progresso cientificista.

Desde então, iniciou-se a marcha de transformações culturais, sociais, econômicas, políticas e religiosas pautadas no racionalismo: a transição do feudalismo para o capitalismo; a ruptura com a estrutura medieval; a expansão marítimo-comercial para a conquista de novos mercados e novas terras; enfim, o homem moderno partiu para desbravar o mundo sob a égide da razão.

Segundo Milton Filho (1993), tais princípios foram fortalecidos com o iluminismo que apresentou como principais características: a valorização da razão, considerada o mais importante instrumento para se alcançar qualquer tipo de conhecimento; a valorização do questionamento, da investigação e da experiência como forma de conhecimento tanto da natureza quanto da sociedade, da política ou da economia; a crença nas leis naturais, normas da natureza que regem todas as transformações que ocorrem no comportamento humano, nas sociedades e na natureza; a crença nos direitos naturais, que todos os indivíduos possuem em relação à vida, à liberdade, à posse de bens materiais; a crítica ao absolutismo, ao mercantilismo e aos privilégios da nobreza e do clero; a defesa da liberdade política e econômica e da igualdade de todos perante a lei; e a crítica à Igreja Católica, embora não se excluísse a crença em Deus.

Ao mesmo tempo em que o homem construía a história, esta foi influenciando a compreensão do próprio homem sobre a realidade. Assim, embasando-nos numa visão pautada epistemologicamente no materialismo histórico-dialético, o homem é construído nas relações que estabelece ativamente com os outros e com o contexto histórico-cultural ao qual está inserido. A subjetividade parte da dimensão objetiva da realidade, base material concreta, que é interiorizada, ganhando sentido próprio em cada sujeito. Essa subjetividade se movimenta na interação do homem com o mundo e com outros homens, pois na medida em que interage com a realidade, mais ele se apropria desta.

Fomos habituados ao longo dos últimos séculos com a expansão das ciências, da tecnologia e da revolução industrial, a pensar, organizar, viver e a incorporar um pensamento mecanicista, um pensamento que se desenvolveu a partir da dissociação entre corpo e alma, entre conhecimento e sentimento, entre conhecimento racional e o conhecimento vivencial (VECCHIA, 2004, p.7).

O paradigma da razão consolidado pelas ciências naturais influenciou fortemente a forma como o homem passou a olhar o mundo, bem como a sua compreensão acerca dele mesmo, do seu modo de vida, do seu projeto existencial. A visão racionalista e empírico-explicativa, a qual possibilitou a revolução científica, influenciou de forma significativa a cultura moderna ocidental.

E no modo de vida do homem, como se deu a implicação de tais efeitos advindos das descobertas científico-tecnológicas gestadas a partir desse processo histórico? Segundo Pinho (2003), os avanços tecnológicos trouxeram vantagens para a qualidade de vida em termos materiais, fortalecendo a nossa adaptação frente ao meio ambiente. No entanto, estes também nos trouxeram sérios danos sócio-psicológicos, a citar: a negação da nossa faceta instintiva, emocional e passional; a má divisão dos frutos do progresso e o seu mau uso, levando a destruição da natureza, de nós e de nossos semelhantes.

O que temos observado na criação humana, mesmo com os benefícios advindos dos avanços tecnológicos, é uma profunda e constante desvinculação com a vida. Por um lado, essas conquistas não são compartilhadas entre todos os homens e mulheres, gerando fome, desigualdade, miséria e opressão; por outro, tais avanços possuem efeitos devastadores sobre a natureza e todas as suas formas de vida, a citar: poluição dos mares, do ar, destruição da camada de ozônio, entre outros.

Assim, enquanto o homem ressalta a racionalidade como faculdade mais elevada, nobre e singular, que o diferencia dos demais animais, há um paradoxo na forma como o conhecimento racional vem impactando o modo de vida humano diante de “comportamentos irracionais”, tais como: destruir o planeta, o semelhante e a si mesmo.

Todas as opiniões que há sobre a Natureza
Nunca fizeram crescer uma erva ou nascer uma flor.
Toda a sabedoria a respeito das cousas
Nunca foi cousa em que pudesse pegar como nas cousas;
Se a ciência quer ser verdadeira,
Que ciência mais verdadeira que a das cousas sem ciência?
Fecho os olhos e a terra dura sobre que me deito
Tem uma realidade tão real que até as minhas costas a sentem.
Não preciso de raciocínio onde tenho espáduas.
(Alberto Caeiro)

Nesse sentido, as conquistas científicas, tecnológicas e materiais permitiram que o homem pudesse penetrar nos mistérios e nas leis da natureza – parâmetro muitas

vezes utilizado para a mensuração do nível do progresso atingido – porém, como o desenvolvimento humano tem acompanhado essa evolução científica, uma vez que essas conquistas são realizadas em benefício do próprio homem? Teria o conhecimento perdido a sua potência instrutiva, pedagógica e transformadora?

Na moderna proposta pedagógica que perpassa o ensino formal e a educação complementar, há uma enorme dissociação entre desenvolvimento intelectual e desenvolvimento emocional, saber e atuar, razão e paixão, pensamento e sentimento, aparência e essência, corpo e espírito. Tal fragmentação do nosso ser busca construir um sujeito cognoscente, munido de neutralidade científica, que estabelece com a realidade uma relação intelectual, neutra, impessoal e técnica, negando a subjetividade do sujeito conhecedor na sua relação com a realidade, pautada no domínio e na manipulação desta.

Nesse sentido, o homem vai se afastando cada vez mais de si mesmo, de sua natureza íntima, desvinculando-se de sua origem e finalidade vital, na busca da construção de um conhecimento racional, positivo e empírico; de uma verdade objetiva, imparcial, reflexiva, distanciada das paixões, medida, quantificada, explicada, analisada, utilizando-se da lógica linear e causal (PINHO, 2003). Tal forma de interagir com a realidade tem constituído os elementos fundamentais para a estrutura de valores culturais de nossa época.

1.2. NOVOS CAMINHOS NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

A primazia da racionalidade na ação humana tem desvinculado o homem de sua condição animal, natural e primitiva. Nessa perspectiva, corpo e mente encontram-se fragmentados, desdobrando-se em malefícios para o homem, tais como: distúrbios no sono, má alimentação, falta de atividade física, estresse cotidiano, coisificação do corpo, impotência, ausência de prazer nas atividades diárias, medo de criar, medo da novidade, comprometimento dos vínculos afetivos, falta de confiança, violência, fé alienada, desvinculação com a totalidade, entre tantos outros a serem nomeados que perpassam cotidianamente os atendimentos médicos e psicológicos. Teria como a evolução científico-tecnológica transcender os limites criados por ela mesma para fortalecer o desenvolvimento humano?

A forma como o homem tem interagido com a realidade vem sendo reflexo das ciências naturais e tem refletido na forma como as ciências sociais construíram e

constróem seu conhecimento. Segundo Prieto (2003), durante as duas últimas décadas do século passado, as ciências sociais têm vivido um período de crise teórico-epistemológica diante da impossibilidade de se construir um conhecimento, pautado nos valores das ciências naturais, que expliquem e prevejam o dinamismo dos acontecimentos sociais.

A crise nas ciências sociais foi desencadeada pela necessidade de analisar os fatos da mesma forma como eram analisados os fenômenos naturais, o que levou à atomização do conhecimento, na medida em que o homem passou a conhecer as partes, negligenciando o todo, através da especialização do saber; ao aparecimento de subdisciplinas e aos estudos de áreas diferentes dentro de um mesmo campo do conhecimento. Seguindo o modelo das ciências exatas e naturais, acreditava-se que tal fato traria legitimidade às ciências sociais, assim foi-se implementando a quantificação, a experimentação, o uso de dados estatísticos, identificação de leis gerais e a criação de modelos explicativos (PRIETO, 2003).

Recentemente, outro olhar para a realidade vem sendo construído e este tem impactado na forma como o homem tem olhado também para si mesmo, realizando uma revisão de valores culturais, ainda que recentes e pouco socializados. Este olhar tem buscado recuperar a noção de totalidade, admirando os fatos através da ótica da complexidade. É interessante ressaltar que tal mudança deu-se no interior das ciências naturais a partir das descobertas no campo da termodinâmica, da biologia molecular, da astronomia e das incertezas provenientes da teoria da relatividade e da mecânica quântica.

Com estas descobertas ocorridas na década de 60, no século XX, houve uma mudança de paradigma dentro das ciências, na medida em que foram negados os parâmetros científicos citados alhures, fato que aproximou as ciências sociais das exatas. Nesse sentido, fez-se crítica à causalidade linear, à absolutização da causalidade e às generalizações universalistas.

As ciências naturais e sociais convergem nesse momento histórico numa desmistificação da objetividade e das determinações lineares e numa reivindicação da subjetividade, o que leva a separação antinômica sujeito-objeto a ficar seriamente debilitada como princípio que rege a produção científica (PRIETO, 2003, p.153).

Diante dessas mudanças, a necessidade de olhar para os eventos que se caracterizavam como estando “fora da norma” passou a ser foco, valorizando a criação

de uma metodologia qualitativa a fim de dar conta das particularidades locais. No entanto, tal necessidade também se transformou num risco: a valorização exacerbada do particular, do relativo, foi gerando uma perda da totalidade.

Somente entre as décadas de 70 e 90 que se buscou a integração do conhecimento, percebendo-se que “... esse caminho não [tinha] potência para construir visões múltiplas, integradoras da diversidade, compreensivas da complexidade e do conhecimento emancipatório autotransformativo” (PRIETO, 2003, p.156).

A realidade pós-moderna, portanto, configura-se num processo de complexificação cada vez mais emergente, exigindo uma reformulação nas formas de construção teórica e metodológica do conhecimento, bem como da forma de estruturação do pensamento. A contradição, a ambigüidade e a incerteza são traços marcantes da ordem do novo século. A partir da consciência dos limites fundamentais na possibilidade de apreensão dessa realidade a partir de um olhar mecanicista, surge o paradigma da complexidade, como uma aproximação dessa realidade de forma mais qualitativa, mais holística, mais dinâmica e mais humana.

Morin (1996, *apud* Prieto, 2003) evidencia que o pensamento pós-moderno sofre uma crise de percepção, uma percepção do entender, provocada, dentre outros fatores, pela desvinculação entre conhecimento e sentimento. A superação dessa crise exige uma mudança de postura do pesquisador, que deve se encontrar em constante movimento, por dentro e por fora de si, para acompanhar o devir da realidade, fazendo emergir o conhecimento também de suas percepções sensíveis.

A investigação de uma realidade complexa permite a emergência do cotidiano no âmbito do estudo. Assim, nos vemos diante de determinismos, acasos, incertezas, ordem e caos, perpassando uma realidade que nos convida a novas maneiras de assumir o conhecimento científico, diante de um horizonte complexo, sistêmico, dialógico e dialético (DIAZ GOMÉZ, 2007).

Humberto Maturana diz que

para transpassar fronteiras precisamos de liberdade. Isso significa que temos de nos comportar de maneira que possamos emergir sem que tenhamos medo de desaparecer no que fazemos. Assim, podemos voltar ou ficar lá, ou podemos ir além e juntar coisas que de outra maneira não seriam juntadas, porque campos diferentes não se relacionam, mas somos nós, seres humanos, que os relacionamos (MATURANA, 1999 *apud* RODRIGUES, 2000, p. 10).

Nessa perspectiva, o sujeito assume papel ativo na construção do conhecimento, onde a imersão na realidade e a conjugação do conhecimento e do sentimento permitem que ele crie novos nexos a partir de suas vivências e percepções.

Esta requer uma profunda reforma do pensar, uma verdadeira revolução das estruturas do pensamento e dos valores, no sentido de um pensamento complexo, onde o observador está inserido como parte na realidade estudada, onde sujeito e objeto estão dentro de um só processo, que é linear e não linear, em equilíbrio, dissipativo e biocêntrico, em permanente devir e que, sobretudo, está em consonância com a beleza e o mistério da vida (GÓIS, 2002a, p. 36).

Como, portanto, construir um saber legitimado cientificamente ao mesmo tempo em que pautado nas percepções sensíveis do pesquisador e na sua implicação com a realidade investigada?

Admitindo-se a concepção da dimensão complexa da realidade, a investigação científica exige de nós uma postura estratégica para lidarmos com as incertezas, com as situações surgidas do acaso e todas as contradições que a perpassam. O método exige, nessas condições, flexibilidade do sujeito-pesquisador em relação às estratégias adotadas por ele. O método-caminho, como nos propõe Morin *et al.* (2003), não ignora o erro, não precede a experiência, mas emerge dela, desse fluxo intermitente da vida e da realidade. “A seleção, entre tantos caminhos possíveis, não é arbitrária; do mesmo modo que a interpretação dialoga com as possibilidades que vão sendo construídas na *história de interações recorrentes* do/a pesquisador/a” (ESTEBAN, 2003, p.133).

O método complexo supera a noção mecanicista de causa-efeito. A partir dele não se pode contar com a certeza de que os mesmos resultados planejados serão obtidos. A partir do contato mais profundo e genuíno com a realidade, num processo onde o pensamento e os sentimentos estão intrinsecamente vinculados, é que surgem os caminhos e as formas de caminhar, implicando uma postura ativa e reflexiva de um sujeito concreto imerso numa realidade concreta e significativa.

Não é possível um método prévio para ser aplicado, mas a humildade de caminhar na investigação, encontrar a expressão da verdade (MORIN *et al.*, 2003) e explicitá-la como fenômeno das dimensões reais do ser que, por si só, pode ser apreendido por um movimento vivencial e integrado (VECCHIA, 2005). Isso não significa uma entrega ao caos ou o abandono de qualquer fundamento. Busca-se, no entanto, essa forma de conhecer caminhando, guiado por estratégias e com abertura para apreender as distintas dimensões da realidade, porém embasados em determinados

princípios e objetivos específicos. “Porque estamos no movimento incessante da vida, não existe porto seguro, mas o constante e saudável desafio de estar à deriva” (ALMEIDA, 2007, p. 27-28).

Não seria o método complexo uma alternativa interessante para se investigar os fenômenos eminentemente humanos, tendo em vista suas características? Não seria este método também uma possibilidade para se lançar outro olhar na investigação acerca da subjetividade¹ humana?

1.3. “PENSAR É ESTAR DOENTE DOS OLHOS”

Compreendendo que o homem se faz e refaz nas interações sociais que estabelece no decorrer da sua trajetória de vida, o movimento caracteriza-se como condição humana. O homem traz consigo um potencial de vida capaz de atualizá-lo em múltiplas possibilidades de realização e singularidade (GÓIS, 2002a), sendo assim constante devir. Estar imersos em movimentos e transformações ininterruptos é reafirmar a metáfora de Heráclito, a qual explicita que o mesmo homem não se banha no mesmo rio mais de uma vez. “Como equilíbrio é condição virtual (estamos em contínuo desequilíbrio), o que existe é uma contínua transformação e MOVIMENTO” (ROBIM, 2004, p.19).

Investigar a subjetividade humana é como fotografar em movimento um entre vários movimentos. O pesquisador (em movimento) fotografa o sujeito (em movimento) num cenário (em movimento). Muitos eventos são registrados e muitos outros se perdem pelo fluxo da vida. Como nos afirma Lispector (1998a, p.50), “... muitos instantes se passarão antes que eu desdobre e esgote a complexidade una e rápida de um relance”. Buscando pesquisador, sujeito, cenário e método entrar em sintonia através do movimento diante da realidade que se apresenta naquele instante, pesquisar torna-se dança. Uma performance de movimentos entre instantes. “O instante é este. O instante é de uma iminência que me tira o fôlego. O instante é em si mesmo iminente. Ao mesmo tempo que eu o vivo, lanço-me na sua passagem para outro instante” (LISPECTOR, 1998a, p.69).

¹ Tendo em vista a ampla discussão acerca do conceito de subjetividade, utilizarei aqui como sinônimo o conceito de identidade, que será aprofundado posteriormente.

Pesquisar a identidade humana é, portanto um ensaio fotográfico cuja câmera – o método complexo – é fabricada no processo da pesquisa diante das estratégias traçadas ao longo do próprio ensaio. Aqui, pesquisar requer um sujeito pensante, estrategista e vivente, uma vez que as estratégias metodológicas serão gestadas no pensamento ao longo de vivências que o pesquisador tem no processo investigatório. Mas que identidade é essa de que estamos falando? Esse termo não nos remete a uma idéia estática acerca do desenvolvimento humano?

O processo de identificação ou identidade, aqui entendido, ocorre como um fenômeno social mediante as relações humanas inseridas numa realidade em constante transformação. Consideramos a construção da identidade como metamorfose e corporeidade vivida, a partir dos estudos de Toro (1991), Góis (2002a) e Ciampa (2007), compreendendo este conceito nas suas dimensões biológica, histórica e cultural. Assim, é através da interação, da representação, da vivência e da identificação que cada sujeito tece com a vida social que vai construindo a percepção sobre si como singularidade, mediado pelas relações que estabelece com os outros e pelas situações que vivencia em seu cotidiano.

A identidade humana, como constante processo de construção de si mesmo, apresenta dois aspectos: um reflexivo, referente à noção de si mesmo (representação de si); e outro vivencial, referente ao sentimento de si (sentimento de estar vivo).

Representação de si não é a representação de um papel, nem a somatória dos papéis assumidos. É a objetivação da subjetividade. Em cada momento da existência, há um aspecto da totalidade manifestando-se, um desdobramento das múltiplas possibilidades de ser. Estas possibilidades são determinadas nas relações sociais, que acontecem na atividade. Ser plenamente implica deixar de ser o que sempre foi para poder ser diferente, e ainda assim, o mesmo. É deixar de repor a identidade pressuposta. Ciampa (2001) aborda a Identidade Pessoal a partir da noção de si. Góis (1995) aborda a mesma questão a partir do sentimento de si, fundamentando-se em Toro, Merleau-Ponty e Dilthey. A percepção de si brota do sentimento de estar vivo, que tem sua fonte na instância biológica, na corporeidade, expressão de uma totalidade possível apenas na imediaticidade do momento presente. Em seus aspectos parciais, aparece como noção de si. Em seu aspecto de totalidade, aparece como sentimento de si (DIOGO, 2005, p.38).

Compreender a identidade é mergulhar na noção e no sentimento de si que emergem em consonância com as personagens vividas por cada sujeito em um dado momento da sua vida. Aparecemos no palco da vida como personagens que expressam

um modo particular como cada um vivencia os papéis sociais. Este último, por sua vez, é o conjunto de atividades previamente padronizadas e socialmente compartilhadas. Quando cada sujeito aparece, portanto, como personagem, há uma singularidade que caracteriza o modo dele viver um papel social. Por exemplo, todos nós somos filhos (papel social), mas temos uma personagem vinculada a este papel, tais como: filho compreensivo, filho ausente, filho amoroso, ente outros.

Esse modo de vivermos os papéis é construído socialmente e se metamorfoseia à medida que cada sujeito vai estabelecendo outras e novas relações, bem como re-significando as antigas. A personagem, portanto, aparece como atividade (ação consciente, intencional e significativa para o sujeito) e como relação social (CIAMPA, 2007).

Investigar a identidade requer um olhar não somente para a noção que o sujeito tem de si, uma vez que tal representação envolve somente uma parte de uma subjetividade maior. Investigar a identidade envolve, principalmente, criar um espaço também para a expressão do sentimento de si, buscando contemplar as nuances da *gestalt* identidade. Se uma das facetas que compõem a identidade é vivencial, esta só pode emergir numa situação em que se criem condições para que a vivência surja, compreendendo, portanto, que a mesma não está sob o controle da consciência (TORO, 1991), e sim presente em cada instante como possibilidade de acontecimento, de deflagração.

O conceito de vivência é amplamente utilizado pelos diversos campos do conhecimento, tanto no domínio da ciência, quanto do senso comum. Utilizaremos aqui um conceito também compartilhado pelo Sistema Biodança², no qual este termo representa uma condição elementar para a manutenção da vida humana e deve seguir a direção da nutrição, vinculação e integração com a vida. Seu aparecimento se deu quando o homem foi capaz de integrar sua sensorialidade e suas emoções animais à sensibilidade primitiva, oriunda de uma nova forma de estar no mundo, o “mover-se sensível” (GÓIS, 2002^a, p.52).

Rolando Toro, criador da Biodança, construiu o conceito de vivência, o qual segundo ele é uma:

² A Biodança foi criada pelo chileno Rolando Toro e é pelo autor como sendo “um sistema de integração humana, de renovação orgânica, de reeducação afetiva e de aprendizagem das funções originais da vida” (TORO, 2002, p. 33) e que busca a deflagração de vivências integradoras através do movimento corporal-existencial, da música e de situações de encontro em grupo.

...experiência vivida com grande intensidade por um indivíduo no momento presente, que envolve a cenestesia, as funções viscerais e emocionais. A vivência confere à experiência subjetiva a palpante qualidade existencial de viver o ‘aqui e agora’ (TORO, 2002, p.30).

Em Biodança, a vivência é o método e esta possui primazia frente à reflexão. Nesse sentido, acontece uma inversão epistemológica através da qual o caminho vai da vivência ao significado, o que não significa afirmar que há uma exclusão da função cognitiva, da consciência e do pensamento simbólico. Há somente ênfase numa outra forma de aprendizagem que envolve o organismo como um todo em seus níveis cognitivo, vivencial e visceral.

Nesse sentido, a vivência é um caminho pelo qual o conhecimento é dado, um lugar da consciência (DILTHEY, 1978), o que não significa que ela esteja subordinada a esta, fato que reforçaria o paradigma dicotômico corpo-mente.

Acho tão natural que não se pense
Que me ponho a rir às vezes, sozinho,
Não sei bem de quê, mas é de qualquer coisa
Que tem que ver com haver gente que pensa ...

Que pensará o meu muro da minha sombra?
Pergunto-me às vezes isto até dar por mim
A perguntar-me coisas. . .
E então desagrado-me, e incomodo-me
Como se desse por mim com um pé dormente. . .

Que pensará isto de aquilo?
Nada pensa nada.
Terá a terra consciência das pedras e plantas que tem?
Se ela a tiver, que a tenha...
Que me importa isso a mim?
Se eu pensasse nessas coisas,
Deixaria de ver as árvores e as plantas
E deixava de ver a Terra,
Para ver só os meus pensamentos ...
Entristecia e ficava às escuras.
E assim, sem pensar tenho a Terra e o Céu.
(Alberto Caeiro)

“As vivências constituem a expressão originária do que existe de mais íntimo em nós mesmos, anterior a toda elaboração simbólica e racional” (TORO, 1991, p.183). Resgatar a vivência como método enfoca uma nova compreensão do mundo, na qual não mais o paradigma da racionalidade passa a ser a lente para a leitura da realidade, uma vez que esta dicotomiza o homem (corpo-mente), as relações (antropocentrismo) e a ciência (cartesianismo) a partir de seus ideais de neutralidade, objetividade e

tecnicismo. Essa nova visão coloca a vida como centro, percebendo a realidade de forma complexa e integrada, valorizando as formas de relação e de conhecimento possíveis a partir do princípio biocêntrico³. Assim, estão se firmando novas propostas de pensamento, de relacionamento e de organização da cultura (VECCHIA, 2004).

A vivência é uma possibilidade pela qual cada criatura pode, em comunhão com os outros, apropriar-se da constante (re)criação identitária e mover-se no mundo, no sentido de atualizar o potencial vida presente em cada sujeito. “Que aconteceria se, em vez de apenas construirmos nossa vida, tivéssemos a loucura ou a sabedoria de dançá-la?” (GARAUDY, 1980, p. 13).

Garaudy (1980) nos convida a uma nova relação com a vida, mediada pela dança, portanto pela arte. Despertar, através da arte, para os sentidos em meio à contemporaneidade, que abafa a vivência e expressão do ser sensível, é construir novas possibilidades de estar e interagir no e com o mundo. “O mundo corporal sensível e visível, é algemado, encarcerado e mantido em rígida subordinação à consciência” (GÓIS, 2002a, p.71).

Acreditamos que criar um espaço com uma ambiência facilitadora de experimentação artística possibilita a redução da distância existente entre o homem e sua experiência imediata no mundo. Nesse sentido, o valor estético do produto torna-se irrelevante, visto que a dança é apenas um dos recursos que pode ser utilizado, como tantos outros, para facilitar a expressão humana e assim, cada um riscar no mundo a sua presença, a sua identidade.

A arte é essencialmente uma manifestação concreta e humana de um fundo universal de silêncio e irracionalidade, de fundamento legítimo desde o qual estabelecemos uma íntima e original relação com a vida, desde o qual nós podemos reconciliar com tudo o que está relacionado com a realidade do viver humano, porque é o resgate de um homem “religado” a uma unidade original⁴ (PINHO, 2003, p.19).

Somos centelha divina, uma identidade em diálogo com outras identidades, que se forjam cotidianamente no pulsar das transformações diárias. Somos eterna

³ O Princípio Biocêntrico é proposto, por Rolando Toro (1991), como o fundamento que orienta o Sistema Biodança. Segundo esse princípio tudo o que existe se organiza em função da vida, o universo como um todo e cada uma de suas pequenas partes, desde partículas-onda e florestas a emoções e atitudes, são um único e complexo sistema vivo (FLORES, 1998), que existe porque existe a vida.

⁴ Tradução realizada por nós, cujo original é: “el arte es esencialmente una manifestación concreta y humana de un fondo universal de silencio e irracionalidad, del fundamento legítimo desde el cual establecemos una íntima y original relación con la vida, relacionado con la realidad del vivir humano, porque es el rescate de un hombre ‘religado’ a la unidad original”.

criação, de dentro pra fora e de fora pra dentro, co-construindo a nós mesmos, o outro e o mundo. Somos identidade-em-movimento.

Percebendo a indissociabilidade das expressões arte e identidade, afirmamos que identidade é arte por ser movimento, pulsação, metamorfose constante e contínuo processo de criação e recriação. Igualmente, arte é identidade por ser única, singular, peculiar, idiossincrática, jamais podendo ser reproduzida, copiada. A identidade, assim como a arte, possui elementos de fluxo e de unicidade.

A identidade é concretude, corpo visível. A obra de arte também é concretude. No entanto, arte e identidade não possuem completude, são devir, processo, fluxo. Um contínuo movimento único e íntimo de construção e reconstrução, cujo tempo de espera é a própria caminhada.

Arte e identidade são inefáveis e uma das formas de acesso é a vivência expressiva e estética (GÓIS, 2002a). São processos e o produto final (corporal e/ou artístico) está constantemente inacabado, permanentemente-se-fazendo. Identidade e arte não acontecem mediadas pela razão ou pelo pensamento, e sim pela vivência aqui-agora em seus componentes viscerais, sinestésicos e emocionais, anterior à consciência e aos significados.

Nesse sentido a arte antes de tudo é um processo de recriação. Não é um fim em si mesmo. Não é estética. A arte é possibilidade de ser só e junto. Arte e identidade são inseparáveis. Quando se trabalha com arte está-se favorecendo a identidade. Arte não é uma entidade. Serve como canal de apropriação de uma dimensão da realidade que não é muito conhecida e desenvolvida. A arte consegue penetrar de forma imediata no mundo sensível-intuitivo, integrando-o ao reflexivo (GÓIS, 2005b, p. 55).

1.4. TRAJETÓRIAS NA CONSTRUÇÃO DA ARTE-IDENTIDADE

Tomando como base essas considerações, em 1990, Góis (2005b) criou o termo arte-identidade nos trabalhos realizados em Biodança, na linha da criatividade. A arte-identidade foi concebida como uma proposta de facilitação de grupos que abriga em seus aspectos componentes pedagógicos e terapêuticos para potencializar a expressão, a recriação e o fortalecimento da identidade pessoal e coletiva.

Desde então, esse rico instrumento de facilitação pouco foi sistematizado ou utilizado na facilitação de grupos. Ainda na década de 90, o Núcleo de Psicologia Comunitária (NUCOM) utilizou a arte-identidade no programa de formação pessoal/profissional de seus membros, bem como na facilitação de encontros comunitários realizados na capital e no interior do Estado do Ceará. No entanto, não encontramos registros dos trabalhos com arte-identidade realizados pelo NUCOM com grupos comunitários, somente relatos de membros que compuseram o Núcleo no período em que se utilizava esse recurso de facilitação.

Em 1993, Góis lançou o livro “Noções de Psicologia Comunitária” e nele a arte-identidade pela primeira vez foi brevemente sistematizada – texto escrito por Ana Luísa Menezes e Altamir Aguiar – e incluída como um dos instrumentos de facilitação do modo de vida comunitário, pautados na análise e vivência da atividade comunitária próprio da Psicologia Comunitária.

Somente no segundo semestre de 2005, dois outros textos sobre arte-identidade foram publicados pelo autor: um deles na revista eletrônica “Pensamento Biocêntrico”, nº 4 de julho-dezembro de 2005, e o outro no caderno de textos do curso de extensão universitária “Fortaleza Humaniza SUS”, publicado pela Secretaria Municipal de Saúde do Ceará em setembro de 2005.

Em 2008, Góis publicou o livro “Saúde Comunitária – pensar e fazer” e a arte-identidade foi sistematizada como uma das técnicas de facilitação em Saúde Comunitária, cujo referencial teórico-metodológico muito se assemelha ao da Psicologia Comunitária.

Em 2007, começamos a nos apropriar da arte-identidade em suas dimensões teórico-práticas, quando ministramos uma oficina de arte-identidade na “Capacitação em Facilitação de Grupos Comunitários”, realizada pela Coordenação das Raízes de Cidadania (FUNCI) em 01 de Fevereiro de 2007. Em junho e julho do mesmo ano, realizamos oficinas com adolescentes participantes de atividades do Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim (MSMCBJ), e, em agosto, iniciamos na mesma instituição o projeto de extensão “Desabrochar com arte”, com o objetivo de facilitar a expressão da identidade dos jovens utilizando a arte-identidade. O nosso vínculo com o MSMCBJ foi fortalecido quando em abril de 2008 iniciamos um trabalho junto ao CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), instituições que atuam em regime de co-gestão.

Gostaríamos por fim de ressaltar o motivo da escolha de facilitar e pesquisar com a população jovem que participa das atividades do MSMCBJ. Nos diálogos iniciais de aproximação com a instituição a fim de realizarmos atividades voluntárias utilizando a arte-identidade, foi-nos revelado que poucos eram os facilitadores que se disponibilizavam trabalhar com a juventude, alegando que era “um público muito complicado”. Ou seja, havia uma demanda da instituição para que esse tipo de trabalho e não havia facilitadores que contemplassem essa ação. Assim, conciliamos nossos interesses e optamos pelo público jovem.

E foi a partir desses caminhos e desse modo de caminhar que surgiu o nosso interesse em seguir a caminhada em busca da sistematização da arte-identidade com a realização desta pesquisa de mestrado. Muitos serão os passos para que possamos responder nossa pergunta de partida: “quais as implicações do uso da arte-identidade como facilitadora da expressão da identidade num grupo comunitário?”; dentre tantas outras perguntas que cabem e que, ao mesmo tempo, transcendem esse estudo. E seguimos em frente, sabendo

... que não chegaremos à verdade, todavia é preciso seguir adiante, mesmo sabendo que conhecer é um processo, um devir, onde a realidade está sempre um pouco mais além do que pensamos acerca dela, e que dentro das próprias teorias científicas há um enorme espaço que não o é científico, porém o é indispensável para o desenvolvimento da ciência (GÓIS, 2002a, p.34).

1.5. NOSSA PROPOSTA COM ESSE ESTUDO

Objetivamos com esta pesquisa compreender as implicações da participação em um grupo de arte-identidade no movimento da identidade de jovens vinculados ao Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim. Como desdobramento específico desse objetivo geral, buscamos: 1. Analisar as personagens que surgem no movimento da identidade dos jovens durante a participação assídua no grupo de arte-identidade; 2. Compreender a direção da expressão e metamorfose da identidade mediante a presença de novas personagens e o desaparecimento de outras.

Embora o nosso objeto de estudo seja este movimento a partir da arte-identidade, constatamos poucas produções no tocante a essa proposta de facilitação de grupos, o que justifica a relevância desse estudo em virtude de essa temática ter sido pouco explorada teoricamente. Nesse sentido, com essa pesquisa queremos também

contribuir com a sistematização da arte-identidade, através do aprofundamento da discussão teórica e metodológica.

Gostaríamos de destacar também outra relevância desta pesquisa que é o nosso compromisso ético de realizar a devolutiva aos participantes (profissionais/usuários) do Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim, contribuindo, assim, com sua *práxis*.

Nas páginas que seguem o leitor encontrará primeiramente nosso marco teórico, com o título “iniciando nossa trajetória teórica”, no qual apresentaremos a Psicologia Comunitária, seu método e a Biodança. No capítulo seguinte intitulado “identidade: nosso caminho”, ainda abordaremos o marco teórico, enfocando a identidade como nossa categoria de análise. Apresentaremos nele as características da identidade e seu vínculo com a arte para, por fim, expormos a arte-identidade.

No 4º capítulo, “mãos à obra”, apresentaremos nosso desenho metodológico, abordando o local em que aconteceu nosso estudo, a população participante, o palco metodológico e os instrumentos de coleta e de análise dos dados.

Nos capítulos 5 a 8, descreveremos com detalhes a análise de toda nossa trajetória como pesquisadoras-facilitadoras. Optamos por dividi-los em quatro, dando ênfase ao próprio movimento da identidade do grupo que passou pelos seguintes estágios: “fortalecendo os vínculos”, “pactuando a pesquisa”, “clímax” e “despedidas”.

Discutiremos os resultados encontrados com a nossa investigação nos capítulos 9 e 10. Então, apresentaremos o movimento identitário individual e coletivo no capítulo intitulado “fotografando movimentos: as identidades em foco”, respondendo ao objetivo 1 de nossa pesquisa. E no capítulo seguinte, denominado “desenhando os contornos da arte-identidade”, abordaremos o objetivo 2.

Finalizaremos os últimos acordes com as considerações finais, as referências bibliográficas, os anexos e apêndices.

Com as cortinas ainda fechadas, convidamos o leitor para apreciar o que acontece nos camarins e nas coxias.

2. INICIANDO NOSSA TRAJETÓRIA TEÓRICA

Na tessitura do nosso marco teórico, iniciaremos apresentando a Psicologia Comunitária e a Psicologia Comunitária no Ceará, para em seguida versarmos sobre o encontro da Biodança com a Psicologia Comunitária. Daremos ênfase ao método dialógico vivencial, uma das expressões do método em Psicologia Comunitária, para finalizarmos apresentando a Biodança.

2.1. A PSICOLOGIA COMUNITÁRIA

Segundo Góis (2005a), a Psicologia Comunitária é uma disciplina da área da Psicologia Social que teve sua origem nos movimentos sociais e comunitários em vários países da América e da Europa. Guardadas as idiossincrasias culturais, cada um desses países centrou suas preocupações no desenvolvimento humano e na mudança social, enfocando uma visão positiva da comunidade e de seus membros e valorizando suas capacidades de serem responsáveis pela construção de sua história, através da facilitação de processos de participação social e de conscientização.

O nascimento da Psicologia Comunitária, de fato, ocorreu na década de 60 nos Estados Unidos e na América Latina essa disciplina surgiu em 1975. Além da crise vivida pela Psicologia Social nesse período, outros elementos influenciaram fortemente a criação dessa teoria, a citar: concepções teóricas e estudos empíricos sobre a comunidade; intervenções sociais, assistências e educativas; o Movimento de Saúde Mental Comunitária e os movimentos sociais.

Ainda segundo o referido autor, a Psicologia Comunitária surgiu no Brasil na década de 60 numa tentativa de reduzir a tensão social existente em função da distribuição desigual das riquezas, bem como aproximar a Psicologia dos grupos marginalizados, das minorias e da população pobre em geral. Aqui, sua construção recebeu influência da Psicologia Social, da Sociologia, da Educação Popular e da Ecologia.

Algumas nomenclaturas distintas foram atribuídas a essa teoria, tais como Psicologia na Comunidade, Psicologia da Comunidade/Psicologia de Comunidade e Psicologia Social Comunitária. Cada uma delas foi construída pautada em enfoques peculiares, o que as caracterizam como diferentes áreas do conhecimento. Porém,

o que se pretende estudar em Psicologia Comunitária faz do termo “Psicologia Comunitária” o mais apropriado dos mencionados anteriormente, pois este inclui tanto as preocupações de uma Psicologia voltada para a população mais pobre, como as questões de saúde mental comunitária e de ação sócio-político-pedagógica (GÓIS, 2005a, p.46).

Assim, o diferencial da *práxis* em Psicologia Comunitária para outras disciplinas está no seu caráter libertador, que busca a transformação e a superação das desigualdades sociais a partir das próprias condições da comunidade e de seus moradores. Outro aspecto que essa disciplina considera é a relação existente entre a dinâmica comunitária e a vida do município no qual está inserida, interferindo no desenvolvimento da comunidade e no fortalecimento da identidade pessoal e social de seus membros.

Esse ramo da Psicologia Social também se preocupa em facilitar a emergência do potencial dos sujeitos comunitários em tornarem-se ativos no movimento de transformação de si e da realidade histórico-cultural na qual estão inseridos. E é na relação mútua de construção do morador e do psicólogo comunitário que novos processos de superação da realidade vigente acontecem.

Podemos dizer que a Psicologia Comunitária estuda o modo de vida da comunidade e do município e de como este se reflete e muda na mente de seus moradores para, de novo, surgir transformado, singularizado, em atividades concretas no dia-a-dia do lugar (GÓIS, 2005a, p.52).

Vejamos agora como a construção desse saber se deu no Estado do Ceará, para que assim o leitor compreenda de onde está partindo o nosso olhar.

2.2. A PSICOLOGIA COMUNITÁRIA NO CEARÁ

A Psicologia Comunitária, que abordamos neste estudo, surgiu orientada para o comprometimento com as questões sociais, numa perspectiva de construção de uma *práxis* libertadora através da indissociabilidade entre teoria, prática e compromisso social (XIMENES; GÓIS, 2006).

Segundo Góis (1993), surgiu em outubro de 1980, num trabalho de formação realizado com animadores populares do bairro Nossa Senhora das Graças do Pirambu, para alfabetização de adultos, utilizando círculos de cultura numa perspectiva de alfabetizar e de facilitar a organização comunitária. Construída a partir da prática, a

Psicologia Comunitária foi denominada, a princípio, de Psicologia Popular, posteriormente sendo intitulada de Psicopedagogia Popular, para, somente em 1987, adquirir a atual nomeação.

Recebendo influências da Psicologia da Libertação (Martin-Baró), da Educação Popular (Paulo Freire), da Teoria Rogeriana (Rogers), da Psicologia Histórico-Cultural da Mente (Vygotsky, Luria, Leontiev) e da Biodança (Toro, Góis), a referida teoria busca compreender de forma mais profunda o modo de vida comunitário, de modo a dar visibilidade à dimensão marcadamente psicológica da dinâmica comunitária.

Góis (2003, p.81) define a Psicologia Comunitária como sendo:

o ramo da Psicologia Social que estuda os processos, formações e propriedades psicológicas decorrentes da vida comunitária, seu sistema de relações e representações, identidade, níveis de consciência, atitudes, hábitos, expectativas, sentimentos e valores, a identificação e pertinência dos membros aos grupos comunitários e à própria comunidade, na perspectiva do desenvolvimento da consciência dos moradores como sujeitos históricos e comunitários.

Nesse sentido, esta *práxis* tem como objetivo facilitar, através do aprofundamento da consciência, o desenvolvimento dos sujeitos comunitários, vistos como agentes ativos no processo de construção, reconstrução e transformação permanente, tanto da realidade objetiva, quanto da subjetiva, percebidas como indissociáveis. Assim, o fim último de uma atuação que adota esta perspectiva é a criação de condições de humanização, autonomia e liberdade dos moradores da comunidade, a partir de suas características atuais e potenciais, tanto da comunidade, quanto dos moradores.

Outro elemento que vale ser ressaltado da referida teoria é o seu objeto de estudo, que consiste no processo do reflexo psíquico do modo de vida comunitário, ou seja, o estabelecimento de modo ativo no psiquismo dos desdobramentos dos processos vivenciados na dinâmica comunitária, através da compreensão dos sentidos, significados⁵ e sentimentos pessoais e coletivos. Esta subjetividade é forjada na concretude da vida social, na atividade humana, na atividade comunitária e nas interações sociais. Portanto, uma das facetas centrais da vida comunitária é a atividade, definida como:

⁵ Vygotsky (1989) estabelece uma importante distinção entre significado e sentido: aquilo que é convencionalmente estabelecido pelo social é o significado do signo lingüístico; já o sentido é o signo interpretado pelo sujeito histórico, dentro de seu tempo, espaço e contexto de vida pessoal e social.

um sistema de ações (instrumentais e comunicativas) próprio da atividade psíquica decorrente do modo de vida do lugar/comunidade (identidade, vivência, consciência, linguagem, pensamento, representação social) orientado para a construção dos indivíduos enquanto sujeitos do seu mundo e da vida em comunidade (GÓIS, 1993, p.86-87).

A comunidade é, portanto, onde os moradores interagem, constroem uma identidade pessoal/social e uma lógica social/simbólica, estabelecem os laços afetivos, os vínculos, onde a convivência se dá de forma direta, efetiva e duradoura. A comunidade apresenta-se como um território compartilhado por seus moradores, constituído a partir de uma história particular e refletindo um modo de vida próprio dessas pessoas. É neste local, então, que a anomia é esquecida.

O ato de realizar a leitura da atividade comunitária promove uma transformação, na medida em que essa análise-vivência é construída através da cooperação entre os agentes externos (psicólogo comunitário, estudante) e os atores locais (moradores). É na prática dessa cooperação que as consciências se aprofundam, de modo que os sujeitos podem inserir-se de forma mais crítica no mundo, atuando na transformação da realidade e evidenciando na comunidade os reflexos de seus processos de mudança.

2.3. UM ENCONTRO: BIODANÇA E PSICOLOGIA COMUNITÁRIA

Na história da Psicologia Comunitária, houve um encontro com a Biodança que ocorreu com a realização de trabalhos junto com a comunidade Nossa Senhora das Graças do Pirambu, experiência marcante para o Núcleo de Psicologia Comunitária – Nucom e para a própria Psicologia Comunitária⁶. Nessa atuação, “além dos estudantes e profissionais de várias áreas, cujo ponto de convergência era a Biodança, passaram a participar do projeto outros estudantes, cuja afinidade era com a Psicologia e suas novas propostas sociais” (GÓIS, 2003, p.18).

A realização desses trabalhos no Pirambu influenciou positivamente numa maior sistematização teórica da Psicologia Comunitária, que se desenvolvia, na prática, com a influência marcante da Educação Popular (com expressiva contribuição da

⁶ Essa experiência foi cadastrada, em 1983, na Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal do Ceará, tendo como título “Projeto de Atendimento Psicossocial dos Moradores do Bairro Nossa Senhora das Graças do Pirambu”.

educadora Ruth Cavalcante) e da Biodança, além da Teoria Rogeriana, que trazia a compreensão das condições facilitadoras de crescimento pessoal (compreensão empática, autenticidade ou genuinidade e aceitação positiva incondicional).

É interessante perceber que a década de 80 foi um período de intensa organização do sistema Biodança e de aproximação desta com ações sociais, a exemplo da experiência no bairro do Pirambu (GÓIS, 2003). Podemos, então, situar e perceber que, nesse momento, se assinala historicamente a mútua influência entre a Biodança e a Psicologia Comunitária. Essa influência parte, como é comum na história de ambas, da prática e da vivência, e concretizou-se na atuação comunitária através de algumas especificidades, tais como:

- A introdução da expressão de sentimentos, percebendo a importância da mediação afetiva⁷, além da mediação simbólica e semiótica, como parte da atuação junto com classes populares;
- O resgate da dimensão corporal (exercícios de Biodança), além da dimensão do falar e do pensar-problematizar;
- O foco no positivo, no saudável, no potencial, sem desconsiderar o negativo e a queixa, enfoque das atuações tradicionais – aspecto comum às outras bases teórico-metodológicas da Psicologia Comunitária.

A sistematização teórica de ambas as disciplinas é bastante semelhante, apresentando-se como disciplinas transdisciplinares, em que

o pluralismo teórico, que é uma manifestação da complexidade, significa que cada marco ou tendência é único e portanto que nem todos são iguais. [...] Mas é importante destacar que o relativismo do pluralismo teórico não significa que tudo vale. (MUNNÉ, 1993, p. 17).⁸

Enquanto a Psicologia Comunitária traz influências da Teoria Histórico-Cultural, da Pedagogia da Libertação, da Psicologia da Libertação, da Teoria Rogeriana e da Biodança, que coincidem nas concepções positiva de homem, na compreensão e

⁷ Lane (1995), por intermédio de autores como Wallon, Heller, Vigotski e Leontiev, concebe uma natureza mediacional das emoções na constituição do psiquismo humano, defendendo a idéia de que a consciência, a atividade e a afetividade são constituídas pela mediação, não só da linguagem e do pensamento, mas também das emoções: “Emoção, linguagem e pensamento são mediações que levam à ação, portanto, somos todas as atividades que desenvolvemos, somos a consciência que reflete o mundo e somos afetividade que ama e odeia este mundo, e com esta bagagem nos identificamos e somos identificados por aqueles que nos cercam” (LANE, 1995, p.62).

⁸ Tradução realizada por nós, cujo original é: “el pluralismo teórico, que es una manifestación de la complejidad, significa que cada marco o tendencia es único y por lo tanto que no todos valen igual. (...) Pero es importante destacar que el relativismo del pluralismo teórico no significa que todo vale”.

práxis de transformação positiva da realidade e a importância dada aos processos de grupo, de interação sujeito-sujeito e sujeito-realidade-sujeito, por exemplo, a Biodança se assenta em cinco bases que têm em comum um eixo pró-Vida, que são os saberes da Ciência, da Filosofia, da Arte, da Mística e do próprio facilitador (GÓIS, 2008a).

A Biodança e a Psicologia Comunitária possuem como eixo uma *práxis* de libertação e de vida, uma vez que buscam fomentar uma evolução cultural, que construa novas formas de se relacionar e de viver, pautadas na promoção da vida, no diálogo amoroso, na ação transformadora sobre a realidade para a construção conjunta de formas de viver mais integradas, justas, felizes, prazerosas e conectadas a si mesmo e à totalidade.

Ambas se relacionam com a transgressão de certos valores culturais atuais, como o individualismo, a instrumentalização dos corpos (prazer objetual, manipulação midiática), o consumismo e a superficialidade das relações. Apostam, ainda, na radicalização da vivência de estar vivo, na celebração individual e coletiva da vida, na sacralização de tudo o que tem vida ou ajuda a mantê-la; na inteireza das relações – profissionais, de par, comunitárias. Constroem e nutrem, então, a libertação de relações de opressão e o fortalecimento de relações amorosas.

Há que se cuidar da vida
 Há que se cuidar do mundo
 Tomar conta da amizade
 Alegria e muito sonho
 Espalhados no caminho
(Milton Nascimento)

A Biodança influenciou de forma direta o método da Psicologia Comunitária que inicialmente foi denominado análise e vivência da atividade comunitária (GÓIS, 1993) e, atualmente é chamado análise e vivência do modo de vida da comunidade (GÓIS, 2005c), tendo como estratégia principal o método dialógico-vivência, ou MDV. Nesse estudo delimitaremos a Psicologia Comunitária construída e desenvolvida pelo referido autor por percebermos a sua especificidade frente às demais formas de fazer Psicologia Comunitária, que está na presença da categoria vivência, advinda da influência da Biodança na sua base teórico-metodológica. Vejamos um pouco mais sobre este método.

2.4. O MÉTODO DA PSICOLOGIA COMUNITÁRIA

O método básico de facilitar-pesquisando na Psicologia Comunitária vem se construindo historicamente como sendo a análise e vivência do modo de vida da comunidade (GÓIS, 1993), possibilitado a partir da imersão no cotidiano dos moradores, através dos espaços de interação social. Assim, é através do movimento de entrar e sair na trama comunitária, de vivenciar e dialogar (FREIRE, 2005) com o cotidiano dos moradores, que se constrói a inserção, a compreensão, a facilitação, a pesquisa e a transformação da realidade, bem como a *práxis* em Psicologia Comunitária.

Admitindo-se a concepção da dimensão complexa da realidade, a inserção numa dada comunidade exige uma postura estratégica para lidarmos com as incertezas, com as situações surgidas do acaso e todas as contradições que a perpassam. O método exige, nessas condições, flexibilidade do sujeito-pesquisador em relação às estratégias adotadas por ele. O método-caminho, como nos propõe Morin *et al.* (2003), não ignora o erro, não precede a experiência, mas emerge dela, desse fluxo intermitente da vida e da realidade.

O método complexo supera a noção mecanicista de causa-efeito. A partir dele não se pode contar com a certeza de que os mesmos resultados planejados serão os obtidos. Num contexto comunitário, cuja dinâmica também é complexa, o erro pode surgir explicitando a diversidade e ampliando outras possibilidades de desenvolvimento.

A partir desse contato mais profundo e genuíno com a realidade, num processo onde o pensamento e os sentimentos estão intrinsecamente vinculados, é que surgem caminhos e formas de caminhar, implicando uma postura ativa e reflexiva de um sujeito concreto imerso numa realidade concreta e significativa.

Caminhante, são tuas pegadas
o caminho e nada mais;

Caminhante, não há caminho,
Faz-se caminho ao andar
Ao andar se faz o caminho

e ao voltar o olhar para atrás
vê-se a estrada que nunca
se há de tornar a pisar

Caminhante, não há caminho
Apenas trilhas sobre o mar
(Antonio Machado)

Essa leitura que fazemos do método a partir da complexidade requer também uma relação entre o método e a teoria. Na história da Psicologia Comunitária, vemos uma teoria que emergiu de uma prática e que também a fundamentou e regenerou. Que adquire vida a partir da atividade reflexiva e vivencial do sujeito, e que se recria constantemente em contato com a dinâmica da realidade, assumindo um compromisso ético e político com a transformação positiva dessa. O conhecimento dá-se, então, nessa relação indissociável entre teoria, método e compromisso social, embasando uma prática coerente com seu ideal de transformação.

Na Psicologia Comunitária, utilizamos o método dialógico-vivencial (MDV) como **estratégia principal** de se alcançar o nosso objeto dentro do método de análise e vivência do modo de vida comunitário, dentre outros, a citar: observação-participante, ação-participante e pesquisa-participante. Para uma melhor compreensão do MDV, iremos aprofundá-lo e posteriormente dar ênfase nos seus dois aspectos – o diálogo e a vivência – que, na prática, são indissociáveis.

2.4.1. O método dialógico-vivencial

A abordagem em Psicologia Comunitária é grupal, pois é através da interação social que ocorrem as mediações pedagógicas, nas quais o relacionamento entre os sujeitos no processo de construção do conhecimento se dá a partir da reflexão crítica das experiências e do trabalho, sendo o agente externo (psicólogo comunitário ou estudante) um facilitador, incentivador ou motivador desse processo que culmina na conscientização. É também grupal por valorizar a postura de cooperação, de co-construção, de estar junto e de captar o outro, ou seja, por ter como primazia o encontro entre seres sensíveis (GÓIS, 2005c).

O MDV caracteriza-se pelo fortalecimento da interação social a fim de se potencializar uma proposta de construção coletiva (atividade comunitária). Através dele se dá a construção dos sujeitos e o aprofundamento do processo de consciência – processo permanente de reconfiguração do modo como lemos o mundo – num movimento permanente de pulsação: entrada-saída, vivência-teorização, reflexão-pré-reflexão, diálogo-vivência.

Poderíamos, então, afirmar que o MDV busca o desenvolvimento do sujeito e da comunidade. Segundo Góis (2002b), a facilitação segue constantemente o ciclo:

QUADRO 1: Modelo de facilitação de desenvolvimento



Fonte: Góis (2002b).

De acordo com o quadro acima, o diálogo e a vivência para acontecerem precisam da experiência acumulada dos moradores e do psicólogo comunitário sobre a comunidade e sobre o tema discutido no encontro. Assim, por exemplo, se numa reunião da associação de moradores busca-se discutir a necessidade de um posto de saúde para a comunidade, é importante o que cada um sente, pensa, sabe e viveu sobre a pauta a ser discutida, pois é, a partir da experiência acumulada dos moradores, facilitada pelo diálogo e pela vivência, que poderá acontecer um ato de cooperação, deliberando uma ação conjunta de transformação daquela realidade.

Esta ação conjunta (atividade comunitária) necessita de uma agenda ações para acontecer, ou seja, é necessário que seja consensual a escolha da periodicidade dos encontros (datas, horários), as ações a serem realizadas, as comissões, os responsáveis e os prazos. É aqui, portanto, que se dá concomitantemente a mudança social e a construção do conhecimento, pois há sempre o movimento de facilitar, pesquisar e transformar. Assim, se o objetivo final for conquistar um posto de saúde para aquela comunidade, uma série de ações deverá acontecer para tanto. Cada uma delas corresponde a novos ciclos de facilitação de desenvolvimento que serão abertos, ou seja, se os moradores decidem que o primeiro passo para sua conquista deverá ser a criação de um seminário comunitário sobre saúde, para a organização dessa ação deve-se partir da experiência acumulada de cada um (o que os moradores sabem sobre saúde, o que compreendem por seminário, quais seminários já participaram) para que com o diálogo e a vivência vividos em cada encontro do grupo se possa realizar a ação conjunta (quem vai cuidar da divulgação, quem fará a abertura, qual será a programação) e no final esta deve ser avaliada.

Nesse método utiliza-se, portanto, a avaliação processual, já que cada passo dado dentro de um objetivo maior corresponde a um salto qualitativo no desenvolvimento dos moradores envolvidos. A avaliação processual evita que se perca o processo de transformação cotidiana da realidade e dos sujeitos e auxilia-nos na construção da paciência histórica, da qual nos fala Paulo Freire. É importante, portanto, “priorizar o processo, o encontro dialógico e afetivo para conhecer e agir [...] pela via da aprendizagem conscientizadora e da ação solidária organizada e transformadora” (GÓIS, 2008a, p.79).

Cuidando do processo, garante-se uma avaliação consistente, uma vez que o produto da nossa facilitação é subjetivo e não concreto, ou seja, se ao final dos encontros os moradores conquistarem ou não um posto de saúde para a comunidade, algo se deu nesse “entre” que precisa ser revelado e avaliado para que outros processos internos e externos sejam deflagrados com autonomia.

É importante ressaltar que o MDV tem como objetivo a facilitação do desenvolvimento do sujeito e da comunidade, percebendo tais processos como indissociáveis, pois no ato de transformar a realidade o sujeito muda, para novamente intervir na realidade, transformando e sendo transformado continuamente (GÓIS, 2005a). O desafio da facilitação comunitária é perceber o sujeito como ativo e potente, mesmo diante de algumas ou muitas carências; assim uma atitude de assistência veta a atualização desse potencial humano. Nesse sentido, o método dialógico-vivencial atua na perspectiva de cooperação, co-construção e convivência, ou seja, sempre-junto.

Falar em convivência significa um compromisso e envolvimento ético e amoroso do psicólogo comunitário com a comunidade com a qual trabalha. Não se pode falar em atuação comunitária sem que esta seja precedida de inserção, ou seja, de um mergulho profundo no modo de vida da comunidade, suas histórias, angústias, cultura, significados, equipamentos sociais, relações, lideranças, entre muitos outros aspectos que a realização do mapeamento psicossocial participativo permite compreender e vivenciar.

Conhecer a comunidade e trabalhar junto transcende a facilitação de encontros pontuais. É preciso ir além sem se perder, por isso o desafio de entrada e saída, de análise e vivência. Ir além sem se perder é construir vínculos afetivos com os moradores, sem precisar necessariamente morar ali. Para isso torna-se importante a presença afetiva, efetiva e ativa do facilitador na comunidade.

A análise nos permite um distanciamento crítico da comunidade e de nós mesmos, e a vivência nos faz entrar sensível e emocionalmente no lugar, identificar-nos com ele, levando-nos a sentir a realidade social profunda acontecendo na vida de cada morador em seu cotidiano de luta, sofrimento e esperança (GÓIS, 2008a, p.83).

Poderíamos, aqui, afirmar que o MDV não acontece somente em situações pontuais de facilitação de grupo, mas a trajetória do psicólogo comunitário é eminentemente marcada pela *com-vivência*. Assim, através desse método, constrói-se uma atuação a partir da convivência, na qual a proximidade emocional do psicólogo com a dinâmica comunitária permite a construção de processos de interação vivenciados tanto por ele quanto pelos moradores. Aqui não se fala em neutralidade científica e sim em compromisso ético, sendo este uma postura em que nos colocamos diante do outro, determinante nas nossas escolhas, e que ressalta o cuidado como uma relação amorosa com a realidade.

A ética do cuidado se orienta na defesa da vida e das relações solidárias e pacíficas entre os seres humanos e com os demais seres da natureza. Como diz o poeta-cantador Milton Nascimento: “Há que se cuidar do broto para que a vida nos dê flor e fruto” (BOFF, 2002, p.1).

E é através do cuidado amoroso que se torna possível a construção de uma sociedade mais justa, manifestado na construção de relações amorosas entre profissional-comunidade, por meio da *com-vivência*. “Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo [...] o amor é compromisso com os homens [...] o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa da libertação.” (FREIRE, 2005, p.92).

A Psicologia Comunitária recebe, além de outras teorias, influência da Teoria Histórica Cultural, tendo como principal expoente o psicólogo Vygotsky, que, posteriormente, contou com a colaboração de outros pensadores, como Luria e Leontiev. Para esta teoria “a análise da atividade [humana] constitui o ponto decisivo e o método principal do conhecimento científico do reflexo psíquico da consciência” (LEONTIEV, 1979, p.17).

A atividade humana só foi possível a partir da história filogenética do homem, e destacamos dois momentos centrais: o surgimento do polegar opositor e do aparelho fonador. Essas duas características permitiram que a ação do homem na natureza fosse diferenciada dos demais animais, pois o homem passou a utilizar a mão como

instrumento para transformar a natureza objetiva/subjetiva (co-operar) e a língua (falar) para comunicação e transformação intra e intersubjetiva.

O conceito de atividade humana, desenvolvido por Leontiev (1979), diz respeito, portanto, a esse sistema de ações desenvolvidas pelo homem que apresentam indissociavelmente uma dimensão instrumental (manuseio de ferramentas, equipamentos) e outra comunicativa (interação social, diálogo), integradas entre si e com sentido, orientadas para o objetivo final da atividade. Tal entendimento é fundamental para a compreensão do sujeito, pois é através dela que o vínculo indissociável entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo é estabelecido (GÓIS, 2005a). A atividade humana se diferencia da atividade natural dos animais por apresentar um significado, como um pássaro que constrói seu ninho. É uma atividade consciente e intencional que lhe permite superar suas limitações biológicas.

A atividade humana constitui-se, portanto, como o elo entre homem e mundo, possibilitando àquele criar necessidades e direcioná-lo ao objeto e objetivo de sua ação. Em sua forma de se relacionar com o entorno físico, tanto no aspecto instrumental quanto comunicativo, e através da qualidade de suas interações, o homem tem a oportunidade de se apropriar do mundo, transformando-o e sendo transformado por ele. Ativo nesse processo, psicologicamente o homem vai se constituindo e significando a realidade, interiorizando-a de forma única para, mais uma vez, imprimir sua marca no mundo mediante suas ações significativas.

A Teoria Histórico-Cultural possui o método microgenético para investigar a constituição do psiquismo a partir da atividade humana. Assim, é interessante esclarecer que “o termo ‘micro’ refere-se à ênfase em detalhes das relações intersubjetivas; enquanto que a denominação ‘genética’ não se refere à hereditariedade, mas sim, à gênese, à historicidade e ao movimento de um determinado aspecto da subjetividade” (BARROS, 2007, p.29).

Percebemos, portanto que a dimensão reflexiva do MDV, que garante a análise no método em Psicologia Comunitária, recebe também influência do método microgenético. Nesse sentido, a “análise” está em olhar, a partir do modo de vida comunitário, como o reflexo psíquico é forjado nas interações entre sujeito e mundo.

A dimensão analítica do método se dá a partir da análise semiótica dos significados compartilhados, construídos no lugar, os quais nos permitem analisar as formas de interações entre os sujeitos e a realidade em um grupo social, geralmente feita a partir da língua, ou

idioma, onde o indivíduo objetiva a sua compreensão de realidade e a expressa para o mundo (REBOUÇAS JÚNIOR, 2007, p.64).

Se compreendemos que o homem se constrói na atividade humana a partir da sua ação transformadora na e com a natureza, nos e com os homens, através da díade instrumento-diálogo, em Psicologia Comunitária temos que é na atividade comunitária em que essas duas dimensões emergem potencialmente integradas na vivência dos moradores, fortalecendo e desenvolvendo seus processos de subjetivação do mundo e de objetivação do ser. Para enxergarmos esse psiquismo construído nas atividades comunitárias é preciso olharmos para os elementos já referidos acima: os significados compartilhados, as relações intersubjetivas, a interação social.

Como Leontiev (1979) nos trouxe, a análise da atividade é o método principal de conhecimento do reflexo psíquico na consciência e o lócus de preferência para que tal fato aconteça é nas situações de diálogo, nas quais os sujeitos se encontram para pronunciar o mundo, num ato coletivo de criação, amor, transformação, compromisso, humildade, fé, confiança, esperança e criticidade (FREIRE, 2005).

É importante ressaltar que no decorrer do processo civilizatório, cada vez mais as dimensões instrumental e comunicativa da atividade humana/comunitária foram dissociadas, perdendo sua força transformadora objetiva e subjetiva. Atualmente, a dimensão comunicativa fica cada vez mais apropriada pelos meios de comunicação, negligenciando o homem a sua condição de comunicador. Assim, quando Freire (1983) resgata o diálogo como categoria transformadora, ele propõe a criação de outra forma de relação entre os homens, dialógica, a qual é

... uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se de amor, de humanidade, de esperança, de fé, de confiança. [...] E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé no próximo, se fazem críticos na procura de algo e se produz uma relação de “empatia” entre ambos. Só ali há comunicação. “O diálogo é, portanto, o caminho indispensável”, diz Jaspers, “não somente nas questões vitais para nossa ordem política, mas em todos os sentidos da nossa existência” [...] (FREIRE, 1983, p.68).

O diálogo é um espaço fértil para o desenvolvimento humano, pois através dele, cada um pode experimentar outras formas de compreensão da realidade na medida em que se encontra com outros que têm uma diversidade de opiniões, conhecimentos e pontos de vista, os quais permitem uma revisão ou aprofundamento sobre a sua própria

compreensão da realidade. Esse encontro apresenta um matiz amoroso principalmente pelo respeito à diferença, um cuidado com o outro.

A partir dos contrastes verificados e destacados durante os diálogos, na fala de cada participante, vai se engendrando o processo de “afrouxamento” dos esquemas de compreensão da realidade, devolvendo a plasticidade e a flexibilidade à consciência em seu movimento de integração com a realidade. Isto se dá devido ao fato de o diálogo exigir da consciência abertura, permeabilidade, afetamento diante dos contrastes, das diferenças, da diversidade apresentada pelo mundo, sem o que não seria possível ao sujeito rever, testar, contestar, analisar, re-elaborar, enfim, *criticar* seus (pré)conceitos, estereótipos, estigmas, dogmas, atitudes, valores e crenças, a partir dos quais se orienta pelo mundo (OLIVEIRA, 2004, p.25).

É, portanto, através do encontro de homens mediatizados pelo diálogo que a leitura da realidade de e por cada um pode ser construída, e assim, esse movimento de pensar-conhecer a realidade pode traduzir-se em atos transformadores, constituindo-se como *práxis*. Nesse sentido, é no trânsito de consciências, facilitado pelo diálogo, que a realidade interna (subjéctiva) se movimenta para, a partir então, ser objetivada em novas ações concretas, e assim, novamente traduzir-se subjéctivamente e mais uma vez novos frutos serem colhidos no cotidiano, *ad infinitum*.

O processo de conscientização dá-se, nesse sentido, através da construção de um conhecimento crítico sobre a nossa história, individual e social, para, a partir daí, atuar concretamente na transformação da realidade. Essa atuação é a própria atividade humana/comunitária acontecendo nas suas dimensões instrumentais e comunicativas. A integração dessas duas dimensões da atividade garante o sentido de realização de uma atividade comunitária (GÓIS, 1993). A ferramenta que garante essa integração, promovendo assim o processo de conscientização, é o diálogo.

Assim, a realidade, a atividade, a consciência e o sujeito são eterno movimento em direção ao infinito, atualizando a cada instante a potência humana transformadora ante mesmo as condições mais desumanas. É nessa pulsação que se dá a facilitação do processo de conscientização, permitindo ao sujeito revelar e atualizar a sua vocação ontológica de ser mais (FREIRE, 1983).

Percebemos o diálogo como um caminho para, através da interação social, compreendermos de forma analítica o movimento dos sentidos e significados pessoais e coletivos que acontecem nas situações de grupo comunitários. O diálogo, como categoria base de construção objetiva e subjéctiva da realidade e do homem, também é

uma alternativa para que juntos, homens e mulheres, nessa outra forma de comunicação, possam se posicionar e atuar de forma autônoma e propositiva frente à realidade.

No entanto, como nos lembra Pinho (2003, p.43):

Uma elaboração que se limita ao pensamento, ao raciocínio, por mais autêntica e criativa que seja, não passará de leis, princípios, axiomas, teorias, métodos e técnicas de intervenção. Em última instância, será sempre insuficiente para possibilitarmos sentir e atuar em concordância com suas próprias premissas quando se trata de nossas próprias vidas⁹.

Eis que surge a importância de integrar a categoria vivência ao método em Psicologia Comunitária. A construção do método, que nutre a atuação do psicólogo comunitário, apresenta, pois, esse diferencial expressivo: a utilização da vivência como categoria chave. Para uma melhor compreensão dessa proposta metodológica, torna-se importante aprofundar este conceito.

Wilhelm Dilthey e Husserl foram filósofos que enfatizaram a vivência como um caminho pelo qual o conhecimento é dado, como um lugar da consciência (GÓIS, 2002a). Tal ênfase coloca a vivência fora do controle da consciência, apresentando-se presente em cada instante como possibilidade de acontecimento, de deflagração.

Dilthey define vivência como sendo “algo revelado no complexo psíquico dado na experiência interna de um modo de existir a realidade para um indivíduo” (DILTHEY, 1949 *apud* TORO, 2002, p.29). Assim, os fatos antes mesmo de serem representados pela consciência, inicialmente eles existem como experiência corporal e cenestésica, ou seja, é sentida e vivida primeiramente pelo corpo para, posteriormente, ganhar a dimensão dos significados.

Fundamentado nesses filósofos, Rolando Toro, criador do Sistema Biodança, construiu o conceito de vivência com o qual a Psicologia Comunitária trabalha. Mas

Que é vivência? A vivência É. A vivência tem sentido, a vivência não separa minha alma da alma cósmica, como fazia o paradigma cosmocêntrico; a vivência não afasta meu corpo do meu espírito como fazia o paradigma teocêntrico; a vivência não hierarquiza a criação, não me torna dicotômico, como faz o paradigma antropocêntrico. A vivência me funde com a Vida, me faz Biocêntrico (ALMEIDA, 1994, p.22-23).

⁹ Tradução realizada por nós, cujo original é: “Una elaboración que se limita al pensamiento, al raciocinio, por más auténtica y creativa que sea, no pasará de leyes, principios, axiomas, teorías, métodos y técnicas de intervención. En última instancia, será siempre insuficiente para possibilitarnos sentir e actuar en concordancia con sus propias premisas cuando se trata de nuestras propias vidas”.

Tendo em vista a multiplicidade de enfoques dados a este conceito, baseado nos estudos de Toro (1991) e Almeida (1994), Góis (2002a) o cita de três maneiras: vivência epistemológica, vivência ontológica e vivência biocêntrica. A primeira relaciona-se com as postulações dos autores Husserl e Dilthey, referindo-se a capacidade de levar ao conhecimento e gerar os fatos da consciência. A segunda, representada por Merleau-Ponty, segue o rumo da não redução da vivência, trazendo as noções de “corporeidade vivida” e “corpo sensível em um mundo sensível”, acreditando que o Ser é a própria vivência e ambos não se dão a conhecer, pois são irreduzíveis.

Já a vivência biocêntrica, parte da ontologia proposta por Merleau-Ponty, acreditando também no seu caráter pré-reflexivo, corporal, sensível, espontâneo e imediato. Contudo, avança na direção da integração: “A vivência desintegradora é também de totalização, ontológica, como a integradora. A diferença entre elas se encontra no processo de gerar vínculo ou de gerar degradação. Em uma o Ser evolui por inteiro, em outra o Ser adoece por inteiro” (GÓIS, 2002a, p.75).

A vivência, aqui entendida, resgata a vida instintiva frente aos valores, símbolos, significados e conceitos. Considera-se que a vivência é possibilidade humana, encontrando-se no nível genético, mas que somente dentro da cultura humana podem acontecer. Portanto, a consciência deve surgir a partir dela, libertando a expressão de um mundo que é instintivo e ao mesmo tempo humano. Caso contrário, ocorre uma negação do próprio corpo e a repressão das emoções e instintos, o que Toro (1991) considera como patologia da civilização, ou negação pela consciência.

Estas considerações nos induzem a rejeitar categoricamente a absurda pretensão de “elaborar, interpretar e racionalizar as vivências”. Tal atitude provém de um psicologismo deformado. A inteligência cognitiva não é o instrumento apropriado para “organizar” as vivências. As vivências – que são os conteúdos nutritivos da existência – são as que devem orientar e dar sentido à existência. A consciência tem a função de registrar e resolver os problemas com o mundo externo, porém não a de dirigir as vivências. As comovedoras sensações que surgem das vivências, tem que assumi-las e não as interpretá-las (TORO, 1991, p.183).

O conceito de vivência encontra-se entrelaçado ao arcabouço teórico-metodológico da Psicologia Comunitária. Assim, concebendo a atuação desta *práxis* dialógica e vivencial, busca-se a integração da consciência e da vivência, um encontro entre pessoas para transformar o mundo. Neste sentido há um constante vivenciar, refletir e agir sobre e na realidade, onde o racional, o afetivo e o vivencial se imbricam

na construção da consciência. Observa-se, assim, que o método dialógico-vivencial foca tanto a reflexão quanto a vivência, integrando essas polaridades da facilitação do modo de vida comunitário.

Ao chamar atenção para o modo de vida da comunidade, a Psicologia Comunitária enfatiza que as vivências ali experienciadas pelas pessoas do lugar e pelos psicólogos são fundamentais para a produção de conhecimento sobre a realidade e sua transformação, bem como para o aprofundamento da consciência.

Góis (2005a, p.104) entende que “a consciência é o resultado do conjunto de relações que o indivíduo estabelece com o mundo ao longo de sua vida, propiciando a ele determinar e explicar sua relação com respeito ao próprio mundo que o rodeia”. Nesse sentido, a vivência toma lugar de destaque no processo de conscientização, pois é a expressão sensível e particular de como o mundo, naquele instante, está se imprimindo em nós.

Na facilitação em Psicologia Comunitária, este aspecto é considerado de grande relevância. Assim, há um cuidado para que os encontros não se centrem apenas na cognição e na racionalidade, mas que se busque a vivência de forma inteira no encontro dos moradores. Para isso, a facilitação de oficinas de arte-identidade e ou de exercícios de Biodança, por exemplo, podem ser utilizados nos grupos comunitários, a fim de que a construção dos sujeitos aconteça de forma integral.

Percebemos que ao introduzir esse conceito, fica evidente que na Psicologia Comunitária sua proposta é de vinculação profunda com os moradores e com a comunidade com a qual o psicólogo comunitário atua, desconsiderando a relevância dada à neutralidade, pelos cientistas positivistas. Trazer, portanto, a categoria vivência advém de suas bases na Biodança, pois se considera que a construção de uma sociedade mais bela e mais justa passa, indiscutivelmente, por uma inserção cada vez mais profunda e intencional no mundo.

A sua utilização como método dentro da proposta da Psicologia Comunitária traz consigo uma forma de aprendizagem que envolve o corpo inteiro, e não somente a consciência. “A consciência é sempre posterior à vivência. A linha de vivência integradora de todas as outras linhas de vivência¹⁰ é a afetividade. Ela é a base estrutural

¹⁰ “As linhas são categorias que tentam explicar os próprios canais biológicos de expressão do potencial humano, os quais constituem redes somato-psíquicas formadas por circuitos biológicos e psicológicos integrados ao longo da filogênese e da ontogênese, capazes de favorecer a combinação, separação e recombinação das matizes vivenciais que surgem do instante vivido” (GÓIS, 2002a, p.86).

na formação da identidade e a base estrutural do conhecimento” (VECCHIA, 2004, p.17).

Valorizar uma forma vivencial de aprendizagem resgata a sensibilidade humana como possibilidade do ser sensível transitar pelo mundo sensível, captando-o, sentindo-o, vivendo-o e se modificando na menor mudança que se faça ou aconteça. Eis o ponto de partida: o que se sente. Nela não há explicação, o mundo é lido por sensações e sentimentos no aqui e agora, e é aí que se gera o conhecimento. Ao invés de realçar a reflexão, realça a vivência (GÓIS, 2005c).

Através da vivência, buscamos a integração entre o pensar, o sentir e o agir. Esta compreensão é deveras significativa na facilitação em Psicologia Comunitária, uma vez que o morador pode participar de uma atividade comunitária e racionalmente pensar que sua participação é importante para a transformação de sua comunidade, emocionalmente sentir que o resultado não será satisfatório e agir faltando esporadicamente aos encontros.

Ela tem o poder de integrar os instintos, as emoções, os sentimentos e a consciência (com seus sentidos e significados; objetos e objetivos). Assim, além do diálogo problematizador que ocorre durante a facilitação do processo de conscientização, o psicólogo comunitário propõe também a utilização de exercícios que possam deflagrar vivências integradoras. Como a vivência é condição de possibilidade, sendo portanto evocada e não garantida, alguns elementos são facilitadores desse processo: o movimento, a música, a consigna e o outro-no-grupo (GÓIS, 2002a).

O movimento convida o corpo a participar daquele instante, percebendo também que a realidade é movimento, como na canção interpretada por Mercedes Sosa “*todo cambia*”. O movimento corporal expressa gestos, que regados de sensibilidade, transformam-se em dança, até mesmo um caminhar, um abraço, um olhar. Incluir o movimento corporal na atuação comunitária é convidar a identidade inteira do morador (corpo, sentimento, pensamento e representação) para estar ali presente, assumindo por inteiro o compromisso com o grupo do qual participa.

Movimentar-se é revelar-se por inteiro num gesto, que pode ser indo ao centro da roda colocar uma palavra, dando as mãos numa ciranda, levantando-se e lendo uma poesia, trocando de lugar para sentar-se próximo de alguém que pouco conhece ou ainda fazendo um exercício de Biodança, como o caminhar confiando¹¹.

¹¹ O caminhar confiando é um exercício de Biodança na linha da afetividade no qual se escolhe um par coloca as mãos na cintura. Inicia-se um caminhar juntos de modo que um permanecerá de olhos fechados,

Rolando Toro (1991) nos fala que a música, o movimento e a vivência compõem uma estrutura unitária. Segundo o autor, a música é uma forma de energia capaz de estimular o despertar de potenciais biológicos e emocionais. Assim, a música induz um movimento que integra ação e emoção, uma resposta afetivo-motor-expressivo.

Ela dá intensidade e matiz ao encontro e não traz somente uma mensagem cantada, traz também ritmo, melodia e harmonia, tocando profundamente o ser humano. Assim, facilitar uma reunião próxima a uma construção, o barulho da maquinaria dará um tom ao encontro, diferentemente que a sombra da mangueira no quintal da casa de um morador, rodeada de canto de pássaros deflagrará novos processos no grupo.

Ela está no ambiente e em nós, não necessariamente num aparelho de som. A nossa voz é música e expressa o que temos por dentro, portanto a melodia da nossa voz também deve ser cuidada para que tenha uma nuance facilitadora. A música como instrumento deflagrador de vivências integradoras também pode ser o canto de um hino, o som do silêncio, um repente ali criado, o dedilhar no violão ou o sopro numa flauta por um participante do grupo ou até mesmo uma canção escolhida pelo facilitador e tocada com o auxílio de um aparelho de som.

A consigna é a fala sensível, um convite à abertura, à entrega, uma batida na porta da sensibilidade ali presente em cada participante do grupo, para um posicionamento novo, sensível e integrado frente a si, ao outro e ao mundo. Por ser um convite, não se caracteriza como um mando. O facilitador propõe uma atividade, uma música, um exercício de Biodança ou uma colagem, buscando criar um clima favorável à expressão dos sentimentos daqueles que estão ali presentes. A não aceitação por parte do grupo de tal proposta poderá e deverá levar o grupo a novos caminhos e possibilidades construídos a partir de então.

O outro-no-grupo é a alteridade, condição da própria identidade. O outro é a presença de muitos outros, membros de uma coletividade que constrói cada “eu”. É a possibilidade de vinculação, crescimento, nutrição e emancipação que só ocorrem de forma coletiva, jamais individual, como Paulo Freire nos trouxe, em comunhão.

Observando a complexidade do MDV, percebemos que ele só foi possível devido ao encontro, em especial, da Educação Popular de Paulo Freire e o Sistema Biodança criado por Rolando Toro, duas das cinco bases teórico-metodológicas que

abandonando-se ao movimento, sendo protegido pelo outro, que dará a direção. Depois troca-se de posição, quem conduziu, fecha os olhos, e deixa-se conduzir (ANDRADE, 2002).

compõem a Psicologia Comunitária. Cabe-nos agora fazer uma breve introdução acerca da teoria da Biodança para contextualizar o leitor sobre outra fonte teórica nossa.

2.5. BIODANÇA

A Biodança é definida como um sistema de desenvolvimento humano que tem como objetivo estudar e fortalecer a expressão de potenciais genéticos¹², acessados pela deflagração de vivências integradoras através do movimento corporal-existencial, da música e de situações de encontro em grupo (TORO, 2002). Os potenciais genéticos se dão em cinco linhas de vivência, quais sejam: vitalidade, afetividade, criatividade, sexualidade e transcendência.

O surgimento da Biodança está bastante relacionado com a história de Rolando Toro, criador do sistema, que compreende e critica o predomínio exacerbado da razão na nossa época, o qual tem se mostrado prejudicial para a construção de um modo de viver em favor da promoção da vida. Acreditamos que esse modo passa pelo fortalecimento do vínculo consigo mesmo, com a espécie, com o outro e com a totalidade. O próprio termo sugere a exaltação da vida, das danças individual e universal, do movimento atômico, celular, orgânico e das forças da natureza, que expressam a existência e a (re)criação permanente da vida.

A Biodança possui um modelo teórico próprio, que estuda, define e articula conceitos importantes para as suas consolidações teóricas, metodológicas e técnica, tais como: vivência, identidade, corporeidade, movimento, instinto, carícia, dança, regressão, progressividade, afetividade, dentre outras. Esse modelo se encontra em construção e teve sua origem gestada durante meditações e vivências pessoais de seu criador em situações de grupo e em trabalhos com portadores de transtorno mental, bem como em pesquisas no Departamento de Antropologia Médica da Escola de Medicina da Universidade do Chile, no Instituto de Investigações Psiquiátricas do Hospital Psiquiátrico de Santiago e no Instituto de Estética da Pontifícia Universidade Católica, em Santiago do Chile (TORO, 1988), especialmente durante a década de 70.

O ponto de partida da Biodança é a vivência, de onde surgem

os significados do vivido e os problemas formulados pela consciência. No intento que faz a consciência para elaborar a vivência, temos a experiência, um passo importante no caminho da

¹² Os potenciais genéticos “podem ser considerados como elementos altamente determinados que são dotados de uma grande estabilidade (*a inteligência, o tom da voz, a sensibilidade cenestésica*), cuja expressão dependerá das condições oferecidas seja pelo ambiente externo, seja pelo próprio organismo” (TORO, 2002, p. 81).

construção teórica, a qual não rompe com o mundo vivido, mas sim com o conhecimento comum, aparente, e se integra ao real através da atividade humana no mundo. A experiência e o conceito não abrangem a totalidade da vivência, porém permitem aproximações necessárias a compreensão da vivência (GÓIS, 2002a, p. 26).

A Biodança é considerada como um sistema com possibilidade de eficaz aplicação em pelo menos três tipos de grupos humanos com peculiaridades próprias: as organizações, a educação e a saúde, como complementação terapêutica. Sua ação está relacionada à parte saudável do indivíduo, pois ela “trabalha com a parte sadia do enfermo, com seus esboços de criatividade, com seus restos de entusiasmo, com sua oprimida, mas viva necessidade de amor, com suas ocultas capacidades de expressão, com sua sinceridade” (TORO, 1991, p.137).

Diferentemente do que se observa em alguns grupos terapêuticos tradicionais, ela não tem como base o interesse exclusivo pelos sintomas, mas pela totalidade da vida, em seus aspectos sensoriais, orgânicos, psíquicos, sociais e transcendentais do sujeito. Esse sistema também toma como pressuposto a auto-regulação, que se constitui como um processo de equilíbrio dinâmico voltado para a manutenção da vida e se dá a nível sub-atômico e cósmico (vida auto-poietica, ou seja, em constante processo de (re)criação). Promove a renovação orgânica, mediante a aceleração de processos de renovação celular, e a conexão com as funções originárias da vida, resgatando a sabedoria instintiva.

A Biodança tem como base o princípio biocêntrico, princípio este que nos convida a reformular nossos valores culturais, tomando como referencial o respeito à vida. Esse princípio figura, de acordo com Toro (1991), como a formulação teórica da intuição em torno da qual ela se organiza, que é a de que o universo conspira em favor da vida. Esta, de acordo com Lemos (2003), é vista como o centro referencial para toda ação e reflexão do indivíduo na realidade, de modo que é possível perceber suas diferentes formas de expressão nos seres vivos, que se apresentam desde as mais simples estruturas, como as unicelulares, até as organizações mais complexas.

Essa percepção e esse sentimento exige um posicionamento ético-político, uma vez que avança com relação às visões teocêntrica (Deus como centro e princípio) e antropocêntrica (ser humano como centro e princípio) e, conseqüentemente, da ecologia rasa para a ecologia profunda¹³ (CAPRA, 2004), que compreende que o ser humano

¹³ Capra (2004, p.1) afirma que “a ecologia rasa é antropocêntrica, ou centralizada no ser humano. Ela vê os seres humanos como situados acima ou fora da natureza, como a fonte de todos os valores, e atribui

apresenta-se como (mais) uma das possíveis manifestações da vida e que reconhece a sagrada pulsação da natureza em nós. Esse posicionamento deve ser em favor da construção de novas formas de relação, como já ressaltamos anteriormente, em que possamos dançar como Shiva, que manifesta a transformação e a eterna des-construção e re-construção, e em que assumimos o papel – e a missão – de agentes facilitadores e pastores da vida.

Este compromisso com a vida também está presente na Psicologia Comunitária desde sua gênese, em que o imperativo da construção de uma Psicologia Popular (GÓIS, 2003) levou estudantes e professores a se encontrarem, ainda na década de 80, com moradores de comunidades também engajados na transformação positiva da realidade. Por isso, fala-se que pretendemos entrelaçar a teoria, a prática e o compromisso ético-político, ou a *práxis* e o compromisso social. Encontramos um ramo da Biodança que avança nessa mesma direção, que é a Biodança e Ação Social, rompendo com os salões elitistas para promover a vida nos lugares em que, na maioria das vezes, ela é mais negada, tais como nos bairros populares.

A estratégia que a mesma utiliza para promover a vida é facilitar no indivíduo a expressão dos potenciais genéticos através de cinco linhas de vivência. Assim, Toro (2002, p.84) dá ênfase aos fatores biológicos como sendo estes as primeiras condições necessárias à expressão da identidade, uma vez que “as potencialidades genéticas se expressam seja por meio das estruturas orgânicas e das funções vitais, seja mediante a forma e a constituição corporais”. Assim, o potencial genético presente nos cromossomos de cada ser humano abriga em si, como uma semente, as condições iniciais para um desenvolvimento integral, caso sejam estimulados por condições ambientais favoráveis, ou seja, pela presença de eco-fatores positivos.

Compreendemos que diferentes fatores atuam na construção do indivíduo e é também importante ressaltarmos a influência das pessoas significativas na vida intra-uterina, através da vinculação e do afeto. Dependendo de como se dão essas relações e as seguintes, o movimento do indivíduo no mundo pode ser incentivado ou bloqueado. Com isso, Ribeiro (2008) nos aponta para a importância das protovivências, que são essas experiências iniciais de contato com o mundo que ocorrem nos 6 (seis) primeiros

apenas um valor instrumental, ou de ‘uso’, à natureza. A ecologia profunda não separa seres humanos - ou qualquer outra coisa do meio ambiente natural. Ela vê o mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e são interdependentes. A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida”.

meses do recém-nascido. As protovivências de movimento, contato, expressão, segurança e harmonia influenciam, respectivamente, o desenvolvimento das linhas de vivência de vitalidade, sexualidade, criatividade, afetividade e transcendência.

As linhas são categorias que tentam explicar os próprios canais biológicos de expressão do potencial humano, os quais constituem redes somato-psíquicas, formadas por circuitos biológicos e psicológico integrados ao longo da filogênese e da ontogênese, capazes de favorecer a combinação, separação e recombinação das matizes vivenciais que surgem do instante vivido (GÓIS, 2002a, p.86).

É válido ressaltar que este conceito foi criado por Rolando Toro a partir de pesquisas que levaram a construção de hipóteses acerca das principais aspirações humanas, que foram agrupadas nessas cinco categorias. Nas palavras do criador: “Minha tese é a de que todos os aspectos da vida humana, considerados tradicionalmente como integrantes da esfera psíquica, têm uma origem biológica” (TORO, 2002, p. 84), nascendo dos processos celulares, ganhando a qualidade de impulsos, pulsões e instinto e, emergindo no homem, como vivências, emoções e sentimentos. Assim, segundo o autor, temos as seguintes linhas:

- Vitalidade: expressa, por exemplo, pela alegria de viver, motivação para a ação, ímpeto vital, homeostase, resistência ao esforço, estabilidade neurovegetativa, potência dos instintos, estado nutricional, dentre outros;
- Sexualidade: expressa, por exemplo, pelo instinto sexual, a função do orgasmo, o desejo e a busca pelo prazer, sensualidade, abertura para o contato e a carícia, dentre outros;
- Criatividade: expressa, por exemplo, pelo instinto de exploração, impulsos de inovação, renovação e criação, dentre outros;
- Afetividade: expressa, por exemplo, pelo amor (diferenciado e indiferenciado), capacidade de empatia, a afinidade profunda com os seres vivos, a capacidade de cuidar, de dar continente, dentre outros;
- Transcendência: expressa, por exemplo, pela harmonia, a capacidade de ir além, superar limites e obstáculos, identificar-se com a unidade da natureza, ampliação da consciência, dentre outros;

A Biodança, portanto, atua na construção do sujeito de forma pedagógica e terapêutica afim de que, cada vez mais profundamente, sejam resgatados os vínculos consigo, com o outro e com a totalidade maior geradora de vida. Outra teoria, também sistematizada aqui no Ceará, foi criada por Rolando Toro e, assim como a Biodança,

atua nessa dimensão. A diferença é que ela, além de buscar o fortalecimento de atitudes pró-vida no sujeito, também cuida da construção do conhecimento através da aprendizagem. É a Educação Biocêntrica, teoria de base que ancora a arte-identidade, pois fazer arte-identidade é facilitar a construção de conhecimentos e significados acerca da vida e também é pastorear o desabrochar humano de um estilo de viver conectado com o princípio biocêntrico.

3. IDENTIDADE: NOSSO CAMINHO

Este capítulo é chave para a análise dos nossos dados. Iniciamos apresentando as características da identidade: presença, pulsação e metamorfose. Teceremos, em seguida, considerações sobre a arte como um caminho à identidade, para, posteriormente, versarmos sobre a arte-identidade. Finalizaremos apresentando-a como uma proposta pedagógica e terapêutica que viabilizou nossa pesquisa-facilitação com jovens do Bom Jardim.

3.1. CARACTERÍSTICAS DA IDENTIDADE

A primeira característica da **identidade é presença**. Ao vincularmos os termos presença e identidade, estamos conferindo ao conceito de identidade atributos que, se pinçados do dicionário Aurélio, traduzirão melhor a idéia que Rolando Toro quis exprimir:

“1. O estar uma pessoa em lugar determinado. 2. Comparecimento de alguém a determinado lugar. 3. Assiduidade, freqüência. 4. O estar alguma coisa em local determinado. 5. Vista, aspecto. 6. Aspecto físico. 7. Talhe, porte. 8. Personalidade, individualidade. 9. *Fig.* A participação de alguém ou alguma entidade num empreendimento. 10. *Fig.* Caráter vivo, influência, prestígio” (FERREIRA, 1988, p.527).

Se fizermos um destaque aos itens 1, 2, 3, 6, 8, 9 e 10, perceberemos que presença é o estar, o comparecer ou o participar de alguém em determinado lugar, alguém este com um aspecto físico, com personalidade e individualidade que lhe conferem caráter vivo. O que queremos enfatizar é que para a presença de alguém se efetivar num determinado lugar é necessário que esse alguém exista, portanto, tenha um corpo. Portanto, se identidade é presença, conseqüentemente estamos afirmando que a

identidade é corporal, ou seja, a identidade se expressa e se revela no corpo como presença.

Nesse sentido, não podemos conferir à identidade apenas a dimensão psicológica e relacional, uma vez que ela é fundamentalmente biológica e corporal. Como nos afirma o criador da Biodança: “A vivência fundamental da identidade, surge como a expressão endógena de estar vivo. A comovedora e intensa sensação de estar vivo, surgida desta unidade orgânica, seria a experiência primordial da identidade¹⁴” (TORO, 1991, p.271). O sentimento de estar vivo, presente no corpo, faz-nos presente no mundo como uma presença viva numa corporeidade vivida.

Toro (1991) complementa seu pensamento afirmando que o sentimento de estarmos vivos, base da identidade, gera-nos as primeiras noções sobre o corpo, a partir das diferentes formas de nos sentirmos (o corpo como fonte de prazer ou de dor), e as primeiras noções de sermos diferentes (únicos, singulares). Assim, nossa interioridade não brota do entendimento e sim, a partir de uma corporeidade vivida, de um corpo em movimento que expressa nossa existência, um corpo que é a concretização do nosso ser.

Como nos evidencia Merleau-Ponty (1993) quando nos fala da circularidade entre reflexividade e visibilidade: o mundo concreto reflete na minha constituição subjetiva, assim como minha subjetividade reflete na forma como eu vejo o mundo externo. Assim, como duas faces de uma mesma moeda: corporal-subjetivo e interno-externo caminham juntos na constituição da identidade. Através do corpo, apresentamo-nos como subjetividade e como corporeidade.

Mas não estamos sozinhos realizando esse movimento. Estamos conectados com os outros, com a natureza e com tudo o que vive e pulsa. Estamos inter-relacionados, inter-conectados, somos interdependentes. A partir do princípio biocêntrico “nada pode ser separado de outra coisa. Todas as coisas são parte de todas as coisas” (LEMOS, 2008, p. 58). Portanto, não podemos pensar igualmente a identidade de forma isolada, complementamos que, através do corpo, apresentamo-nos como inter-subjetividade e inter-corporeidade. Assim, “a identidade é a vida feita singularidade. Essa singularidade é inter-existente. Nela há tudo o mais. Nela, tudo está

¹⁴ Tradução realizada por nós, cujo original é: “La vivencia fundamental de la Identidad, surge como la expresión endógena del estar vivo. La comovedora y intensa sensación de estar vivo, surgida de esa unidad orgánica, sería la experiencia primordial de la identidad”.

em nós” (GÓIS, 2008b, p.34). Ou ainda, nas palavras de Toro (1991, p. 281): “não existe identidade isolada. A identidade é a unidade vinculada com o Todo¹⁵”.

Góis (2008b) nos fala que a raiz da singularidade inter-existente na espécie se revela através do instinto. É ele quem possibilita que a harmonia inter-específica. Toro define o instinto como sendo “...uma conduta inata, hereditária, que não requer aprendizagem e que se desencadeia frente a estímulos específicos. Sua finalidade biológica é a adaptação ao meio, para a sobrevivência da espécie¹⁶” (TORO, 1991, p.220). Através dos instintos, a sabedoria da espécie ensina seus membros e assim a vida se faz na sabedoria pedagógica de cada espécie. No entanto, estamos mergulhados em uma cultura que, ainda segundo o autor, “obstrui, desorganiza e perverte os instintos, dando origem à patologia social e individual” (TORO, 1991, p.221). Nosso desafio, portanto, é construir uma forma de viver enraizada na base instintiva da vida, uma vez que “a vida instintiva é o fundo vital que nos anima a cada instante do nosso existir” (GÓIS, 2008b, p.34).

Esquecemos, pois, que somos animais e, muitas vezes, fazemos questão de junto a esse substantivo acrescentar o adjetivo “racional”. Há uma dimensão ainda mais profunda que difere o animal não-humano do animal humano, é que este último “tem a sensorialidade transmutada em sensibilidade” (GÓIS, 2002, p.57), ou seja, além de racionais, somos sensíveis e foi essa a via que nos permitiu mergulhar progressivamente no nosso mundo subjetivo.

A possibilidade por excelência para acessarmos o mundo sensível, o mundo instintivo, o mundo arcaico gerador de vida e saúde para nós, como referenciamos no tópico anterior, é a vivência. A vivência é o caminho à identidade.

Tudo que vejo está nítido como um girassol.
 Tenho o costume de andar pelas estradas
 Olhando para a direita e para a esquerda,
 E de vez em quando olhando para trás...
 E o que vejo a cada momento
 É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
 E eu sei dar por isso muito bem...
 Sei ter o pasmo comigo
 Que teria uma criança se, ao nascer,
 Reparasse que nascera deveras...
 Sinto-me nascido a cada momento

¹⁵ Tradução realizada por nós, cujo original é: “no existe identidad aislada. La identidad es la unicidad vinculada com el Todo”.

¹⁶ Tradução realizada por nós, cujo original é: “o instinto é uma conduta inata, hereditária, que não requer aprendizagem e que se desencadeia frente a estímulos específicos. Sua finalidade biológica é a adaptação ao meio, para a sobrevivência da espécie”.

Para a completa novidade do mundo...

Creio no mundo como num malmequer,
 Porque o vejo. Mas não penso nele
 Porque pensar é não compreender...
 O mundo não se fez para pensarmos nele
 (Pensar é estar doente dos olhos)
 Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...

Eu não tenho filosofia; tenho sentidos...
 Se falo na natureza não é porque saiba o que ela é,
 Mas porque a amo, e amo-a por isso,
 Porque quem ama nunca sabe o que ama
 Nem sabe porque ama, nem o que é amar...

Amar é a primeira inocência,
 E toda a inocência é não pensar...
 (Fernando Pessoa)

Nossa identidade, como expressão da vida feita singularidade, acompanha o movimento da vida, não sendo estática e sim, uma constante pulsação e metamorfose. Assim, **identidade é pulsação**.

Fomos cartesianamente educados para percebermos a realidade de forma dicotômica, dualista, fragmentada, polarizada. Com tudo o que estamos escrevendo até aqui, buscamos desconstruir esse paradigma possibilitando o ingresso progressivo em formas mais complexas de ler a realidade: a começar pelo conceito de identidade.

O termo identidade traz consigo a qualidade de idêntico, mas todo o nosso investimento em palavras até aqui segue no intuito de evidenciar exatamente o contrário: o movimento que a identidade carrega consigo, movimento de mudança, de transformação, de pulsação, de vida. Assim, identidade é um par sincrônico “...do tipo imanência-transcendência, harmonia-caos, sístole-diástole, grandiosidade-pequenez, yin-yang, universalidade-particularidade...” (GÓIS, 2002a, p.58).

Segundo a teoria da Biodança, não podemos falar no conceito de identidade sem nos referirmos a relação que este faz com o conceito de regressão, ambos faces de uma mesma moeda que é o animal humano. Por isso, podemos chamar esse movimento, além de pulsação, de *continuum* identidade-regressão (TORO, 2002).

A regressão é um retorno a origem. Segundo Toro (2002) há uma tendência em diferentes povos tanto de retornar ao primordial, como também integrar unidades cada vez maiores, fundindo-se com o cosmo.

Sem a capacidade para renovar-se, nenhum organismo poderia sobreviver. Este processo de renovação só é possível mediante atos

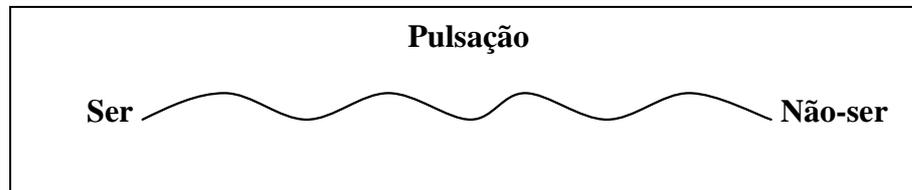
de regressão e progressão, uma espécie de ressonância permanente com o originário¹⁷ (TORO, 1991, p.290).

Sem a possibilidade de reparação biológica, qualquer ser vivo padece. Ou seja, a regressão não é algo distante de nós, precisamos somente nos abrir a esse portal de saúde. Quando Toro fala de progressão, ele está se referindo ao regresso, ao retorno regenerativo que está presente na própria regressão (o “ir” e o “vir”). Nesse sentido, trazemos conosco a possibilidade de realizar tal processo tanto em nível existencial como biológico – quando realizamos um corte na pele, recuperamos o tecido lesionado a partir da indiferenciação das células que voltam a se multiplicar.

Na pulsação identidade-regressão transitamos por duas dimensões que constituem o homem: a consciência intensificada de si e do mundo e o retorno ao primordial por meio do transe. A Biodança atua no sentido de fortalecer o *continuum* identidade-regressão a partir de danças e músicas específicas.

A partir dessas considerações Góis (2008b) trouxe-nos um quadro que sucintamente expressa o que foi exposto até então.

QUADRO 2: Pulsações da identidade



Fonte: Góis (2008b)

A Psicologia Ocidental tomou como objeto de estudo durante muito tempo a dimensão do “ser” através da introspecção, das teorias de personalidade, do estudo de papéis e dos personagens do sujeito, enfim, ocupando-se com o estudo do imanente relativo ao ser humano. Assim, a ciência justificada pelo empirismo tomou o “ser” como objeto de conhecimento. No entanto, a Psicologia Oriental resgatou a outra dimensão também presente no ser humano, o “não-ser”, o vivencial, o transcendente, quando sou onde não me penso (GÓIS, 2008b).

Através do estudo do “ser”, obtemos uma relação eu-isso com o sujeito, referenciando Buber (1982), enquanto no estudo do “não-ser” faz-se necessário um

¹⁷ Tradução realizada por nós, cujo original é: “Sin la capacidad para renovarse, ningún organismo podría sobrevivir. Este proceso de renovación sólo es posible mediante actos de regresión e progresión, una especie de resonancia permanente con lo originario”

mergulho na alteridade através da relação eu-tu. Diríamos, então que o “ser” está no campo da ciência como objeto de estudo e o “não-ser” no campo da arte como estética.

Tomar conhecimento íntimo de um homem significa então, principalmente, perceber sua totalidade enquanto pessoa determinada pelo espírito, perceber o centro dinâmico que imprime o perceptível signo de unicidade a toda sua manifestação, ação e atitude. Mas um tal conhecimento íntimo é impossível se o outro, enquanto outro, é para mim o objeto destacado da minha contemplação ou mesmo observação [eu-isso], pois a estas últimas esta totalidade e este centro não se dão a conhecer: o conhecimento íntimo só se torna possível quando me coloco de uma forma elementar em relação com o outro, portanto quando ele se torna presença para mim [eu-tu] (BUBER, 1982, p.147).

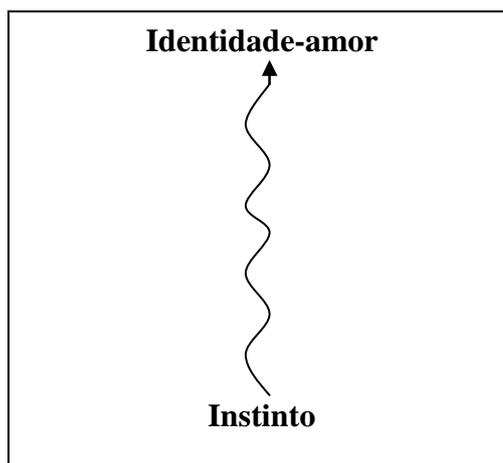
Encontrar o outro em sua totalidade, com olhos que vêem, ouvidos que ouvem, mãos que tocam, sorriso que sorri, na inteireza e espontaneidade de gestos, faz-se necessária uma abertura para vivenciar a relação eu-tu. É nela que emerge o amor e através dele percebemos que cada unidade é um todo e faz parte do todo; percebemos que cada unidade possui valor intrínseco, uma vez que o todo aparece quando as partes se vinculam. Assim, o amor, elemento de vínculo por excelência, gera nas partes qualidades emergentes, visto que o encontro amoroso surge no todo e derrama para outras partes. Adquirimos, pois, qualidades emergentes no encontro amoroso (LEMOS, 2008).

Já referenciamos alhures que a identidade é um fenômeno relacional, inter-humano, inter-corporal, inter-subjetivo, inter-existente, ou seja, ela emerge no encontro de pelo menos duas identidades. Com os elementos recém apresentados, ampliamos nosso conceito de identidade a passamos a chamá-la de identidade-amor. É o amor que possibilita vínculo, portanto, identificação de uma pessoa com outra.

O amor é algo que ultrapassa os limites dos sentimentos e das emoções, é a expressão maior do encontro, como propõe Buber (1977). Não pode ser encontrado como algo parcial de uma relação, e sim sendo a própria relação, só é possível mediante nossa presença no mundo (GÓIS, 2002a, p.61).

Para nos encontrarmos uns nos outros, precisamos experimentar uma educação baseada nos valores pró-vida, uma educação biocêntrica, através da qual iniciaremos uma caminhada pedagógica e progressiva rumo a uma nova aprendizagem do viver, que integre o visceral e o vivencial, além de cognitiva. Góis (2008b) sintetizou no quadro abaixo essa caminhada pedagógica.

QUADRO 3: Caminho a identidade-amor



Fonte: Góis (2008b)

Em síntese, abrigamos em nós a sabedoria da espécie através dos instintos e, através de uma caminhada pedagógica, amorosa, progressiva e vivencial, seguimos o fluxo evolutivo da vida feita singularidade até seu ponto máximo de expressão: a identidade-amor.

As almas são incomunicáveis.
Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo.
Porque os corpos se entendem, mas as almas não.
(Manuel Bandeira)

Por fim, afirmamos que **identidade é metamorfose**. Para explicitarmos essa última característica, recorreremos a Ciampa (2007) e suas contribuições à Psicologia Social aprofundando a discussão sobre identidade a partir do livro “A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de Psicologia Social”. Apresentaremos, pois, as principais idéias trazidas pelo autor com as quais também trabalharemos em nosso estudo.

Compreender a identidade é antes de tudo compreender que esta é forjada nas relações sociais significativas que cada indivíduo estabelece na sociedade, uma vez que objetivamente a realidade se materializa nas relações sociais. Assim, é na dialética indivíduo e sociedade que se dá o fenômeno humano.

Então, ao estudar um ser humano, deve ficar claro que se está sempre estudando uma formação material determinada, qualquer que seja o corte feito na universalidade das relações recíprocas em que está inserido (o que autoriza, sem ilogicidade, por exemplo, falar tanto em identidade pessoal como em identidade(s) coletiva(s) no âmbito das ciências humanas) (CIAMPA, 2007, p.150-151).

Quando nos referimos ao cenário social como sendo o âmbito por excelência de construção do sujeito, temos o cuidado de destacar que não se trata de um determinismo social ao qual o sujeito passivamente está inserido, e sim de uma interação ativa entre indivíduo-mundo-indivíduo na qual está presente a unidade da subjetividade e da objetividade. “Sem essa unidade, a subjetividade é um desejo que não se concretiza, e a objetividade é finalidade sem realização” (CIAMPA, 2007, p.145). Percebemos, então, que ao invés de determinado, o homem é um ser de múltiplas possibilidades atualizadas na realidade social. “Se o desenvolvimento da identidade dependesse apenas da subjetividade, ficaria menos difícil (embora não fácil), mas depende também da objetividade” (CIAMPA, 2007, p. 201).

Para compreendermos melhor essa unidade subjetividade-objetividade, recorreremos a Vygotsky quando este nos fala da lei da dupla formação das funções psicológicas superiores¹⁸: “todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social e depois, no nível individual; primeiro, entre pessoas (interpsicológico) e depois, no interior da criança (intrapsicológico)” (VYGOTSKY, 1989, p.75). Ou seja, é na relação do indivíduo com outro indivíduo que se dá a construção da subjetividade, a partir da interiorização dos eventos no plano intersíquico para o plano intrapsíquico.

O processo de interiorização não é uma absorção passiva dos acontecimentos, mas passa por uma transformação, a síntese, através da qual é atribuído um sentido pessoal ao conteúdo que possui um significado socialmente compartilhado. Assim,

A síntese de dois elementos não é a simples soma ou justaposição desses elementos, mas a emergência de algo novo, anteriormente inexistente. Esse componente novo não estava presente nos elementos iniciais: foi tornado possível pela interação entre esses elementos, num processo de transformação que gera novos fenômenos (OLIVEIRA, 1993, p.23).

É por isso que somos únicos, singulares, diferentes, no entanto, a mesma porção que nos diferencia do outro nos une e nos iguala a ele, uma vez que a origem da nossa constituição como sujeitos é a mesma: social. Assim, a identidade articula igualdade e diferença.

¹⁸ Diferentemente dos animais que possuem somente as funções psicológicas primárias (atenção, memória, inteligência, por exemplo), o homem apresenta também as funções psicológicas superiores ou secundárias (MATTOS *et al*, 2003), originadas na ontogênese, constituídas pela interação social e mediadas por sistemas simbólicos construídos historicamente (imaginação produtiva, pensamento, linguagem, entre outros).

Como vimos, na interação indivíduo-sociedade, o outro exerce um papel significativo na construção da identidade, assim há uma tendência de interiorizarmos os predicados que o outro nos atribui como sendo nosso, assim, estes passam a fazer parte de nós, ocorrendo uma dialética “entre a identidade objetivamente atribuída e a identidade subjetivamente apropriada” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p.177).

Segundo Ciampa (2007), o processo de identificação passa por três momentos: pressuposição, posição e reposição. A construção da identidade é, portanto, compreendida como um processo de metamorfose que implica momentos de *pressuposição* (nossa identidade vai se forjando antes do nascimento, pelo fato de estarmos inseridos em um dado contexto familiar e social que nos predicam e nos referenciam pela expectativas que o(s) outro(s) constróem acerca de nós), *posição* (os predicados pressupostos vão sendo por nós internalizados e ganham sentido próprio a partir das relações sociais com as quais interagimos, constituindo nossa identidade) e *reposição* (a aparente não mudança das características identitárias permite que sejamos vistos como sempre idênticos).

A identificação ocorre, primeiramente, com a nomeação da criança junto a papéis sociais previamente estabelecidos por outros. Em sua continuidade, o que lhe foi atribuído passa por uma série de significações até o momento de reconhecimento internalizado por ela mesma. Ao tomar essa posição diante daquilo que lhe foi posto, o conteúdo compartilhado no plano intersíquico se transpõe para o intrapsíquico, sofrendo re-significações e adquirindo assim um sentido singular para ser, então, posta.

No momento em que a identidade é posta, adota-se uma postura de personagens que representam uma história que nós mesmos criamos, fazendo-nos autores e personagens ao mesmo tempo (CIAMPA, 2007). É, portanto, entendida como uma totalidade que é, em si, uma unidade constituída por elementos contraditórios, múltiplos e mutáveis. Uma síntese de diferença e igualdade, pois à medida que o indivíduo se insere em grupos sociais diversos, ele vai-se igualando e se diferenciando. A identidade se configura como verbo, como atividade, de acordo com sua prática, seu agir, pois o fazer acaba por torna-se substantivo. “... a noção de uma personagem substancial, traduzível por proposições substantivas, oculta de fato a noção de uma personagem ativa, traduzível por proposições verbais. O indivíduo não mais é algo: ele é o que faz” (CIAMPA, 2007, p.135). Assim, a personagem emerge como atividade e relação.

O termo identidade, portanto, remete-se ao próprio processo de construção da identidade, não mais como produto ou como algo dado, mas se dando num contínuo processo de identificação. Combate-se, dessa maneira, aquilo que Ciampa denomina de “mesmice de mim”, ou seja, uma aparente noção de não reposição de nossa identidade de modo que ela se mostra como sendo estática. “... a personagem [...] torna-se algo com poder sobre o indivíduo, mantendo e reproduzindo sua identidade, mesmo que ele esteja envolvido em outra atividade” (CIAMPA, 2007, p.139).

Uma identidade, portanto, apresenta vários personagens, forma subjetivada dos papéis sociais realizados pelo indivíduo.

Em cada momento de minha existência, embora eu seja uma totalidade, manifesta-se uma parte de mim como desdobramento das múltiplas determinações a que estou sujeito. [...] nunca compareço frente aos outros apenas como portador de um único papel, mas como uma *personagem* [...] como totalidade... parcial. Dessa maneira, ao comparecer frente a alguém, eu me represento. Apresento-me como o *representante* de mim mesmo (CIAMPA, 2007, p.170)

Por cada identidade apresentar-se como parte, somos determinados pelo o que negamos, ou seja, negamos nossa totalidade na medida em que apresentamos uma parte de nós que revela o que estamos sendo naquele instante, naquela relação. “... isso confunde meu comparecimento frente a outrem (eu como representante de mim) com a expressão da totalidade do meu ser (de mim como representado)” (CIAMPA, 2007, p.173). Ou seja, somos representantes de nós mesmos.

As transformações contínuas que caracterizam a identidade são resultados das relações com os outros com os quais convivemos, sendo também condição essencial no estabelecimento dessas relações e na transformação do tecido social. Dessa forma, as identidades refletem a estrutura social da mesma forma que sobre ela reagem, mantendo ou modificando. A via por excelência para observar as transformações identitárias é o discurso do sujeito, assim, através dele, compreendemos como será o processo de produção da identidade.

Em síntese, abordaremos a identidade, nossa categoria de análise nesta pesquisa, a partir de duas dimensões:

- a. Identidade como noção de si, revelada a partir da representação que cada um constrói de si no decorrer de sua história, expressa por papéis e personagens que se metamorfoseiam nas interações sociais. Essa dimensão traz o componente reflexivo da identidade por poder ser

revelado pela narração da história de vida do sujeito, mediada pela consciência.

- b.** Identidade como sentimento de si, deflagrada a partir do sentimento de estar vivo, revelando a identidade como presença e corporeidade vivida. Essa dimensão permite que a identidade emergja como totalidade que se exprime no tempo e no espaço presente através da vivência, e não da consciência. Aqui, vive-se a identidade.

Diogo (2005) sistematizou essas informações no seguinte quadro:

QUADRO 4: Identidade como Noção e Sentimento de Si



Fonte: Diogo (2005, p.39)

Ao falarmos da identidade como presença, afirmamos que o ser humano é a vida feita singularidade inter-existente, ou seja, somos uma das formas singulares de expressão do fenômeno da vida, que se constitui em interação com outras singularidades vivas e, em especial, com outros seres humanos. Percebermo-nos como uma centelha desse grandioso evento que nos coloca numa condição de avaliarmos nosso real valor.

No nosso processo cultural nos constrói desvinculados com a vida, energia que cria e anima tudo o que existe, segundo o princípio biocêntrico no qual estamos baseando nosso estudo. E assim, a vida vai sendo negada, oprimida, esquecida, sofrida, colocando a fome, a pobreza, a violência e a injustiça social num lugar comum. A vida passa fome, a vida é pobre, sofre violência e injustiça, e vai perdendo o seu valor intrínseco. Fortalecer o valor pessoal é ir de encontro a esses valores anti-vida.

Para resgatar o valor da vida precisamos primeiramente reconhecer o nosso valor. Nesse sentido, faz-se importante acrescentarmos dois outros constituintes básicos da identidade: o valor pessoal e o poder pessoal.

Segundo Góis (2003), o valor pessoal é compreendido como um sentimento que gera capacidade de viver, conviver, gostar de si mesmo, realizar projetos, trabalhar, amar, construir vínculos, ou seja, sentir-se uma pessoa, atuante no mundo. Tal sentimento se manifesta ao entrarmos em contato com a vida que habita em nós, na sua dimensão biológica, visceral.

Percebemos esse conceito como sendo complementar ao de poder pessoal, pois os sentimentos que potencializam a ação do sujeito no mundo precisam estar vinculados com a possibilidade dele também se perceber capaz de interferir de forma positiva na construção da vida, seja a sua, a da sua família, a da comunidade, enfim. Conectados com a fonte vital abrigada em cada um, é possível sentir o valor pessoal e perceber-se capaz de influir na transformação da realidade através de gestos pró-vida, que é a expressão do poder pessoal.

“O valor pessoal e o poder pessoal são expressões da própria identidade, que se formam e se restauram nas relações sociais” (GÓIS, 1993, p.74), na medida em que se busca, através da construção de interações saudáveis, atuarem no crescimento de si e do outro.

Agora que já falamos de identidade, é importante tecer algumas considerações sobre juventude e arte, uma vez que iremos abordar este conceito com participantes que vivenciam aquele momento da vida.

3.2. ARTE: UM CAMINHO À IDENTIDADE

Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve (LISPECTOR, 1998b, p.11).

No princípio, havia a dança cósmica. A dança dos átomos, das moléculas, dos astros, das galáxias, dos planetas. Tudo era (e é) pulsação rítmica, regida pela sinfonia incessante da vida. No princípio, não havia o verbo nem o verso, e sim a dança da criação.

Movimento e ritmo são as formas mais sublimes da organização cósmica. Tudo dança ao som da vida: dança de criação-conservação, de manutenção-transformação, de fluxo-permanência. O universo e as formas de vida que nele habitam vivenciam a todo instante a dança do caos e da harmonia.

O universo existe porque existe a vida. Este é o ponto de partida para a toda a criação universal, em suas mais sutis manifestações. Eis um novo paradigma: o princípio biocêntrico, segundo o qual o universo é organizado por leis universais que conservam e permitem a evolução da vida (TORO, 1991). Tudo o que existe no universo, sejam elementos, astros, plantas ou animais, incluindo o ser humano, são componentes de um sistema vivo maior. Tudo o que vive, que pulsa, está conectado com as demais formas de expressão da vida. Esta é, pois, uma totalidade indivisa que permite a constante criação e evolução do universo – sistema vivente de complexidade exorbitante.

Tudo que se cria é arte, então, se criar é condição da vida, a arte é condição da vida. A cada novo instante faz-se mais e mais vida. Assim, havia uma intencionalidade cósmica desde a explosão inicial (Teoria do Big-Bang¹⁹) até a criação das primeiras condições para a gênese da vida humana na Terra (Teoria de Oparin²⁰).

Os vapores de água da atividade vulcânica, a saturação da umidade atmosférica, as chuvas incessantes, os raios ultra-violetas, os relâmpagos, as altas temperaturas, as reações químicas, os aminoácidos, os mares, os colóides, os coacervados, as proteínas e nucleoproteínas, os primeiros organismos, as formas viventes mais rudimentares até as mais complexas, tudo fez parte de um processo maior de organização da vida.

Nesse caso, o herói de fato é o tempo. E o tempo com que contamos é da ordem de dois bilhões de anos. Perde aqui o sentido daquilo que, fundados na experiência humana, consideramos impossível. Num intervalo de tempo suficientemente longo, o impossível se torna possível, o possível, provável, e o provável, virtualmente certo. Basta esperar: o tempo, por si só, realiza milagres. (UZUNIAN *et al.*, 1991, p.101).

¹⁹ Segundo a Teoria do Big Bang, criada por Friedmann-Robertson-Walker, tudo o que há no universo originou-se de uma grande explosão de um átomo primordial.

²⁰ Aleksander Oparin formulou a hipótese acerca da origem da vida no planeta Terra. Visto não ser uns dos nossos objetivos com esse estudo, o leitor poderá encontrar mais detalhes acerca deste tema no site: http://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_de_Oparin. Acesso em 21 Maio 2007.

O tempo em que o universo gestou o aparecimento da vida humana é impreciso. Mas tudo foi sabiamente preparado para que hoje estivéssemos aqui, com todas as habilidades adquiridas ao longo das evoluções da nossa espécie. A vida se cria a todo instante e assim como ela se manifesta em nós, por fazermos parte dela, a criação torna-se também condição humana. Somos parte da criação de uma totalidade vivente, organizada em prol da vida.

Viver é, antes de mais nada, participar desse fluxo e dessa pulsação orgânica do mundo que está em nós, desse movimento, desse ritmo, dessa totalidade, porque, mesmo durante nosso sono, vela em nosso peito a lei da dupla batida, a da nossa respiração e a do nosso coração (GARAUDY, 1980, p.26).

A partir do paradigma antropocêntrico vigente na contemporaneidade, tem-se construído um distanciamento progressivo da nossa origem cósmica e animal. A cultura atual, não pautada em valores biocêntricos, tem erigido valores anti-vida (violência, opressão, fome) e cindido o homem (corpo-mente, cognitivo-afetivo, mente-corpo).

Tudo o que vive, porém, está em constante processo de criação, de manutenção e de transformação. Os processos de regulação da vida cósmica e universal, representada pelas divindades Hindu - Shiva, Vishnu e Brahma, simbolizando, respectivamente, a transformação, a conservação e a criação - conspiram com ato de viver. O homem, inserido nessa teia viva, é co-criador e criatura, participando da construção ou destruição do universo.

Se no princípio havia a dança, tudo o mais foi possível a partir dela. A dança cósmica possibilitou a origem da Terra e de tudo o que hoje vive e habita nela. “Dançar é, antes de tudo, estabelecer uma relação ativa entre o homem e a natureza, é participar do movimento cósmico e do domínio sobre ele” (GARAUDY, 1980, p.14). Dançar é também perceber-se conectado com a vida e com o universo, ao mesmo tempo em que se pulsa no fluxo do movimento e do ritmo com o todo.

O movimento de criação do universo possibilitou e possibilita que galáxias, planetas, plantas, animais e átomos, existam, pulsem e geram cada vez mais vida. Eis a grande arte da criação universal que habita tudo o que move, e por isso cria. Cria, regido pelo princípio biocêntrico (TORO, 2002), e toma como referência a vida como consequência da construção do universo, e este existe porque a vida existe, não o contrário. Na arte da dança de vida, o universo cria e recria em infinitas formas novas expressões da vida, sendo ele mesmo um organismo vivo.

Quando nos propomos a falar de arte neste tópico, não buscamos resgatar a história da arte nem muito menos fazer apologia aos valores culturais estéticos disseminados em nossa cultura. Contudo, ousamos um desafio ainda maior: resgatar a arte como condição da vida em suas dimensões criativa e estética (palavra advinda do grego *aisthesía*, que significa sensibilidade, sentimento). Sendo o homem manifestação da vida, a arte também é condição humana, ou seja, a sensibilidade e a criatividade estão presentes no homem. E é dessas duas dimensões que partimos para compreender a arte da vida e do homem, a arte na vida e no homem.

Quando unimos criatividade e sensibilidade para falarmos de arte rompemos com a possibilidade de ser a razão e a consciência as instâncias responsáveis pelos processos artísticos, e, portanto, aproximamos a arte da vivência. A criação humana é, portanto, dirigida por uma intencionalidade conquistada filogeneticamente no instante em que o ser animal-sensorial descobriu-se como ser sensível. Segundo Góis (2005b), podemos dizer que na evolução humana três grandes momentos nos fizeram: a descida das árvores (homem ereto com as mãos livres), o uso do fogo (a mão como instrumento e o fogo possibilitando a diminuição do nomadismo) e a pintura nas cavernas (imaginação, arte e sensibilidade).

Desse modo, a arte surge no caminho evolutivo da humanidade a partir da sensibilidade. “A sensibilidade primitiva emergente formada no mover-se de um outro modo [...] Ela tornou possível a vivência primitiva e, logo, tornou-se vivência. Fez o humano, primeiramente como artista ou algo assim para, em seguida, o tornar ‘faber’ e ‘sapiens’”(GÓIS, 2002a, p.67).

A dimensão humana criadora na sua forma vinculada e sensível é capaz de integrar o homem à natureza que há em si, no outro e no entorno. A criação é uma atividade que integra a transformação cósmica, percorrendo o caminho do caos à ordem. O universo, biologicamente organizado, está em permanente criação, e nós também “...somos como deuses e criamos a nós e a nossas comunidades a partir do que está ao nosso dispor” (RHYNE, 2000, p.52). Assim, somos todos, criadores e criaturas.

Se o ato de viver é uma sutil manifestação do prodigioso movimento de um universo biologicamente organizado e em criação permanente, a criatividade humana pode ser considerada uma extensão dessas formas biocósmicas que se exprimem por meio de cada indivíduo. Nós somos ao mesmo tempo a mensagem, a criatura e o criador (TORO, 2002, p. 88).

Segundo o autor, a criatividade é uma das linhas de vivência, originada do instinto de renovação e da protovivência²¹ de curiosidade. É inata, oriunda do impulso criador expresso no próprio ato de viver. Esse potencial pode ser inibido ou estimulado nas vivências integrantes a história pessoal de cada um, nesse sentido, a arte e a criação existem como potencialidade em cada ser humano.

Baseada nos estudos de Toro (1991), Pinho (2003, p.18-19) enfoca a criação humana como uma linguagem do vivencial, como uma possibilidade de conexão, de comunicação e de objetivação da vivência – fonte genuína de criação e expressão humana. “... a vivência é a matéria prima de todo artista²²...”. Assim, além da sensibilidade e da criação, integramos a vivência e a expressão ao conceito de arte.

Almeida (2007, p.13) nos fala de vivência como um acontecimento possibilitado pela vida em sua plenitude, assim, uma vez que somos partícipes da vida, navegamos sempre no interior desta. “Não é a vida que nos pertence, mas somos nós que pertencemos a ela e, do mesmo modo, não somos nós que produzimos nossas vivências, mas antes, são nossas vivências que nos produzem e nos instituem no mundo”. A vida como um acontecimento biocêntrico se cria e é arte. Nós, participantes da vida, também somos arte e nos criamos através da vivência. Assim, o homem é arte e também faz arte, e este ser e fazer arte dá-se através da vivência.

A subjetividade humana é forjada nesse processo artístico-vivencial. É a identidade fazendo-se arte e se fazendo através da arte: sensível, criadora, expressiva e vivencial. Assim, afirmamos a indissociabilidade entre arte e identidade, unindo essas expressões no termo arte-identidade, por compreendermos que identidade é arte (movimento sensível, pulsação expressiva, metamorfose criadora) e que arte é identidade (única, singular, peculiar, idiossincrática).

Arte e identidade são inefáveis e acontecem na vivência, aqui-agora, em seus componentes viscerais, sinestésicos e emocionais, anterior à consciência e aos significados. Arte-identidade é a vida objetivada humana criando e recriando-se nas múltiplas possibilidades expressivas do acontecimento biocêntrico.

Viver é crer na transformação

²¹ De acordo com Toro (1991), as protovivências são de grande importância nas histórias dos sujeitos. O movimento, o contato, a expressão, a segurança e a harmonia são as protovivências que envolvem os primeiros seis meses de vida, em que o bebê inicia a sua experimentação no mundo. Elas influenciam no desenvolvimento das cinco linhas de vivência do sistema Biodança: vitalidade, sexualidade, criatividade, afetividade e transcendência.

²² Tradução realizada por nós, cujo original é: “... la vivencia es la materia prima de todo artista...”

- através do toque -
 no corpo,
 no espírito,
 no coração...
 Um toque somente
 de fora para dentro,
 de dentro para fora:
 revelação!
 Criar: arte da mudança...
 Arte: andança sem-fim...
 i-d-e-n-t-i-d-a-d-e:
 fio de esperança,
 integração com a vida,
 vínculo infinito de amor,
 criação sublime e constante!
 Identidade é arte...
 Arte é identidade...
 (Geísa Sombra)

3.3. ARTE-IDENTIDADE

Historicamente, as palavras arte e identidade foram vinculados com a criação do termo arte-identidade por Góis (2005b) em 1990 nos trabalhos de Biodança da linha da criatividade intitulados a “Coragem de Criar” e a “Dança das Máscaras”. No entanto, em 1993, a arte-identidade foi pela primeira vez sistematizada pelo autor no livro “Noções de Psicologia Comunitária” como um dos instrumentos de facilitação do modo de vida comunitária.

Percebemos, então, que tanto a Biodança com a Psicologia Comunitária estão profundamente entrelaçadas na história, na vida e nas obras do autor-criador da arte-identidade, ficando em muitos momentos difícil separar os limites de quem influencia o que ou de quem é influenciado pelo quê. Assim, optamos por focar não os componentes que diferenciam essas abordagens teórico-metodológicas, e sim o que as unem e lhes permitem o diálogo. Destacamos, pois, o conceito de vivência como sendo a categoria transversal que possibilita que, para além da idiosincrasia, haja a comunhão.

Toro (1991), a partir de sua experiência de construção e de facilitação em Biodança, sistematizou as características essenciais da vivência, as quais são: experiência original (unicidade), anterioridade à consciência (imediatez), espontaneidade, subjetividade (intimidade), intensidade variável, temporalidade (efêmera), emocionalidade, dimensão cenestésica (envolve todo o organismo),

dimensão ontológica (percepção de estar vivo) e dimensão psicossomática (integração psíquico-orgânico).

“A Vivência nos dá a inexorável tarefa de buscar a Vida, continuamente e em qualquer lugar. A vivência nos mostra que sempre estamos na vida, mas também que sempre estamos a caminho da vida” (ALMEIDA, 2007, p.15). Nossa proposta é semear vida, afinal, ainda segundo ao autor: “Todos os homens são convidados a ser pastores da vida, mas a responsabilidade de pastorear depende da capacidade que cada um tem para cuidar” (idem, p.28).

Desse modo, partindo da contemplação sensível e insurgente de todas as formas criadas, criaturas e criadoras de vida, veio-nos inspiração para tecer essa obra através de gestos, do corpo e da alma, antes mesmo de encontrar palavras expressivas para evidenciar tantas belezas e descobertas. Assim, percebendo o movimento como dança e como gerador de criação, transformação e mudança, teria então o homem esses mesmos atributos simplesmente por dançar? Que dança da vida é essa?

Dança é movimento, é criação e é também arte. Homem é movimento, é criação e é também arte. Homem-dança-arte. Homem que é dança, que é arte; que dança e que faz arte; homem que dança a arte de viver.

Esse é o lugar da arte, como fonte genuína de criação e também de expressão da identidade humana. A dança e o movimento são as próprias expressões da identidade humana e da consciência de si no mundo, que revela a presença visível e corporeificada do ser existente em seu permanente fluxo vital.

... o ponto de partida estruturador da identidade é o sentir-se vivo, esse instante de presença e de transmutação da corporeidade vivida em mais presença e mais vínculo com o mundo, fazendo-se desse modo corporeidade amorosa. Por esse caminho encontramos a identidade como expressão de uma totalidade e não de partes de si mesmo, só possível de se realizar na imediaticidade do viver, na vivência (Almeida, 1994), portanto, na corporeidade vivida e não na consciência (GÓIS, 2003, p.61).

Propomos, pois, a arte-identidade como um dos caminhos pelo qual a identidade, essa expressão do si-mesmo em sua forma mais autêntica, corpórea, visível e sensível, encontra um lugar fecundo para transbordar a abundância que a faz e refaz a todo instante. Mediante a vivência biocêntrica que ativa as funções vitais, sexuais, de renovação biológica, afetiva e de expansão da consciência, a arte com foco na saúde, na

vida e no potencial humano possibilita o fortalecimento e a profunda sensação de sentirmos vivos, com energia vital, audácia existencial e coragem de viver.

A identidade, então, segue seu fluxo em direção ao infinito, caminho escolhido e trilhado por cada um. Caminho este intuído, sentido e refletido no processo do viver; assim, obra e criador tornam-se um só, cada artista descobrindo como pintar e dançar a própria existência. Para isso, em sua naturalidade há que se mudar o necessário, conservar o essencial e transformar-se sempre, para que no fim possamos continuar sendo únicos, múltiplos e imensamente nós mesmos.

A arte-identidade, segundo Góis (2008a, p. 118), é uma

abordagem expressivo-evolutiva (pedagógica e terapêutica), que parte da arte em sua função mediadora da relação indivíduo-mundo, para facilitar a expressão do potencial de vida inerente a todo ser humano, o qual, por muitos caminhos anseia expressar-se, fazer-se singularidade com os outros no mundo. [...] a arte realizada sob determinadas condições tem o poder de atuar positivamente sobre o mundo primal, arquetípico, consciente e social do indivíduo, favorecendo processos de regulação orgânica, existencial e social. Ademais, influi positivamente sobre a expressão do si-mesmo, a identidade pessoal.

Em diálogos de supervisão concluímos que a arte-identidade, recebendo influências da Biodança e da Psicologia Comunitária, ganhou os contornos da Educação Biocêntrica, sistematizando assim, o trabalho com arte utilizado por esse campo do saber que atua tanto na construção do conhecimento como no fortalecimento da identidade. A arte-identidade busca integrar esses dois pólos por perceber uma complementaridade entre eles, trabalhando de forma terapêutica e pedagógica.

Inserimos a arte-identidade no continente de instrumentais metodológicos de facilitação de grupos que buscam construir condições de cuidado, vínculo, crescimento, conhecimento, autonomia e emancipação tanto na esfera individual quanto na coletiva, resgatando a sensibilidade, através da arte e da vivência, como dimensão transformadora da forma como cada sujeito se insere e interage com o mundo. Buscamos transcender as relações de dominação, de opressão e de exploração entre homens. Quando unimos vida e libertação, ampliamos o nosso olhar para além da humanidade e apontamos a necessidade de cuidarmos da vida que somos e que existe fora de nós mesmos, percebendo-nos como parte desta vida maior que pulsa no nosso

entorno. Há que se cuidar do homem e da natureza, possibilitando assim a construção de um sujeito ecológico²³ (GÓIS, 2008a).

Compreendemos, portanto, que a arte-identidade atua na co-construção do sujeito, fortalecendo a expressão identitária por meio do diálogo e da vivência. Optamos, então, por investigar a arte nesse processo de expressão da identidade, percebendo esse conceito em suas dimensões biológica, histórica, cultural, universal e singular; um produto subjetivo que emerge das condições concretas e objetivas da realidade social, expresso no corpo, nas representações e na individualidade de cada sujeito.

A identidade se movimenta e se (re)constrói a cada dia, eterno processo de criação. Assim, o sujeito igualmente se movimenta e se (re)constrói a cada dia, como movimento e criação. Nosso produto psicológico é eternamente inacabado, em constante devir. Estamos, pois, na condição de artistas, do mundo, da vida, do outro e de nós mesmos nas mudanças cotidianas deflagradas em pequenos/grandes processos de criação artística.

Criar é aceitar e assumir a grandeza do artista que re-configura em arte aquilo que toca em seu cotidiano, revelando-se divino e sagrado e superando-se em cada gesto, individual e coletivo. A arte enraíza a identidade ao seu mundo antigo, animal, emocional-corporal e integra-o ao que o torna humano, o histórico-cultural, o mundo de pensamentos e reflexões.

Percebendo a arte como um poderoso instrumento de integração do reflexivo-vivencial, animal-cultural, sensível-racional, corpo-psique, emoção-pensamento e, compreendendo que a contradição é também característica da identidade, a arte nos é vista como ponte expressiva das múltiplas facetas que compõe a subjetividade humana. Nesse sentido, utilizamos em arte-identidade diferentes recursos artísticos para facilitar a expressão identitária.

Inspiramo-nos, então, no método dialógico-vivencial para ancorar a arte-identidade que busca, como referenciamos acima, analisar e vivenciar, refletir e sentir, para que possa surgir a ação transformadora, comprometida com a realidade social e

²³ Em Psicologia Comunitária, denominamos de sujeito comunitário aquele que se percebe como responsável pelo seu lugar de moradia, atuando de forma transformadora frente às situações que exigem mudança em prol de si mesmo e da comunidade. Quando falamos de sujeito ecológico, não negamos o conceito de sujeito comunitário, e sim, integramos o princípio biocêntrico na nossa compreensão sobre este sujeito, ressaltando sua vocação biocêntrica para o cuidado com a vida, além da sua condição ontológica de livre e ser sujeito.

integrada com o pensamento e o sentimento. Vejamos agora as dimensões terapêutica e pedagógica da arte-identidade.

3.3.1. A arte-identidade como proposta pedagógica e terapêutica

Quando utilizamos essas duas expressões para nos referir à arte-identidade é porque temos com ela um compromisso advindo da Biodança (TORO, 2002), que busca, através de vivências integradoras²⁴, deflagrar a integração humana (consigo, com a espécie e com o universo), a renovação orgânica (homeostase, equilíbrio interno, redução dos fatores de estresse), a reeducação afetiva (a afetividade como fator que integra e dá estrutura à inteligência) e a reaprendizagem das funções originárias da vida (resgate da vida instintiva, enraizado nos potenciais genéticos).

A arte-identidade, nutrida da categoria vivência em sua metodologia, traz consigo a busca de uma reaprendizagem do nosso estilo de viver, uma vez que a patologia em nossa civilização (competição, violência, ansiedade, consumo exagerado, entre outros) tem-nos levado a um estilo de adoecer. Redescobrir um estilo outro de viver a partir da música, do movimento, da arte e do grupo traz consigo um valor terapêutico.

Despertar a função arcaica de conexão com a vida representa um dos objetivos mais desejados em toda terapia. Esta função, que permite a existência mesma da vida, pode se tornar, por um processo de maturação interior, uma atitude consciente capaz de restabelecer o contato com o primordial (TORO, 2002, p.34).

Em arte-identidade, portanto, não buscamos a cura e sim, através de uma pedagogia amorosa e vivencial, resgatar a expressão da identidade, partindo das percepções de nós mesmos e do mundo, num ambiente que cria eco-fatores positivos a fim de que essa expressão se dê não somente nas situações do grupo de arte-identidade e sim pela vida. É o que Toro (1991) chama de radicalização da vivência. Buscamos também o desenvolvimento da identidade em sua matriz biológica e relacional, resgatando um novo conhecimento sobre si mesmo: sensível, integrado com os instintos e conectado com a vida.

²⁴ Segundo Toro (2002, p.94), a integração se dá a partir da estimulação da função primordial de conexão com a vida. “A integração de um sistema corresponde ao conjunto de processos que põe em correlação as partes com o todo, assegurando a unidade do sistema e tendendo a aumentar sua estabilidade dinâmica [...] se expressa na percepção do corpo como um todo e equivale à saúde”.

Esse conhecimento de que falamos, em arte-identidade, é mediado pela arte, que “representa um modo de viver, pois, ao representar em primeira instância um modo de conhecer, simboliza, em sua mais alta significação vital, uma maneira de relacionar-se com a vida e com tudo o que está implicado no viver²⁵” (PINHO, 2003, p.19). Conhecer através da arte, a partir da arte. Re-conhecer e re-descobrir a si mesmo, o outro, o mundo. Um conhecer não cognitivo, mas vivencial, mediado pela arte e regado de afetividade. Assim, nesse ato contínuo de construção do conhecimento desenvolvemos a nossa inteligência, que, para Rolando Toro, tem sua origem na afetividade. “A inteligência afetiva não é um tipo especial de inteligência. Todas as formas diferenciadas de inteligência: motora, espacial, mecânica, semântica, social, etc, têm uma fonte comum: a afetividade” (TORO, 1991 *apud* CAVANCANTE, 2007, p.58).

A “pedagogia” e a “terapia” de que falamos em arte-identidade se dá a partir da valorização do sentimento, do afeto, como motor da criação, seja da nossa identidade, das nossas relações, de uma colagem, de uma dança, enfim.

O sentimento é a fonte de onde se cria.”. Este é o sabor da arte, a liberdade que se tem em criar, mais do que isso, é na verdade, fazer algo existir, ou dar vida a este algo, através de si mesmo, de sua intencionalidade, de sua ação no mundo. A emoção movimenta esta ação. [...] A arte nos convida para um outro lugar, para um pulsar, uma entrega entre a desordem infinita e a grande ordem da vida. A criação num gesto sutil e intenso é a possibilidade de alinhar as forças difusas presentes em nós, como uma força desconectada, que muitas vezes, é chamada de caos. (MENEZES, 2007, p.03).

Utilizamos alguns recursos em arte-identidade, tais como colagem, pintura, desenho, argila, aquarela, dança, dramatização, criação de máscaras, poesia, mandala, exercícios de Biodança, entre outros que estamos inserindo no nosso repertório artístico²⁶. Não buscamos com o contato com arte produzir obras perfeitas, bem como o facilitador não necessita manusear com alta precisão os recursos técnicos. Para o facilitador, o mais importante é que ele já tenha experimentado e vivido aquilo que ele está propondo para o grupo, partindo do pressuposto de que ninguém poderá levar o outro a um lugar onde nunca esteve.

²⁵ Tradução realizada por nós, cujo original é: “representa un modo de vivir pues, al representar en primera instancia un modo de conocer, simboliza, en su más alta significación vital, una manera de relacionarse con la vida y con todo lo que está implicado en el vivir”.

²⁶ O modo de utilização destes recursos artísticos será descrito na análise dos dados.

O que desejamos é a expressão. O facilitador não é um técnico, ele precisa acima de tudo ser e sentir-se artista, permitindo-se criar juntamente com o grupo, encontrando as brechas facilitadoras, as potencialidades, para dar “um empurrãozinho” e permitir que algo aconteça e seja ali mesmo criado, com o grupo num movimento vivencial. Sendo artista, experimentando, vivenciando, criando, arriscando, ousando juntamente com o grupo, num movimento coletivo e integrado. Nosso ponto de chegada e de partida sempre é e será a vivência. Assim, o facilitador “... jamais pode sucumbir à técnica e ao automatismo; pois só é verdadeiramente facilitador quem não perde o vínculo primordial com a vida e se mantém em constante movimento de renovação dos inesgotáveis potenciais de saúde biocêntrica...” (ALMEIDA, 2007, p.14).

Queremos, pois, que cada participante ao realizar uma colagem sinta, se emocione, vivencie, seja a colagem! Ao escrever uma poesia, seja a poesia! Ao pintar, transforme-se em pintura! Uma criação artística, regada de sensibilidade e conectada com a vida através da qual se dá o conhecimento do mundo. Uma facilitação artística, regada de sensibilidade, conectada com o grupo e com a vida.

A fusão artística nos faz ser a imagem, da mesma forma como Toro (2002) propõe que nos transformemos na música ao dançar. Dançar a poesia, a colagem, a pintura, o outro em nós, transformar-se. Toro afirma que a obra não se dissocia de quem a cria. Por alguns instantes somos a nossa criação e podemos sentir nas emoções que nos impulsionam, os traços, as cores, a expressão como pertencente, única, idêntica ao que sentimos, ao que podemos representar. Começa o processo de singularização, a emergência da singularidade, cuja base, é a vivência de fusão. A identidade emerge como única, como expressão (MENEZES, 2007, p. 6).

A fim de integrar arte e identidade numa proposta teórico-metodológica que nos desse suporte na facilitação de grupos, encontramos na Educação Biocêntrica um caminho do meio – entre a Psicologia Comunitária e a Biodança – por percebermos seu caráter pedagógico e terapêutico da arte-identidade.

A Educação Biocêntrica tem o princípio biocêntrico como paradigma para a sua construção e foi sistematizada no Ceará por Ruth Cavalcante. Seu principal objetivo é estimular os potenciais genéticos, estrutura biológica da identidade, para que o educando possa aprender a viver, conectando-se de forma profunda com a vida. A Biodança atua como mediadora desse inovador processo de ensino-aprendizagem.

Toro (1991) aponta que o principal objetivo dessa proposta pedagógica também é a conexão com a vida e a metodologia utilizada para tanto é a vivência. Desse

modo, estimula-se não somente a aprendizagem cognitiva, mas principalmente a aprendizagem emocional através do desenvolvimento da inteligência afetiva. Segundo o referido autor e criador desse conceito, todas as formas de inteligência (motora, espacial, mecânica, semântica, social, entre outras) têm a afetividade como fonte comum.

A base biológica da afetividade está no instinto de cuidado e proteção (solidariedade interespecífica), envolvendo a capacidade de identificação com o outro, os impulsos gregários, as tendências altruísticas e os ritos socializantes (TORO, 2002). Utilizar o conceito de inteligência afetiva na educação coloca o processo pedagógico como um espaço para o fortalecimento dos vínculos, como uma porta para o despertar da afetividade entre os educadores e educandos, facilitando assim a construção de uma consciência ética.

A base de toda construção ética, cujo campo é a prática, se baseia nesta pressuposição: a ética surge quando o outro emerge diante de nós. [...] O outro é determinante. Sem passar pelo outro (que pode ser eu mesmo), toda ética é antiética.[...] Sem cuidado, a vida não sobrevive. Tudo o que fazemos vem acompanhado de cuidado, pois sem ele erramos, ofendemos e destruimos. A maior força que se opõe à entropia é o cuidado, pois ele permite que as coisas e as vidas durem mais tempo. O cuidado é uma relação amorosa para com a realidade; anula as desconfianças e confere sossego e paz a quem o recebe. Onde há cuidado, não há violência. E tudo o que amamos, também cuidamos. A ética do cuidado se orienta na defesa da vida e das relações solidárias e pacíficas entre os seres humanos e com os demais seres da natureza. (BOFF, 2002, p.3).

Na história das ciências, e da Psicologia de um modo mais específico, a consideração dos afetos sempre foi negligenciada. A afetividade foi considerada inimiga da razão, sendo desta separada e cristalizada numa concepção dualista do ser humano.

Fomos habituados ao longo dos últimos séculos, com a expansão das ciências, da tecnologia e da revolução industrial, a pensar, organizar, viver e a incorporar um pensamento mecanicista, um pensamento que se desenvolveu a partir da dissociação entre corpo e alma, entre conhecimento e sentimento, entre conhecimento racional e o conhecimento vivencial (VECCHIA, 2005, p.7).

Toro (2002) concebe os conceitos de vivência, emoção e sentimento como diferentes, porém integrados. Nesse sentido, entende por vivência a sensação intensa de viver o “aqui e agora”, aliada a um forte componente sinestésico, caracterizando-se como experiência passageira. Já a emoção seria uma resposta física e psicológica de

profundo envolvimento corporal representado pelos impulsos internos à ação, tendo uma orientação centrífuga uma acentuada expressividade e uma forte influência sobre o sistema neuro-vegetativo. O sentimento, por sua vez, é uma resposta mais elaborada nas confrontações das pessoas com o mundo. Os sentimentos são duradouros (memória), envolvem participação da consciência e têm um caráter simbólico.

Na facilitação pedagógica da Educação Biocêntrica, a Biodança possui um importante papel mediador através da evocação da música, do movimento, da emoção e do sentimento na grande dança da vida e do encontro humano. “Os exercícios de expressão dos sentimentos e da afetividade são alternados com outros de criatividade assim como outros mais ativos para o fortalecimento da identidade do educando” (CAVALCANTE, 2007, p.83). Além dos exercícios de Biodança, a Educação Biocêntrica se utiliza de outros instrumentos que atuam nessa direção. Vejamos um pouco mais sobre eles²⁷:

a) Círculo de cultura: através desse instrumento, o educador-facilitador constrói um espaço de interação da cultura popular, para a aquisição e a produção do conhecimento. Sua utilização valoriza o conhecimento popular, a cultura dos excluídos, o que pressupõe a existência de uma cultura dominante, que por sua vez determina valores e atitudes exteriores aos sentidos construídos pela história, prática e vida dos excluídos. Assim sendo, ele é o espaço da “ação cultural, através da qual se enfrenta, culturalmente, a cultura dominante” (FREIRE, 1982, p.54). Enfim, é uma proposta pedagógica que busca devolver a potência, a força criadora de participação, expressão, comunicação e emancipação aos educandos. A forma original desenvolvida por Paulo Freire acontece da seguinte maneira: é construído um círculo com palavras geradoras oriundas do próprio grupo de forma escrita (em tarjetas) e verbal, fazendo-se uma síntese ao final. Cavalcante (2008) aponta também variações as quais possibilitam que, além das palavras possam ser utilizadas frases, colagens ou objetos. Os encontros temáticos constituem outra variação, através da qual a facilitadora apresenta verbalmente as palavras geradoras para serem discutidas em dupla, trio, quádruplo, quádruplo até ocorrer a síntese.

b) Exibição de vídeos: visando ampliar as possibilidades de recursos para a construção do conhecimento, os vídeos são uma estratégia pedagógica

²⁷ Iremos nos deter somente nos instrumentos de facilitação que utilizamos com o grupo de arte-identidade que subsidiou nossa pesquisa-facilitação.

interessante se aliados ao diálogo, por exemplo, através do círculo de cultura, e à síntese criativa, construindo uma peça que expresse o que foi aprendido acerca do tema discutido.

c) **Jogos:** uma estratégia de interação através do lúdico, da brincadeira. Promovem um ambiente de descontração, geram comunicação e aproximam as pessoas (YOZO, 1996).

d) **Leitura de textos:** gera informações mais específicas sobre um tema que se deseja aprofundar através do diálogo.

e) **Passeio ecológico:** segundo Andrade e Arraes (2007), o educador precisa realizar aulas-passeio com excursões a diversos locais, proporcionando aos alunos um contato com a riqueza da mãe natureza.

f) **Visualização criativa:** é uma técnica utilizada para criar aquilo que se deseja através da imaginação (GAWAIN, 1978). Dentre as múltiplas possibilidades de exercícios que propõem a visualização criativa, utilizamos a que o aluno em uma posição confortável é orientado pela facilitadora para imaginar-se interagindo com uma determinada situação.

Outros recursos também podem ser utilizados para facilitar a expressão autêntica da identidade a depender da familiaridade do facilitador com eles. Elegemos por excelência a arte, cujo vínculo desta com a identidade já foi estabelecido alhures, e percebemos ao longo do nosso trabalho a riqueza desta diante da especificidade do público com que estávamos trabalhando: os jovens do Bom Jardim.

3.3.2. Arte-identidade com jovens do Bom Jardim

O Grande Bom Jardim (GBJ) está localizado na quinta área administrativa do município de Fortaleza, a Secretaria Executiva Regional – SER V, e é uma das regiões mais populosas de Fortaleza. Está localizado a sudoeste da capital e conta com uma população estimada de 220 mil habitantes (RIBEIRO, 2008). Essa população está acomodada em pequenos domicílios, nos quais 45% dos entrevistados na pesquisa realizada pela Universidade Estadual do Ceará (Uece) afirmaram ter cinco ou mais pessoas morando em uma mesma residência. Além desses, 23,49% revelaram que dividiam o mesmo teto com quatro familiares (TÚLIO, 2008).

Dos dez bairros com menor renda per capita de chefes de família em Fortaleza, a Regional V entra com quatro bairros do Grande Bom Jardim: Canindezinho, Granja Lisboa, Granja Portugal e Siqueira. Segundo Ribeiro (2008), o GBJ é formado pelos

bairros citados mais as seguintes comunidades: Parque Santo Amaro, Jardim Jatobá, Parque Jary, Parque São João, Parque Nazaré, Jerusalém, Parque São Vicente, Nossa Senhora Aparecida, Belém, Santa Cecília, Valverde, Nova Canudos, Granja Lisboa e Palmares.

Dentro dessa realidade está inserida a população participante do nosso estudo: o jovem do Bom Jardim. As estatísticas da Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social (SSPDS) apontaram o Bom Jardim como um dos bairros mais violentos de Fortaleza, seguidos do Mondubim, Barra do Ceará, Parque Dois Irmãos, Praia do Futuro, Henrique Jorge e Antônio Bezerra. (RIBEIRO, 2007). Segundo pesquisa datada de outubro de 2008 realizada pelo Diário do Nordeste, o Bom Jardim aparece em 3º lugar em número de homicídios, ficando atrás de Messejana (2º) e Pajuçara (1º) (RIBEIRO, 2008).

Diante desses dados referentes à violência, a população jovem está inserida no perfil da maioria dos atos cometidos. Para o advogado e consultor em segurança, Laércio Macambira, é necessário haver um trabalho integrado de segurança social voltado para a juventude e a geração de emprego e renda, pois o perfil do jovem de risco é o de periferia, com idade entre 16 e 25 anos (MOURA, 2008).

Diante dessa afirmação, políticas públicas²⁸, ações integradas, projetos sociais e ONG's vêm sendo construídas no Grande Bom Jardim a fim de reduzir os impactos sociais da realidade na qual estão inseridos os jovens. Dentre elas gostaríamos de dar destaque à:

1. Raiz de Cidadania, vinculada à Fundação da Criança e da Família Cidadã (FUNCI), cujo objetivo geral é contribuir para o funcionamento de uma rede articulada de ações jurídico-psico-sociais junto às comunidades, visando integrá-las às políticas públicas para crianças, adolescentes e suas famílias.

2. Centro Cultural do Bom Jardim que possui uma infra-estrutura para o exercício do lazer e da arte, objetivando democratizar o acesso à cultura, gerar novos empregos e movimentar o mercado turístico cearense.

²⁸ As políticas públicas compreendem as decisões de governo em diversas áreas que influenciam a vida de um conjunto de cidadãos. São os atos que o governo faz ou deixa de fazer e os efeitos que tais ações ou a ausência destas provocam na sociedade. Apresentam as seguintes características: são uma forma de regulação ou intervenção na sociedade; articulam diferentes sujeitos com interesses e expectativas diversas; correspondem ao que os governos decidem fazer ou não; e se organizam a partir da explicitação e intermediação de interesses sociais organizados em torno dos recursos produzidos socialmente (ARRETSHE, 2002).

3. Programa Jovem Aprendiz, voltado para a melhor qualificação técnico-profissional de jovens estudantes na qualidade de aprendizes.

4. Circo Escola que visa implantar ações educativas e de socialização voltadas à arte do circo e do teatro para crianças e adolescentes em situação de risco na periferia de Fortaleza.

5. ProJovem Adolescente, vinculados aos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), onde são desenvolvidas atividades que estimulam a convivência familiar e comunitária, propiciam o desenvolvimento pessoal e social e capacitam o jovem para atuar como agente de transformação e desenvolvimento de sua comunidade, além de sensibilizá-lo e informá-lo sobre o mercado de trabalho.

6. Pronasci (Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania), no qual o Grande Bom Jardim foi a primeira área em Fortaleza a ser beneficiada pelos projetos aprovados trabalham basicamente a prevenção da violência e da criminalidade de jovens que estão na faixa de 15 a 29 anos (BRAGA, 2008).

7. Projeto Bomjart, composto por seis instituições e coordenado pela ONG Diaconia, tem o objetivo de desenvolver ações integradas e articuladas com as instituições locais e o poder público para a promoção e a garantia de direitos de crianças, adolescentes e jovens.

8. Programa identidades da juventude brasileira, coordenado pelo Centro de Defesa da Vida Herbert de Sousa (CDVHS), cujo objetivo geral é influenciar e formular as políticas públicas de juventude com enfoque em inserção no mercado de trabalho e prevenção da violência que afetam jovens negros e mulheres, mobilizando e potencializando investimentos governamentais e privados com gestão em redes interinstitucionais urbanas e metropolitanas da região Nordeste, particularmente do semi-árido.

9. Movimento de Saúde Mental Comunitária que será mais bem abordado no capítulo seguinte quando formos caracterizar o cenário do nosso estudo, mas evidenciaremos aqui as ações voltadas para os jovens: curso de informática, projeto jovem aprendiz e o cursinho CABJ (Centro de Aprendizagem do Bom Jardim) que prepara interessados em ingressar na universidade.

Citamos as atividades acima como um pequeno recorte daquelas instituições que estivemos mais vinculadas na nossa trajetória pelo Bom Jardim, além do desejo de reafirmar a positividade e a potencialidade que esta comunidade abriga. Ressaltamos que para se enxergar o “bom” do Bom Jardim é importante mergulharmos na trama

comunitária composta por seus dramas individuais e coletivos, pois muitas vezes a mídia veicula somente uma parte desta realidade. Tal constatação deu-se quando pesquisamos reportagens no último ano nos dois jornais mais lidos no município e nos deparamos com as seguintes manchetes: “E no bairro Bom Jardim, um jovem foi baleado durante briga de gangues na rua Gustavo Barroso, mas o disparo não chegou a ser fatal”; “Dois adolescentes presos por homicídios no Bom Jardim”, “Jovem é assassinado depois de uma discussão”, “Um adolescente de 17 anos foi assassinado, à tiros, dentro de uma academia, no bairro Bom Jardim”.

Tais frases nos mostram uma realidade acerca da juventude no Bom Jardim. Nossa inserção na comunidade nos permitiu perceber e contribuir com outra, atuando na transformação positiva desta(s) realidade(s) que está em constante movimento, assim como cada identidade que habita o cenário de nosso estudo.

Ao enfocarmos o movimento/metamorfose como aspecto característico da identidade, incluímos os indivíduos em qualquer período do desenvolvimento ontológico. No entanto, corriqueiramente ouvimos falar que na juventude essas transformações são mais intensas devido ao seu próprio conceito que está no imaginário popular. Vamos compreender um pouco mais esses conceitos a partir das considerações de Quapper (2001) e Bock (2000).

A concepção de juventude, muitas vezes, vem associada à faixa etária, uma visão desenvolvimentista que prevê determinadas condutas para esse período da vida. Pensá-la a partir da definição de idades, segundo Bourdieu (1990, *apud* QUAPPER, 2001, p. 61), é uma visão de cunho demográfico, que também está determinada por condições sociais e é derivada do uso de sociólogos e outros cientistas sociais.

O desenvolvimento biológico também está vinculado a ela, quando se define como uma etapa da vida (infância, idade adulta e velhice). Tal concepção baseia-se na naturalização dos fenômenos da adolescência ou da juventude como decorrentes do desenvolvimento do corpo, da puberdade. Aberastury e Knobel (1989) formularam o termo “Síndrome Normal” propondo uma sintomatologia para o período da adolescência e diluindo as fronteiras entre o normal e o patológico.

A juventude também vem associada a um período de crise, que se assemelha com a definição de identidade que aqui abordamos por esperar que deva acontecer tal fenômeno neste período de preparação. A resolução dos inúmeros conflitos, provindos da infância e do início da vida adulta, de acordo com Erikson (1968), deve garantir ao indivíduo alguma noção de si mesmo.

Ou ainda, a juventude é compreendida como um período de passagem, de preparação para a vida adulta, no qual o jovem já não é criança nem adulto, desvalorizando, inclusive, a criação de um projeto de vida futuro, segundo Bock (2000), pois na base deste planejamento está um sujeito que vai passar. Deste modo, este sujeito não pode assumir responsabilidades, nem é chamado a participar da construção social. Este momento da vida orienta-se para o futuro, forjando a concepção da juventude: geração do futuro, responsável pelo que virá. Esta noção, de acordo com Quapper (2001), define-a como reformadora da sociedade, atribuindo-lhe um caráter revolucionário, contestador e empreendedor.

Buscamos com esse estudo corroborar com o olhar histórico-cultural sobre a juventude, para que se possa compreender a importância do movimento dialético entre as relações sociais a partir das quais se constitui a subjetividade humana. Assim, as transformações biológicas vividas na juventude são carregadas de significados interpretados e construídos socialmente, a partir dos quais o jovem se referencia para construir sua identidade, convertendo o social em individual.

Para Vigostki (1984), as circunstâncias primárias, ou seja, a hereditariedade, e as condições secundárias, representadas pelo meio externo e pela experiência adquirida, dão subsídio para o desenvolvimento das condições terciárias, ou seja, a capacidade de reflexão e de autoformação. A idade de transição é o momento de formação das relações que possibilitam o surgimento da reflexão, pela passagem dos processos externos para os internos. Desta forma, é possível surgir um movimento acabado e racional a partir de uma sucessão de estados psíquicos invisíveis (DIOGO, 2005, p.42).

Vigotski (1984), a partir de uma análise dos estudos de Busemann (1925,1926 *apud* VIGOTSKI 1984), ressalta que muitos dos estudos sobre a juventude generalizam um tipo de comportamento referente a uma classe social, sem levar em conta o fato de que um ou outro grau de bem estar material fazem diferença no desenvolvimento da autoconsciência. De acordo com Quapper (2001), não é o mesmo ser um jovem rico ou um pobre, não é o mesmo ser uma mulher jovem e ser um homem jovem, e considerar tais aspectos significa compreender a complexidade da questão.

As considerações de Quapper (2001) levaram-nos a refletir a especificidade do jovem que estaríamos investigando, inserido num bairro percebido como gerador de poucas condições positivas para a juventude. No entanto, nos movemos também na

busca e na construção desses eco-fatores²⁹ positivos durante a pesquisa-facilitação por nós realizada. Acreditávamos, pois, que a arte-identidade atuaria de forma positiva no cenário do Bom Jardim, que será melhor apresentado na introdução à metodologia desse estudo. Era esse o instrumento que tínhamos para promover o encontro entre identidades juvenis, sendo este “encontro” o mais rico dos instrumentos.

Uma identidade
encontrando-se com outra identidade
em movimento...
Movimento de identidades.

Encontros, sem os quais
não há identidade.
Eterno movimento:
ir – e – vir ...

Sou e já não sou!

Eu sou, sendo diante de ti;
Tu és, sendo diante de mim...
Nesse encontro acontecemos:
viramos nós, eu, tu, eles, outros...

Somos e não somos
quando nos perdemos e
nos encontramos frente a frente.

Somos tudo e só isso:
algo mais do que se vê
e tudo aquilo que vemos...

Parte de mim está em você
e em mim, habita parte de ti...

Somos partes que se mostram,
se misturam, se criam e emergem:
Somos todo e somos arte!
(Geísa Sombra)

Mãos à obra! Vejamos como se deu nossa pesquisa-facilitação.

4. MÃOS À OBRA

Para pisar no palco, escrever uma música ou poema, pintar um quadro ou apresentar uma coreografia, além de inspiração, é necessário eger que passos serão tomados no processo de criação artística. O mesmo ocorre com a pesquisa, no entanto,

²⁹ Nosso desenvolvimento se dá à medida que nossas potencialidades genéticas encontram, no ambiente, situações que favoreçam a sua expressão, ou seja, eco-fatores (fatores ecológicos, ambientais) positivos. Os eco-fatores negativos, por sua vez, inibem a expressão dos potenciais genéticos (TORO, 1991).

com esta esses passos não podem ser escolhidos aleatoriamente, tendo em vista a necessidade do cumprimento de normas requeridas para a construção de um método investigativo que irá orientar o trabalho planejado.

A escolha de procedimentos sistemáticos para a descrição e explicação de fenômenos, que caracteriza o método em pesquisa, não deve, portanto, apagar o brilho desta criação. Compreendemos o método como a iluminação do espetáculo criativo. Se os refletores forem bem posicionados e colocados em ângulos específicos, a apresentação ganhará mais visibilidade, mostrando toda a cor e a beleza da obra de arte.

Este é o momento da criação em que desenhamos o percurso metodológico tracejado na busca de colorir o objetivo de compreender a relação entre a facilitação terapêutico-pedagógica da arte-identidade e o movimento da identidade pessoal de jovens participantes do MSMCBJ.

Para alcançar o nosso intento, além da prosa, da música e da poesia, utilizamos o rigor metodológico para que tais linhas pudessem ser apreciadas tanto pelos artistas como pela comunidade científica e acadêmica.

O primeiro assunto que iremos abordar neste capítulo é a contextualização no nosso cenário de pesquisa-facilitação, apresentando o Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim. Em seguida, apresentaremos na seqüência os co-criadores, o método utilizado, a lente de análise e os artefatos para coleta de dados. Finalizamos esse capítulo explicitando os procedimentos de coleta e de análise dos dados utilizados na nossa caminhada artístico-metodológica.

4.1. O CENÁRIO³⁰

O Grande Bom Jardim é uma região de Fortaleza que teve o seu cenário modificado

³⁰Nesse tópico abordaremos a história do Bom Jardim a partir da visão do MSMCBJ, ao qual essa pesquisa foi vinculada. Assim, acreditamos ser relevante ressaltar o olhar desta instituição para o lócus de atuação a fim de compreendermos como ela atua na comunidade. Desse modo, as informações contidas nesse tópico foram retiradas do site: www.msmbj.net Acesso em 21 Jun 2007.

com a chegada de missionários combonianos³¹ em 1987, momento em que chegou também uma visão diferente de atuação da Igreja Católica. Em conjunto com religiosas e não-religiosos do bairro, missionários assumiram os trabalhos da Igreja Católica, com um estilo de presença e prática libertadoras, a fim de fortalecer a organização popular.

Assim, nasceu a Área Pastoral do Bom Jardim, um conjunto de Comunidades Eclesiais de Base interligadas por uma caminhada comum. O desafio de fazer do Bom Jardim um espaço de luta, onde toda formação humana fosse respeitada, desde seus aspectos psíquicos, eclesiais e sociais, passou a ser de todos.

A Igreja passou a estar mais presente no cotidiano das comunidades, compartilhando dificuldades e dialogando sobre os desafios vividos no bairro. Aos poucos, foram-se concretizando as lutas sociais por melhores estruturas e condições de vida: luta pela terra, por água, por uma avenida em condições de tráfego para automóveis e para pedestres, por escola de qualidade, entre muitas outras necessidades.

Com o passar dos anos, através do processo de conscientização, os moradores fortaleceram a percepção acerca da importância de se assumirem como sujeitos transformadores e construtores de sua história, respeitando as idéias e os valores de cada um.

Atualmente, muitas são as formas de organização e resistência encontradas pela comunidade, refletidas na criação de organizações não-governamentais (ONG's) como o Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS), o Núcleo de Educação Popular Pé no Chão e o Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim (MSMCBJ), que representam uma nova fase na história das comunidades, num processo longo de conquista de direitos e autonomia.

Como parte da caminhada dos missionários combonianos no Bom Jardim, através do padre Renato Lanfranchi, em 1996, iniciou-se um trabalho para criação de espaços de escuta e de acompanhamento terapêutico para famílias em situação de risco, as quais viviam em estado de vulnerabilidade social. Marcados pela opressão, grande parte dos moradores conviviam com a falta de recursos básicos, baixo desenvolvimento escolar, desemprego, falta de perspectivas e baixa auto-estima.

³¹ Esse termo faz referência ao padre Daniel Comboni (1831-1881), canonizado pelo Papa João Paulo II no dia 5 de outubro de 2003 na Basílica de São Pedro, em Roma. Comboni lutou para tornar a Igreja Católica consciente da sua abertura estrutural ao mundo e às culturas, chamando atenção para a possibilidade de esta construir-se sem fronteiras. Sua missão religiosa estendeu-se da África Central ao Brasil em prol dos excluídos, juntamente com outros missionários denominados “combonianos”.

Esta foi a base sobre a qual se organizou um grupo de voluntários, composto por lideranças das CEB's (Comunidades Eclesiais de Base). O primeiro passo foi preparar profissionais para o atendimento à comunidade e, em parceria com a Universidade Federal do Ceará (UFC), com a supervisão técnica do professor Adalberto Barreto – criador da terapia comunitária – formou-se um grupo de terapeutas comunitários.

Dando continuidade e aprofundamento aos espaços de escuta, em março de 1998, sentiram a necessidade de se organizarem numa ONG e assim foi fundado o Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim (MSMCBJ). O desafio desse grupo deu-se através de ações concretas, buscando desenvolver com adultos, adolescentes e crianças, um trabalho que lhe proporcionasse saúde por meio de uma abordagem bio-psico-sócio-espiritual do homem.

O objetivo inicial foi favorecer o desenvolvimento, o aumento da consciência de si, o reconhecimento das potencialidades e da dignidade de cada um, tornando-os capazes de enfrentar as problemáticas advindas da situação de exclusão em que viviam. Assim, acreditavam os seus idealizadores que aconteceriam mudanças positivas para todos, de maneira que cada um se tornasse agente de transformação da realidade de opressão com as quais conviviam cotidianamente.

Ancorando essa caminhada, estiveram presentes alguns valores e crenças presentes no Movimento, a citar: acolher e aceitar as pessoas independente de sua condição social, raça, religião, sexo e idade; estimular a qualidade das relações pessoais, grupais, comunitárias, sociais e ecológicas; acreditar na diversidade das raízes culturais como princípio de fortalecimento da identidade para libertação e desenvolvimento do ser; vivenciar e alimentar uma espiritualidade amorosa na busca da integração e libertação pessoal e social; oferecer um espaço de escuta afetiva como instrumento terapêutico essencial para a promoção do dom da vida; participar do processo de desenvolvimento dos potenciais humanos numa visão de autonomia e co-responsabilidade para construção do projeto de vida; valorizar e reconhecer os talentos, estimulando as relações com transparência e afetividade como oportunidade de crescimento pessoal e profissional; acreditar numa relação de trabalho que estimule a superação dos conflitos, como uma forma de amadurecimento e crescimento; estimular o despertar de uma nova consciência que cultiva os valores essenciais de amor, paz e justiça; e por fim, acolher com alegria as parcerias que ajudam a potencializar as ações geradoras de vida.

Atualmente, muitas são as atividades desenvolvidas pelo MSMCBJ: grupos de terapia comunitária; grupos de auto-estima; atendimentos de massoterapia; atendimentos psicológicos individuais; trabalhos de acompanhamento de crianças e adolescentes, através do projeto Sim à Vida Não às Drogas; trabalhos de formação profissional na Casa de Aprendizagem Ezequiel Ramin; grupos de Biodança, resgate da relação e do trabalho com a terra, na horta comunitária; investimento na melhoria da qualidade da educação, com o apoio ao Centro de Aprendizagem do Bom Jardim, no qual se faz preparação para o vestibular.

De acordo com os seus participantes, o Movimento espelha-se no exemplo de Daniel Comboni que, em sua missão, colocou-se a serviço dos mais pobres, excluídos e marginalizados da sociedade, numa perspectiva de ampla transformação social. Para o padre Rino Bonvini, um dos seus fundadores, a maior alegria do carisma comboniano consiste em fazer causa comum com os excluídos, para juntos construirmos uma sociedade mais justa, mais fraterna e mais cristã.

A justificativa da escolha desse cenário deu-se por dois motivos: nossa prévia inserção nas atividades do Movimento, que garantiu o desdobramento de um processo de vinculação tanto com a comunidade, quanto com os funcionários da instituição, permitindo, assim, uma abertura para a realização da pesquisa. O segundo motivo foi a existência de um grupo de trabalho com arte-identidade³² realizado com a população jovem que participa dos cursos profissionalizantes oferecidos pela ONG. Tal pesquisa poderá, portanto, contribuir com a *práxis* do MSMCBJ.

4.2. OS CO-CRIADORES

O processo de criação desta pesquisa foi compartilhado com atores que compõem o cenário do Bom Jardim. Assim, para analisar o movimento da identidade de jovens participantes de um grupo de arte-identidade, foi necessária a criação de um grupo com essa proposta de facilitação.

O grupo foi formado por jovens na faixa etária de 16 a 20 anos que estavam interessados em participar dos trabalhos de auto-estima do MSMCBJ. A escolha da faixa etária deu-se em função de ser nessa idade que os jovens frequentemente procuram se inserir em algum curso ou atividade profissionalizante. De acordo com a

³² Essa facilitação em arte-identidade é um projeto de extensão cadastrado junto a Pró-Reitoria de Extensão da UFC, coordenado pelo Prof. Dr. Cezar Wagner de Lima Góis, que teve início em Agosto de 2007, cujas extensionistas são as mestradas Cândida Maria Farias Câmara e Geísa Sombra de Castro.

proposta de formação integral do MSMCBJ, além dos cursos de formação que são oferecidos, há um cuidado em oferecer aos jovens uma formação integral, visando o conhecimento cognitivo e o vivencial através dos grupos de auto-estima.

Aqui, cabe uma ressalva nossa explicitando que a nossa proposta focou a expressão da identidade. Em diálogo com os coordenadores da instituição, estes nos esclareceram que o termo “auto-estima” é visto na comunidade como o “mais popular”, sendo, portanto mais bem aceito pelos participantes do que outros, tais como Biodança, Psicologia Transpessoal, Arte-terapia ou Arte-identidade. Ou seja, o trabalho desenvolvido na perspectiva da auto-estima no MSMCBJ integra várias abordagens de facilitação de grupos, a depender do facilitador, o que faz com que alguns foquem mais no corpo, outros na arte, outros na dança, enfim. É válido ressaltarmos que a instituição tem se mostrado aberta e interessada na nossa metodologia de trabalho, bem como os jovens do grupo que facilitamos em 2007.2. Assim, dentro da instituição, a nossa pesquisa-facilitação esteve vinculada à coordenação dos grupos de auto-estima.

No grupo de arte-identidade, realizávamos dois momentos: um dialógico, no qual aconteciam encontros temáticos, círculo de cultura, leitura de textos ou relato de vivência (intimidade verbal); e outro vivencial com exercícios de Biodança, jogos, visualização criativa, passeio ecológico e experimentação artística individual e/ou coletiva. Aconteceram no total 14 (quatorze) encontros, os quais foram planejados semanalmente, na medida em que o processo grupal foi se dando.

Para a formação do grupo, entramos em contato com os jovens que participavam do curso de informática do MSMCBJ, visitando todas as turmas, apresentando nossa proposta e fazendo o convite; bem como convidando aqueles que já haviam participado do nosso trabalho realizado no ano de 2007.

4.3. O PALCO METODOLÓGICO

Adotarmos o método complexo nesta pesquisa justificou-se por percebermos o paradigma da complexidade tecendo e unindo as teorias com as quais estamos dialogando. Além disso, o fato de considerarmos tal obra como um ensaio, apontou-nos para a construção de um entre vários caminhos, da escolha de uma entre tantas possibilidades e da certeza de que verdade nenhuma totalizará a experiência humana.

... por equidistar entre a poesia e o tratado, o ensaio é também um método. Entre a *pinçada* e a palavra, o ensaio não é um caminho improvisado ou arbitrário, mas a estratégia de um demarche aberta, que não dissimula sua própria errância, mas que renuncia a captar a verdade fugaz de sua experiência (MORIN *et al.* 2003, p.19).

Assim, se compreendemos que a identidade humana não pode ser capturada, compreendida ou interpretada, nossa travessia foi perpassada não somente pela análise, mas também pela vivência, banhada de especificidade, incertezas, improviso, pluralidade e beleza. O nosso método foi o caminho e nesse caminhar a teoria e o método surgiram a partir da mais sublime experiência advinda de cada passo.

Aqui o nosso método se aproximou com o que Maturana (2001, p.81) denominou deriva: “um curso que se produz, momento a momento, nas interações do sistema e suas circunstâncias”. À deriva estávamos em campo, tal e qual o barco pode navegar no oceano, o que não quer dizer que tal escolha não trouxe consigo um modo de navegar, e esse modo foi por si a própria estratégia. Não houve, portanto, um programa a seguir e houve: fluido, flexível, mutável, em processo, interativo e aberto. “A seleção, entre tantos caminhos possíveis, não é arbitrária; do mesmo modo que a interpretação dialoga com as possibilidades, que vão sendo construídas na *história de interações recorrentes* do/a pesquisador/a” (ESTEBAN, 2003, p.133).

Quando nos propomos lançar mão desse método, estávamos correndo risco de alguns pesquisadores não nos considerarem cientistas, uma vez que tal denominação acadêmica traz consigo um ranço cartesiano demasiadamente forte. No entanto, a cada novo amanhecer os saberes se fundem por percebermos que tudo sempre esteve conectado e que fora fragmentado pelo Iluminismo com seus ideais de lógica, explicação, pragmatismo, empirismo, razão, objetividade, determinismo, mecanicismo, previsão, controle, entre outros.

O surgimento do novo paradigma contraponto a visão mecanicista da ciência deu-se na física moderna com Heisenberg (Princípio da Incerteza), Einstein (Teoria da Relatividade), Ilya Prigogine (Estruturas Dissipativas), a citar alguns. Esta nova compreensão da realidade trouxe repercussões não somente nas áreas das ciências exatas, mas também no campo das ciências humanas e sociais (MORAES, 1997).

Morin *et al.* (2003) nos apresentou sete princípios metodológicos oriundos desse novo paradigma: 1. princípio sistêmico organizacional (o todo é maior do que a somas das partes); 2. princípio hologramático (o todo está na parte); 3. princípio de retroatividade (autonomia organizacional do sistema: causa-efeito-causa); 4. princípio

de recursividade (auto-produção e auto-organização); 5. princípio de autonomia/dependência (sistema aberto que se nutre e se transforma); 6. princípio dialógico (ordem/desordem/organização); 7. princípio da reintrodução do sujeito cognoscente em todo conhecimento (o sujeito constrói o conhecimento).

“Na perspectiva complexa, a teoria não é nada sem o método, a teoria quase se confunde com ele, ou melhor, teoria e método são dois componentes indispensáveis do conhecimento complexo” (MORIN *et al.*, 2003, p.24). Assim, tais princípios orientaram-nos na construção da teoria e metodologia da arte-identidade, que se configurou como práxis: pesquisar-facilitando, facilitar-pesquisando através do compromisso social. Esteban (2003) nos lembrou também que a metodologia de pesquisa deveria estar interessada em processos que buscassem transformar a realidade.

Nesse movimento dialético e complexo de encontro com a realidade, o erro participou da construção e reconstrução da investigação, inclusive apresentando-se como possibilidade de superação e evolução. Morin *et al.* (2003, p.27) nos lembrou que: “é interessante enfatizar que o problema do erro transforma o problema da verdade, mas não destrói; não se nega a verdade, mas o caminho da verdade é uma busca sem fim”.

Gostaríamos de ressaltar algumas pesquisas recentemente realizadas e publicadas pela “Revista Psicologia & Sociedade” (volume 20, edição especial de 2008), que abordam práticas metodológicas diferentes de pesquisar no cotidiano que, em contrapartida, não perderam seu caráter científico.

Arendt (2008) apresentou a teoria desenvolvida por Latour (2006) chamada de ator-rede, que objetiva estudar os eventos possibilitando, acima de tudo, a criação de um espaço de expressão e o papel do pesquisador é descrever os fenômenos que acontecem sem precisar explicá-los. “Apenas descreva o estado de coisas ao seu alcance. Os próprios atores produzirão seus referenciais, suas teorias, seus contextos. ‘Apenas descreva’ [...] Se uma descrição precisar de uma explicação ela não será uma boa descrição. A teoria do ator-rede abre mão da explicação” (ARENDR, 2008, p.8). Assim, através de uma pesquisa pautada na experimentação e que gera a teoria a partir de uma prática criadora, a teoria ator-rede aponta significativos avanços metodológicos para a psicologia que poderão transcender a prática investigativa, indo além da ida a campo coletar dados como se eles estivessem ali, aguardando o pesquisador para serem coletados

No artigo de Moraes (2008), a autora resgatou as contribuições de Latour (2006) para os modos de pesquisar em psicologia, as quais são: 1. um olhar atento para

o campo, que é coletivo e dentro dele estão conectados atores humanos e não humanos; 2. levar em conta a performance (efeitos do encontros entre humanos e não humanos) e a intervenção (negociação coletiva); 3. os erros ou mal entendidos podem conduzir o pesquisador a caminhos promissores; 4. há um movimento de transformação recíproca entre pesquisador e pesquisado; 5. as conexões formam o corpo da pesquisa, que inicialmente não estava formado; 6. o conhecimento construído não pode ser generalizado; 7. o trabalho de campo se faz com o outro e não sobre o outro; 8. não há dicotomia entre sujeito e objeto; 9. há uma distância dessa proposta com os referenciais modernos de pesquisar em psicologia.

E por fim, gostaríamos de ressaltar também a contribuição dada por Spink (2008), que resgata no seu artigo a importância do pesquisador se inserir no cotidiano em micro lugares, como assim o chama, revelando a importância dos fragmentos na pesquisa social situada.

Dentro dessas novas práticas metodológicas no cotidiano de fazer pesquisa, lançamos o método facilitar-pesquisando como outra possibilidade nascida em solo cearense, contextualizada com a realidade social do Brasil e da América Latina.

Góis (2008a) criou o método facilitar-pesquisando a partir de seus estudos em Psicologia Comunitária, Biodança e Saúde Comunitária e baseou-se nos processos grupais dialógicos e vivenciais, os quais facilitam a comunicação, a interação social afetiva, o desenvolvimento humano, a mudança social, o cuidado ambiental e a construção de um conhecimento crítico sobre a realidade. Facilitar, segundo o autor, é o processo para conhecer e agir mediado pelo diálogo e o afeto. No entanto, aponta para a carência que muitas vezes os psicólogos têm sobre o impacto da sua atuação num determinado grupo, uma vez que o nosso produto é subjetivo. Para isso, surge a necessidade de vincular a pesquisa e a facilitação.

A pesquisa-facilitação difere tanto da pesquisa-ação, quanto da pesquisa-participante e, para que possamos compreender essas diferenças, faz-se necessário caracterizá-las primeiro.

A pesquisa-ação, segundo Tripp (2005, p. 447),

é uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática, e eu acrescentaria que as técnicas devem atender aos critérios comuns a outros tipos de pesquisa acadêmica (isto é, enfrentar a revisão pelos pares quanto a procedimentos, significância, originalidade, validade etc.).

Parte da exigência de solução para um problema que emerge num dado contexto, no qual o pesquisador intervém na busca de investigar e testar alternativas para solucionar o caso.

Tripp (2005) apresenta o ciclo básico que segue uma pesquisa-ação: 1. é criada uma ação para implantar a melhoria desejada; 2. os efeitos da ação são monitorados e descritos; 3. os resultados da ação são avaliados através da pesquisa; 4. há o planejamento de uma melhoria da prática. Percebemos, pois, que a pesquisa-ação surge de grupos organizados (como uma empresa, por exemplo), que buscam uma solução técnica vinda de um especialista que não está inserido no cotidiano do problema. Os instrumentos utilizados para esse tipo de pesquisa seguem ainda o modelo cartesiano.

Já a pesquisa-participante, a de acordo com Demo (1984), é iniciada numa realidade da comunidade e surge nos movimentos sociais, fruto de uma problemática existente e relevante para aqueles moradores envolvidos. Caso haja níveis de participação, organização e consciência suficientes, a própria população inicia o processo de pesquisa e pode até dispensar o agente externo (pesquisador). Todavia, ainda que seja sugerida pelo acadêmico, deve contar com o envolvimento da população. O autor enfatiza que tal participação pode variar em natureza e extensão, mas no caso ideal, a população participa do processo inteiro, desde a proposição até a intervenção. Gajardo (1984) propõe uma tipologia que esclarece os níveis distintos de participação:

1. Participação a partir da devolução de informações;
2. Participação a partir da coleta de dados;
3. Participação em todo o processo sobre um tema proposto pelo cientista;
4. Participação em todo o processo sobre um tema proposto pelo próprio grupo;
5. Participação na pesquisa através da ação educativa.

Assim, pesquisa-participante alia investigação científica, intervenção pedagógica, mobilização e organização comunitária na direção da melhoria das condições de vida e superação das desigualdades. Caracteriza-se como um processo dialético entre reflexão e ação, no qual o grupo pesquisador, à medida que percebe mais criticamente determinada situação de sua realidade, parte para uma atuação transformadora, que, ao mesmo tempo, também proporcionará novas reflexões e problematizações (RODRIGUES, 2007).

A pesquisa-facilitação aproxima-se da pesquisa-participante no tocante à busca em aliar a investigação científica com a intervenção pedagógica, no entanto não nasce dos movimentos sociais e, diferentemente da pesquisa-ação, não busca uma solução técnica para um determinado problema. Toma como ponto de partida a realidade local e seus problemas e se constitui como método participativo, dialógico, problematizador, reflexivo, vivencial e grupal.

A primeira experiência de utilização deste método se deu com a nossa pesquisa de mestrado e o próprio fazer desse estudo foi apontando os contornos do método facilitar-pesquisando. No entanto, partimos dessas características citadas no final do parágrafo anterior para viabilizar a prática tal desafio, por compreendermos que:

Atuar no contexto de vida da população pobre, vivendo e buscando conhecer criticamente de modo sistemático sua realidade por dentro, além de fortalecer e criar relações culturais, sociais, econômicas e psicológicas saudáveis, facilitando o esforço da organização popular e de sua luta contra a opressão e exploração, leva a um entendimento de que essas ações devem fazer parte do campo de atuação do profissional de saúde e de qualquer profissional que trabalhe na perspectiva da Saúde Comunitária como práxis de vida, libertação e cidadania (GÓIS, 2008a, p. 142)

Assim, quando unimos facilitação e pesquisa, não podemos fazê-lo de forma dissociada, do tipo: facilitar um grupo, aplicar um instrumento de coleta de dados e continuar o grupo e a pesquisa de forma separada. Quando atentamos para a importância de integrar as duas dimensões, a da pesquisa e da facilitação, percebemos que os instrumentos não podem diferir dos instrumentos de facilitação, uma vez que a pesquisa-facilitação busca acima de tudo atuar de forma positiva na transformação da realidade, enxergar em que direção essa(s) mudança(s) está(ão) se dando e promover novos processos no próprio ato de pesquisar. Ou seja, a fragmentação desse processo dar-se-ia se introduzíssemos no grupo um instrumento de coleta de dados completamente dissonante com tudo o que havíamos construído e vivido até então. Agindo assim, estaríamos testando de que modo a facilitação estaria gerando novos processos subjetivos naquele grupo.

Quando optamos por utilizar uma metodologia participativa, dialógica e vivencial como artefato para nosso estudo, percebemos que o próprio fazer científico já era em si um instrumento gerador de mudança. Em outras palavras, no momento em que estávamos discutindo as possíveis metamorfoses identitárias vividas pelos jovens do

grupo da arte-identidade, ali, naquele instante, esse movimento já estava se dando no próprio ato de pensar a si mesmo, de ouvir e perceber o outro, de contrastar a opinião do outro com a sua, de ousar expor o que sentiu, de parar para pensar sobre si mesmo a partir da sua vinculação consigo, com o outro, com a comunidade, com a natureza, enfim, se questionar como está sua relação com o entorno nas problematizações gestadas no grupo.

4.4. A LENTE

Optamos pelo uso da abordagem qualitativa nesse estudo em função do nosso objetivo, visto que tal método pode ser utilizado tanto em situações complexas, como em contextos bastante particulares (RICHARDSON, 1985). Compreendemos, portanto, que a identidade humana apresenta essas duas nuances: complexidade, por seu caráter biológico, social, cultural e histórico; e particularidade por ser uma dimensão individual do sujeito.

Obedecem as pesquisas qualitativas aos mesmos critérios científicos que cumprem as pesquisas quantitativas, a citar: confiabilidade e validade (RICHARDSON, 1985). A confiabilidade deve ser tanto externa, permitindo que outros pesquisadores cheguem aos mesmos resultados utilizando-se dos mesmos instrumentos de coleta de dados; quanto interna, possibilitando que as mesmas relações feitas entre os dados coletados e os conceitos possam ser efetuadas por outros pesquisadores. O mesmo ocorre com a validade. Esta, portanto, deve ser interna, permitindo exatidão dos dados e adequação nas conclusões, e externa garantindo a possibilidade de generalização das conclusões a contextos semelhantes.

Utilizamos também a análise de conteúdo no material produzido e gravado em dois círculos de cultura. A análise de conteúdo é uma técnica que busca realizar uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo, manifesto através do material coletado pelos discursos dos sujeitos participantes da pesquisa (RICHARDSON, 1999). Entre as possibilidades de sistematização da análise de conteúdo, a mais utilizada, rápida e eficaz, é a por temas ou análise temática, que utilizaremos nessa pesquisa. Segundo o autor, ela

... consiste em isolar temas de um texto e extrair as partes utilizáveis, de acordo com o problema pesquisado, para permitir sua comparação com outros textos escolhidos da mesma maneira. Geralmente,

escolhem-se dois tipos de tema: - principais e secundários (RICHARDSON, 1999, p.198).

A análise temática consiste em encontrar as unidades temáticas que tenham importância para o objetivo definido. De acordo com Bardin (1977), esta técnica é composta por fases: primeiramente a pré-análise, posteriormente a análise do material e em terceiro lugar o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Na pré-análise, o pesquisador realiza a escolha dos documentos e faz uma leitura superficial do material, atentando para quatro critérios: exaustividade, representatividade, homogeneidade e adequação. Na fase de análise do material, os dados são codificados, categorizados e quantificados. Ao final, são escolhidas as unidades de registro, as regras de numeração e a definição das categorias de análise.

4.5. OS ARTEFATOS

Elegemos 4 (quatro) instrumentos que facilitaram nosso olhar de pesquisadores sobre o processo vivido no grupo, os quais foram: questionário, círculo de cultura, círculo de encontro e relatos de vivência. A forma como utilizamo-nos desses recursos é que garantiu a fidedignidade dessa investigação. Vejamos como se deu isso.

4.5.1. Questionário

O questionário é um instrumento que nos permite obter informações de um grande número de pessoas, simultaneamente, nas mesmas situações de pergunta e num tempo relativamente curto. Segundo Richardson (1999) ele pode, dentro de uma dimensão qualitativa, com a exposição de perguntas abertas, permitir a penetração na singularidade das informações que se deseja obter, com apreensão daquilo que os sujeitos trazem em suas histórias de vida, como valores, percepções, sentimentos, pensamentos, comportamentos e lembranças. Nas perguntas abertas, o participante tem mais possibilidade de livre expressão, podendo revelar aspectos novos de suas opiniões e sentimentos, além de explicar significados na sua perspectiva.

Lançamos mão do questionário num momento anterior ao início do grupo, quando visitamos as salas dos cursos de informática convidando os jovens interessados em participar do grupo de arte-identidade. Nesse contato inicial, apresentamos nossa

proposta e entregamos um questionário que tinha o objetivo de sondar algumas características dos participantes (vide apêndice 1). Esse é um recurso bastante utilizado nos grupos de Biodança para iniciantes facilitados por alunos realizando o estágio supervisionado, uma das fases da formação do facilitador. Percebemos a importância desse instrumento que auxiliou tanto, pois pudemos conhecer características pessoais, história de vida, contexto familiar, como também auxiliou na pesquisa, pois estaremos utilizando trechos retirados desse instrumento para contextualizar determinados momentos da análise dos dados.

4.5.2. Círculo de cultura

Já contextualizamos o círculo de cultura quando apresentamos os recursos pedagógicos utilizados pela Educação Biocêntrica, no entanto teceremos ainda informações complementares.

O círculo de cultura faz parte do eixo metodológico que parte de uma educação como prática de libertação. Círculo quer dizer o modo como as pessoas estão sentadas fazendo a palavra “circular” por entre todas, estando cada uma em pé de igualdade para falar e ouvir atentamente. Cultura, porque todos ali têm um conhecimento e uma experiência de vida, fazem parte daquele lugar; pensam, agem, criam e têm algo a dizer para os outros, contribuindo para o conhecimento coletivo e a transformação da realidade (GÓIS, 2008a, p.188).

Paulo Freire (2005) questionou a forma como muitos educadores estavam conduzindo seus processos pedagógicos, utilizando o termo educação bancária ao referir-se à doação de conteúdos aos alunos, fazendo alusão aos depósitos bancários. Trouxe a perspectiva dialógica como facilitadora da construção de um conhecimento crítico, dialógico e nascido de problematizações coletivas entre educador e educando. Assim, o círculo de cultura é um espaço reflexivo, participativo, que favorece a conscientização e a discussão democrática pautadas nos princípios do diálogo. “O diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens [...] ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado” (FREIRE, 2005, p.94). Nele se dá o ato de criação de si mesmo, enquanto sujeito, e da realidade, a partir de ações gestadas ali.

Além das variações do círculo de cultura citadas no capítulo anterior por Cavalcante (2008), como a utilização de frases, colagens, objetos e os encontros

temáticos, Góis (2008a) cita as fotos, as gravuras e as rodas de conversa. Como utilizamos esse recurso como instrumento de coleta de dados, será apresentado nos capítulos seguintes, principalmente nos intitulados “2º ato: pactuando a pesquisa” e “4º ato: despedidas”. Por hora, vale ressaltar que a gravação dos círculos de cultura trouxe-nos os elementos de base para a conclusão da nossa investigação.

Os dois círculos de cultura que realizamos foram gravados, transcritos e codificados. Foi a partir dele que pudemos ilustrar as falas do movimento das personagens evidenciadas pelos jovens. A codificação se deu a partir da seguinte estrutura: CC__.P__.L__³³, pois percebemos que esta seria a maneira mais fácil de encontrar o discurso dos jovens no material transcrito recorrendo diretamente ao círculo de cultura (1º ou 2º), a página e a linha onde estava localizada a fala.

4.5.3. Círculo de encontro

Foi criado por Cezar Wagner de Lima Góis em 1982 a partir dos seus estudos sobre Paulo Freire, Carl Rogers e Rolando Toro. Segundo o autor, a definição de círculo de encontro é:

Um processo de grupo em que os participantes lidam com as condições sociopsicológicas do grupo e a transformação delas. Diz respeito às interações internas e externas do grupo e o modo de compreender e lidar com elas em suas dimensões política e sociopsicológica. Trabalha-se nele o diálogo libertador, o discurso reflexivo, a história e o drama coletivo e individual, a integração grupal, a circulação de idéias e informações, a desinibição, as angústias e o companheirismo, a expressão corporal, o apoio socioemocional, a expectativa de futuro e o cotidiano de cada um (GÓIS, 2008a, p.190)

Diferentemente do círculo de cultura, que tem um cunho pedagógico, o círculo de encontro traz consigo a dimensão afetiva e vivencial, no qual, a partir do encontro sensível entre os participantes em forma de círculo, torna-se possível a expressão e o vínculo. Durante a facilitação do grupo de arte-identidade, sempre buscávamos criar momentos de intimidade através de relatos das percepções dos jovens sobre o que estava sendo vivido dentro e fora do grupo. Em alguns momentos do relato da história do grupo, ousamos afirmar que aconteceram o que em Biodança se chama intimidade verbal. O leitor compreenderá do que falamos quando iniciar a leitura da análise dos

³³ Lê-se: Círculo de Cultura __, Página __, Linha ____.

dados. Por hora, gostaríamos de afirmar somente que o círculo de encontro auxiliou-nos de forma processual na coleta dos dados, pois realizávamos o registro dos relatos de vivência a cada encontro. Vamos conhecer agora este último instrumento por nós utilizado.

4.5.4. Relatos de vivência

Utilizamos esse termo para fazer referência às anotações semanais que realizamos durante o grupo de arte-identidade, as quais foram também base para a escrita dos capítulos que seguem.

O relato de vivência difere do diário de campo, mais conhecido no universo acadêmico. Segundo Montero (2006), o diário de campo se caracteriza por: conter anotações e descrições extensas e detalhadas; ser organizado de acordo com os temas a serem investigados; não poder a ser publicado como produto de uma investigação; combinar registro de fatos, suas análises e interpretações teóricas; e ser escrito ao final da jornada de investigação.

Criamos o termo relato de vivência a fim de ampliar sua dimensão, pois nele incluímos, além dos elementos acima citados, as falas individuais dos participantes nos momentos dos círculos de encontro e das rodas de conversa, suas produções artísticas e as fotos registradas semanalmente. Esse material foi de suma importância para acompanharmos o processo grupal, bem como ao final contarmos a história vivida. Foi através dos relatos de vivência que pudemos de fato facilitar-pesquisando, pois desde o primeiro contato com o grupo estávamos realizando o registro dos eventos mais marcantes acontecidos em cada encontro.

Ao final de cada encontro, realizávamos o registro da sessão, ressaltando as principais falas e percepções minhas e dos jovens. Esse material foi codificado utilizando o seguinte código: R.V__. P__.L__³⁴, explicitando qual o relato de vivência em que apareceu a fala (1 ao 13), qual a página e a linha.

A seguir contaremos nosso processo de facilitar-pesquisando, no qual o leitor poderá enxergar como se desenvolveu a metodologia de pesquisa no cotidiano vivido. Que inicie, então, o espetáculo!

³⁴ Lê-se Relato de Vivência __, Página __, Linhas __

5. 1º ATO: FORTALECENDO OS VÍNCULOS

Nesse capítulo, apresentaremos os dados iniciais da nossa pesquisa registrados nos relatos de vivência. Descreveremos, assim, o processo de facilitação vivido nos 6 (seis) primeiros encontros do grupo de arte-identidade, nos quais o movimento identitário do grupo vivenciava o início da construção de vínculos. Apresentaremos os jovens participantes desse estudo ao longo do texto com nomes fictícios, respeitando assim o sigilo. Apresentaremos também as personagens que emergiram e foram nomeadas de forma intuitiva, a fim de expressar algum aspecto mais relevante por nós observado ou por eles ressaltado.

Nas linhas que seguem, o leitor encontrará, respectivamente, o relato desses encontros com os seguintes títulos: abrindo as cortinas, pintando os sentimentos, colando os vínculos, terra para a mão carícia, conscientização com arte e ilha das flores.

5.1. ABRINDO AS CORTINAS

Era o primeiro encontro e estava o *grupo-ansioso*. O nosso coração estava acelerado, pois iríamos utilizar com um grupo desconhecido o método dialógico-vivencial, ousando não programar o encontro, mas, a partir das nossas sensações, sentimentos, impressões, leituras, conhecimento e experiência acumulada, iríamos construir a sessão no momento da facilitação. Estávamos, portanto, seguras de que o diálogo inicial com os participantes nos traria os elementos para a vivência biocêntrica e havíamos também preparado algumas estratégias de facilitação.

Os jovens foram chegando e alguns subgrupos foram se formando (*grupo-dividido*): Lia, Lívia, Wilson e Glória; Joyce, Fernanda e Pâmela. O único jovem que havia participado do grupo 2007.2 era o Ricardo, que não conhecia ninguém.

Alguns participantes cursavam informática na mesma turma, e outros em turmas diferentes, o que nos fez perceber que muitos dos jovens ali presentes pouco se conheciam, portanto seria importante, naquele momento, estimular a aproximação e a troca de idéias de uma maneira que os deixassem à vontade. Optamos, então, por realizar encontros temáticos³⁵ com as seguintes perguntas: “o que é auto-estima?” e “o

³⁵ Os encontros temáticos é uma das atividades propostas pela Educação Biocêntrica, a partir da qual “os participantes progressivamente se encontravam [...] e conversavam sobre as palavras [geradoras]. O

que eu gostaria que tivesse em um grupo de auto-estima?”. Para que os temas fossem discutidos, foi necessária a formação de subgrupos e, como o nosso objetivo era iniciar a construção dos vínculos e criar de um clima de segurança para o processo grupal desdobrar-se, optamos por diluir os subgrupos já existentes.

Convidamos, então, o grupo para caminhar pelo salão e colocamos a música “Doctor Jazz”, interpretada por “Trad Jazz Band”. A música, quando iniciada, causou um grande estranhamento nos jovens; alguns ficaram se entreolhando, alguns riam com a mão na boca, outros ficaram sérios. Ninguém se moveu, ninguém caminhou. O que acontecia ali? Seria o medo? A timidez? A música nova, diferente? Ficamos todos, participantes e facilitadoras, parados por um intervalo de tempo que transcendeu a prolepse musical.

Desligamos o som e pedimos para que caminhassem livremente, sem música. Quando todos se moveram, introduzimos o som. Os jovens que já se conheciam caminhavam próximos, assim quando paramos a música e os convidamos para formarem 5 (cinco) subgrupos de 4 (quatro) pessoas, eles ficaram unidos por afinidade e não aleatoriamente como o objetivo do exercício (*grupo-dividido*). Sentaram-se no chão em diferentes lugares do salão e a discussão sobre as perguntas geradoras propostas começou entre eles com certa dificuldade. Passeamos em cada subgrupo, problematizando alguns pontos a fim de movimentar o diálogo.

De acordo com Diógenes (2007, p. 208), as personagens *grupo-ansioso* e *grupo-dividido* são comuns no início, uma vez que este é um momento delicado, pois “a maioria das pessoas está tensa, ansiosa, confusa, com medo e cheia de expectativas”. Nesse primeiro contato com o grupo, complementa a autora, é muito importante para o facilitador dar o suporte necessário para que se inicie a formação da matriz grupal, através de uma “observação interativa” (DIÓGENES, 2007, p.209), referindo-se importância de o mesmo estar atendo às comunicações verbais e corporais.

Quando retornamos todos para a grande roda, fizemos uma apresentação geral antes de iniciarmos a discussão. Para facilitar esse momento de apresentação inicial, **Pâmela** sugeriu que cada participante, além do nome, dissesse algo que gostava de fazer, revelando-se como uma *participante-propositiva* diante de um grupo que estava

objetivo era dar oportunidade a todos de falar, descontrair e se fazer presente. Deflagra um sentimento de valorização em si, em saber que cada pessoa tem algo a contribuir” (ANDRADE; ARRAES, 2007, p.155).

se conhecendo. Assim foi feito e, para dinamizar a apresentação, sugerimos que, ao concluir a fala, cada jovem apontasse para outra pessoa fazer o mesmo.

Após essa fase, os subgrupos foram apresentar suas propostas, falando o que gostariam que tivesse no grupo e assim construímos nosso acordo de convivência³⁶. Convidamos um participante para escrever numa cartolina as frases que foram brotando da discussão e Lívia tomou a iniciativa. O fruto dessa discussão foi:

- Horário: 2:30 à 5:00 da tarde
- Avisar se for faltar
- Lanche no final do grupo
- Manter o sigilo
- Roupas leves
- Respeito
- Passeio
- Interagir
- Dinâmicas
- Relaxamento

Nesse momento foi interessante que tanto os participantes falaram o que queriam viver no grupo como também o que não queriam. **Lívia** revelou a personagem *participante-contestadora*, quando comentou que a música que colocamos para caminhar foi “*mó paia, aquela música não tinha nada a vê, tinha que ser uma mais leve, relaxante*” (RV1.P1.L43-44³⁷). Pedimos sugestões e o Wilson sugeriu “Créu” e forró. Alguns contestaram, dizendo que essas não seriam músicas de relaxamento. Então, utilizamos esse mote para iniciarmos a vivência biocêntrica: relaxar.

Sugerimos um pequeno intervalo e iniciamos a vivência com um momento de integração e canto coletivo, numa roda com as mãos na cintura, embalados pela música “como é grande o meu amor por você” que estava sendo cantada, com o auxílio do violão, no jardim do CAPS³⁸ pelos usuários da instituição e, como os espaços eram bem próximos, convivemos, naquela tarde, com mais de uma música no ar.

³⁶ O acordo de convivência, construído conjuntamente com o grupo, é uma espécie de contrato que expressa o que se deseja viver durante o processo grupal, o que inclui tanto a dimensão prática das atividades a serem realizadas, como a dimensão psicológica (sigilo, respeito).

³⁷ Lê-se Relato de Vivência 1, Página 1, Linhas 43 a 44.

³⁸ O CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) Comunitário do Bom jardim é uma instituição de referência no trabalho com saúde mental na Regional V de Fortaleza. Atua em regime de co-gestão com o Movimento de Saúde Mental Comunitária do bairro desde sua fundação. Além de ações em comum, as instituições compartilham o mesmo espaço para a realização de seus trabalhos.

Posteriormente, convidamos o grupo para um caminhar pela vida³⁹ com a música “Somewhere over the rainbow”, interpretada por “Ismael Kamakawiwo’ole” que foi bem aceita pelo grupo. No entanto, aos poucos, no meio da execução, cada um foi parando de caminhar, encostando-se nas cadeiras, sentando-se no batente da palhoça. Percebemos que se deixássemos a música tocar até o fim, encontraríamos o grupo completamente sentado e disperso pelo salão. Baixamos, então, o volume, convidando os que estavam sentados a ficarem em pé, e fizemos um segmentar de ombros (George Harisson – Ooh baby). Com muita dificuldade eles moviam os ombros, abriam os olhos, com pouca entrega e com receio de algum colega rir do outro. Em pares, com a mesma música, fizemos um segmentar de ombros em duplas, onde um ajudou o outro a experimentar um movimento mais ampliado. As duplas, **Wilson e Ricardo, Maria e Lívia** ficaram rindo, brincando (*participantes-brincalhões*). Chegamos perto deles, ajudamos, ficamos ali próximas, cuidando para não interferir no processo do restante do grupo.

Em um dado momento, todos do grupo, como numa mágica bela e encantadora estavam conectados com o exercício. Um pequeno e expressivo *flash*. E logo voltaram ao padrão de brincadeiras. As duplas **Suzane e Tião, José e Carlos** se permitiram viver aquele exercício, como *participantes-abertos*, respirando juntos, na melodia da canção, com boca aberta, numa profunda entrega para um primeiro momento.

Fomos para a posição geratriz de intimidade, com “Eric’s theme - Vangelis”. O grupo inteiro ficou de olhos fechados, sentindo a música numa harmonia uníssona. Aos poucos, a maioria foi se permitindo, se entregando. Pedro ficou emocionado e enxugou, discretamente, uma furtiva lágrima ao final do exercício.

Após o término, convidamos o grupo para ficar um pouco mais na posição de intimidade, com a mão no peito, se conectando com o sentimento de dar e receber. Solicitamos que focassem naquele sentimento que estivesse mais presente. Fizemos, assim, o exercício de dar e receber com a música “Le Moulin – Yann Tiersen”. Com as mãos ora abertas, ora fechadas, os jovens foram trocando o que teriam a dar ou o que gostariam de receber do grupo. Permaneceram em roda, pouco fluxo no centro; muitos ficaram parados no lugar, aguardando alguém chegar próximo.

Logo em seguida a esse momento, propomos ao grupo o exercício abraço fraternal com a música “A paz – Gilberto Gil” e, na metade da canção, introduzimos

³⁹ Todos os exercícios de Biodança que foram citados estão descritos no anexo 4. Aqueles que, por ventura, não estiverem descritos no anexo não são de Biodança e/ou o nome é auto-explicativo.

uma roda de ativação progressiva. Finalizamos a vivência com uma roda de despedida com “O princípio do prazer – Geraldo Azevedo”. Posteriormente, lanchamos e, durante esse momento, os jovens estiveram em harmonia, falando pouco e baixo.

Ao final do encontro, Suzane veio falar conosco. Comentou que não teria condições financeiras para ficar vindo toda sexta-feira (*jovem-desprovida-de-recursos-financeiros*), pois não tinha carteira de estudante, morava no Parque Santa Maria e seu pai era quem lhe custeava as passagens de ônibus com muita dificuldade para que ela não faltasse as aulas de informática. Sentimos seu genuíno interesse em participar regularmente do grupo (*participante-interessada*), o que foi confirmado quando perguntamos o que ela tinha achado da experiência: “Gostei muito... gostaria de ficar vindo” (RV1.P2.L76). Ao lermos seu questionário, sentimos que aquele grupo seria um bom espaço de crescimento pessoal por ter relatado que “*meu grande defeito é que eu mudo de humor constantemente [...] eu não queria ser assim, mas isso é mais forte do que eu*” (Q5.R1), revelando outra personagem: *jovem-que-muda-de-humor*.

Conversamos com a coordenadora dos cursos de informática e conseguimos uma ajuda de custo para Suzane frequentar o grupo de arte-identidade. Na semana seguinte, foi falar com a coordenadora e levou uma amiga para que se conseguisse ajuda de custo para as duas, o que não seria possível para a instituição. Fechou-se então a possibilidade de abrimos aquela exceção para 2 (duas) jovens. Perdemos todos aquela chance.

5.2. PINTANDO OS SENTIMENTOS

No encontro seguinte, realizado em 14 de Março de 2008, os participantes demoraram a chegar (*grupo-atrasado*). Havíamos combinado para as 14h30min, mas iniciamos às 14h45min com os 12 (doze) participantes presentes, diferentemente do encontro anterior em que participaram 8 (oito) jovens a mais. Perguntamos se eles tinham notícias de quem havia faltado, e a resposta foi “não”.

Iniciamos o diálogo sentados em roda e no chão, conversando sobre os comentários acontecidos durante a semana acerca do nosso encontro na semana anterior (o que acharam? quem gostou? quem não?). O grupo concluiu que aqueles que não estavam presentes não haviam gostado, ou seja, houve uma diminuição de quase a metade o número de participantes. Infelizmente quem não havia gostado não se fez

presente para transformar aquele espaço em algo diferente, que contemplasse os desejos de todo, afinal esse era um e nossos objetivos.

José chamou-nos a atenção: foi o primeiro a chegar (*participante-pontual*) e ficou sentado no batente da palhoça. Durante o diálogo, estava presente e atento a cada palavra nossa e dos colegas, e seu corpo fazia o desenho de uma tangente na roda, de modo que suas pernas ficaram para fora e seu corpo todo se virava para a lateral do grupo. Havia 3 (três) pessoas novas no grupo (Pedro, Roberto e Anderson) e repetimos a apresentação individual, dizendo o nome e o que cada um não gostava.

Roberto pela primeira vez participou do grupo. Sua presença deu uma nova alegria a partir de personagem: *jovem-moleque*, o que fez quebrar em muitos momentos o silêncio no grupo. Percebíamos, portanto, um risco de se depositar nele o papel de ser sempre quem se expressa e fala por quem está calado. Suas brincadeiras afetaram todos durante o diálogo e durante a hora da vivência.

Naquele encontro ficou evidente um fato que já nos incomodava desde o início da criação do grupo: a presença obrigatória de todos os jovens. A lista de frequência foi utilizada por nós como instrumento de acompanhamento da regularidade e de familiarização dos nomes dos participantes (vide apêndice 2). No entanto, quando a lista saía das nossas mãos e era entregue à coordenação dos cursos de informática, ela se transformava em um instrumento de garantia ou não do certificado de conclusão do curso de informática. Percebíamos o intuito da instituição em garantir uma formação integral (humana e técnica) para os jovens, mas avaliávamos também que havia uma limitação em “obrigar” a participação no grupo de arte-identidade. Se o certificado envolvia as duas dimensões da formação, como pedagogicamente poderíamos construir esse significado com os jovens? E se não fosse obrigatória a participação no grupo de arte-identidade, será que eles viriam? O nosso desafio foi construir juntamente com eles um sentido para estarem naquele grupo, com um sentido para sua vida, pois, diferentemente de outros grupos de crescimento pessoal, aqueles jovens não estavam ali por nenhuma demanda psicológica, o que facilitava e ao mesmo tempo dificultava nossa atuação.

O diálogo foi superficial nesse encontro, apesar de haver muitos cochichos a cada indagação nossa. Pâmela se referiu ao exercício de dar e receber, dizendo que este a havia marcado, mas soube expressar o porquê. Ela chegou cedo, ficou sentada no lado do bebedouro, esperando que suas amigas chegassem. Fomos para a roda e ela permaneceu lá. Quando indagada sobre o que não gostava na apresentação inicial,

comentou que gostava de tudo, nada lhe desagradava, numa postura de “tanto faz” (que personagem seria aquela que estava ali se revelando? No questionário de sondagem inicial do grupo, ela colocou a seguinte frase “*não tenho tudo que amo, mas amo tudo que tenho*”, Q1.R1).

Durante o diálogo, problematizamos o conceito de auto-estima e Anderson questionou “*como iríamos trabalhar a auto-estima*” (RV2.P4.L164). Apresentamos nossa proposta, discutimos o nosso olhar sobre a identidade e fizemos um rápido círculo de cultura com as frases por eles respondidas no questionário diante da indagação “que é auto-estima?”. Foram levadas as seguintes frases geradoras sem identificação:

“É um grupo de psicólogos que ajuda uma pessoa com vários problemas a compartilhar com outras pessoas e receber opiniões diferentes para conseguir vencer um dia e se sentir vitorioso para que para tudo se tenha uma solução e que nenhum problema há de nos destruir” (Q1.R4).

“Pra mim, auto-estima é estar sempre alegre, feliz com a vida e consigo mesma, porque pra fazer alguém feliz tem que estar feliz com a gente e com o nosso espírito” (Q4.R4).

“Eu acho que auto-estima é uma roda de amigos em que tem dança, conversas para que as pessoas não fiquem tristes, pois auto-estima é para as pessoas ficarem alegres” (Q2.R4).

“É a gente se sentir bem, estar feliz, satisfeita consigo mesma” (Q6.R4).

“Eu acho que é um grupo que se reúne para conversar uns com os outros e saber mais sobre a importância na vida deles” (Q11.R4).

“É onde várias pessoas se juntam, fazem um grupo e tem várias brincadeiras” (Q9.R4).

“É estar sempre alegre, de bem com a vida e com os outros” (Q3.R4).

“Eu não sei o que é auto-estima, mas eu gostaria de saber” (Q8.R4).

“É um grupo de pessoas reunidas que fazem várias atividades, como por exemplo: dança, conversas com o grupo. Hoje em dias as pessoas só trabalham e não tem seu tempo próprio e a auto-estima é isso, dá o seu tempo lhe ajudando a relaxar desse mundo cheio de violência, drogas e tudo de ruim” (Q5.R4).

“Para mim, auto-estima é abrir uma porta que se fecha e abrir superações. Conseguir sempre acreditar que sou capaz de obter meus sonhos” (Q7.R4).

Roberto e Anderson se posicionaram bastante nesse momento, refletindo sobre os conceitos e definições acima citados (*participante-problematizador*). Tião reafirmou o seu desejo, expresso também no questionário, de que no grupo houvesse mais interação.

Iniciamos a vivência, utilizando como tema gerador a construção da nossa identidade a partir das relações interpessoais. Propomos um caminhar rítmico em par (Boi da Lua – Papete), buscando cada participante entrar no ritmo do outro. Ao longo da

música trocamos os pares. Foi difícil a escolha inicial dos pares. As meninas fizeram logo pares entre si e os meninos ficaram sós, sem formarem pares (*grupo-dividido-por-gênero*). Propomos, então, uma reorganização dos pares, de modo que as duplas fossem compostas por um participante de cada gênero. Ninguém queria ficar com o Carlos nem ele buscou ninguém. Joyce iniciou com ele. As trocas entre os pares foram bem difíceis, a cada consigna os pares se desfaziam e demoravam um pouco para se refazerem.

Gostaríamos que ressaltar aqui as palavras de Lane (1984, p. 79) que afirma que “O grupo coeso, estruturado, é um grupo ideal, acabado, como se os indivíduos envolvidos estacionassem e os processos de interação pudessem se tornar circulares”. Tschiedel (1998), em consonância, afirma que tal pensamento produz demandas que omitem o aparecimento do novo, a existência de fluxos.

Sabendo disso, optamos por trabalhar a vinculação, a confiança e a entrega, convidando o grupo para o exercício caminhar confiando (The girl from Ipanema – Stan Getz & João Gilberto) e Fernanda ficou um pouco tonta, conduzida por Joyce que caminhava em círculos. Incluímos uma nova consigna, convidando todos os pares a se movimentarem em direções alternadas para que quem estivesse de olhos fechados não se sentisse tonto.

O exercício seguinte foi o segmentar de braços (Bilitis – Zamfir). **Roberto, Anderson e Tião** se permitiram fazer o exercício (*participantes-abertos*). Alguns ficavam abrindo os olhos, outros fizeram somente uma vez, ou nenhuma mesmo. Ao final, pedimos para todos abrirem os braços e abraçarem a si mesmos. Quando abriram os olhos, havia uma folha de papel aos pés de cada um e potes com tinta, água e pincel no centro da palhoça

A consigna foi pintar os sentimentos presentes naquele instante com cores e poucas formas. Glória, Lia, Pâmela, Roberto e Joyce se agruparam para dividir a tinta e a companhia, os demais ficaram a sós.

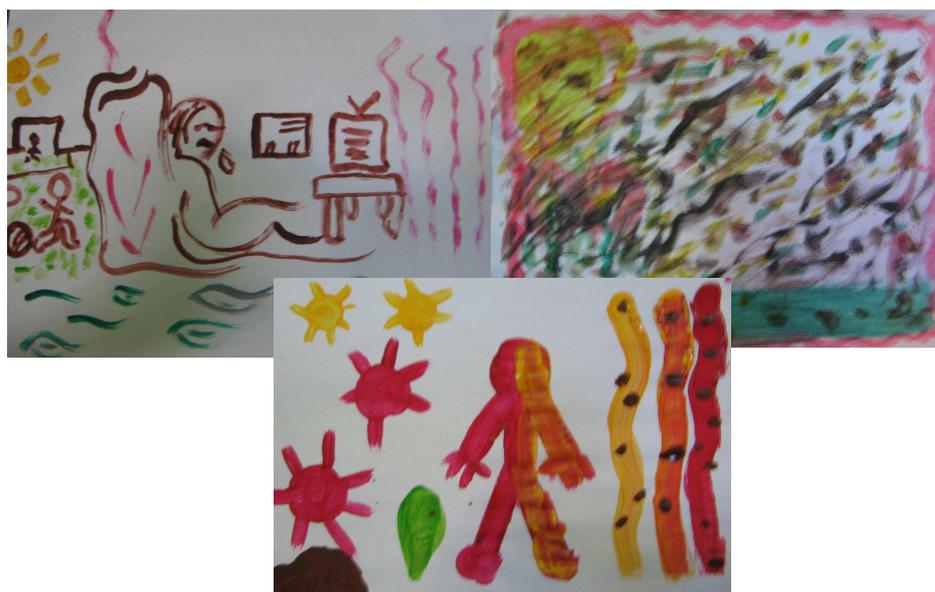


FIGURA 1: Pintura com tinta guache numa folha de papel A4

Para encerrar esse momento, fizemos um desfile onde cada participante caminhou atravessando um túnel segurando sua pintura na altura do peito (Dante's prayer – Loreena Mckennitt). Glória e Pedro chamaram-nos a atenção, pois ela passou quase correndo (*jovem-mais-tímida*) e ele com o desenho cobrindo o rosto. O tempo de duração do túnel foi pequeno, a música sequer chegou à metade. Percebemos o *grupo-com-medo-de-se-expor*. Todos foram rápidos. Ribeiro evidencia que:

Um grupo, no seu início, é apenas uma totalidade geográfica, carente de sentido especificamente terapêutico. Qualquer intervenção mais séria, profunda, nessa fase, carecerá de eficácia terapêutica. Será um gesto, uma técnica, mas provavelmente, não será um gesto transformador. Essa é eminentemente uma fase de escuta, de observação, de mapeamento (RIBEIRO, 1994 p.65).

Vários dias depois, pensamos e discutimos que naquele momento poderíamos ter repetido a passagem pelo túnel, dando as consignas do que havíamos sentido falta, pois, ao final dele, nós facilitadoras nos olhamos, sentindo que algo precisaria ser feito, mas no momento não soubemos o que e a oportunidade passou. Finalizamos o grupo com uma roda de celebração (Todo cambia – Mercedes Sosa).

5.3. COLANDO OS VÍNCULOS

O encontro foi lindo! Essa foi a frase que nós, facilitadoras, proferimos ao final do 3º encontro que aconteceu no dia 28 de Março de 2008. Surpreendentemente, dos 12 (doze) participantes presentes neste encontro, 10 (dez) eram do sexo masculino.

Ficamos muito felizes e surpresas com a presença do Rômulo no grupo. Ele chegou à palhoça no mesmo dia e horário do grupo de arte-identidade 2007.2 para saber se os encontros já haviam começado, pois ele se ausentou do MSMCBJ por algum

período e ficou desinformado acerca do retorno do grupo, mas, como tinha interesse em participar, veio para saber se estava acontecendo. Rômulo estava fazendo o curso de vendas e cursinho para o vestibular. Explicamos quem era aquela turma, porque havia mudado o grupo, mas nada o impedia de participar e de convidar os outros jovens do grupo anterior. Ele concordou em convidar aqueles com que tinha mais contato para estarem presentes na sexta-feira seguinte (Monera e Fabrício).

Iniciamos os trabalhos com uma roda de conversa. Apresentamos Rômulo e Helton se apresentou, pois era a primeira vez que os dois vinham ao grupo. Tentamos resgatar um pouco do encontro anterior e novamente pouco foi dito. Gilson apresentou uma expressão corporal de desinteresse sempre recorrente quando propúnhamos ao grupo alguma atividade que não lhe interessa (poderíamos caracterizar essa expressão corporal como sendo “bater de ombros”). Ele fez essa expressão em dois momentos distintos: no primeiro encontro, quando pedimos para cada um se apresentar, e no segundo, quando perguntamos o que acontecia no grupo.

O silêncio se fez e o nosso incômodo cresceu. O que eles estavam fazendo ali? Por que vinham ao grupo? Eram obrigados por causa do certificado? O que eles esperavam dali? Colocamos essas provocações para os participantes, afirmando que o que quer que acontecesse no grupo dependia de todos ali presentes. Lançamos a questão: “por que estavam vindo ali?” e solicitamos que um por um respondesse.

Estávamos começando a nos familiarizar com os participantes, conhecer o nome deles e alguns personagens característicos de cada um. Sentimos uma enorme diferença em relação a esse aspecto, comparando nossa atuação com o grupo 2007.2. Do grupo passado, só memorizamos o nome de 6 (seis) jovens, com alguma dificuldade em citá-los. Acreditamos que por ter sido quinzenal e a nossa convivência menos duradoura, o vínculo foi mais fragilmente construído entre eles e entre nós e eles. No 3º encontro deste novo grupo, podíamos fechar os olhos e visualizar o rosto e o nome de quase todos. Saber o nome dos jovens nos permitiu uma maior destreza na facilitação. Pudemos nos dirigir a cada um, preservando e cuidando da sua identidade na nossa relação, bem como convidando aqueles mais calados a expressarem sua opinião, evocando-lhe o nome e a importância de sua participação no grupo.

No momento de conversamos sobre o porquê deles estarem ali, solicitamos a contribuição de **Rômulo**, pedindo para iniciar e comentar o que eram aqueles encontros e porque estava ali. Ele falou: “*o grupo é um espaço para conhecer novas pessoas, poder se expressar... hoje em dia você não tem mais que saber só o conhecimento,*

precisa trabalhar você mesmo. Eu vim porque eu gostei do [grupo] ano passado e porque não tinha nada pra fazer” (RV3.P5.L240-243). Seu discurso evocou uma personagem que ressoava bem, **grupo-desocupado**. Para chegarmos até ela fomos um a um perguntando porque estavam ali.

Todos responderam que estavam ali porque “não tinham nada para fazer”. Lívia comentou que às vezes dava preguiça de vir e, mas quando não vinha, ficava em casa ociosa. Ali, naqueles jovens, havia a nossa chance de transformar um pouco essa realidade e inclusive de construir um sentido para participarem daquele grupo. O surgimento da personagem **grupo-desocupado** fez-nos compreender o macro-contexto em que estavam inseridos aqueles jovens, desprovidos de opções de esporte, entretenimento, cultura e lazer. Gusmão (2003) afirma que a compreensão da constituição dos sujeitos em diferentes grupos sociais em toda a sua dimensão e potencialidade, permite também concebê-lo como um sistema aberto, dinâmico, permeado por contradições e conflitos sociais em que os jovens que dele participam determinam e são determinados pelo processo onde estão inseridos.

De acordo com Lane e Freitas (1997, p.296), “a referência do indivíduo dentro de um sistema social dá-se mediatizada pela sua pertinência a um ou mais grupos, que têm importância fundamental na sua vida”. Portanto, observar, compreender, dialogar e conviver com os jovens somente naquele dia (sexta-feira) e horário (14h30min às 17h) permitia-nos acessar indiretamente os outros grupos sociais em que cada um estava inserido através de como eles se expressavam.

Optamos por investir na ludicidade, a fim de transformar o medo, as fantasias e a tensão advindos no início de todo processo grupal. Segundo Ribeiro (1994, p. 66), as necessidades nesse momento “são mais operativas, práticas, cuja principal finalidade é criar motivação, gerar a permissão para falar e produzir segurança”.

Assim, o nosso objetivo com este encontro foi que cada participante se apresentasse um pouco mais para o grupo, fortalecendo os vínculos e a identidade pessoal. Para isso, criamos um jogo interativo chamado de “Muito prazer!”. Ele contém 40 perguntas sobre a intimidade de cada um. Para jogá-lo, formam-se dois grupos, o representante de cada um vai ao centro, faz uma pergunta ao outro sobre sua intimidade, o outro responde com a ajuda da sua equipe e cada pergunta que o participante acerta, marca ponto. Investir na aproximação, na interação e na ludicidade, parecia-nos um bom caminho para esse momento.

Dividimos o grupo em duas equipes. Lia e Anderson se ofereceram para representar cada time e escolher o segundo componente de cada grupo, seguindo o critério de menor afinidade. Cada jovem que foi convidado a entrar foi escolhendo o próximo integrante, seguindo o mesmo critério. Com isso, misturamos os subgrupos já formados naquele grupo maior.

Então foram convidados a criar um nome e um grito de guerra, antes de explicamos como seria o jogo. Os “Desocupados” foi composto por Lailson, Wilson, Lívia, Anderson, Wills, Gilson e Helton; e o “Tornado” por Roberto (capitão Tornado), José (água), Lia (vento), Rômulo (coração), Pedro (terra) e Helton (fogo).

Ficamos facilitando o processo de criação do nome e do grito de guerra do grupo “Desocupados”, pois, por muito tempo, eles permaneceram em silêncio. O nome foi sugerido por Anderson e sua justificativa foi “*já que ninguém aqui faz nada mesmo!*” (RV3.P6.L264-265). Foi aceito por unanimidade. Lívia assumiu o papel de liderança naquele grupo tão calado, perguntando e mobilizando o grupo para aquela atividade. No silêncio, foi difícil o passo seguinte de escolher o grito de guerra. O outro grupo terminou e eles ainda ficaram decidindo. Até que, enfim, houve a criação.

Roberto assumiu a liderança do outro grupo. Sua personagem *jovem-moleque* deu um matiz de ludicidade a sua equipe. Tiramos uma foto de cada grupo e é visível como a postura de cada membro na foto parece revelar e identificar-se o nome do grupo.



FIGURA 2: Grupo: “Tornado”



FIGURA 3: Grupo: “Desocupados”

As respostas às 21 (vinte e uma) perguntas realizadas no jogo evidenciam o perfil do grupo, bem como algumas personagens. Observemos a seguir (RV3.P6-7.L274-322):

Wilson

P – *Qual série estou fazendo?*

R – *1º ano.*

P – *Eu toco algum instrumento?*

R – *Não.*

Lívia

P – *Qual estilo de música eu mais gosto?*

R – *Forró.*

Anderson

P – *Qual o maior mico que já paguei?*

R – *Eu tenho problema quando ando de ônibus porque fico tonto e tenho vontade de vomitar. O pior mico que já paguei foi vomitar nos pés do cobrador.*

Wills

P – *Qual a minha cor preferida?*

R – *Verde.*

P – *Eu gosto de fazer poesias?*

R – *Não.*

Gilson

P – *Qual a maior loucura que já cometi?*

R – *Eu tava numa festa muito, mas muito bebo, e fiquei com uma dona. No outro dia, quando estava bom e fui olhar pra ela, ela era muito feia!*

P – *Qual a minha comida preferida?*

R – *Pizza.*

Helton

P – *Para onde eu gostaria de viajar?*

R – *Fernando de Noronha.*

Roberto

P – *Qual a minha religião?*

R – *Eu não tenho religião.*

P – *O que me deixa triste?*

R – *Injustiça.*

José

P – *Eu gosto de cantar?*

R – *Sim. (jovem-artista)*

Lia

P – *O que me deixa alegre?*

R – *Conversar com minhas amigas.*

P – *Eu gosto de pintar?*

R – *Sim. (jovem-que-é-uma-eterna-criança)*

P – *Qual a melhor festa que já fui?*

R – *Show do Raça Negra.*

Rômulo

P – *Eu gosto de conversar?*

R – *Sim.*

Pedro

P – *Eu pratico algum esporte?*

R – *Sim, futebol.*

P – *Quem são meus melhores amigos?*

R – *Meus pais. (jovem-amigo-dos-pais)*

O jogo resgatou a espontaneidade dos participantes. Não sabemos se o objetivo de conhecer mais uns aos outros foi cumprido. O jogo aconteceu de forma muito rápida, pois, quando eles erravam a resposta, queriam logo passar para a próxima, sem nem ouvir a resposta certa. Talvez tal fato tenha se dado em função daquela emoção característica que jogar desperta. Como resgatar o que ficou de uma forma leve no próximo encontro? O que eles puderam realmente conhecer uns dos outros? Eram perguntas que, naquele dia, levávamos conosco para criar o encontro seguinte.

Os “Desocupados” venceram e anunciamos que a premiação seria entregue no final do encontro. Propomos o intervalo e fomos para a vivência. Iniciamos com a música “Ciranda de Lia – Lia de Itamaracá”, buscando que o grupo todo entrasse no mesmo ritmo, assim como quando realizávamos o jogo, nos movendo com o mesmo objetivo. Somente Roberto já havia dançado ciranda e nenhum jovem a conhecia. Falamos um pouco da origem da ciranda e contextualizamos a importância daquela dança. Dançamos para a direita e depois para a esquerda, quando Ulisses queixou-se que, por ser canhoto, ficava difícil para ele ir para a direita. No entanto, ainda assim foi difícil para ele entrar no ritmo do grupo.

Convidamos todos para um novo exercício: a dança de luta (Ofertório – Milton Nascimento), ressaltando a força que precisamos conhecer em nós mesmos e no outro para nos comunicarmos sem destruir o outro, nem nos destruímos. Demonstramos, inicialmente, com Lia e participamos da vivência para formar par com Roberto. No

meio da vivência, sentimos que havia muita dispersão, o grupo estava “brincando” e não regulando suas forças. Roberto estava de olhos fechados, conectado com a música e com a facilitadora. Baixamos a música e demonstramos novamente o exercício com o Roberto.

Percebemos neste encontro uma característica no **Roberto**: a entrega. Ele sabia entrar e sabia sair da vivência, mesmo brincando (antes ou depois), mas no momento do exercício, ele se permitia viver o convite (*participante-que-se-entrega*). Sentimos que seu jeito interferia de forma positiva, facilitando com que o grupo entrasse na brincadeira ou na vivência. Na ciranda, por ninguém nunca ter dançado nem ouvido a Ciranda de Lia, quando a música começou o grupo começou a rir e ele disse: “- *Que é isso pessoal? É massa!*” (RV3.P7.L350), então o grupo parou, ouviu, se mexeu e no final estavam todos dançando, brincando, suados, a vitalidade ali expressa no calor saindo do corpo. Convidar o Roberto para demonstrar a dança de luta mudou a energia do grupo.

No entanto, pudemos com esse exercício perceber outra característica do grupo: nos exercícios de regressão da identidade⁴⁰, principalmente os realizados de olhos fechados, havia uma maior entrega; enquanto que nos exercícios de consciência intensificada de si, que exigia que os olhos ficassem abertos, havia timidez, medo de se expor, um sentimento de se sentir observado e um movimento de observar o outro. A identidade do grupo pulsava entre as personagens *grupo-que-se-entrega* e *grupo-que-se-esconde*. Assim, na dança de luta, Roberto demonstrou de olhos fechados, mesmo convidando-o para abrir. As duplas Anderson e Gilson, Lívia e José realizaram o exercício também de olhos fechados. O grupo todo transitou entre abrir e fechar os olhos para ver o que os outros estavam fazendo, mas por alguns instantes de eternidade eles estiveram conectados com a música e o movimento.

Realizamos, posteriormente, a posição geratriz de valor (Conquiste of Paradise – Vangelis). Nos exercícios realizados individualmente, os jovens também se entregavam com mais intensidade. **Lívia, Anderson, José, Helton, Rômulo e Roberto** ficaram ali, de olhos fechados, realizando o movimento (*participante-que-se-entrega*). **Pedro** esteve muito emocionado (novamente surge a personagem *participante-emocionado*). Wilson sempre mantinha aberto os olhos em qualquer exercício de regressão.

⁴⁰ Ver o tópico intitulado 3.1. CARACTERÍSTICAS DA IDENTIDADE, quando falamos da pulsação da identidade.

Colocamos uma folha em branco na frente de cada um deles. Era o momento de cada um expressar através de uma colagem o que queria construir no mundo com a sua força. Na consigna, ressaltamos que a vida nos dá, a cada dia, uma folha em branco para criarmos nossa existência. Para isso precisávamos ter força e coragem para criar. Estava em nossas mãos.



FIGURA 4: Grupo realizando colagem

O grupo realizou a colagem em silêncio. Até mesmo quando concluíram, os jovens não se juntaram para conversar. Sentaram-se isolados, cada um conectado consigo mesmo. Em roda, propomos que cada um apresentasse sua colagem dizendo a seguinte frase: “eu sou _____ e com a minha força eu quero construir _____”. Lailson iniciou uma brincadeira, mas pontuamos a importância do respeito de cada um estar atento ao que o outro iria dizer e os discursos fluíram.

“Eu sou Anderson e eu quero construir a paz”.

“Eu sou Helton e eu quero construir uma grande empresa e ser empresário”.

“Eu sou Ulisses e eu quero construir um bom emprego, ser alguém na vida”.

“Eu sou Lailson e eu quero vencer na vida”.

“Eu sou Pedro Cesar e eu quero trabalhar e ajudar meus pais”.

“Eu sou Roberto e eu quero ser diferente”.

“Eu sou José e eu quero liberdade de expressão”.

“Eu sou Gilson e eu quero construir uma mansão” (RV.3.P8.L374-381).

Fizemos uma roda de ativação progressiva com a “Dança dos meninos – Milton Nascimento” ressaltando a força masculina que tem em cada um de nós e a destacando que aquele grupo era composto em sua maioria por meninos. Finalizamos com uma celebração através do encontro de duplas com palmas com a música “Trashin’ the camp” (Phill Collins). Sentimos muita alegria e descontração (*grupo-alegre-e-descontraído*). Gilson dançava entre uma palma e outra. Encontramo-nos, rimos, José

criou um jeito de bater palmas diferente. Foi emocionante. A premiação do jogo foi então entregue a todos pela coragem de estarem ali. As facilitadoras foram entregando chocolates num ato de valorização da presença de cada um. Finalizamos com o lanche.

Avaliamos que o processo grupal estava caminhando mediante contradições das personagens *grupo-que-se-entrega* e *grupo-que-se-esconde*, características de um início de caminhada de vinculação. No entanto, apostávamos na personagem que emergiu no final do encontro: *grupo-alegre-e-descontraído*. Essa era a chance de se formar a matriz grupal.

5.4. TERRA PARA A MÃO CARÍCIA

No 4º encontro, realizado no dia 05 de Abril de 2008, compareceram 10 (dez) jovens. Não sabíamos o que estava acontecendo com os participantes, mas a cada encontro ia ficando mais difícil formar uma matriz grupal por causa das faltas alternadas entre eles.

Dos participantes do encontro passado, só compareceram Roberto, Lia, José e Wilson. Além das faltas, em cada encontro sempre surgiam novos participantes o que caracterizava um desafio para o fortalecimento dos vínculos e das interações no grupo. Nesta data, mais dois novos jovens se fizeram presentes, Willian e Caio.

Desejávamos resgatar o encontro anterior a fim de aprofundar o que já conhecíamos um do outro a partir de uma dinâmica de escrever num papel fixado nas costas de cada participante aquilo que cada um conhece dele, mas o grupo nos parecia, a cada encontro iniciar do zero, sempre com novos rostos ou com participantes esporádicos.

Lembramos como foi forte no encontro anterior o discurso deles versando sobre o “não ter nada para fazer” e a dificuldade de romper a inércia, levando a que alguns muitas vezes optassem por estar em casa dormindo ou “fazendo nada” do que estar ali ou em qualquer outra atividade. Por conta disso, indagávamos sobre o melhor momento para realizar o 1º círculo de cultura, pois, para isso, seria interessante que o grupo estivesse minimamente vinculado e com uma matriz. Quando seria esse instante diante daquele processo grupal?

Nesse período estava chovendo bastante no Bom Jardim, o que deixava as ruas muito alagadas. E não somente as ruas: após uma chuva, parte da Casa de Aprendizagem do MSMCBJ também ficou, além do fato de a palhoça ter sido

reformada nesse período por causa das goteiras. Então, diante das condições climáticas, perguntávamo-nos qual o impacto das chuvas na casa de cada jovem? Ficavam alagadas? Tinham goteiras? Eles dormiam bem? Ficavam desabrigados? Qual o impacto da chuva na disposição para sair de casa? Questionamentos que tínhamos antes de iniciarmos as atividades com o grupo.

A cada encontro se evidenciava para nós, facilitadoras, como o método dialógico-vivencial era complexo e o planejamento se fazia no instante da facilitação de acordo com os elementos que o grupo nos evidenciava. Ao iniciarmos o grupo, percebemos que não seria possível utilizar a estratégia que estávamos pensando de resgatar o encontro anterior, descartando a possibilidade de realizar a dinâmica citada alhures. Optamos, então, pela ludicidade e entregamos as canetinhas que cada um iria utilizar para escrever as características do outro numa folha de papel anexada nas costas para brincarmos de “Escravos de Jó”.

Neste encontro, resgatamos esta brincadeira, buscando no grupo a construção de um mesmo ritmo a partir de um objetivo em comum: cantar a canção de 3 (três) diferentes formas, sentado no chão e em círculo, passando a caneta que cada participante tinha na mão para o colega sentado ao seu lado direito num mesmo ritmo. Esse momento foi muito descontraído, e o grupo todo ficou bastante envolvido. O interessante foi que, cada vez que não conseguíamos atingir o objetivo da brincadeira, alguém do grupo propunha alguma solução para modificar o contexto e assim alcançarmos nosso objetivo. Emergiram sugestões como: trocar de lugar (José, Lia); observar o ritmo de quem está do lado (Roberto); observar o ritmo do grupo; motivar o grupo com palavras de que teríamos sucesso (José); ir mais lento; caso desse algum erro, o grupo esperaria que fosse desfeito; enfim, uma boa discussão aconteceu durante o jogo. Quando conseguimos concluir o objetivo proposto inicialmente, celebramos todos juntos, rindo e batendo palmas. Discutimos sobre o que tínhamos vivido ali e foi perceptível que, após aquele momento, outro nível de vinculação estava sendo conquistado no grupo (*grupo-mais-vinculado*).

Segundo Lane (1984), o grupo só existe enquanto tal quando, ao se produzir algo, transformam-se as relações entre os sujeitos. A produção seria a própria ação grupal, que se dá pela participação de todos, seja em torno de uma tarefa, seja visando um objetivo comum. Seria processo de produção se organizar, assumir papéis, realizar tarefas, em outras palavras, seria se produzir como grupo.

Optamos, na vivência, por enfatizar o ritmo e o elemento terra, como possibilidade de focar a linha da vitalidade e ainda o fortalecimento dos vínculos entre os jovens. Iniciamos com um caminhar rítmico em par “Te ver – Skank”. Alguns disseram “- *De novo!*” (RV4.P9.L440), pois já havíamos sugerido exercícios de caminhar nos encontros anteriores, então fomos demonstrar diferentes jeitos de caminhar, incluindo o mais integrado.

Fomos, ao longo da música, pontuando algumas possibilidades para ampliar a variação de movimentos e a integração grupal e corporal: entrar no ritmo da música, olhar para os companheiros do grupo, ocupar os espaços vazios do salão, utilizar o sinergismo, alinhar a coluna, e o grupo foi integrando esses elementos na vivência. Ao final, perguntamos se havia sido diferente e muitos responderam que sim.

De fato, foi visivelmente diferente como eles caminharam nesse encontro do que no 1º e no 2º, dispersos e mecânicos. Ir mostrando algumas possibilidades para o grupo, a partir da nossa leitura do movimento dos participantes após a consigna, abriu novas descobertas de movimento em cada um. Percebemos Roberto e Willian com um caminhar sinérgico e potente, elementos que faltam em Glória, Lia e Pâmela. Nielma e Caio olhavam timidamente para os outros membros do grupo.

O exercício seguinte foi o caminhar rápido (Fame – Hot Lunch Jam). O grupo todo se envolveu e lançou muita vitalidade. **Pâmela, Lia e José**, em alguns momentos, expressaram cansaço através do desejo de sentar-se nas cadeiras, reduzindo o movimento corporal e caminhando em direção a elas (*participantes-com-pouca-vitalidade*). Nós os convidamos a entrar no exercício buscando a auto-regulação, caminhando mais devagar, de modo que eles se permitiram.

A dança de auto-regulação, que foi o exercício seguinte, exigiu um pouco mais de vitalidade dos jovens. Após a demonstração do exercício, eles se entreolharam, sorriram, baixaram a cabeça. Glória e Lia riram muito, e Dilma olhava para o chão. Colocamos a música, progressivamente cada um foi tirando os pés do chão, mais e mais e, de repente, todos pareciam voar do chão, pulavam, como se descobrissem quem era possível ir além, conhecer outras possibilidades de movimentos. Progressivamente, quando foram cansando, foram diminuindo o movimento, respirando, caminhando lentamente, no ritmo da música.

Sugerimos que entrassem em contato com a terra, deitando-se no chão, fechando os olhos, sentindo a pulsação do corpo, do coração e descansando, num exercício de respiração deitado (Cio da Terra – Milton Nascimento). Percebemos que o

grupo acolheu o convite de deitar no chão e se entregaram... Wilson intercalou algumas aberturas de olhos.

Acordamos progressivamente o grupo, pedindo que fossem movendo algumas partes do corpo, dando as mãos, espreguiçando-se juntos e dividindo o grupo em 2 (dois) subgrupos de 5 (cinco) pessoas. Em um grupo ficou: Alexandre, Lia, Glória, Wilson e Caio (grupo 1). No outro, Roberto, Nielma, Willian, Pâmela e José (grupo 2).

Nesse encontro, portanto, utilizamos a argila, pois:

Quando as pessoas se juntam para uma criação coletiva, estão se doando umas às outras, ao próprio universo. [...] Na criação coletiva não tem parte, ou seja, ninguém individualmente está preso a um determinado ponto. Nesse processo de indiferenciação cada um se perde no outro e no material de trabalho, vivendo um consentimento mútuo, ou melhor, uma cumplicidade universal que não pertence a eles próprios (GÓIS, 2005b, p. 55).

De fato, também apostávamos nas considerações de Menezes e Aguiar (1993, *apud* GÓIS, 1993, p.125) quando afirmaram que “a argila é um detonador das emoções e da verdade interna de cada ser que se deixa sensibilizar”. A arte era o nosso instrumento por excelência naquele grupo e estávamos utilizando-a a fim de potencializar a vinculação afetiva entre os participantes.

A consigna foi que cada grupo construísse uma obra de arte coletiva com água e argila, potencializando a capacidade de criação coletiva e possibilitando que cada jovem pudesse vivenciar a oportunidade de transcender a dimensão de vinculação consigo.

Os grupos iniciaram a vivência realizando trabalhos individuais. Nielma e Pâmela demoraram um pouco para sentirem-se a vontade para entrar em contato com a argila. Fomos pontuando que era um momento de criação coletiva e o processo do grupo 1 foi interessantíssimo! Eles começaram fazendo obras individuais, colocando o restante da argila no centro do grupo. Cada um foi pegando um pedaço, moldando, criando intimidade com a terra. Aos poucos, o restante da argila que ficou ao centro, foi utilizado como base para unir todas as obras individuais em uma só obra. Cada membro foi escolhendo um local para colocar a sua e foi firmando-a na base. Ficou uma obra bastante complexa e ao final do encontro, após o lanche, eles se reuniram ao redor dela para atribuir-lhe um sentido comum, atentos em cada detalhe.



FIGURA 5 : Grupo 1 realizando escultura coletiva com argila



FIGURA 6 : Grupo 2 realizando escultura coletiva com argila

O processo do grupo 2 foi um pouco mais demorado. Como Nielma, Caio e Pâmela estavam criando uma relação de intimidade com a argila, elas pegaram pedaços pequenos e foram brincando individualmente, enquanto Roberto e José tentavam criar algo juntos. Pontuamos que a criação seria coletiva e o processo do grupo não mudou. Roberto e José fizeram uma forma de um rosto com toda a argila e, aos poucos, Pâmela, Caio e Nielma foram se envolvendo, dando os últimos acabamentos. Ao final, fizemos uma roda das transformações, com os dois grupos divididos, dançando ao redor da criação. Aos poucos fomos convidando, um a um, a trocar de lugar com alguém do outro grupo para conhecer a obra do outro... Quando a música terminou, estavam os grupos invertidos.

Foi o momento de convidarmos para o exercício encontros de mãos e conexão com o olhar (Todo Cambia – Mercedes Sosa), finalizando com uma roda de ativação progressiva, quando a música foi progressivamente aumentando. Ao final, dançamos um samba cadenciado (Devagar, devagarinho – Martinho da Vila), em roda, só e em pares. Caio dançou de forma espontânea, expressando gostar desse estilo musical.



FIGURA 7: Obra em argila criado pelo Grupo 1



FIGURA 8: Obra em argila criado pelo Grupo 2

Tivemos o lanche e nesse momento sempre aconteciam conversas informais. Foi assim que ficamos sabendo que Willian fazia graffiti. Convidamo-nos para co-facilitar juntamente com a gente o encontro seguinte, apresentando o graffiti como uma forma de expressão artística. Escrevemos com ele uma lista de material necessário para a oficina. Ele nos ajudou a guardar o material utilizado pelo grupo àquela tarde, fomos na casa dele pegar um texto falando sobre a origem do graffiti e decidimos nos encontrar na sexta-feira seguinte às 14h para combinarmos alguns detalhes da facilitação. Caio participou deste momento e se propôs trazer uma revista. Pâmela também participou dessa conversa e ficou de levar um texto para lermos no próximo encontro.

Com esse convite, queríamos, aos poucos, descobrir personagens “artistas” no grupo, afirmando essa faceta da identidade e convidando-os para serem co-facilitadores, fazendo-os se apropriar cada vez mais do grupo, como um espaço de co-construção e crescimento.

A cada encontro, os jovens iam mais e mais “se mostrando”, se vinculando e construindo a identidade daquele grupo. Estávamos construindo com eles essa possibilidade de vínculo, de entrega e de abertura, acreditando que esses elementos seriam deflagradores de mudanças positivas em cada um. E a história do grupo continuava, enriquecida de novos detalhes que serão apresentados a seguir.

5.5. CONSCIENTIZAÇÃO COM ARTE

A proposta inicial para o 5º encontro do grupo foi a realização de uma oficina de graffiti. Durante a semana, tentamos entrar em contato com Willian para confirmar

sua co-facilitação, mas não conseguimos nos comunicar com ele. Pouco antes de iniciarmos o grupo, Gilson chegou justificando a ausência de Willian naquela tarde por motivos de saúde, fato que o levou a faltar.

O imprevisto nos fez novamente modificar naquele instante o planejamento do encontro. Havíamos decidido trabalhar a temática da dengue e o graffiti seria a possibilidade de dentro do tema sugerido, termos uma vivência artística; além do que a própria proposta de convidar Willian para co-facilitar o encontro conosco seria uma oportunidade para valorizar a arte presente naquele jovem daquele grupo, cujo desdobramento seria convidar outros jovens para terem uma experiência de co-facilitação conosco. A princípio, a estréia seria com Willian, mas não foi possível. Daí nossos planos mudaram de direção.

No encontro anterior, **Pâmela** nos falou da existência de um texto que ela conhecia e que seria bem interessante para trabalharmos no grupo. Ela se disponibilizou de trazê-lo e de fato trouxe, no entanto quando lhe sugerimos para trazer o texto em algum momento daquela tarde para as discussões do grupo, ela disse que não queria, mostrando-se uma *participante-tímida*. Respeitamos sua escolha e o guardamos para ser lido na sexta-feira seguinte, dentro de outro contexto.

Nesse encontro, realizado no dia 11 de abril de 2008 participaram 15 (quinze) jovens. Pela primeira vez, não havia nenhum novo participante a ser apresentado e todos os jovens ali presentes minimamente já se conheciam.

Como forma de contemplarmos a discussão sobre a dengue, exibimos dois vídeos sobre: o 1º mostrando cada fase de desenvolvimento do mosquito *aedes aegypti* desde a fecundação até a fase adulta; e o 2º foi um documentário falando dos sintomas da dengue e dos cuidados que cada um deveria ter para evitar a reprodução do mosquito.

Iniciamos um diálogo após o vídeo, aprofundando as seguintes questões: saúde, cidadania e ecologia. Todos os jovens presentes no grupo já haviam ouvido falar sobre a dengue através da mídia, no entanto somente 2 (dois) haviam discutido esse tema: Penélope (na escola) e Anderson (no ônibus). Ficou evidente que as informações estavam ao acesso de todos, mas o aprofundamento e a construção de um conhecimento compartilhado sobre a dengue entre os jovens ali presentes e os grupos sociais com que conviviam havia pouco espaço para acontecer. Talvez fosse por isso que, sempre que trazíamos algum tema para a discussão, havia um silêncio inicial difícil de ser rompido. Parecia-nos que faltavam espaços de diálogo no cotidiano dos jovens para que eles pudessem se pronunciar no mundo. Estávamos tentando criar esse espaço e com

algumas dificuldades sentíamos que estávamos conseguindo vencer o silêncio – neste encontro, porém, ficou bastante claro o reflexo da nossa proposta reluzindo no discurso de muitos que se colocaram na problematização. Durante o diálogo, Pâmela e Dilma não participaram da discussão, pois conversavam outro assunto entre si difícil de ser finalizado, mesmo após algumas intervenções das facilitadoras. **Lailson** também permaneceu calado (*participante-calado*) e Lívia dormiu durante uma parte da discussão.

Penélope trouxe muitas contribuições ao vídeo a partir das discussões que vivenciou em sala de aula. Percebemos no discurso dos participantes uma cultura que culpabilizava os governantes pelas questões sociais. O discurso de Penélope e de Ricardo trouxe essa dimensão quando afirmaram que a doença já havia sido erradicada, mas pelo fato de não ter sido feito um trabalho sério e profundo pelos políticos, a doença voltou. Anderson também enfocou essa perspectiva, quando falou que em frente a sua casa havia um buraco enorme que sempre consertavam, mas que nunca resolviam efetivamente o problema.

Esse foi o mote para discutirmos sobre cidadania e participação, tentando desmistificar a aparente não convergência entre o papel do Estado e do cidadão. Trouxemos também a questão ecológica como um ponto a ser focado no debate sobre a dengue e a saúde de uma forma geral. Havia na palhoça um grande painel produzido pelo CAPS contendo os materiais recicláveis e o período de decomposição de cada um deles. Utilizamos esse material para potencializar a discussão sobre o meio ambiente e o cuidado que devemos ter com o nosso planeta. Sugerimos um desafio: cada participante falar algo que pudesse fazer no seu dia para evitar a dengue.

Havia também na palhoça uma mesa com vários objetos que foram feitos com material reciclável. Como não havia acontecido a oficina de graffiti, utilizamos aqueles objetos para “fazer arte”, uma vez que também buscávamos através da arte-identidade resgatar a arte como elemento conscientização. Convidamos, então, os jovens a passearem pela mesa, observando cada objeto, e utilizarem como fomentadores da criatividade. Dividimos, então, o grupo em 3 (três) equipes, e cada uma teve como objetivo apresentar de forma lúdica e criativa algum aspecto da discussão que tivemos para o restante do grupo. No momento da apresentação das equipes, uma das facilitadoras assumiu o papel de apresentadora de um programa de televisão cujo auditório foi composto pelas outras equipes que aguardavam iniciar sua apresentação.

Grupo 1: Pâmela, Penélope, Helton, Lailson e Pedro.

Grupo 2: Anderson, Wills, Gilson, Lia e Lívia.

Grupo 3: Roberto, Ricardo, Glória, José e Dilma.

O grupo 1 teve muita dificuldade no seu processo. Somente Penélope parecia mobilizada em construir alguma proposta para apresentar para o grupo, enquanto os demais ficaram esperando o tempo passar. Optaram pelo fantoche e Pedro desenhou detalhadamente o mosquito da dengue num pedaço de cartolina. Na apresentação da equipe, **Pâmela** não participou (teria sido novamente a aparição da personagem *participante-tímida?*). Na apresentação, **Lailson** e **Helton** ficaram calados (*participantes-calados*) e Pedro assumiu o papel do mosquito da dengue e do médico. No entanto, ele não soube explicar como médico o que fazer para cuidar dos sintomas da dengue. Penélope, rapidamente pegou outro fantoche, assumiu o papel do médico e conduziu a apresentação da equipe até o final, iniciando com a seguinte frase: “*se depender de vocês todo mundo vai morrer de dengue*” (RV5.P12.L577-578).



FIGURA 9: Apresentação de fantoches do Grupo 1

O grupo 2 demorou pouco para definir o que propor e para preparar a sua apresentação. Escolheram um acróstico com a palavra dengue e apresentaram-no para o auditório.

Depende de nós.

Esforço de todos.

Nossa luta não pode parar.

Guerra contra a dengue.

União é a força.

Esperança é a última que morre!



FIGURA 10: Apresentação do acróstico do Grupo 2

O grupo 3 rapidamente definiu papéis, personagens e falas. Escolheram os fantoches e apresentaram a cena de dois garotos conversando sobre dois amigos que estavam com dengue: uma menina (Glória) e outro menino (José) com dengue hemorrágica. Ao final o presidente Lula, interpretado por Ricardo, apareceu e falou que iria acabar com a doença em todo o país.

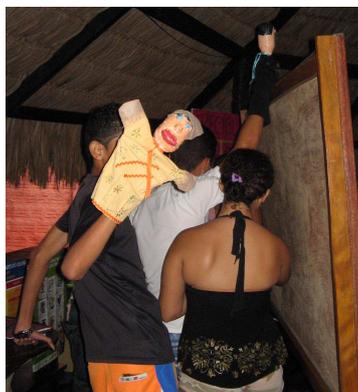


FIGURA 11: Apresentação de fantoches do Grupo 3

Esse encontro foi, então, finalizado com o lanche e um matiz de ludicidade esteve presente nos participantes nesse momento. O *grupo-ainda-mais-vinculado* conversava entre si, sorria e se despedia na promessa de um reencontro na sexta-feira seguinte. Percebemos que esta personagem foi potencializada pelo encontro anterior e evidenciada no momento do diálogo que realizamos após a apresentação de um vídeo

sobre a dengue, no qual muitos participaram na construção de um conhecimento acerca do tema sugerido.

... o psicólogo na comunidade trabalha fundamentalmente com a linguagem e representações, com relações grupais de vínculo essencial entre o indivíduo e a sociedade e com as emoções e afetos próprios da subjetividade, para exercer sua ação ao nível da consciência, da atividade e da identidade dos indivíduos que irão, algum dia, viver em verdadeira comunidade (LANE, 1996, p. 31).

Além da participação ativa dos jovens durante o círculo de cultura, utilizamos a arte como possibilidade de expressão e de síntese do conhecimento construído coletivamente. “Na arte, os processos criativos, podemos vivê-los, conectá-los dentro de uma ordem expressiva, num pulsar entre a origem e uma nova percepção diante da vida” (MENEZES, 2007, p.3). Nesse encontro, pudemos ver dentro da atividade criativa a construção de uma nova consciência acerca da realidade, emergindo novos matizes da identidade de cada jovem-ator ali presente.

5.6. ILHA DAS FLORES

No 6º encontro, realizado em 18 de abril de 2008, com a presença de 9 (nove) participantes, pudemos afirmar que o grupo havia, enfim, criado uma matriz, pois percebemos que os jovens participantes deste encontro, foram aqueles que estavam vindo com maior frequência do grupo semanalmente, com exceção de Suzane. Finalmente, o movimento da identidade do grupo ganhava uma nova personagem: a de *grupo-com-matriz*.

Tal personagem foi possível ser detectada pelo aparecimento de um clima mais descontraído, dos sorrisos mais espontâneos, da respiração mais solta e relaxada dos jovens, segundo as observações de Diógenes (2007). Nesse momento a identidade do grupo estava mais definida e os participantes que compareciam aos encontros eram os mesmos, com mais assiduidade. Como nos lembra Ribeiro, ao versar sobre a matriz grupal:

Um grupo, nos seus primeiros momentos, é apenas um campo geográfico sem significação, como um conjunto de pessoas numa sala. Após algumas horas ou dias, as pessoas começam a se conhecer, a se sentir, a ter afetos, e ele passa a ser um campo psicológico. Mais um pouco, surge a matriz grupal. As palavras e os gestos passam, então, a ter sentido e a gerar comportamentos e atitudes específicas.

Esse campo é agora um todo significativo, uma configuração total por si, onde o comportamento se torna previsível (RIBEIRO, 1994, p.64).

A partir daqui, os personagens de cada jovem já emergiam com mais fluidez, apresentando-se como momento oportuno para a realização do 1º círculo de cultura – a primeira coleta de dados da pesquisa.

Iniciamos, então, com a apresentação da **Suzane**, valorizando sua presença, uma vez que, pelo fato de ter participando somente do 1º encontro, ela ainda não havia construído vínculos com o grupo. Sua participação no grupo foi prejudicada devido às condições financeiras de sua casa, que dificultavam o seu deslocamento três vezes na semana para o MSMCBJ. Analisando suas personagens que emergiram no 1º encontro, podemos afirmar que a de *jovem-desprovida-de-recursos-financeiros* impediu a *participante-interessada* de vivenciar no grupo o seu desejo de transformar a personagem *jovem-que-muda-de-humor*.

Posteriormente, lemos o texto (anexo 1) que a Pâmela trouxe no encontro passado. A discussão foi demorada. Um dos trechos do texto falava que “veio uma onda e destruiu todo o castelo que as duas crianças haviam construído”. Perguntamos se já havia acontecido algo parecido na vida deles e muitos balançaram a cabeça num gesto afirmativo. Somente Ricardo se dispôs a falar o que havia pensado e relatou que na semana anterior preparou-se para apresentar um trabalho de Biologia, mas a professora faltou e ele teve que estudar novamente todo conteúdo, pois havia esquecido.

A partir desse relato, dialogamos sobre como estavam sendo realizados os trabalhos em grupo da escola a partir da seguinte pergunta geradora: “são mesmo de grupo esses trabalhos?” (Aprofundando a frase do texto que dizia “somente aquele que tem as mãos de alguém para segurar será capaz de sorrir”). O que percebemos foi que nem na escola os jovens tinham uma experiência de construir o conhecimento em grupo, como estávamos propondo a cada encontro nosso. Num trabalho de equipe, “*cada um faz a sua parte*” (Gilson, RV6.P13.L623-624), apresenta e o professor atribui uma nota individual pela apresentação de cada um. Percebemos, assim, que o que estávamos querendo propor com a Educação Biocêntrica era algo deveras inovador dentro das experiências pedagógicas que cada um já tinha vivido, pois eles pouco ou não vivenciavam situações de grupo e menos ainda aquelas que buscavam construir um conhecimento coletivo acerca da realidade. Nesse encontro, porém, a potência de cada jovem no grupo, através do discurso, foi revelada como em nenhum outro momento.

Exibimos o documentário “Ilha das Flores” e, posteriormente, realizamos um círculo de cultura. Entregamos canetinha e uma tarjeta de papel para os participantes e pedimos para que eles escrevessem uma palavra que expressasse o sentimento vivido ao assistir o vídeo.

Nossa inovação no círculo de cultura foi tê-lo transformado em um jogo – o que sempre trazia uma dinamização no processo grupal. Como no “jogo verdade ou desafio”, colocamos um pincel piloto no centro da roda e cada um, girava aleatoriamente. Quando o pincel parava, o participante que tinha a tampa virada para si fazia perguntas para quem estava no lado oposto da caneta. Foi sugerido que o foco das perguntas girasse em torno do filme e da palavra escrita na tarjeta. O restante do grupo estava autorizado a interagir com qualquer dupla que estivesse jogando, ou para perguntar ou para expressar sua opinião.

O objetivo de se criar um jogo foi dar alguma orientação às falas, principalmente no início do diálogo (quando os jovens ficavam mais calados), bem como garantir a palavra de todos. No meio daquela tarde, não foi mais preciso rodar o pincel, pois os jovens foram se colocando e apresentando sua palavra. Após o participante perguntar tudo o que quisesse sobre a palavra do outro, ele propunha um desafio para ser realizado no seu cotidiano.

Pela 1º vez, passamos o encontro como um todo somente no diálogo, que durou 1h45min – houve um atraso inicial que prejudicou a vivência artística no momento de instalação dos equipamentos de áudio e vídeo. Finalizamos com uma roda de comunicação com a música de Beth Carvalho e Mercedes Sosa (“Eu só peço a Deus”) e posteriormente, em roda, com as mãos na cintura, criamos uma poesia coletiva, com as palavras geradoras que nos tocaram naquela tarde. Cada um foi falando sua palavra quando sentia que era o momento e falaram 2,3,4,5 palavras cada um num fluxo único que permitiu a criação de um texto único, poético e com sentido.

As palavras escritas pelos jovens nas tarjetas que facilitaram o círculo de cultura foram:

Suzane: miséria e descaso.

Gil: tristeza.

Ricardo: oportunidade.

José: questões financeiras.

Helton: esperança.

Glória: desigualdade social.

Lia: pobreza.

Roberto: capitalismo.

6. 2º ATO: PACTUANDO A PESQUISA

Nesse capítulo, apresentaremos o processo vivido durante o 7º encontro, quando foi apresentada nossa pesquisa para o grupo de jovens a fim de pactuar e viabilizar a continuidade desta com a realização do 1º círculo de cultura para coleta de dados. Nas linhas que seguem, apresentaremos, respectivamente, os tópicos: apresentando a pesquisa e considerações sobre o instrumento de coleta de dados.

6.1. APRESENTANDO A PESQUISA

O 7º encontro foi escolhido para a realização do 1º círculo de cultura da pesquisa-facilitação da qual participaram 15 (quinze) jovens. Acontecido no dia 25 de abril de 2008, elegemos tal data pelos seguintes motivos: o grupo já havia formado uma matriz; os vínculos já haviam sido estabelecidos, minimamente, entre os participantes; e ainda haveria mais 7 (sete) encontros até o final, o que garantiria que a 1ª coleta de dados aconteceria no meio do processo grupal.

Iniciamos o encontro expondo que, além de facilitadoras, éramos também pesquisadoras e apresentamos as diretrizes do nosso estudo, afirmando que aquele grupo havia sido escolhido como população participante para a coleta de dados. O grupo acolheu timidamente a idéia, já que o fato de haver gravadores espalhados pela palhoça gerou um impacto significativo no início do encontro, mas, na medida em que a tarde foi acontecendo, o diálogo fluiu livremente, ou seja, evidenciando a personagem *grupo-aberto-a-pesquisa*.

É válido ressaltar que se o grupo não concordasse com a realização da pesquisa, teríamos que desprezar os dados construídos até então e buscar outro grupo. Caso isso acontecesse, talvez mudássemos a estratégia de formalizar a realização da pesquisa no meio do processo, apresentando-a desde o primeiro encontro com o novo grupo. No entanto, apostamos na vinculação como chave da facilitação que fluidamente nos levaria à pesquisa; em outras palavras, uma vez o grupo já conhecendo a nós e o nosso trabalho, sem os medos e as expectativas do 1º encontro, seria muito difícil não querer colaborar com o nosso trabalho de pesquisadoras, uma vez que a facilitadora ainda continuaria ali com eles, mesmo após a pesquisa.

Naquela tarde, após a explicação e o consentimento de participar da coleta de dados, entregamos o termo de compromisso (apêndice 3), lemos, esclarecemos as dúvidas e solicitamos que cada um assinasse, levasse para casa para os responsáveis assinarem, no caso dos jovens menores de 18 anos, e nos entregassem no encontro seguinte. Tais procedimentos foram-nos orientados quando recebemos o parecer de aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Ceará (anexo 5).

Para envolvermos o grupo num processo criativo e espontâneo, convidamos os jovens a se deitarem de forma confortável em colchonetes distribuídos pela palhoça e realizamos uma visualização criativa, na qual resgatamos os grupos sociais significativos com que conviveram desde a infância até chegar no grupo de arte-identidade.

Posteriormente, o grupo voltou a ficar sentado para iniciarmos o diálogo. A fim de contemplar os objetivos da pesquisa, elegemos 5 (cinco) temas geradores para a realização do círculo de cultura: “eu hoje”, “eu no grupo”, “nosso grupo”, “identidade” e “arte”. Assim, convidamos os jovens a escrever suas palavras geradoras sobre cada tema, apresentando-os um a um, e, a partir de suas palavras, montamos um grande painel que referenciou nossa problematização.



FIGURA 12: 1º círculo de cultura

A visualização criativa durou 15 minutos, tempo suficiente para o grupo regredir e alguns participantes dormirem (Roberto e Lívia). Foi lento o “retorno” do grupo para o início da construção das palavras geradoras que orientaram o círculo de cultura. Esse processo foi permeado de conversas paralelas, ou seja, entre uma consigna e outra, uma tarjeta e outra, os participantes trocaram conversas sobre outros assuntos que não o abordado para aquele instante. Tal fato evidencia também o reaparecimento

da personagem **grupo-ainda-mais-vinculado**, possibilitando trocas de brincadeiras e conversas informais.

Ao iniciarmos o diálogo, um primeiro elemento surgiu de Livia: “[...] *a gente não se conhece não.*” (CC1.P05.L179⁴¹), evidenciando pelo discurso desta jovem que o tempo que o grupo esteve convivendo foi insuficiente para que os participantes se conhecessem, caracterizando-se como **grupo-que-não-se-conhece**. Seu pensamento foi complementado pelo de **Roberto** ao afirmar: “*tem dia que a gente não sabe nem o que quer comer [...]*”(CC1.P05.L182), expressando quanto é difícil não somente conhecermos o outro como também a nós mesmos. Ao ser convidado por nós para aprofundar o seu pensamento, revelou a personagem **jovem-mutável**, ao complementar: “*Não, não é que é difícil. É fácil, o negócio é que é mutável. A gente vive em constante mudança, é sempre um aprendizado. Quando a gente pensa que se conhece a gente passa a gostar de uma coisa diferente. Passa a conhecer coisas diferentes. Por isso que a gente passa por um processo interminável de auto-conhecimento. Eu acho isso*” (CC1.P05.L185-188).

Roberto expressou dentro do seu discurso acerca da mudança vivida por cada indivíduo uma personagem **jovem-moleque** atual que ansiava por metamorfose: “[...] *mas um dia eu vou mudar... deixar de ser moleque*” (CC1.P05.L193). **Ricardo** identificou-se com o discurso de Roberto e evidenciou que seu pai percebia nele essa mesma personagem de **jovem-moleque** que estava se metamorfoseando em **jovem-menos-moleque**: “*Só que eu tô deixando agora, tô parando. Tô mais quieto agora*” (CC1.P05.L205). **Pedro** também identificou-se com essa personagem, no entanto trouxe um componente a mais na discussão. Ao afirmar: “*eu não sou moleque aqui, mas nos outros cantos*” (CC1.P05.L208), o jovem ressaltou que as personagens vividas por cada um emergiam a depender do contexto social, por isso a personagem: **jovem-moleque-dependendo-do-lugar**.

Partindo do discurso de Pedro, **Gilson** apresentou um pouco do seu movimento de personagens: “*Eu, por exemplo, já era mais brincalhão em casa, eu tô ficando já mais calado. Agora não, tô mudando um pouco, brincalhão em casa, tem aqueles momentos de brincar em casa ou em qualquer canto. Depende dos seus amigos, ou de onde tiver. Por exemplo, agora, eu não vou levar um carão porque estou conversando agora, né?*” (CC1.P05-06.L212-215). Ele evidenciou que a personagem

⁴¹ Lê-se: Círculo de Cultura 1, Página 05, Linha 179.

jovem-brincalhão-em-casa estava se metamorfoseando em *jovem-brincalhão-em-qualquer-canto*, de acordo com o contexto e grupamento social.

Dando continuidade à discussão das palavras geradoras, convidamos o grupo para introduzir outro tema gerador: “eu no grupo”. Roberto trouxe no seu discurso a metamorfose vivida por ele a partir da sua inserção no de arte-identidade: “*Antes de participar desse grupo eu era uma pessoa muito ansiosa. Muito ‘eu quero agora’, ‘tem que ser agora’, ‘tem que fazer isso’, ‘vai agora, agora, agora, agora’, não existia depois, amanhã ou futuramente. Era agora, agora, agora. Agora não, eu estou mais caaaalmo. Não pareeeece, mas eu realmente estou adquirindo um grau de maturidade bem elevado. Rapaz eu era muito moleque, muito moleque. Tu num ia agüentar ficar meia hora comigo não. [...] bicho eu fazia piada até dos caras que morriam, doido! Fazia piada, mah. Moleque, moleque, moleque, moleque, moleque. Seu cabra safado, você era moleque*” (CC1.P06.L330-335). **Roberto** vivenciou as personagens *jovem-muito-ansioso* e *jovem-moleque* antes de participar do grupo, no entanto, percebeu-se após os 6 (seis) encontros que participou como *jovem-menos-ansioso* e *jovem-menos-moleque*.

Ao falar do tema gerador “eu no grupo”, Anderson trouxe a palavra indiferente, expressando: “[...] *aqui ninguém é melhor ou pior do que ninguém todo mundo é tratado no mesmo nível. Diferente de outros lugares. Por isso que eu coloquei*” (CC1.P06.L344-345). Esse discurso trouxe uma dimensão importante trazida por Paulo Freire nas relações de ensino-aprendizagem: horizontalidade das relações. Sempre procuramos trazer esse princípio para as nossas rodas de diálogo e ele foi percebido e destacado por esse participante através da sua percepção sobre o grupo: *grupo-de-igual-para-igual*.

E através do diálogo também buscamos, através da problematização e dos contrastes de leitura da realidade, construir novos conhecimentos e novas visões de mundo, como no discurso de Roberto: “[...] *somos igual da forma de nos tratarmos, como iguais, mas somos diferentes, porque eu penso de uma forma, você pensa de outra, ele pensa de outra que não tem nada a ver. A gente tá falando de arroz, ele de feijão. Mas isso é interessante porque o meu arroz e o feijão dele faça baião-de-dois. Parece molecagem o que eu estou falando, mas eu tô falando sério. É interessante essa junção, esse entrosamento de idéias*” (CC1.P07.L365-369).

E então, emergiram os contrastes de vivências de relações verticais em outros grupos: “*Eu acho diferente na escola, tipo, tem hora que o professor só ensina pra*

aquelas pessoas daqui, nunca pra quem senta ali” (Anderson, CC1.P07.L375-376). *“Exatamente. Por isso que ficou aquele preconceito, né?, o pessoal do fundão é o pessoal bagunceiro”* (Roberto, CC1.P07.L377-378). E o grupo iniciou uma discussão acerca da personagem de aluno-bagunceiro que é implícita aos alunos se sentam nas últimas cadeiras numa sala de aula.

Surgiram dentro desse tema gerador, duas vezes a palavra “melhor” que, ao evidenciarmos, percebemos duas outras personagens em movimento: **Lívia** a *jovem-melhor-no-diálogo*, e **Helton** o *jovem-menos-ignorante*. Nesse momento do diálogo, **Carlos** pediu para se ausentar do grupo, pois estava se sentindo cansado do trabalho. Sua personagem *jovem-trabalhador* não lhe permitiu participar dos encontros com assiduidade.

José também se percebeu transformado depois da sua participação no grupo de arte-identidade, no entanto num primeiro momento ele não soube dar nome às mudanças da personagem *jovem-mudado*: *“Sei não, eu sei que eu mudei alguma coisa aí... (risos) tá crescendo aí... alguma coisa, um degrau subindo na minha vida...”* (CC1.P09.L467-469). Posteriormente complementou: *“Assim, como eu via as outras pessoas... não levar consideração a aparência... mais ou menos isso”* (CC1.P09.L473-474). A personagem de *jovem-que-não-julga-os-outros-pela-aparência* estava começando a emergir em José a partir do grupo.

Ulisses trouxe a palavra “seguro” para expressar que: *“[...] no começo, eu não era tão seguro assim não... era tímido pra caramba”* (CC1.P09.L486-487), ou seja, a personagem *jovem-menos-tímido* estava aparecendo, sendo percebida por ele a partir da sua forma de interagir com as pessoas.

Evocamos o tema gerador seguinte, “nosso grupo”, e outra discussão foi iniciada. Anderson percebia que até aquele encontro o grupo estava dividido, discordando de outra palavra geradora que surgiu “união”, evidenciada por Pâmela. No discurso dele: *“Eu acho que devia ter colocado ‘unido’, não. Eu acho que era pra ter colocado ‘dividido’, porque eu acho que o grupo dividido... você vê pessoas aqui, pessoas ali, pessoas ali... não há uma interação de todo mundo...”* (CC1.P09.L492-494). **Pedro** complementou, sem aprofundar: *“porque no grupo tem muita divisão”* (CC1.P09.L500). Outra opinião foi expressa por **Roberto**: *“Neste grupo, o que percebo, eu acho que é mais... que é a falta de segurança de chegar pro outro e conversar, porque não tem muita intimidade”* (CC1.P09.L519-520). Ou seja, a

personagem do grupo era percebida por uns como **grupo-dividido**, por outros, como **grupo-inseguro**.

Pâmela expressou uma percepção contrária sobre o grupo a partir da palavra “a união”, afirmando: “*Eu coloquei porque, eu vejo assim, que até agora não teve atrito nenhum. Porque, por várias vezes, eu participei de outros grupos daqui mesmo e teve atrito entre os membros. Eu coloquei por isso, porque até agora não teve confusão nenhuma...*” (CC1.P10.L538-541). Na sua opinião, a personagem evidente no grupo naquele momento foi **grupo-unido**. E Roberto complementou com outra personagem, o **grupo-que-respeita**: “*Eu acho que não ter atrito não é o fato de haver união, é o fato de haver respeito. Eu sei respeitar a opinião de cada um e, espero que cada um saiba respeitar a minha...*” (CC1.P10.L557-558).

O grupo até então, tinha uma caminhada de 7 (sete) encontros, nos quais os vínculos foram se formando mais fortemente em alguns membros entre si. Ao afirmarmos o total de encontros, os participantes demonstraram-se surpresos, pois tinham a percepção de que seria um número maior. **Gilson**, no seu discurso, evidenciou um aspecto de mudança no grupo com relação à riqueza dos diálogos construídos pelos participantes (**grupo-que-debate**): “*tem que ver que os debates que nós temos agora, a gente sempre começa falando de uma coisa aqui, uma coisa ali, até que sai alguma coisa*” (CC1.P11.L574-575).

O grupo foi percebido pelos jovens como sendo **grupo-de-igual-para-igual**, **grupo-inseguro**, **grupo-tímido**, **grupo-dividido**, **grupo-unido**, **grupo-que-respeita** e **grupo-que-debate**. Vejamos um pouco o que isso significa dentro de uma trajetória teórica.

Buscávamos através do método dialógico-vivencial (MDV), criar momentos de construção de novos conhecimentos acerca da realidade – através do diálogo, e também de expressão de si – pela arte. Nos momentos de diálogo, priorizávamos os princípios de Paulo Freire na facilitação do grupo, criando uma relação horizontal. “Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a *pronúncia* do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda” (FREIRE, 2005, p.91-92). Assim, num ambiente afetivo e pedagógico, as personagens **grupo-de-igual-para-igual**, **grupo-unido**, **grupo-que-respeita** e **grupo-que-debate** puderam emergir sem ameaçar a identidade de cada um.

À medida que a matriz grupal vai se fortalecendo, o grupo vai se tornando um *continente afetivo* (Toro, 2000), onde as pessoas que nele estão podem se movimentar com segurança. [...] se torna um espaço de acolhimento e aceitação onde cada pessoa pode se permitir renascer a cada encontro, resgatar a si mesmo, ser o que é. O grupo funciona como uma *matriz de renascimento*, segundo Toro (2002), constituindo-se como um espaço fértil para o aprendizado. [...] *A Identidade de um indivíduo adquire significação ontológica somente na presença do outro...* (DIÓGENES, 2007, p. 209-210).

Roberto apontou outra personagem que caminhava paralelo à *grupo-dividido* e *grupo-inseguro*: “Ao meu ponto de vista, o grupo ser unido, começar a usar mesmo essa palavra, que o grupo é unido, não precisa de muita coisa não, basta, sei lá... um tentar perder a timidez, o outro não ser tímido... perder a vergonha de chegar e...” (CC1.P11.L584-586). Ou seja, para ele, havia ali um *grupo-tímido*.

A presença das personagens *grupo-inseguro*, *grupo-tímido* e *grupo-dividido* nos relembra Lane (1984) ao afirmar que um grupo coeso é o ideal, onde na prática, observamos relações de afinidades e de afastamentos em qualquer grupo, o que fará com que apareçam os adjetivos dividido, inseguro ou tímido. Além disso, houve uma colocação bem pertinente do Roberto: “... não necessariamente por ser unido, a gente quer falar na mesma hora, do mesmo assunto, no mesmo local” (CC1.P7.L293-294). Ou seja, o momento do grupo em cada encontro fará com que emerja esta ou aquela personagem.

Na continuidade da discussão, veio à tona o conceito de identidade, de onde emergiram os seguintes tópicos:

“Eu escrevi isso aí porque ela vai mostrar o que a pessoa é... [...] pode ser o medo...” (**Wilson** referindo-se à sua palavra geradora “tudo”, CC1.P12.L650)

“Medo de conhecer uma pessoa... medo de conhecer uma pessoa melhor” (**Pedro** complementando a opinião de Wilson, CC1.P12.L655).

“É o modo de ser, de agir...” (**Gilson** complementando a opinião de Wilson, CC1.P12.L659).

“As qualidades.” (**Dilma**, complementando a opinião de Wilson, CC1.P12.L660).

Roberto expressou o conceito de identidade a partir da palavra geradora “conhecimento mutável” e explicou: “É porque tem... é não, tem as máscaras, né? A gente nunca sabe se a pessoa está usando máscara ou não, muita gente leva a palavra máscara como um sinônimo de falsidade e nem sempre é... às vezes é uma questão de

coerência com o ambiente, como Gil falou que, o professor dele na sala de aula é uma coisa e quando termina o horário, é totalmente outra, e quer queira quer não, é uma máscara... e uma máscara, digamos assim, benéfica, né? Benéfica... benigna... né nem tumor...” (risos) [...] Por exemplo, o rapaz ali quando está nos canto é moleque, mas quando tá em casa é comportado. Isso, no meu ponto de vista é uma máscara. Por exemplo, eu sou diferente no meu comportamento quando estou com meninas, quando estou com meninos. Isso é uma máscara. [...] E o autoconhecimento eu acho ele assim, interessante porque só a partir do momento que eu realmente me conhecer eu posso arriscar tentar conhecer o próximo. Então não adianta eu saber, tentar saber, tentar conhecer ela, saber que ela gosta de tomar café com bolacha Maria de manhã, se nem eu sei o que eu gosto. Isso fica meio difícil. É como fazer churrasco sem carne” (CC1.P13.L676-697).

Para finalizar a discussão acerca dos temas geradores, convidamos os jovens para expressar a opinião sobre arte e emergiram os seguintes discursos:

“Tem que ter cultura, né?, tem quer o talento, tem que ter, né?, se tratando de arte, tem que ter o conhecimento, tem que ter o estudo, tem que ter tudo aí que tá escrito bem dizer...” (Ricardo, CC1.P14.L726-728).

“É um dom” (Anderson, CC1.P13.L732).

“É um dom” (Gilson, CC1.P13.L733).

“[...] eu acho que a partir do momento que a gente se expressa verdadeiramente, a gente tá produzindo arte, seja em qualquer coisa, até no andado. Se a gente tiver expressando o mesmo que a gente tá sentindo naquele momento, andando, já é uma arte. Agora, talento é faz com que meu andado fique visivelmente mais belo, mais notável... eu penso assim” (Roberto, CC1.P13.L736-740).

“[...] Quando a pessoa faz qualquer coisa que ela expressa, o seu real sentimento, isso é uma forma de arte [...]” (Roberto, CC1.P13.L759-760).

“Eu acho que não, eu acho que toda a forma da sua arte já um talento próprio seu. Eu acho que ter um talento, já vem de você mesmo, que não é ela que cria um talento pra mim. Exemplo, eu ando legal, ela: ah! Ele é talentoso andando! Não, eu acho que não existe isso, eu acho que aquela forma que eu ando já é um talento próprio, eu acho que não precisa ninguém julgar pra eu ter um talento ou não. Eu acho que depende de mim se eu tenho ou não, eu acho assim” (Anderson, CC1.P13.L741-745).

“Eu já acho que a expressão já é um tipo de talento seu [...]” (Anderson, CC1.P14.L783).

“[...] A gente acabou de falar que a expressão é talento, a partir do momento que a gente fez aquilo, coisas, tudo, tudo foi a expressão espontânea de cada um. Então isso pra mim isso é o talento de cada um, apesar de ele não gostar, ele não gostar, e daí? Porque ele se expressou daquele jeito... ele que não gostou...” (Anderson, CC1.P14.L806-809).

“Foi uma coisa que aconteceu naquele minuto, né?” (Pâmela falou da expressão espontânea que viveu no grupo, CC1.14.L810).

“Tudo que você faz, tudo que você fala, todo ato que você realiza, tudo é a sua forma de arte. A minha expressão de arte é essa... eu não ir pra escola, (risos) é, porque tudo que você faz pra você, é uma arte aquilo, desde o momento que você nasce até o momento da sua morte [...] Daqui há dois segundos eu não sei o que vai acontecer, então eu vou ter que criar aquilo” (Anderson, CC1.P15.L828-835).

Antes de finalizarmos o diálogo, propomos uma síntese das principais idéias discutidas naquela tarde. Para tanto, convidamos alguns participantes para realizar esse momento e Pedro, Anderson e Roberto se disponibilizaram.

Aquele encontro foi encerrado com o lanche 15 minutos mais tarde do que o habitual e todos voltamos para a casa.

6.2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Utilizamos o círculo de cultura como instrumento de coleta de dados a fim de sistematizá-los dentro dessa possibilidade metodológica, nesse sentido algumas observações merecem ser colocadas, uma vez que num primeiro momento, erros e acertos cometidos, que foram melhorados na segunda coleta de dados, merecem ser compartilhados para que outros pesquisadores o evitem.

A estratégia que utilizamos de escolher 5 (cinco) temas geradores e convidar os jovens para escreverem suas palavras geradoras sobre cada tema para, a partir delas, iniciarmos o diálogo não foi muito eficaz. Como o grupo era significativamente grande, totalizando 15 (quinze) pessoas, foram geradas 75 (setenta e cinco) palavras, um número excessivo para serem aprofundadas em 2h30min de encontro, pois esse tempo

foi dividido em apresentação da pesquisa, assinatura do termo de compromisso, visualização criativa, escrita das palavras geradoras e diálogo.

Para as organizarmos de forma a facilitar a problematização no momento do diálogo, pedimos para que cada jovem colocasse as palavras que escrevessem de cada tema gerador alinhadas na horizontal, assim na vertical tínhamos a coluna correspondente ao tema gerador e na horizontal, as palavras geradoras de cada participante. Apesar desse critério, quando o quadro foi criado, o grande número de palavras diluiu a identidade dos participantes no grupo, no entanto, nós facilitadoras atentas ao processo de elaboração do quadro gerador, sabíamos quem havia escrito cada uma e pudemos convidar determinados participantes a falarem sem nos dirigirmos diretamente a ele, e sim, fazendo referência a sua palavra.

Por um lado, as palavras geradoras garantiram que, de algum modo, cada jovem participasse, no entanto, no momento do diálogo 2 (dois) deles não se pronunciaram. Ou seja, o quadro gerador não possibilitou o levantamento de discurso de todos os participantes e, além do número excessivo de palavras geradoras já referenciado alhures, outro componente não possibilitou tal fato: pouca animação das facilitadoras.

Percebemos que para garantir um processo dialógico, permitindo a expressão de cada participante, faz-se necessário movimentar os discursos, de modo que haja oportunidade para todos se expressarem. No entanto, caso o participante não o queira fazer e se contente somente em assumir um papel de observador, o facilitador reserve-lhe o direito de participar do modo que lhe for possível naquele momento. Mas, o círculo de cultura que estávamos propondo naquela tarde tinha como objetivo a coleta de dados de uma pesquisa, assim o discurso de cada jovem era precioso para nós.

Com isso, concluímos que utilizando o círculo de cultura como instrumento de coleta de dados, o facilitador precisa ser semi-diretivo na condução do processo grupal a fim de garantir a palavra de todos os envolvidos no encontro, dirigindo-se diretamente a cada um através da criação de regras, de jogos, de dinâmicas ou mesmo convidando especificamente um participante pelo nome para emitir sua opinião acerca de um tema discutido. Ou seja, o facilitador-pesquisador utilizando o círculo de cultura como instrumento de coleta de dados veste o mesmo papel do animador proposto do Paulo Freire.

A ausência de uma boa animação na facilitação do círculo de cultura gerou no grupo conversas paralelas (**Facilitadora:** *“o que é que vocês estão falando*

*aí?” referindo-se a José e Lailson; **Lailson:** “não, é individual.”) CC1.P16.L837-838), dispersando a construção de um conhecimento coletivo acerca dos temas discutidos, bem como potencializou a timidez de alguns participantes, que omitiram sua opinião em muitos momentos do processo. Tais considerações foram implementadas no 2º círculo de cultura e serão mais bem descritas posteriormente.*

Outra consideração a ser pontuada acerca desse instrumento de coleta de dados é que, através do quadro gerador, como optamos fazer nesse encontro, não foi possível que o diálogo fluísse entre os participantes sem a intervenção da facilitadora. Ou seja, a palavra circulou mais com a nossa intervenção do que como parte de um processo dialógico do grupo.

Avaliamos que, como um primeiro momento, o material coletado foi rico e significativo para a discussão dos resultados. Percebemos também que esse primeiro círculo de cultura foi eminentemente mais um espaço de familiarização e introdução da pesquisa do que de cumprimento dos objetivos da pesquisa.

Outra avaliação a ser evidenciada foi que o local escolhido para a realização do 1º círculo de cultura não foi estratégico. Utilizamos a palhoça da instituição, local onde realizávamos semanalmente o grupo, mas por ser um espaço aberto comprometeu a qualidade da gravação do material, bem como o fato de outras pessoas e animais transitarem ao redor dispersou em alguns momentos o processo grupal (*“olha a zuada aí gatinho, por favor. Tá gravando? Vai gravar os gato viu, miando?”*, **Ricardo**, CC1.P04.L155-156). E ainda, a facilitadora perguntou: *“E aí, aqui no grupo, como é? Como é que eu sou? (risos – uma criança passando ao lado da palhoça cai no chão e dispersa o grupo) Sim, a gente estava começando a discussão, né?, do grupo, pegando essas diferenças que cada um é, ou dependendo do contexto, dependendo do lugar”* (CC1.P06L222-226). A mudança de local para o 2º círculo de cultura solucionou essas questões.

7. 3º ATO: CLÍMAX

E continuamos nossa pesquisa-facilitação. Nesse capítulo, apresentaremos o processo vivido do 8º ao 13º encontro do grupo de arte-identidade. É válido ressaltar que os jovens que participaram desses encontros já estavam inseridos num campo de pesquisa, uma vez cientes do nosso estudo. Nas linhas que seguem, o leitor encontrará, respectivamente, os seguintes tópicos: cantando nossa canção, criando cartões orgânicos, dramatizando o trabalho infantil, mostrando as máscaras, visitando o zoológico e mandalas.

7.1. CANTANDO NOSSA CANÇÃO

O 8º encontro aconteceu no dia 02 de Maio de 2008 e dele participou uma estrangeira religiosa, Joana, que estava fazendo uma pesquisa sobre os movimentos populares. Na condição de participante e, ao mesmo tempo no papel de observadora do grupo, ela foi bem acolhida pelos jovens.

O objetivo do encontro foi problematizar as relações interpessoais, focando como cada um vivia a afetividade. Para isso, levamos um texto intitulado “Por que as pessoas gritam?” (vide anexo 2) e iniciamos com a leitura e discussão do material em duplas. Posteriormente, sugerimos que as duplas fossem trocadas para que se discutisse acerca da seguinte pergunta geradora: “Como eu interajo com os outros nos diferentes grupos que faço parte? Focar meu jeito de ser e meu tom de voz”.

Participamos do subgrupo em que estavam Ulisses e Pedro. Os dois leram o texto sozinhos, em voz baixa, e estavam muito calados. Aproximamo-nos da dupla e perguntamos o que eles tinham achado do texto, se algo havia lhes chamado a atenção. Pedro trouxe o trecho de que quando as pessoas estão enamoradas falam baixo, mas não aprofundou. Ulisses permaneceu calado. Buscamos, então, a pergunta geradora para conversarmos e **Ulisses** trouxe alguns aspectos da sua identidade “*sou calado, na minha (...) procuro ficar na minha para não arrumar confusão (...) não gosto de falar muito porque sou tímido e também para não arranjar confusão*” (RV8.P14.L693-695). Seu discurso fez emergir duas personagens: **jovem-tímido** e **jovem-que-não-gosta-de-confusão**. Pedro identificou-se com Ulisses e afirmou “*sou calado, procuro não brigar com ninguém*” (RV8.P14.L696).

Foi momento de as duplas serem trocadas. Participamos do subgrupo composto por José e Joana e, quando nos aproximamos, ela estava traduzindo o texto para o Inglês a pedido de José. Aproximando-nos, então, do subgrupo de Penélope, Suzane e Pedro. **Suzane** revelou a *jovem-briguenta* com os olhos cheios de lágrimas “*esse texto foi feito para mim (...) eu sou muito estressada e qualquer coisa eu grito com o meu irmão*” (RV8.P14.L700-701). Penélope já se colocou diferente “*eu não sou de brigar, mas meu tom de voz é alto*” (RV8.P14.L701-702).

Finalizamos o momento de discussão em subgrupo e reunimos todos numa grande roda, sentados no chão, a fim de fazermos uma síntese das discussões, e pela primeira vez os participantes do grupo avançaram ao expor sua intimidade e história de vida. Tivemos então um início de intimidade verbal (*grupo-com-intimidade-verbal*).

Segundo Góis (2002a), a intimidade verbal é o compartilhar de sentimentos vividos no encontro anterior, de histórias de vida, de experiências vividas dentro ou fora do grupo, descobertas existenciais, enfim, um conteúdo com carga emocional expressiva. Nesse encontro, onde o grupo estava menor e no qual estavam presentes os mais regulares, os participantes puderam falar de si e de seus relacionamentos pela vida. O tema proposto, afetividade, mobilizou a expressão dos jovens ali presentes.

Num segundo momento, o grupo entra numa fase ou campo psicológico, onde, após os primeiros reconhecimentos do terreno, surgem as primeiras emoções e afetos, acompanhado de interesse por outras pessoas, coisas ou situações. [...] No campo geográfico, as emoções são experimentadas por antecipação, por medo, mas não são relacionais. [...] No campo psicológico, elas surgem no aqui e agora, de um relacionamento já presente (RIBEIRO, 1994, p.66).

Ricardo iniciou, comentando que “*minha mãe passa o dia gritando comigo, eu acho é graça, porque não vou brigar com ela*” (RV8.P15.L654-655). Rômulo comentou que fica distante de sua mãe grande parte do dia e muitas vezes quando ela chega em casa, cansada e estressada, facilmente os dois entram em atrito “*minha mãe briga muito comigo e eu grito muito com a minha mãe*” (RV8.P15.L657). Pâmela e Ricardo afirmaram que “*brigar com a mãe é pecado*” (RV8.P15.L775). Suzane ficou calada durante o diálogo inteiro, mas atenta a cada palavra.

Penélope compartilhou o que havia discutido no subgrupo, sobre o tom da sua voz e acrescentou que nas suas relações com os outros se percebia muito orgulhosa e estressada, pois se chateava com facilidade e, caso estivesse errada numa discussão, dificilmente pedia desculpas ou assumia o erro.

José falou muito sobre a sua história, relacionada a grupos na escola. Comentou que sempre se inseriu em “grupos mais fortes”. Costumava juntar-se a eles para brigar e bater nos outros alunos, fazendo “corredor polonês”. Naquele encontro, relatou que não se percebia mais assim, e que estava fazendo parte do grupo de louvor da sua igreja (*jovem-evangélico* e *jovem-artista*). Para ele, o grito “*é um som que saiu distorcido e a gente tem que consertar*” (RV8.P15.L668-669)..

Pâmela comentou que geralmente é calada (*jovem-tímida*), “*sou na minha (...) mas agora, se eu tiver passando na rua e uma pessoa cochichar, eu tiro satisfação, quero nem ver!*” (*jovem-ignorante*, RV8.P15.L672-673). Pedro trouxe seu jeito calado de procurar não brigar com ninguém, contrastando com a maioria do grupo. **Ulisses** pediu para sair mais cedo, pois estava cansado do trabalho e não participou da vivência (*jovem-trabalhador*).

Solicitamos, como atividade preparatória para a vivência, que cada um procurasse um lugar no salão e pensasse numa música que estivesse naquele momento em seu coração e iniciamos a atividade sem intervalo, com um caminhar alegre e com encontros (Hello goodbye – Beatles). Percebemos **Penélope** muito tímida na expressão corporal, enquanto que verbalmente expressava-se muito bem. Rômulo, José e Ricardo deram um matiz de ludicidade à vivência, facilitando a espontaneidade de Pâmela, Suzane e Penélope. Colocamos a música duas vezes, interrompendo para dar algumas consignas que facilitaram a espontaneidade de cada um.

O exercício de eutonia (Billitis – Zamfir) foi o seguinte. Rômulo e a visitante do grupo estavam muito distantes e com o braço reto. Suzane e Pedro estavam pouco conseguindo mover-ser, com o braço rígido e com movimentos angulares. Interferimos na vivência dessas duas duplas, participando do exercício, introduzindo o nosso dedo, regulando a velocidade e dando mais plasticidade ao movimento.

A roda afetiva de coração a coração foi o exercício seguinte (Meu mestre, meu coração – Milton Nascimento). Com os olhos fechados, nosso coração, ritmo e melodia se encontraram fluidamente, o que possibilitou o exercício posterior (grupo afetivo – Tamba-tajá – Fafá de Belém). José, Pâmela, Penélope e Suzane não fecharam os olhos. Rômulo colocou as mãos na frente do tronco, cobrindo a região genital. José ficou um pouco de fora da roda.

O exercício seguinte foi oferecer o coração, buscando fortalecer a vinculação entre cada participante do grupo (Yo vengo te ofrecer mi corazón – Mercedes Sosa), belíssimo momento de encontros, olhares e sensibilidade. Sentimos as mãos de

Penélope trêmulas. Na roda de ativação progressiva (Bem-te-vi – Paulinho Pedra Azul), o grupo se harmonizou para o fechamento do encontro: cada um cantou sua música que havia pensado antes da vivência.

José: “Amor eterno – Aline Barros” (*jovem-evangélico*)

Rômulo: “Monte Castelo – Legião Urbana”.

Ricardo: “Trem das Onze – Demônios da Garoa”.

Suzane: “Só hoje – Jota Quest”.

Pâmela: “Recomeçar – Aline Barros”.

Penélope: “Quando a chuva passar – Ivete Sangalo”.

Pedro: Música da sua igreja.

Penélope cantou com uma bela voz e foi aplaudida e reconhecida pelo grupo. A música e ajudou outros a cantarem as suas. Finalizamos o encontro lanchando.

7.2. CRIANDO CARTÕES ORGÂNICOS

Nesse encontro, realizando no dia 09 de Maio de 2008, o grupo recebeu três novas integrantes (*grupo-que-cresce*): Dara, Rebeca e Odete, jovens participantes do grupo de auto-estima da manhã que, por incompatibilidade de horários, optaram por vir participar do grupo de arte-identidade à tarde. Nosso grupo de arte-identidade era aberto a qualquer jovem participante das atividades do MSMCBJ. Por essa característica, no 9º encontro estas três novas jovens compareceram pela primeira vez.

Contamos com 15 (quinze) participantes nesse dia. **Lia** veio conversar conosco para justificar suas faltas, que aconteceram devido ao problema de saúde da sua filha Sabrina, que estava com inflamação no ouvido. A personagem *jovem-mãe* não possibilitou que Lia participasse dos encontros anteriores para cuidar da filha doente.

Iniciamos o grupo apresentando as novas participantes e fazendo uma apresentação geral de todos os membros do grupo. Resgatamos o encontro anterior, desejando avançar na intimidade verbal, no entanto, sempre que o grupo estava numeroso⁴² era difícil aprofundar e até mesmo relatar o que havia sido vivido em termos de fatos e de sentimentos.

Com a presença de um número de participantes acima do corriqueiro, totalizando 15 (quinze), mostrou-se a personagem *grupo-tímido*, como reflexo da forma

⁴² Utilizamos essa expressão “grupo numeroso” para indicar um processo característico desse grupo que se comportava de forma mais reservada (*grupo-tímido*) quando o número de participantes excedia o número de 8 (oito).

calada como cada jovem ali se mostrou naquela tarde. “Os elementos do grupo funcionam e interagem como partes desse todo, dinamizados pela energia que os faz convergir num processo de complementação permanente, criando a realidade do grupo, sem que ele percam sua identidade” (RIBEIRO, 1994, p.62). No entanto, ainda que diante da timidez e do crescimento, a personagem *grupo-que-se-entrega* pode posteriormente emergir na vivência.

Ricardo e Rômulo trouxeram algumas de suas memórias: “*trocamos os nossos corações*”, “*lemos um texto*”, “*cantamos uma música*” (RV9.P16.L821-822). Penélope foi lembrada por sua bela voz ao cantar. Ricardo cantou novamente sua música (Trem das onze – Demônios da garoa), a pedido de Roberto, que o acompanhou. Lívia comentou “*ainda bem que eu não vim, porque eu não sei cantar*” (RV9.P16.L825).

Tomando como ponto de partida a afetividade vivida no encontro anterior, optamos por permanecer nesta linha de vivência, aprofundando o relacionamento mãe-filho nos participantes do grupo. A escolha também se deu em virtude da comemoração do dia das mães que seria no domingo seguinte. As perguntas geradoras do diálogo foram: “como é o relacionamento com sua mãe?”, “como cada um comemora o dia das mães?”, “qual a idade da mãe de cada um?”, “qual a mania que a mãe de cada um tem?”.

Roberto comentou que a relação com sua mãe era boa, mas que falava de paqueras somente com o pai. Ele citou uma série de episódios engraçados da convivência com a sua mãe. Para não centralizar a palavra, pedimos que ele “passasse a bola para alguém”, ou seja, convidasse outro participante do grupo a falar e assim sucessivamente. Com esse jogo de “passar a bola”, garantimos que a palavra circulasse e todos pudessem expressar-se, com a exceção de **Caio**, que permaneceu calado o encontro inteiro (*participante-calado*). O grupo, até então, sempre iniciou calado (*grupo-calado*), e foi importante a criação de alguma atividade de dinamização da discussão no início, uma vez que, depois que os participantes estavam aquecidos, era preciso cuidar para que cada um tivesse o direito de falar e ser ouvido (*grupo-falante*).

Nos discursos, cada jovem trouxe o ritual que a família vivia para comemorar o dia das mães. Suzane comentou que ela e os irmãos não deixavam a mãe fazer nada, e eles preparavam tudo: almoço, café da manhã e jantar. **Dara** comentou que o dia das mães não poderia ser somente no 2º domingo de maio. Afirmou que considerava sua mãe a melhor amiga (*filha-amiga-da-mãe*), confidenciando-lhe tudo o que vive e sente.

Rômulo trouxe que a sua relação com a sua mãe não é muito boa, pois ela trabalha muito e vive muito estressada: “*ela é pai e mãe*” (RV9.P16.L849). Comentou que quando ela chegava em casa a noite, os filhos procuravam dar-lhe atenção e cuidar um pouco dela, no entanto isso nem sempre era possível. **Glória** disse que se sentia muito distante da sua mãe (*filha-distante-dos-pais*) e que gostaria de se aproximar dela. Wilson comentou que foi sua mãe quem fez as pazes no seu último relacionamento. Ronaldo falou que na sua relação com a mãe, procurava estar atento ao que ela precisava para, se possível, atender o seu pedido (*filho-que-cuida-mãe*). Mostrou-se sensível e trouxe alguns episódios de sua mãe mostrando fotos de sua infância para ex-namoradas.

Lívia e **Lia** moravam desde pequenas com a avó e a consideravam sua mãe (*filhas-distantes-da-mãe-biológica*). A de Lia tinha 80 anos e, segundo a jovem, “*ela é muito engraçada, dança, mas se ela não gostar de algo é bem grossa*”. (RV9.P17.L858-859). Ela a chamava de mãe. Lívia tinha a avó-mãe de 65 anos, a chamava de “vó”, mas a considerava como mãe, pois tinha pouco contato com a biológica “*ela aparece uma vez no ano*” (RV9.P17.L861). Elas, que tinham mães de outra geração, comentaram que os limites foram dados com mais rigidez (hora de sair/voltar para casa, estilo de vestir). Lia disse que não precisava mais dar satisfação a sua avó-mãe e que cuidava dela e da irmã (ambas engravidaram na adolescência).

Ricardo disse que sua mãe tinha 32 anos e tinha mania da brigar, além de gostar muito de ir a festas. Sua mãe era a mais jovem do grupo, seguida pela de Odete, com 37 anos. Gilson e José permaneceram muito calados neste encontro, limitando-se somente a comentar como passariam o dia das mães.

Discutimos como era que cada um expressava o seu amor na sua relação com a mãe e, em consenso, o grupo afirmou ter dificuldades nessa área (*grupo-que-não-expressa-o-amor-pela-mãe*). Segundo Gusmão (2003), as interações que se estabelecem no grupo estão imersas num contexto social maior, e as ações e representações dos jovens não podem ser compreendidas como idiosincrasias pessoais, e sim como resultado de práticas que se produziram historicamente na convivência social. Assim, não devem ser isolados de sua gênese, das regras e funcionamento das várias instituições onde as interações acontecem e dos valores e crenças presentes em relações sociais mantidas entre sujeitos em interação. A partir dessas considerações, podemos ver a personagem *grupo-que-não-expressa-o-amor-pela-mãe* como um aspecto dessa

totalidade social em que os jovens estão mergulhados, revelados na idiosincrasia do grupo.

Não tivemos intervalo e fizemos uma visualização criativa numa Roda estelar, convidando cada um a imaginar-se num lugar agradável, preparando um presente e entregando para a sua mãe.



FIGURA 13: Roda estelar

Dara e Wilson abriram os olhos várias vezes durante o exercício. Pedimos, então, para que cada um expressasse o presente visualizado, criando um cartão com materiais orgânicos para presentear à mãe. O grupo permaneceu em silêncio, conectado com a vivência (*grupo-que-se-entrega*). Apesar de nenhum saber a técnica de confecção de cartões orgânicos, enfatizamos que aquele seria um momento de criação e de experimentação de algo novo, no qual o resultado do produto não seria tão importante quanto o processo de criação. Convidamos cada um a viver sua criatividade e expressar com o material orgânico algo com que gostaria de presentear a mãe.



FIGURA 14: Grupo produzindo cartões orgânicos

Ao final, em roda, convidamos cada jovem a apresentar seu cartão para o grupo a partir da seguinte consigna: “Eu sou____ e eu queria dar ____ para minha mãe”.

Dara: *“eu quero dizer para minha mãe que a vida é cheia de obstáculos e que podemos superar cada um deles, como nessas montanhas”.*

Rebeca: *“eu queria dar uma casa para minha mãe”.*

Odete: *“eu quero dar uma flor para a minha mãe”.*

Rômulo: *“eu quero estar sempre próximo da minha mãe”.*

Caio: “*eu quero dar uma flor para a minha mãe*”.

Ricardo: “*eu quero dar uma flor para a minha mãe*”.

José: “*eu quero dar uma flor para a minha mãe*”.

Glória: “*eu quero estar mais próxima da minha mãe*” (*filha-distante-dos-pais*).

Lia: “*eu quero dar união pra minha mãe*” (*filha-distante-da-mãe-biológica*).

Suzane: “*eu quero dar uma flor para a minha mãe*”.

Roberto: “*eu quero trocar minhas experiências com a minha mãe*”.

Wilson: “*eu quero dar uma flor para a minha mãe*”.

Gilson: “*eu quero dar um lugar onde ela não tivesse preocupação, só sossego*”.

Lívia: “*eu quero dar uma flor para a minha mãe*”.

Ronaldo: “*eu quero dar uma flor para a minha mãe*”
(RV9.P17.L879-895)

7.3. DRAMATIZANDO O TRABALHO INFANTIL

Pela primeira vez na história do grupo, eram 14h10min e todos os participantes já haviam chegado, totalizando 12 (doze) jovens. O horário combinado para o início do grupo era às 14h30min e, apesar de todos saberem disso, percebemos que naquele dia o grupo havia chegado mais cedo para ficar por ali, conversando uns com os outros antes de iniciarmos as atividades (*grupo-ainda-mais-e-mais-vinculado*). Segundo Ribeiro (1994, p.67): “Na fase comportamental, [...] as pessoas se conhecem, se relacionam e, de certo modo, os papéis já se encontram definidos. [...] O grupo se tornou grupo e aprendeu a se comportar como grupo. Ele é agora uma unidade significativa”. Tal constatação deu-se do fato de os participantes terem chegado mais cedo para ficarem conversando uns com os outros antes de iniciarmos as atividades.

Percebemos que, mesmo chegando cedo para viver esse momento antes do encontro, o grupo ainda tinha subgrupos (*grupo-dividido*): Anderson, Lailson e Helton; Lia, Glória e Wilson; Pâmela e Dilma. Rômulo ficou conversando com Dara (2º encontro que participava), ambos “novos” no grupo, pois mesmo Rômulo tendo participado de 5 (cinco) encontros, não teve facilidade de inserir-se nos subgrupos já formados. Rômulo também não estava fazendo o curso de informática, portanto não convivia com o restante do grupo durante a semana, o que dificultava a sua vinculação com eles.

Esse foi o primeiro encontro que **José** faltou e não justificou. Ficamos curiosas para saber o que havia acontecido com ele, uma vez que era sempre um dos primeiros a chegar (*participante-pontual*). No dia anterior, encontramos Livia na caminhada contra a exploração sexual infantil organizada pelo MSMCBJ e ela disse que estaria cansada para vir, justificando previamente sua falta. Wilson disse o mesmo, no entanto compareceu.

Iniciamos o 10º encontro, realizado no dia 16 de Maio de 2008, discutindo sobre a caminhada acima referida: “O que era? Qual o objetivo? Quantos participantes estavam? Quais as atividades?” Os participantes permaneceram calados e somente Wilson, Roberto, Waderson e Helton tinham ido à caminhada. Roberto respondeu a esses pontos, apresentando para o restante do grupo o evento. Anderson e Helton reclamaram do lanche. Questionamos como tinha sido a preparação dos jovens para a participação nesta atividade e eles falaram que foram à Casa de Aprendizagem assistir aula de informática e, quando chegaram lá, souberam que não teriam aula e que todos iriam para a caminhada. Ficamos, então, nos perguntando qual o sentido da participação nesse evento para cada um que estava ali, pois eles pareciam desconhecer o tema. E para os moradores do bairro, qual o impacto? Mais uma ação isolada? Perguntas ainda sem respostas.

Retomamos o encontro passado e o dia das mães, mas somente o Roberto falou. Quando o grupo não estava aquecido, evidenciava a personagem *grupo-calado*, e a palavra geralmente era centralizada no Roberto. Além disso, pelo número de participantes ser superior ao de 8 (oito), o caracterizaríamos novamente como *grupo-tímido*. Demos alguns informes sobre o passeio previsto para o dia 06/06/08 e iniciamos o que havíamos preparado para aquela tarde.

Exibimos o filme: “Você viu a Rosinha?”, uma vez que segunda-feira desta semana, dia 12/05/08, no terminal do Siqueira houve uma campanha contra o trabalho infantil. Durante o filme, Wilson esteve sonolento. Paulo Cesar, Anderson e Lailson fechavam os olhos e olhavam em volta da palhoça. Após a exibição, discutimos alguns aspectos do filme a partir da seguinte pergunta geradora: que sentimentos emergiram?

Dilma: angústia;

Roberto: ingenuidade;

Anderson: impunidade;

A palavra de Anderson levou o grupo para outra discussão: como se dá o processo de punição/educação do sistema judicial? Qual a eficácia do sistema

carcerário? O grupo iniciou uma discussão muito fértil, enfatizando que a solução seria garantir a punição de casos como esses (*grupo-falante*). Os atos infracionais cometidos por adolescentes foram trazidos, tendo a mesma necessidade de punição. Introduzimos as medidas sócio-educativas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente, direcionando para outro pólo, fazendo emergir, então, a necessidade de educação e não somente de punição. Trouxemos o sistema de garantia de direitos e enfatizamos o papel do Conselho Tutelar no cumprimento de ações no tocante aos direitos de crianças e adolescentes.

A discussão foi necessária para embasar a construção do final da estória da Rosinha. O grupo foi dividido em 3 (três) equipes composta por 4 (quatro) jovens: Lia, Wilson, Glória e Rômulo (grupo 1); Helton, Anderson, Lailson e Pedro (grupo 2); Raquel, Roberto, Pâmela e Lia (grupo 3).

O processo de cada grupo foi interessante. O grupo 1 esteve o tempo inteiro mobilizado na construção da estória. Seus participantes riam, gesticulavam e olhavam envolvidos para o papel. Foi o primeiro a finalizar, sendo visível a energia criativa mobilizada.

O grupo 2 teve um processo bem lento. Ficaram inicialmente calados, trocaram algumas idéias e, ao final, Anderson assumiu a liderança, escrevendo sozinho a estória a partir de idéias suas e de algumas sugeridas pelo grupo.

O grupo 3 concluiu a estória com a ajuda de todos. No entanto, Roberto e Raquel assumiram a liderança de construí-la.

Fomos compartilhar os finais. O grupo 1 fez questão de iniciar, apresentando sua versão com uma riqueza de detalhes, cenas, seriedade, irreverência e com um final interessante. A estória grupo 2 foi apresentada por Anderson, trazendo as idéias na 1ª pessoa “eu coloquei...”, “eu pensei...”. O final foi trágico e ainda inconcluso.

O grupo 3 trouxe na sua estória a dimensão legal dos fatos, mostrando que se a lei e o sistema de garantia de direitos forem efetivos, a punição e a solução dos casos acontecem.

O grupo, por unanimidade elegeu a criação do grupo 1 como sendo a melhor estória e fomos encená-la, dividindo os papéis e partindo para a ação:

Raquel: Rosinha

Wilson: Compadre Antônio

Lia: Comadre Francileide

Facilitadora 1: Raimunda

Roberto: delegado

Anderson e Helton: policiais

Pedro: oferecer emprego a Raimunda

Facilitadora 2: Rosinha adulta

Dilma, Lailson e Pâmela: crianças no Conselho Tutelar

Rômulo: filmagem

Glória: narradora

A dramatização foi filmada. Nela, Pedro, **Pâmela** (*participante-tímida*) e Lailson participaram no papel de figurantes, não tiveram nenhuma fala ou ação. Ao final da dramatização, o grupo estava visivelmente espontâneo (*grupo-espontâneo*) o que nos faz coadunar com Cionai ao afirmar que “na arte, a pessoa pode relaxar suas defesas e permitir-se [...] exprimir o que de outra forma poderia ser perigoso e/ou ameaçador” (1994, p.16).

O lanche foi realizado posteriormente e este teve também um caráter lúdico, repleto de conversas entre os jovens.

7.4. MOSTRANDO AS MÁSCARAS

Este foi o 1º encontro desta turma que Monera participou. No grupo anterior, ela e Rômulo eram bem assíduos e envolvidos nas atividades, no entanto, outros compromissos assumidos a impediram de participar regularmente do novo grupo. Apresentamos, então, Monera aos demais jovens. José relatou que faltou ao último encontro porque estava com preguiça de vir (sua 1ª falta), no entanto, compareceu à palhoça no dia 23 e não encontrou o grupo, pois havíamos combinado que seria feriado, mas ele não ficou sabendo.

Ricardo chegou atrasado para o encontro, pois começou a trabalhar e estava com dificuldades de chegar no horário (*jovem-trabalhador*). Tal fato comprometeu sua participação no grupo, uma vez que começou a chegar atrasado. Anunciamos a proposta do passeio ao zoológico para a sexta-feira seguinte e houve bastante interesse, com exceção de Wilson e Anderson, que ficaram de confirmar, além de Ricardo por causa do trabalho.

Iniciamos o 11º encontro com a vivência artística, pois, como trabalhamos com a confecção de máscaras, se nos estendêssemos muito no diálogo, a mesma seria comprometida. Propomos uma visualização criativa com os 8 (oito) participantes

presentes sentados no chão e em roda. Convidamos o grupo a perceber a respiração, alinhar a coluna e visualizar as características individuais, o jeito de ser e os personagens com que convivem. Dessas características, pedimos para que escolhessem uma e se conectassem com ela para nosso encontro naquela tarde. Pela primeira vez, formamos as duplas utilizando o critério de maior afinidade e cada jovem escolheu por com quem gostaria de estar. Ficaram as seguintes duplas: Monera e Rebeca, Ricardo e José, Anderson e Wilson, Roberto e Gilson.

Cada dupla encontrou um lugar no salão para realizar a atividade de criar uma máscara. Um participante ficava deitado, dizia como gostaria que sua máscara fosse construída e orientava o colega na criação desta. A atividade foi divertida, pois o trabalho com água e gazes gessadas sujava a dupla, o que criou um clima descontraído. Colocamos músicas de Vivaldi enquanto eles faziam as máscaras. Por várias vezes Ricardo exclamou: “*Tá vendo? Nós somos artistas!*” (RV11.P20.L975), numa entonação lúdica.



FIGURA 15: Jovem produzindo máscara

Monera e Rebeca vivenciaram um processo de criação mais introspectivo, falando pouco e ficando bastante envolvidas enquanto uniam cada peça da máscara (*participantes-introspectivas*). **Roberto e Gilson** brincaram e conversaram bastante, com o jeito bem característico que emergia do encontro dos dois (*participantes-brincalhões*). Anderson e Wilson tiveram um processo pouco interativo. Ricardo e José interagiram ao longo do trabalho, explicando um ao outro detalhadamente como gostariam que fosse sua máscara.

Após cada dupla encerrar o processo, as máscaras foram colocadas no sol, mas o tempo foi insuficiente para a secagem. Ainda assim, optamos por realizar a pintura de cada uma delas, pois não haveria outro momento, uma vez que no encontro seguinte já havíamos combinado o passeio ao zoológico. No pequeno intervalo reservado para a

secagem das máscaras, houve uma dispersão no grupo (*grupo-disperso*). Nesse encontro percebemos o grupo com pouco potencial para entrar em intimidade. “Trabalhando com grupo, temos permanentemente dois sentimentos: perplexidade e incerteza. O grupo nos surpreende a cada instante. Sua mobilidade e energia ultrapassam nossa capacidade de controle” (RIBEIRO, 1994, p.40).

Para retornarmos, convidamos todos a ficarem de pé, em roda, de mãos dadas e de olhos fechados para resgatar a visualização criativa realizada no início daquele encontro. Continuando a consigna, pedimos que cada um imaginasse como seria pintada a sua máscara, antes de iniciarem a criação.

Essa atividade harmonizou o grupo. Os jovens, em silêncio, iniciaram a pintura. A máscara de Wilson quebrou e ele fez outra com E.V.A. A de Anderson também quebrou, mas ele continuou a pintá-la assim mesmo. Finalizamos o encontro tirando uma foto coletiva, onde cada jovem colocou no rosto a sua própria máscara.



FIGURA 16: Grupo de jovens usando máscaras

7.5. VISITANDO O ZOOLOGICO

Para nós estava claro, no 12º encontro, que os vínculos entre os participantes estavam cada vez mais fortalecidos, no entanto, nunca seria em excesso investir nessa dimensão afetiva. Assim, realizamos um passeio com o grupo para o zoológico no dia 06 de junho de 2008. Ao todo, foram 15 (quinze) jovens. Ao chegarmos do passeio, escrevemos a seguinte poesia, que relata a atividade vivida naquela tarde.



FIGURA 17: Grupo de jovens caminhando pelo zoológico

Chegamos todos tímidos, pouco conhecidos.
 Entramos no ônibus, pouco diálogo e ocupamos cadeiras solitárias...
 Chegando no zoológico, fizemos uma roda,
 Roda de olhar, de apresentação, de aproximação.
 Seguimos juntos por entre plantas e animais,
 Ouvindo o som da natureza e das crianças também ali presentes.
 Tiramos fotos, começamos a conversar ainda mais...
 Fizemos nosso tão esperado piquenique,
 Sentamos no chão, oferecemos um ao outro nossas frutas.
 Saboreamos nosso alimento e partimos em busca de um lugar para contemplação.
 Alguns ficaram sozinhos, outros, sentiram-se mais seguros na companhia do outro.
 Retornamos e, em roda, de olhos fechados nos despedimos daquele lugar.
 Antes de irmos embora, ainda dissemos uma palavra sobre aquele momento:
 Tranqüilidade, sabedoria, harmonia, paz... Somente belas palavras!
 Na volta, dentro do ônibus, estávamos diferentes:
 Cantamos música, tiramos fotos, rimos, conversamos,
 Trocamos experiências, vivências, histórias,
 Colocamos a cabeça fora da janela, assanhamos os cabelos,
 Mostramos a nossa cara, soltamos nossa voz e nosso rosto:
 Rosto de vida, de alegria, de descontração, de juventude!
 Rosto que sonha e que acredita, que se mostra e se solta para a liberdade,
 Para o vento, para o outro, para o grupo...
 INTEGRAÇÃO!
 INTER-AÇÃO...

A poesia relata o processo vivido pelo grupo, não evidenciando personagens dos participantes. Estávamos, pois, aguardando o último encontro para, através do círculo de cultura, identificarmos as personagens de forma mais precisa, pelo discurso dos jovens. Enquanto isso, cuidávamos de compreender e facilitar o processo grupal. A poesia revela, então, algumas personagens do grupo. Vejamos.

O grupo se encontrou tímido (*grupo-tímido*), uma vez que os participantes estavam sós, isolados e dispostos de modo disperso no ônibus de 44 (quarenta e quatro) lugares para 15 (quinze) passageiros. As atividades realizadas ao longo do passeio tiveram como objetivo aproximar os jovens: a roda de olhar, a roda de apresentação, o piquenique, o compartilhar da contemplação e a foto coletiva do passeio. Ao final, o grupo estava cantando, rindo, conversando e gritando nas janelas do ônibus: *grupo-alegre, grupo-descontraído, grupo-espontâneo*, enfim, *grupo-mais-integrado*.

O passeio foi pensado como uma estratégia de gerar novos movimentos nas identidades juvenis, fato que muitas vezes não permite o ambiente de um salão, semanal e rotineiro na história daquele grupo. Além disso, segundo Andrade e Arraes (2007), num trabalho de educação biocêntrica, uma das propostas metodológicas é a aula-passeio com visitas a locais que propiciem um contato direto com a natureza.

Queríamos o novo, o diferente, e assim estávamos apostando enquanto já acompanhávamos o finalzinho dessa história. Afinal, “num mundo violentado por dores, sofrimentos, guerra, solidão e desamparo [...] surge a terapia da ternura [...] que busca resgatar ao humano o que há de mais fundamental: a condição humana no vasto cenário do milagre da Vida” (FERREIRA, 1997, p.40). Ou seja, apesar de nosso grupo não ser de terapia, além da dimensão pedagógica, estávamos também investindo na dimensão terapêutica, contemplando as duas facetas da arte-identidade.

7.6. MANDALAS

No 13º encontro, ocorrido no dia 13 de Junho de 2008, participaram 10 (dez) jovens. Tínhamos como objetivo discutir como enfrentamos as dificuldades do cotidiano a partir do texto gerador “A lição da borboleta” (vide anexo 3). Realizamos a leitura coletiva do texto, sentados no chão e em roda, e convidamos cada participante a ressaltar algum aspecto que mais chamou sua atenção para aprofundarmos a discussão. O diálogo foi realizado coletivamente, sem a divisão de subgrupos. Pelo número de participantes, percebemos que seria possível realizar essa atividade no grupão, sem que a personagem *grupo-tímido* ficasse evidente.

Como o grupo estava pequeno, cada participante pôde revelar alguns aspectos da sua identidade, que muitas vezes ficam ocultos no momento de diálogo, quando o

grupo esteve um pouco maior. Ousaríamos afirmar que este foi o segundo momento em que no grupo houve uma intimidade verbal (*grupo-com-intimidade-verbal*).

Penélope comentou que, diante das dificuldades, se percebia muito chorona. Complementou afirmando que costumava reclamar muito quando algo dava errado e, geralmente, não agradecia quando conquistava uma vitória. Ressaltou a importância que tinha sua mãe como grande amiga e, que nos momentos de dificuldade, contava com o apoio dela.

Dara falou da importância que Deus e a mãe ocupam em sua vida. **Wilson** também afirmou que tem a mãe como melhor amiga e relatou um episódio de término de namoro em que sua mãe interveio para que ambos reatassem o relacionamento (*filho-amigo-da-mãe*).

Pâmela contou que o fato mais difícil que vivenciou foi a separação dos pais, afirmando acreditar que teve um princípio de depressão (*filha-com-depressão*) e disse “quando me trouxeram aqui pra palhoça foi que eu melhorei” (RV13.P21.L1041-1042), valorizando o espaço dos grupos de auto-estima no seu processo de superação do luto. **Glória** também comentou o quanto foi difícil vivenciar a separação dos pais, no entanto, tal fato foi potencializado, pois ela afirmou nunca ter tido um bom relacionamento com ambos, sentindo-se muito sozinha nesse processo (*filha-distante-dos-pais*).

Roberto não falou de si (*jovem-que-esconde-os-sentimentos*). Teorizou sobre o texto, trazendo exemplos superficiais para enfatizar a importância das escolhas. **Lailson** ficou calado durante todo o grupo (*participante-calado*).

Para iniciarmos a vivência, não tivemos intervalo e realizamos uma harmonização com todos sentados em roda no chão na posição de lótus, convidando-os para ficar atentos à respiração e à música do ambiente (vento, pássaros). Pedimos ao grupo para desenhar uma mandala, escolhendo as cores que expressassem como se sentiam naquele momento, após a nossa discussão. Quando foram terminando, entregamos um lápis a cada um para, no verso da mandala, escrever algo que havia ficado presente daquele encontro.



FIGURA 18: Mandalas criadas pelo grupo

A disposição das mandalas na foto expressa como o grupo estava posicionado na palhoça. Da direita para esquerda, iniciando na que recebeu o brilho do flash, relatamos o que cada participante escreveu no verso de sua mandala: Facilitadora 1, Facilitadora 2, Pâmela (*alívio, natureza, felicidade*), Ricardo (*saúde*), Lailson (*vida é como uma avenida cheio de quebra-molas. A vida é um conto de fadas. Na vida sempre teremos que passar por dificuldades*), Penélope (*preciso refletir sobre minha vida!*), Roberto (*ambigüidade*), Wilson (*em cada com um significado. Essas cores estão dizendo tudo o que preciso!*), Glória (*amor*), Lívia (*Cada dia uma cor diferente, um dia a mais vivido, uma experiência a mais, assim passar. E quando chegamos a cores repetidas, algo queremos voltar.*), Lia (*energia*) e Dara (*igualdade, força*).

Nesse encontro, nós, facilitadoras, participamos da vivência artística no momento de criação da mandala, não comprometendo o processo grupal. Finalizamos, cada participante lendo para o grupo o que havia escrito.

8. 4º ATO: DESPEDIDAS

Nesse capítulo, apresentaremos o processo vivido durante o 13º encontro do grupo - momento em que foi realizado o 2º círculo de cultura para a finalização da coleta de dados da pesquisa. Nas linhas que seguem, apresentaremos, respectivamente, os tópicos: finalizando a coleta de dados, considerações sobre a mesma e chegamos ao fim.

8.1. FINALIZANDO A COLETA DOS DADOS

O semestre estava chegando ao fim e no dia 20 de Junho de 2008 foi a sexta-feira da penúltima semana de aulas de informática que os jovens do nosso grupo cursavam. Optamos por realizar o fechamento do grupo de arte-identidade na mesma data do curso, evitando uma possível dispersão dos alunos durante as férias, bem como para conciliar com as férias coletivas que os funcionários do MSMCBJ sempre iniciavam no início do mês de julho.

Nessa data, então, foi o último dia que o nosso grupo iria se encontrar, apesar de ter tido ainda mais um encontro no dia 27 de junho de 2008 para entrega de certificados do curso de informática, do qual participariam outros jovens que não estavam frequentando o grupo de arte-identidade. Percebemos, então, que esse encontro tinha um significado importante, não somente por ser a última chance para realizarmos a coleta de dados da pesquisa, mas porque ele marcaria o fechamento do nosso processo grupal.

Nesse sentido, confeccionamos 24 convites para serem entregues a todos os jovens que em algum momento participaram do grupo de arte-identidade e ainda estavam frequentando o curso de informática. No convite, colocamos o nome de cada um, seguido da seguinte mensagem: “Estaremos nessa sexta-feira, dia 20, realizando o início do fim do nosso grupo. Por isso, estamos preparando um momento especial, pois exibiremos as fotos e os vídeos que foram registrados ao longo desse tempo. Para isso, queremos iniciar nosso encontro um pouco mais cedo, às 14h, na casa de aprendizagem. Contamos com a sua presença! Forte abraço. OBS: Dia 27, será o nosso último encontro e haverá a entrega de certificados.”

O convite também foi importante por causa da mudança do horário e do local do encontro. Sempre o grupo de arte-identidade acontecia às 14h30min na palhoça do

MSMCBJ e, no dia 20, optamos por realizar a coleta de dados às 14h no salão da Casa de Aprendizagem, um dos espaços do MSMCBJ, por ser um ambiente fechado a fim de garantir um melhor isolamento acústico e nenhum trânsito de outras pessoas. O convite, então, foi uma estratégia de garantir que a informação chegasse a cada um, sendo entregue pelo instrutor de informática durante a semana, uma vez que só encontrávamos os participantes no dia do grupo. No convite, também enfatizamos que iríamos expor as fotos e os vídeos que estávamos registrando ao longo da pesquisa, como uma forma de socializar o material coletado e de mobilizar a curiosidade para estarem presente nesse encerramento. O resultado foi que compareceram 16 (dezesesseis) jovens.

Unimos, então, nesse encontro vários aspectos: o encerramento oficial no grupo de arte-identidade, a coleta de dados da pesquisa, a retrospectiva e avaliação do processo vivenciado por cada um. Por isso foi muito importante que cada jovem que participou de 1 (um) ou mais encontros estivesse presente, para que pudéssemos dialogar sobre “como foi” para cada um ter estado conosco na nossa pesquisa-facilitação.

Os participantes chegaram pontualmente no local combinado, no entanto, um imprevisto no equipamento técnico atrasou a cerimônia. Iniciamos às 14h30min, explicando os objetivos daquele encontro, dando ênfase na coleta de dados da pesquisa, entregando o termo de consentimento, lendo-o, esclarecendo as dúvidas, solicitando que cada um assinasse, levasse para casa para os responsáveis assinarem, no caso dos jovens menores de 18 anos, e nos devolvesse na sexta-feira seguinte, na qual ocorreria a entrega de certificados. Esse momento foi necessário, pois alguns jovens que estavam presentes neste dia não tinham participando da primeira coleta de dados.

A fim de criar um clima de espontaneidade e aproximação entre os que estavam ali presentes, exibimos o vídeo que elaboramos contando a história do grupo, evidenciando fotos individuais e coletivas dos participantes, bem como o nome de cada um deles. Com a exibição do vídeo, ingressamos numa dimensão lúdica e vivencial, na medida em que os participantes emitiram olhares atentos, risos e comentários.

Para a facilitação do círculo de cultura optamos por utilizar a colagem, um recurso artístico com o qual os jovens já estavam familiarizados, além do que o recorte e a colagem de imagens tornaram o processo criativo mais fluido, uma vez que a utilização de outros recursos (como a pintura, o desenho, por exemplo) poderia se apresentar deveras complexo para um participante menos assíduo nas vivências artísticas. Entregamos 2 (duas) folhas de papel A4 e convidamos cada um a expressar

em uma folha como se percebia antes do grupo e, na outra, como se percebia naquele dia, depois de ter vivido o processo grupal.



FIGURA 19: Jovens produzindo colagens

Ao final da colagem, pedimos a cada um para se apresentar a partir da seguinte consigna: “Eu sou _____. Antes do grupo eu me sentia _____. Hoje eu me sinto _____” com liberdade para aprofundar, caso quisesse. Nesse primeiro momento, não houve diálogo, somente apresentação das produções artísticas a partir da consigna proposta. Durante o discurso de cada jovem, fomos registrando numa folha de papel fragmentos que nos chamaram a atenção e que contemplavam os objetivos da pesquisa, afinal, aquele seria um momento único e precioso para o nosso processo de investigação.

Para dinamizar esse primeiro momento utilizamos a seguinte estratégia: um jovem iniciou, falou, escolheu outro e este deu continuidade até que todos falaram. Essa estratégia foi interessante ao ser utilizada no início do grupo, porque a responsabilidade de falar ficou compartilhada entre os participantes e nós facilitadoras só interferimos no início dizendo: “*Então, quem é que gostaria de começar falando, se apresentando?*” (CC2.P02.L44). Depois que o primeiro participante falou, dissemos: “*Roberto, escolhe outra pessoa que você gostaria que se apresentasse agora...*” (CC2.P02.L74). Com essas consignas evitamos que o grupo ficasse em silêncio ou se dispersasse. Todos ficaram atentos, porque a qualquer momento poderiam ser convidados pelo próprio colega a falar. Como no caso do Roberto: “*A galera tá só botando a galera na fogueira*” (CC2.P3.L119).

Com essa apresentação das colagens, muitas personagens foram reveladas. Roberto iniciou esse momento: “... *Era muito ansioso e, por incrível que pareça, muito mais hiperativo. É... graças ao trabalho que foi realizado, né? Hoje eu estou mais calmo, não parece... é, pode rir, palhaço! Mas eu estou mais calmo, menos ansioso...*” (CC2.P02.L50-53). Antes do grupo, **Roberto** vivia a personagem *jovem-muito-ansioso*, evidenciada no seu discurso sobre a colagem afirmando que antes queria abraçar o mundo com as pernas, queria fazer tudo ao mesmo tempo e tinha suas idéias confusas. Esta personagem foi substituída pelo *jovem-menos-ansioso*. Ele também evidenciou três personagens com que convivia, as quais não sofreram metamorfose com a sua participação no grupo: *jovem-cara-de-pau*, *jovem-estressado-ao-extremo* e *jovem-que-usa-máscaras*.

Penélope foi a próxima convidada a falar: “*Bem, eu coloquei eu antes, pensando, sozinha. Porque eu sou muito de guardar as minhas coisas, não divido com ninguém...*” (CC2.P02.L78-80). Ao expressar o depois, leu a seguinte frase que colou na folha de papel: “‘*O que fazer para descobrir algo novo todos os dias?*’ *Aí eu coloquei: ‘Conversar com pessoas novas.’ Que sempre é bom você estar conversando com pessoas novas, conhecendo outra pessoa, [...] Só que o que é difícil é a gente dividir as coisas com outra pessoa.*” (CC2.P02.L84-90). Penélope trouxe a personagem atual: *jovem-que-esconde-os-sentimentos*. A noção de metamorfose e movimento não foi expressa pela jovem e é válido ressaltar que esta participou somente de 5 (cinco) encontros, sem alguma regularidade. No entanto, no primeiro encontro do grupo, Penélope comunicou que não poderia participar regularmente dos mesmos, pois tinha um filho e não tinha com quem deixá-lo. A personagem *jovem-mãe* não possibilitou uma participação assídua de Penélope no grupo.

Suzane foi convidada por Penélope a se apresentar: “... *eu antes, eu era assim: calada, sozinha, pensativa... Hoje eu já sou mais aberta eu já converso mais, também. Eu era muito tímida. Ainda sou*” (CC2.P03.L.94-96). **Suzane** trouxe as personagens *jovem-sozinha* e *jovem-tímida*, evidenciando que percebeu o aparecimento da *jovem-mais-aberta* e da *jovem-menos-tímida*. Assim como Penélope, Suzane compareceu somente a 5 (cinco) encontros do grupo, por questões financeiras, e, como afirmamos no capítulo intitulado “1º ato: fortalecendo os vínculos”, a personagem *jovem-desprovida-de-recursos-financeiros* impediu a *participante-interessada* de ter maior regularidade.

Suzane convidou **José** a apresentar sua colagem para os demais participantes: “... *meu antes, eu coloquei um vazio que é denominado a um tipo de vazio que eu pensava que eu tinha tudo, mas, no decorrer do tempo, eu percebi que eu não tinha nada. Me faltava um pequena coisa para me deixar assim um pouco mais feliz. O que podia ser? A paciência. Um passarinho para fazer um ninho tem que ter paciência. E um pouco mais pensativo pra pensar no que fazer na vida...*” (CC2.P03.L102-107). O jovem apresentou a personagem **jovem-vazio** que foi transformada nas personagens **jovem-paciente** e **jovem-mais-pensativo**.

Pâmela continuou apresentando sua colagem: “*Meu antes eu botei essa pessoa aqui, né, subindo cada dia mais, um degrau [...] e depois tá aqui eu, né? mais sorridente e mais alegre*” (CC2.P03.L109-114). A jovem evidenciou que personagem vivia antes do grupo, não aprofundando que degraus foram esses que estava subindo, no entanto, revelou duas personagens atuais: **jovem-mais-sorridente-e-mais-alegre**.

Lia foi indicada por Pâmela para continuar, e no seu discurso afirmou que “... *eu aprendi a rever melhor as minhas coisas*” (CC2.P03.L123-124). **Lia** não soube expressar a personagem que vivia antes do grupo através da frase: “*Meu nome é Lia e eu coloquei... porque coloquei... (risos)*” (CC2.P03.L121), evidenciando a **jovem-que-é-uma-eterna-criança** e a **jovem-mais-pensativa**.

Glória continuou com sua apresentação: “*Antigamente eu me achava assim, mais tímida... eu ainda sou um pouco tímida, mas eu era mais fechada para as pessoas. Eu era mais sozinha e mais triste também. E agora eu não ligo mais assim pros problemas como antes eu ligava, sei lá... passei a sorrir mais...*” (CC2.P03.L125-129). **Glória** se percebeu, quando chegou ao grupo, uma **jovem-mais-tímida** e uma **jovem-mais-sozinha-e-mais-triste**, no entanto, expressou uma mudança ao viver novas personagens: **jovem-pouco-tímida** e **jovem-que-sorri-mais**.

Wilson foi indicado por Glória para continuar a apresentação das colagens. No seu discurso: “*Antes eu era uma pessoa mais ignorante, preso e assim, não pensava também antes de agir. E agora, com o decorrer do tempo eu estou mais unido das pessoas e mais calmo também*” (CC2.P03.L129-131), **Wilson** trouxe as personagens que vivia antes do grupo: **jovem-mais-ignorante**. Naquele momento, o aparecimento de duas novas personagens: o **jovem-menos-ignorante** e o **jovem-mais-amigo**.

Lívia foi a seguinte participante a falar. Ao expressar que “*antes eu era mais inibida, eu me sentia mais isolada das pessoas, eu tô tentando melhorar...*” (CC2.P03.L132-133), evidenciou personagens com as quais ainda convive, mas que

anseiam por mudança: *jovem-mais-tímida* e *jovem-mais-sozinha*. A mudança que se deu foi com relação à intensidade com que passou a viver essas personagens após a participação no grupo, transformando as *jovem-menos-tímida* e *jovem-menos-sozinha*.

Gilson trouxe o seguinte discurso: “*Antes eu achava que eu, assim, era errado no dia-a-dia.. não seguia o caminho certo, não ia... realizar o que eu tinha que realizar... Se o caminho era esse, eu ia sempre pro outro canto, eu sempre fui assim, oh. Acho que até hoje ainda sou um pouco. Mas agora não, agora sou completo de vida, sou livre, TENTO ir pelo caminho mais certo quando a minha mãe fala, só que eu ainda sou bem teimoso, bem danado*” (CC2.P03.L137-142). Relatou assim que convivia com a personagem *jovem-teimoso*, e que naquele momento, após o grupo, ela ainda estava presente, só que em menor intensidade (*jovem-menos-teimoso*).

Ricardo evidenciou a personagem que vivia antes do grupo, a de *jovem-tímido*, metamorfoseando-se em *jovem-menos-tímido*. No seu discurso: “... *eu antes era assim oh (mostrando sua colagem)... era mais reservado, mais na minha, né? Aí quando eu comecei a passar por essas terapias eu fiquei assim oh (mostrando sua outra colagem), mais livre, mais espontâneo*” (CC2.P04.L152-155). É válido ressaltar que Ricardo participou do grupo de arte-identidade realizado em 2007.2 e 2008.1, que, apesar de serem grupos diferentes, tinham a mesma proposta metodológica.

Dara foi convidada por Ricardo para apresentar sua colagem. A jovem entrou no grupo no 8º encontro, participando, anteriormente, do grupo de auto-estima que acontecia pela manhã. No seu discurso: “... *assim aqui entrei tá com pouco tempo, e apesar desse pouco tempo, quando eu entrei eu me sentia assim um pouco presa, calada... aí com o passar do tempo eu fui falando com algumas pessoas, mas eu gosto, sabe de cada um que está aqui... e eu comecei a me senti a vontade. Eu fazia de manhã e não me sentia, não me sentia à vontade como me sinto aqui à tarde. Aí hoje, eu me sinto assim oh (mostrando a colagem): um pássaro, livre, feliz. Eu me sinto bem. Eu gosto*” (CC2.P04.L157-162). **Dara** ao chegar ao grupo vivenciou a personagem *participante-calada*, no entanto, a partir das atividades desenvolvidas no decorrer dos 5 (cinco) encontros que participou, passou para a *participante-à-vontade*.

Monera, assim como Ricardo, participou do grupo de arte-identidade realizado em 2007.2 e 2008.1, no entanto, ela esteve somente em 3 (três) encontros do último. No seu discurso: “... *eu me sentia muito assim sem iniciativa. Eu sempre tive sonhos, sempre tive desejo de conseguir as coisas, mas eu não tomava iniciativa, eu não tinha... Bom, era mais parada, né? E também muito isolada. E esse daqui (mostra a colagem) é*

o hoje, o agora, assim eu tenho auto-confiança, mas um pouquinho de medo, e eu tenho consciência de que o meu futuro depende das coisas que eu estou fazendo hoje” (CC2.P04.L163-168). Antes do grupo, **Monera** vivenciava a personagem *jovem-sem-iniciativa*, a qual não possibilitava a *jovem-que-tem-sonhos* de concretizar seus anseios. Após sua participação, ela percebeu o aparecimento da *jovem-auto-confiante*, que a impulsiona a agir com autonomia, mesmo convivendo com situações que lhe causam medo.

Odete começou a participar do nosso grupo a partir do 8º encontro, iniciando juntamente com Dara e Rebeca, no entanto, só retornou no último para realização da pesquisa. Seu discurso expressou como se percebeu e se sentiu no único encontro que vivenciou: “... eu acho que eu estou aprendendo porque eu estava disposta a aprender, a descobrir coisas novas... até porque eu sou muito tímida. E o depois... felicidade, diversão, foi o que eu aprendi né? na vez que eu vim aqui” (CC2.P04.L170-173). **Odete** evidenciou uma personagem atual: a *jovem-tímida*.

Pedro se apresentou afirmando que “... eu era uma pessoa que eu era muito bagunceiro, as pessoas não davam nada por mim... uma pessoa que mexia com os outros sem ver nem pra quê, querendo brigar com os outros, agora... o depois é assim: “de volta à vida”. A vida que agora é só na paz e tranqüila” (CC2.P04.L174-177). Ou seja, **Pedro** convivia com a personagem *jovem-bagunceiro* e a sua participação no grupo possibilitou o aparecimento do *jovem-tranqüilo*.

Dilma finalizou esse momento do grupo com o discurso: “... eu sou muito assim, calada, tímida, ainda sou tímida agora... depois, mais alegre e mais amiga” (CC2.P04.L179-180). Apresentou assim a personagem presente na sua vida: *jovem-tímida*. No entanto, com sua participação, percebeu o desabrochar de uma *jovem-mais-alegre-e-mais-amiga*.

Após a apresentação individual de cada participante, foi iniciado o círculo de cultura a fim de aprofundar elementos trazidos de forma superficial no discurso de cada um. Destacamos então a personagem *jovem-tímido(a)*, que esteve presente em alguns discursos e, a partir daí, encontramos outras.

Suzane evidenciou que a *jovem-tímida* sempre esteve presente em diferentes segmentos sociais: escola, família, grupo de arte-identidade. **Glória**, que também expressou a *jovem-mais-tímida*, acrescentou que ela só emergia quando estava ingressando em algum grupo novo e não conhecia alguém.

Roberto apresentou um pouco da sua história, trazendo personagens que foram se metamorfoseando ao longo da sua vida: *“Eu vou dizer... é... quando eu era criança, falo sério, quando eu era criança, eu sofria muito porque eu era aquele meninozím que... trancado dentro de casa, não conhecia nada da vida. Eu tinha medo de ir na esquina comprar um bombom porque eu tinha medo de me perder [criança-medrosa]. Falando sério! Eu era tímido, tímido mesmo [criança-tímida]. Só que eu comecei a minha vida escolar, no Ensino Fundamental, até a 2ª série eu era muito tímido, eu não conseguia falar, eu não conseguia chegar perto da galera pra puxar assunto e tal... foi aí que chegou um menino pra mim, né?, aí que sentou perto de mim, puxou conversa comigo, aí deixei pra lá, fiquei tentando me sair. Aí ele falou que ia me pegar lá fora. [...] Quando foi lá fora ele sentou o sarrafo em mim. E... aí eu comecei a ver que aquela timidez não ia me levar a nada. Aí eu comecei a tentar... [...] a ver que aquilo dali não era pra mim não. Aí eu comecei a tentar puxar conversa com a galera. Aí pronto, eu fiquei sem vergonha, sendo cara-de-pau mesmo [criança-sem-vergonha, criança-cara-de-pau]. Porque tem que ser cara-de-pau, não adianta você dizer ‘aaaí, eu sou tímido’... Vai pra lá! Negócio de timidez. Me prejudicou muito quando eu era criança”* (CC2.P05.L215-233).

Nesse momento, iniciou-se uma discussão sobre como os diferentes grupos sociais com que cada um convivia fortalecia ou não a manutenção das personagens vividas por cada jovem. Nesse diálogo **Penélope** apresentou outra personagem: **jovem-sincera**. *“Eu sou até criticada por ser solta demais, e também pela sinceridade. Eu sou aquelas pessoas que assim, fala... A verdade dói... eu falo! Eu sou bem sincera”* (CC2.P06.L264-265).

O discurso de Penélope mobilizou Monera a falar, expressando a personagem **grupo-sincero** presente no grupo: *“eu achei que as pessoas falaram, foram sinceras, todas. De certa forma falaram pouco, mas o que elas disseram, assim, representa muita coisa pra todo mundo”* (CC2.P06.L278-279). E complementou acrescentando uma percepção de si: *“antes, a falta de iniciativa, eu sempre tive tudo... sempre tive tudo, mas era muito parada, não corria atrás do que eu queria. Agora não, eu tô mais perseverante, e eu tenho consciência que eu posso mudar”*.

Outras personagens do grupo foram expressas (**grupo-unido** e **grupo-com-panelinha**) no discurso do Roberto, ao avaliar o processo grupal, após convite da facilitadora: *“[...] assim, em todo grupo vai haver panelinha... é normal... é até de certo modo, benéfico, né? É porque é assim, o grupo é unido, certo? Mas não*

necessariamente por ser unido a gente quer falar na mesma hora, do mesmo assunto, no mesmo local” (CC2.P07.L292-294).

Dara relatou o processo que vivenciou desde o seu ingresso tardio: *“No primeiro dia, assim, né?, eu senti vergonha [participante-calada], mas depois eu vim me sentindo à vontade [participante-à-vontade]. [...] eu ainda nem falo direito com todo mundo, também, né?, é só uma vez por semana, é pouco tempo para conversar, mas eu me sinto à vontade! Agora explicar porque eu não sei não, mas eu me sinto. Eu acho assim o grupo mais acolhedor [grupo-acolhedor]. Eu gostei, apesar de ter sido pouco tempo, né?, que eu cheguei aqui, mas eu gostei!” (CC2.P07.L323-330).*

Convidados pelas facilitadoras os jovens foram expressando com quais participantes haviam se aproximado mais, tanto no grupo quanto no cotidiano. Segundo Wilson: *“... me aproximei de gente que eu não falava, inclusive tem pessoas que eu ainda não falei ainda, mas que eu pretendo me aproximar” (CC2.P08.L386-387).* Nesse momento iniciamos outra estratégia para dinamizar o discurso dos participantes, bem como conhecermos quais as personagens que cada um identificava no outro. Assim, um a um, fomos expressando nossa percepção sobre o outro que, com a confirmação da presença dessas características nele, resultou na construção do quadro seguinte que ilustra os adjetivos que caracterizam cada jovem.

QUADRO 5: Percepção do grupo sobre cada jovem

Pâmela	Chata, amiga, compreensiva, fiel, alegre, sorridente, espontânea, legal, simpática, bonita
Dara	Dá pouco cabimento a brincadeiras, não gosta de falar com estanhos, se não é 8 é 80, estudiosa.
Odete	Tímida, pensa 330 trilhões de vezes antes de pensar e de falar, bem calma, bem serena, explosiva.
Wilson	Engraçado, gosta da música “Créu”
Gilson	Moleque na presença do Roberto, espontâneo.
José	Poeta, muito simpático, brincalhão, gosta muito de computador, participativo, inteligente, persistente
Lia	Simpática, sorridente, uma pessoa 10, show de bola
Lívia	Calculista, zanga-se com facilidade, astuciosa
Monera	Calma, séria, legal,
Dilma	Calada, séria, observadora, calculista, tímida, quieta, explosiva, amiga
Roberto	Tem altos e baixos, cara-de-pau, intrometido, palhaço, não estudioso, tem o poder de despertar o lado espontâneo das pessoas, muito doido, animador.
Pedro	Falta muito, muito calado, sério, tímido.
Penélope	Legal, simpática, pra tudo tem opinião, experiente, inteligente, simpática, espontânea, participativa.

Ricardo	Perseverante, pensa no seu futuro, diferente, luta para ser alguém na vida, tímido, retraído, inteligente, simpático, fiel às amizades, impaciente, calado que se solta com um empurrãozinho.
Suzane	Tímida, confiável, sincera, inteligente, especial, legal, amiga, sabe escutar, explosiva
Glória	Forte, decidida.

Durante esse momento no qual cada jovem disse como percebia o outro, outros personagens foram evidenciados por Roberto e Dara ao discordarem e complementarem com o que foi colocado. **Dara** revelou a *jovem-tímida*, negando a personagem jovem-séria expressa pelo grupo: “... *tudo o que falaram aí é verdade. Mas assim eu não sou muito séria não, é mais tímida... é quando eu não conheço a pessoa aí eu fico na minha. Aí, aparentemente, aparenta, né? Tem gente que me diz que eu sou chata, séria... mas quando me conhecem, mudam de opinião*” (CC2.P12.L595-598).

Quando o grupo foi mostrar como percebia Roberto, ele revelou um personagem ainda não conhecida: “... *Roberto quando está pensando, calado, não quer conversar, não quer compartilhar o que está sentindo [jovem-que-esconde-o-que-sente]. Esse Roberto vocês, graças a Deus, ainda não conhecem. E tem o Roberto estressado ao extremo [jovem-estressado-ao-extremo]. Estressado eu brinco, agora tem aquele tipo de estresse que não dá pra perdoar. Alguém passa por você e: ‘-bom dia’, aí: ‘-se o dia for bom, à noite eu lhe digo’ [...] Eu uso máscaras, não vou mentir [jovem-que-usa-máscaras]. Eu sou falso... eu sou falso pra proteger as pessoas que eu gosto, não falsidade de falar dele ou dela e pelas costas falar mal. Mas é proteger as pessoas de mim. Quando eu tô triste, eu procuro não demonstrar que eu tô triste [jovem-que-esconde-o-que-sente], porque a gente sabe que quando a gente tá triste, muito triste mesmo, as pessoas que nos amam, que estão ao nosso redor acabam ficando triste também. Então, eu amo vocês, vocês estão ao meu redor, não tem porque eu querer que vocês compartilhem da minha tristeza. Então deixa eu ficar moleque mesmo pra todo mundo rir, mangar*” (CC2.P.18-19.L882-896).

Além dos personagens individuais que emergiram durante esse momento do círculo de cultura, outros foram evidenciados no discurso dos participantes. **Monera** comentou: “*eu achei que as pessoas falaram, foram sinceras, todas [grupo-sincero]. De certa forma falaram pouco [grupo-calado], mas o que elas disseram, assim, representa muita coisa pra todo mundo*” (CC2.P06.L277-279). **Suzane** revelou as personagens *grupo-acolhedor* e *grupo-legal* através do discurso: “*Eu queria dizer que acho o grupo muito acolhedor, são umas pessoas muito legais e eu gostei*”

(CC2.P17.L819-820). **Odete** na sua breve passagem pelo grupo expressou a personagem **grupo-descontraído**: “Na única vez que eu vim aqui eu achei o grupo muito descontraído e é isso que eu levo pra mim” (CC2.P22.L1048-1049).

Após esse momento, propomos uma síntese final, convidando cada jovem ali presente a expressar de forma sucinta como se percebia após o grupo. Apresentaremos essa síntese em um novo quadro.

QUADRO 6: Síntese da percepção de si após o grupo

Pâmela	menos ignorante
Dara	mais feliz
Odete	descontraída
Wilson	mais amigo
Gilson	alegre
José	mais amigo
Lia	mais reflexiva
Lívia	determinada
Monera	determinada
Dilma	menos tímida
Roberto	menos ansioso
Pedro	mais humilde
Penélope	compartilhar opiniões
Ricardo	mais solto e mais moleque
Suzane	mais calma
Glória	mais segura

Uma síntese também pode ser feita a partir da percepção das identidades do grupo: **grupo-sincero**, **grupo-acolhedor**, **grupo-calado**, **grupo-muito-acolhedor**, **grupo-muito-legal** e **grupo-muito-descontraído**. Reportando-nos a Diógenes (2007, p.217), “... quando o grupo é sentido como um útero acolhedor, cada participante pode renascer para uma nova vida...”. De fato, ao longo dos encontros, investimos na linha da afetividade⁴³ por acreditarmos que ela seria a “cola” que geraria a construção de vínculos para que cada identidade pudesse ser expressa num ambiente sincero, acolhedor, legal e descontraído, dando inclusive, a possibilidade do silêncio, quando o grupo desejasse ficar calado.

⁴³ De acordo com Góis (2002a, p. 91), “a vivência da afetividade surge de uma instância primal, como as demais vivências, para transformar-se em expressão humana de carinho, ternura, amizade, intimidade com o outro, proteção e solidariedade. É a fonte da ética, o caminho pelo qual o ser humano pode construir coletivamente uma sociedade democrática e amorosa – de cidadãos”.

Novamente surgiram as personagens antagônicas *grupo-unido* e *grupo-com-panelinha*, esta última remetendo à personagem grupo-dividido já emergente no 7º encontro. Percebemos, pois, que por mais que o grupo se configure como uma unidade, totalidade, os vínculos não se dão de maneira homogênea entre todos seus participantes. Para a investigação dessas afinidades existe a Sociometria (MORENO, 1992), que mede as relações sociais de um grupo através do teste sociométrico, Segundo Seminotti *et. al* (2007), esse instrumento possibilita investigar os vínculos entre pessoas, mapeá-los e permitir que sejam vistos e compreendidos na configuração do grupo: forças de atração e afastamento, interações e comunicações emitidas e recebidas por seus participantes. Não iremos aprofundar tal assunto, por não ser um objetivo da nossa pesquisa. Voltemos, então, ao processo grupal.

Segundo Heller (2000), ao tratar do homem na vida cotidiana, compreende o grupo enquanto um espaço onde nascem as experiências de transformação individual e social. “O processo de um grupo acontece simultaneamente com os processos individuais, o que possibilita ao facilitador ver o todo e as partes funcionando em perfeita sintonia” (DIÓGENES, 2007, p.207).

Antes de finalizarmos o grupo, propusemos uma avaliação do trabalho realizado pelas facilitadoras, como parte da estratégia utilizada no modelo de facilitação de desenvolvimento referido no capítulo 2. Segundo José a proposta foi “*perseverante*” e Lívia julgou “*interessante*” (CC2.P22.L1081-1082). Roberto trouxe um aspecto pertinente, que justifica inclusive o método dialógico-vivencial que utilizamos na arte-identidade: “*o trabalho de vocês, no meu ponto de vista, tá excelente. A única sugestão que eu dou é que não feche ele desse jeito, deixe aberto porque com esse grupo funcionou, desse jeito funcionou, mas é sempre bom deixar esse trabalho livre porque o próximo que vier vão ser pessoas diferentes e como nós todos, as pessoas são diferentes, então é sempre bom deixar aberto... mas pra nós, pra nós, essas pessoas presentes aqui foi a pérola do ano. Merece o Oscar*” (CC2.P22.L1083-1088).

Ouvimos também críticas com relação à música vindas de Lívia e Glória, esta última, no entanto, complementou: “*não, no primeiro dia eu achei as músicas meio estranhas, mas agora eu gosto. A gente dança, a gente anda, a gente pula, a gente fica correndo... é legal*” (CC2.P23.L1095-1096).

Pâmela, na sua avaliação do grupo, trouxe também uma nova personagem sua que emergiu: “*apesar de sempre ter participado [dos grupos de auto-estima da instituição] eu achei mais interessante com vocês do que dos outros que eu vim... era*

cansativo que só [...] assim eu percebo que eu estou mais calma [jovem-menos-ignorante] assim no modo de tratar as pessoas. Antes com a mãe ela falava uma coisa, antes dela terminar eu já falava 1.000 coisas em cima dela. Eu gostei mais de mim [jovem-que-gosta-mais-de-si]” (CC2.P23.L1102-1107).

Lia enfocou na sua avaliação os momentos do diálogo, ressaltando a importância: *“foi bom né? Porque vocês debateram o que a gente gostou, pediu, trouxe temas atuais, interessantes...” (CC2.P23.1110-1111).* E Pâmela complementou: *“os temas mais polêmicos, né?” (CC2.P23.L1112).* Com relação à vivência artística, Roberto e Lia trouxeram outras dimensões da arte-identidade: estimulou a criatividade e a atenção, bem como no grupo sentiam que voltavam a serem crianças.

Finalizamos com o lanche e combinamos os detalhes para o encontro seguinte, no qual aconteceria o encerramento do curso, juntamente com a entrega de certificados.

8.2. CONSIDERAÇÕES SOBRE A COLETA DE DADOS

Um aspecto muito importante, que não foi garantido no 1º círculo, de cultura, mas foi contemplado no 2º, foi garantir que todos os participantes falassem, uma vez que a opinião de cada um que estava ali era importante para movimentar o processo de discussão no grupo. Como garantimos isso?

Para a apresentação da colagem elegemos 3 (três) perguntas geradoras, uma vez que o grupo tinha um número significativo de jovens⁴⁴. As perguntas foram: *“de quem eu sou próximo nesse grupo?”*; *“como eu percebo cada membro?”* (todos falavam as características que percebiam em cada participante), e *“como eu me vejo antes e depois do grupo?”* (síntese final que contemplava o objetivo geral da pesquisa). Após a realização de cada pergunta, nós convidamos cada participante a emitir sua opinião. Utilizando ora a estratégia de dinamização dos discursos utilizada na apresentação inicial, ora iniciando com a opinião das facilitadoras sobre a pergunta geradora, convidando um participante específico para falar e, quando ele terminava, sugeríamos que fosse seguido um sentido sequencial, passando por todos ali presentes. Portanto, utilizando o círculo de cultura como instrumento de coleta de dados, constatamos que é importante que a palavra circule entre todos os participantes e o facilitador tenha um

⁴⁴ Para grupos menores pode haver um número maior de perguntas geradoras.

papel decisivo nesse momento, podendo sugerir rodadas de falas a partir de algum tema gerador pertinente à investigação proposta.

Os outros temas secundários podem ser enfocados com menos animação, afinal, entre um tema e outro, a palavra vai circular entre os participantes com um menor grau de interferência da facilitadora, principalmente se o grupo já estiver bem vinculado, como foi o caso do nosso após 5 (cinco) meses de convivência.

Outra estratégia de dinamização do discurso utilizada foi: as facilitadoras convidaram o participante que estava ao seu lado direito para falar e fez-se uma rodada de falas, terminando onde iniciou. Essa estratégia foi interessante de ser usada no final, porque iniciamos propondo a atividade de síntese, todos falaram e as facilitadoras finalizaram o círculo de cultura com um fechamento do encontro, através da sua síntese e de uma vivência (roda de olhar).

A síntese foi muito importante ao final, pois resgatou a pergunta inicial e permitiu a cada participante trazer os elementos que surgiram após a discussão. Para dinamizar essa rodada de perguntas geradoras e garantir que cada um falasse foi importante criar uma consigna semi-diretiva. Com essas estratégias, percebemos que a coleta de dados através do círculo de cultura foi satisfatória e contemplou os objetivos desse estudo.

8.3. E CHEGAMOS AO FIM...

O 15º encontro do grupo foi o encerramento coletivo das atividades de 2008.1 dos jovens que participaram do curso de informática e do grupo de arte-identidade. Para celebrar o fechamento desse ciclo, cada participante levou algum prato de comida e foi realizada a entrega de certificados.

Nesse dia, 27 de Junho de 2008, havia 2 (dois) jovens que não participaram do grupo de arte-identidade. Pedro não tomou parte desse momento, justificando que, por morar em Maracanaú, ficaria tarde ir para casa após o encerramento (será esse o motivo que o levou a faltar tanto os nossos encontros?). Carlos e Ulisses também não participaram, pois estavam trabalhando. Dara e Ricardo compareceram, não para receber o certificado, mas a convite das facilitadoras.

Iniciamos o encontro com uma roda de comunicação. Posteriormente, a coordenadora dos cursos de informática falou do objetivo daquele encontro, seguida do instrutor dos cursos de informática, que deu o depoimento da sua trajetória profissional até trabalhar na instituição.



FIGURA 20: Entrega de certificados

Durante a entrega de certificados, convidamos cada participante, após receber o documento, a expressar algo a partir da seguinte pergunta geradora: “o que eu aprendi que justifica esse certificado?”.

Nesse encontro, além da entrega de certificados, cada um do grupo de arte-identidade foi presenteado com um CD contendo todos os vídeos e fotos registradas ao longo da facilitação. Após essa solenidade, todos comemos, bebemos, ouvimos música, conversamos, rimos, tiramos fotos, enfim, nos despedimos com alegria e saudade de um tempo que não voltará mais.

9. FOTOGRAFANDO MOVIMENTOS: AS IDENTIDADES EM FOCO

Nesse capítulo iremos apresentar o movimento da identidade de 8 (oito) jovens participantes, apresentando o surgimento das personagens que caracterizam tal fato, contemplando assim o *objetivo 1* de nosso estudo: *Analisar as personagens que surgem no movimento da identidade dos jovens durante a participação assídua no grupo de arte-identidade.*

Como exposto nos capítulos anteriores, que versaram acerca da história do grupo, outros movimentos identitários ocorreram, no entanto, estamos focando estes a partir de dois critérios: 1. a densidade das informações oferecidas por estes participantes, apresentando um conteúdo significativo para uma análise com qualidade, e 2. a frequência de participação nos encontros semanais do grupo, acompanhados por assinatura numa lista, caracterizando uma porcentagem superior à 64%, relativa a presença em pelo menos 9 (nove) dos 14 (quatorze) encontros, evidenciando assim assiduidade e regularidade nos jovens elegidos para uma análise mais profunda dos resultados.

Para melhor visualização desse movimento, iremos apresentar cada identidade em um tópico específico, focando dentro deles dois temas emergentes no quadro temático (apêndice 4), a citar: percepção de si e percepção de si – metamorfose. É válido novamente ressaltarmos que essa mudança que estaremos apresentando a seguir deu-se através da participação de cada jovem no grupo de arte-identidade, que a partir da sua história também de movimentos e mudanças, possibilitou que cada identidade emergisse no encontro de outras singularidades num grupo igualmente singular.

9.1. PÂMELA

Pâmela, uma jovem de 16 anos⁴⁵, compareceu ao primeiro encontro do grupo de arte-identidade no horário em que havíamos combinado e entregando o questionário conforme solicitado. Compareceu a 10 (dez) dos 14 encontros, com uma frequência de 71,42%, apresentando faltas intercaladas, jamais consecutivas.

A participação de Pâmela no grupo lhe era peculiar: costumava chegar cedo, mas não ia imediatamente para a palhoça, onde aconteciam os encontros. Geralmente,

⁴⁵ A idade dos jovens referidas nesse capítulo representa a que eles tinham no momento em que o grupo foi realizado em fevereiro a junho de 2008.

ficava no portão ou próximo ao bebedouro, aguardando a chegada de Dilma, de quem costumava ficar próxima fazendo as atividades sugeridas ou realizando conversas paralelas. É válido ressaltar que a presença de uma pessoa com a qual já haja um vínculo afetivo estabelecido é um agente facilitador do processo de inclusão num grupo composto inicialmente por pessoas desconhecidas, uma vez que a afetividade humana vem da necessidade de sentir-se seguro e protegido. A “...vivência da afetividade surge de uma instância primal, como as demais vivências, para transformar-se em expressão humana de carinho, ternura, amizade, intimidade com o outro, proteção e solidariedade” (GÓIS, 2002a, p. 91).

No entanto, no grupo de arte-identidade, buscávamos também desenvolver o potencial afetivo presente nos participantes, por compreendermos que esse desenvolvimento estava intrinsecamente ligado à capacidade de cada jovem de identificar-se com o outro, demonstrando empatia, expressando-se verbal ou corporalmente e afirmando-se ou acolhendo através do olhar, do sorriso ou do encontro entre corpos inteiros (RIBEIRO, 2008). Para um grupo que, inicialmente, vivia personagens como *grupo-divido*, *grupo-com-medo-de-se-expor* e *grupo-que-se-esconde*, a presença desses vínculos iniciais entre pares tecia as primeiras conexões de uma rede afetiva.

As personagens evidenciadas no grupo por Pâmela transitavam entre dois pólos: ora mostrava-se propositiva, interativa e interessada, expressando sua opinião diante dos temas discutidos e das atividades sugeridas; ora mostrava-se tímida, resguardada e absorta, afetando-se pouco com o que acontecia na roda e, às vezes, não participando do que era proposto. Assim, vivenciou as personagens *participante-propositiva* e *participante-tímida*.

Durante a vivência biocêntrica, enfocávamos a linha da vitalidade, a qual é gerada com a combinação de fatores que conduzem o organismo à homeostase, tais como instintos de conservação, fome e sede, respostas de luta e fuga, disponibilidade para a atividade e o repouso (TORO, 2002). Tal ênfase justificava-se por ser esta a linha menos reprimida, portanto, privilegiada no trabalho com grupos de pessoas sem vivência de Biodança. Toro (1991) apresenta 10 (dez) indicadores de vitalidade para a avaliação da expressão deste potencial genético no homem, dentre eles destacamos a “vitalidade do movimento” para observar o nosso grupo de arte-identidade, visto que esse indicador pode ser registrado durante os exercícios de Biodança. Segundo o autor, a vitalidade do movimento se expressa através do tônus, agressividade, elasticidade,

agilidade, ímpeto e potência. Pudemos observar em Pâmela pouca expressão desses componentes do movimento, o que lhe evidenciou a personagem *participante-com-pouca-vitalidade*.

Aquelas não eram as primeiras atividades de grupo das quais ela participava, pois afirmou no penúltimo encontro que, quando seus pais se separaram, foi encaminhada para as atividades de auto-estima com adolescentes realizadas pelo MSMCBI, pois estava com depressão: “quando me trouxeram aqui pra palhoça foi que eu melhorei” (RV13.P21.L1041-1042) afirmou, mostrando ter superado a personagem *filha-com-depressão*, que vivia a partir da sua inserção em grupos de crescimento pessoal.

Pâmela não era somente a *participante-tímida* por nós observada, ela também convivia com a *jovem-tímida* no seu cotidiano, revelando-se calada e pouco comunicativa nas suas interações sociais, ao afirmar no 8º encontro: “eu sou na minha” (RV8.P15.L720). Ela também convivia com a *jovem-ignorante*, que dizia: “se eu tiver passando na rua e uma pessoa cochichar, eu tiro satisfação, quero nem ver!” (RV8.P15.L720-721). Esta personagem foi evidenciada pelo grupo no último encontro, quando lhe atribuíram o adjetivo chata. No discurso de Roberto, ele utilizou metáforas e onomatopéias referindo-se a essa mesma personagem: “a Pâmela? Chata, chata, chata... mexeu, bombeou, buuum!, pé no freio! Aí quando ela vem parece um trem, mais de mil. Piuúúúúú. Tuuum!” (CC2.P19.L935-936).

Pâmela não nomeou a(s) personagem(ns) que vivia antes de entrar no grupo de arte-identidade, trouxe apenas: “Meu antes eu botei essa pessoa aqui, né, subindo cada dia mais, um degrau...” (CC2.P3.L109-110). Ciampa (2007, p. 197) parafraseia Hegel e afirma que “cada momento do desenvolvimento do concreto [metamorfose é o desenvolvimento do concreto] é um degrau derradeiro de degraus anteriores, ao mesmo tempo que é o ponto de partida e o primeiro de um sucessivo desenvolvimento”. Ou seja, ali estava se dando a metamorfose expressa na personagem *jovem-mais-alegre-e-mais-sorridente*, que também foi evidenciada na palavra geradora “feliz” que utilizou para expressar como se sentia no grupo no 1º círculo de cultura. Pelo grupo foi percebida no último encontro como uma pessoa amiga, compreensiva, alegre, sorridente, legal e simpática, além de fiel e bonita, ou seja, diferentemente da *jovem-ignorante* citada acima.

Quando num grupo se vive a afetividade, os participantes mergulham numa atmosfera acolhedora, na qual cada um tem a chance de experimentar um maior contato

consigo mesmo e também de revelar o melhor de si, sem deixar de ser o que é (DIÓGENES, 2007). Assim, Pâmela pôde ser a *jovem-mais-alegre-e-mais-sorridente* e metamorfosear a *jovem-ignorante* em *jovem-menos-ignorante* “*eu percebo que eu estou mais calma assim no modo de tratar as pessoas*” (CC2.P23.L1105-1106), de modo que o grupo a percebeu não ignorante, mas espontânea e muito sincera. Diante das metamorfoses, conclui o 2º círculo de cultura afirmando: “*Eu gostei mais de mim*” (CC2.P23.L1107), revelando a personagem *jovem-que-gosta-mais-de-si*.

QUADRO 7: Papéis e personagens de Pâmela

PÂMELA				
PAPÉIS	PERSONAGENS			
Filha	Com depressão			
Participante do grupo	Tímida			
	Propositiva			
	Com pouca vitalidade			
Jovem	Tímida			
	Ignorante			
	Alegre e sorridente			
	Que gosta de si			
	1º círculo de cultura		2º círculo de cultura	
Metamorfose	Antes	Depois	Antes	Depois
	-	-	-	Jovem-mais-alegre-e-mais-sorridente
	-	-	-	Jovem-menos-ignorante
	-	-	-	Jovem-que-gosta-mais-de-si

Concluindo, podemos afirmar, a partir das metamorfoses das personagens de Pâmela, que o grupo de arte-identidade atuou no fortalecimento:

1. Da linha de vivência da vitalidade, uma vez que “no aspecto psicológico a vitalidade se expressa pela alegria de viver” (TORO, 2002, p.85), evidenciada na personagem *jovem-mais-alegre-e-mais-sorridente*.

2. Da capacidade de construir vínculos com o outro, restaurando a integração com o semelhante, ou seja, o vínculo original com a espécie, a partir de uma reeducação afetiva advinda do fortalecimento da linha de vivência da afetividade, expressos na personagem *jovem-menos-ignorante*.

3. Do poder pessoal que é “a capacidade de influir na construção de relações saudáveis com os outros e com a realidade” (GÓIS, 1993, p. 73-74), expresso pela mesma personagem *jovem-menos-ignorante*.

4. Da linha de vivência da afetividade, quando a personagem *jovem-ignorante* cede espaço para a *jovem-menos-ignorante* atuar.

5. De outro aspecto saudável da identidade: a “percepção de si mesmo como criatura portadora de um valor intrínseco” (TORO, 2002, p.103), a partir da *jovem-que-gosta-mais-de-si*.

6. Do valor pessoal, que é expresso pela capacidade de viver e de gostar de si mesmo, percebido a partir da mesma personagem, *jovem-que-gosta-mais-de-si*.

9.2. WILSON

Wilson, um jovem de 18 anos, compareceu ao primeiro encontro entregando o questionário solicitado e mostrando-se reservado ao interagir com poucos participantes. Participou de 9 (nove) dos 14 encontros, totalizando uma frequência de 64,28%, com duas faltas consecutivas.

Durante sua participação no grupo, buscava estar sempre próximo de Lia, Lívia e Glória, ou de alguma outra menina, interagindo pouco com os outros participantes, principalmente do sexo masculino. Apresentava sempre um sorriso no rosto e o grupo se divertia com seus comentários, perguntas e opiniões. Nos círculos de cultura, Wilson mantinha-se geralmente calado e nos exercícios de Biodança propostos comportava-se de duas maneiras: brincava com quem estivesse mais próximo, provocando risos em alguns do grupo, ou ficava de olhos abertos nos exercícios de regressão com olhos fechados. Tais fatos revelaram uma personagem sua: *participante-brincalhão*, percepção nossa confirmada pelo grupo, quando lhe atribuíram o adjetivo engraçado.

Um episódio marcante na história do grupo deu-se no primeiro encontro quando, após o estranhamento dos jovens com a música que colocamos para um exercício de caminhar, Wilson perguntou se poderia trazer o CD do “Créu”⁴⁶ para utilizarmos. O grupo riu e logo entrou num consenso, mas até o último encontro ficou lembrado como sendo “o créu”. No entanto, diante do pedido do jovem, manifestando seu gosto musical, sabíamos que tal fato seria impossível, uma vez que utilizávamos na

⁴⁶ Wilson se referia ao cantor de funk Mc Creu que na época estava fazendo sucesso com a dança do Creu.

vivência biocêntrica a música orgânica, escolhida a partir dos seguintes critérios: coerência entre prolepse e desenvolvimento musical; conteúdo emocional definido e intenso; e presença de um tema musical estável que expresse um estado de ânimo elevado (TORO, 2002), características que muitas das músicas ouvidas pelos jovens não possuíam. Ou seja, um desafio nosso durante toda a facilitação do grupo de arte-identidade foi escolher músicas que causassem menos estranhamento nos participantes, uma vez que todas ou pelo menos boa parte delas eram desconhecidas pelos jovens.

Voltando a Wilson, percebemos que ele não se expunha nos momentos de intimidade verbal, geralmente emitindo opiniões paralelas com Lia, Lívia ou Glória, no entanto, no penúltimo encontro afirmou que sua mãe era a sua melhor amiga, evidenciando a personagem *filho-amigo-da-mãe*, o que não é tão comum na juventude, uma vez que nesse período buscam novos referenciais para a construção da identidade, principalmente através dos grupos de pares, deixando os pais à deriva na convivência social (SARTI, 2004).

Ao se referir como se percebia no grupo durante a realização do 1º círculo de cultura, utilizou a palavra geradora “feliz”. No 2º círculo de cultura, revelou as personagens com que convivia antes de participar do grupo *jovem-mais-ignorante* e *jovem-mais-calado*, que foram modificadas para *jovem-menos-ignorante* e *jovem-mais-amigo*.

Observando ainda suas mudanças, o grupo despertou em Wilson um desejo de ampliar os vínculos, em suas palavras, de ser “*mais amigo*” (CC2.P22.L1060) e “*mais unido das pessoas*” (CC2.P3.L131). No seu discurso: “*eu acho que o que aconteceu aqui foi muito importante, me aproximei de gente que eu não falava, inclusive tem pessoas que eu ainda não falei ainda, mas que eu pretendo me aproximar*” (CC2.P8.L385-387).

QUADRO 8: Papéis e personagens de Wilson

WILSON				
PAPÉIS	PERSONAGENS			
Filho	Amigo da mãe			
Participante do grupo	Brincalhão			
Jovem	Ignorante			
	Calado			
	Amigo			
	1º círculo de cultura		2º círculo de cultura	
Metamorfose	Antes	Depois	Antes	Depois

	-	-	Jovem-mais-ignorante	Jovem-menos-ignorante
	-	-	Jovem-mais-calado	Jovem-mais-amigo

Concluindo, podemos afirmar, a partir das metamorfoses das personagens de Wilson, que o grupo de arte-identidade atuou:

1. Na ampliação da capacidade de construir vínculos com o outro, restaurando a integração com o semelhante, ou seja, o vínculo original com a espécie, a partir de uma reeducação afetiva advinda do fortalecimento da linha de vivência da afetividade, expressos na personagem *jovem-menos-ignorante* e *jovem-mais-amigo*.

2. No fortalecimento do poder pessoal, expressos pelas mesmas personagens *jovem-menos-ignorante* e *jovem-mais-amigo*.

3. No fortalecimento da linha de vivência da afetividade, expresso pelo *jovem-menos-ignorante*.

No entanto, nele o grupo não possibilitou o aumento do vínculo consigo mesmo, uma vez que até o final do grupo, Wilson mantinha os olhos abertos nos exercícios de regressão, revelando pouca capacidade de intimidade, que é um dos aspectos de uma identidade saudável, segundo Toro (2002). Além disso, a personagem *participante-brincalhão* impedia-o de entregar-se ao íntimo recolhimento durante a vivência biocêntrica. Na discussão sobre o conceito de identidade realizada no 1º círculo de cultura, Roberto contribuiu com uma opinião interessante a esse respeito que traz o modo que compreendemos a identidade: “*o autoconhecimento, eu acho ele assim, interessante porque só a partir do momento que eu realmente me conhecer eu posso arriscar tentar conhecer o próximo. Então não adianta eu saber, tentar saber, tentar conhecer ela, saber que ela gosta de tomar café com bolacha Maria de manhã, se nem eu sei o que eu gosto. Isso fica meio difícil. É como fazer churrasco sem carne... (a facilitadora pergunta como é possível uma pessoa se auto-conhecer). Pra isso ela precisa das outras pessoas...*” (CC1.P13.L693-702).

Nesse sentido, os outros são um elemento fundamental na construção da identidade, na medida em que o sujeito encarna as relações sociais com as quais convive diretamente (CIAMPA, 2007). Acreditamos, portanto, que a potencialização da vinculação com o semelhante adquirida por Wilson a partir do grupo, potencializará novos processos de ampliação do vínculo consigo na sua trajetória existencial.

9.3. GILSON

Gilson, jovem de 16 anos, compareceu ao primeiro encontro do grupo e participou de 9 (nove) dos 14 encontros, totalizando uma frequência de 64,28%, com nenhuma falta consecutiva.

Suas características no grupo eram antagônicas, pois em alguns momentos permanecia calado, numa postura corporal de aparente desinteresse diante de algumas atividades propostas, o que evidenciava sua personagem *participante-calado*. No entanto, quando se sentia motivado, mostrava-se alegre e espontâneo – como, por exemplo, em algumas danças de vitalidade e no jogo “Muito prazer!”. Geralmente sentava-se próximo de Lívia e Roberto.

No 1º círculo de cultura realizado, Gilson evidenciou-nos uma personagem com que convivia antes do grupo, *jovem-brincalhão-em-casa*, que foi modificada para *jovem-brincalhão-em-qualquer-canto*. Para expressar tal personagem, utilizou a palavra geradora “brincalhão” para expressar como se sentia hoje, naquele encontro. Nesse sentido, faz-se pertinente evidenciarmos duas forças que atuaram concomitantemente nessa metamorfose: 1. o fato de, na juventude, através da busca de referenciais externos para a construção da identidade, há uma maior abertura para se expressar fora da família; 2. o grupo com suas personagens *grupo-alegre-e-descontraído*, *grupo-ainda-mais-vinculado* e *grupo-mais-integrado* estimulou o aparecimento do jovem brincalhão naquele contexto, o que talvez não seria possível em um ambiente rígido e repressor.

No 11º encontro, revelou-nos uma personagem que posteriormente foi ratificada pelo grupo: o *participante-brincalhão*, que emergia principalmente do encontro dele com o Roberto, seu primo. “Quando o Roberto não está aqui ele não é moleque” (Dilma, CC2.P10.L453) e “É mesmo! Ele é mais moleque quando tá perto do Roberto” (Pâmela, CC2.P10.L454). No discurso de Gilson ele apontou uma variável para o aparecimento dessa personagem: “...tem aqueles momentos de brincar em casa ou em qualquer canto. Depende dos meus amigos ou de onde tiver” (CC1.P5-6.L214). O grupo também identificou nele a espontaneidade e, de fato, sua participação foi-se revelando cada vez mais expressivo e autêntico, diferente do *participante-calado* do início dos encontros.

A teoria da identidade com a qual estamos trabalhando nessa pesquisa aborda o conceito de personagem ao se referir aos diferentes predicados com que nos vestimos para representar nossos papéis nas relações que estabelecemos em diferentes agrupamentos sociais (CIAMPA, 2007). A *persona* seria a nossa máscara, nosso modo peculiar de atuar no mundo, de viver o papel social, que é padronizado previamente. Ao conceituar identidade no 1º círculo de cultura, Roberto trouxe considerações semelhantes: “*é porque tem... é não, tem as máscaras, né? A gente nunca sabe se a pessoa está usando máscara ou não, muita gente leva a palavra máscara como um sinônimo de falsidade e nem sempre é... às vezes é uma questão de coerência com o ambiente, como o Gilson falou que, o professor dele na sala de aula é uma coisa e quando termina o horário, é totalmente outra, e quer queira quer não, é uma máscara... e uma máscara, digamos assim, benéfica, né?*” (CC1.P13.L676-681). Ele estava se referindo ao seguinte discurso de Gilson: “*na escola, eu tenho um professor que na hora de aula, ele já é sério, sério, ele não alisa a cabeça de ninguém. Mas aí não, teve um dia que teve uma aula aí dia de sábado, ele já ficou totalmente diferente quando terminou a aula. Começou a conversar a bagunçar com os alunos, conversando... Maior bagunça, maior alegria, parecia uma criança assim de 10 anos, bagunçando ele. Aí, a pessoa, só porque ele... naquele horário, ele é sério, ele é chato, mas terminou a aula...*” (CC1.P8.L417-422).

Gilson ainda nos apresentou novos personagens no 2º círculo de cultura, quando foi indagado novamente como se percebia antes e depois do grupo. A personagem *jovem-teimoso* foi se transformando em *jovem-menos-teimoso*, percebendo-se assim na medida em que passou a ouvir os conselhos de sua mãe, pensando com mais cautela antes de agir e não o fazendo de forma impulsiva. Ou seja, sua participação no grupo possibilitou uma maior intimidade diante de uma decisão, bem como fortaleceu o vínculo com sua mãe.

Outra personagem apareceu após a sua participação: o *jovem-alegre*. No 1º círculo de cultura já emergiu quando ele utilizou a palavra geradora “alegre” para expressar como se sentia no grupo. Na síntese realizada ao final do 2º círculo de cultura, a mesma palavra foi retomada por ele, reafirmando a permanência da personagem.

QUADRO 9: Papéis e personagens de Gilson

GILSON	
PAPÉIS	PERSONAGENS
Participante do	Calado

grupo	Brincalhão			
Jovem	Teimoso			
	Brincalhão			
	Alegre			
	1º círculo de cultura		2º círculo de cultura	
Metamorfose	Antes	Depois	Antes	Depois
	Jovem-brincalhão-em-casa	Jovem-brincalhão-em-qualquer-canto	Jovem-teimoso	Jovem-menos-teimoso
	-	-		Jovem-alegre

Concluindo, podemos afirmar, a partir das metamorfoses das personagens de Gilson, que o grupo de arte-identidade atuou no fortalecimento:

1. Da expressão de si mesmo de forma espontânea, através do surgimento da personagem *jovem-brincalhão-em-qualquer-canto*. Andrade (2003, p. 49) afirma que a “criatividade existencial se repete nas nossas ações, nos acordos que vamos dando a nós mesmos, montando uma sinfonia de aspectos que a compõem, como a espontaneidade, leveza e ludicidade”. Assim, através das vivências artísticas, enfocamos a linha da criatividade como facilitadora desse processo de expressão criativa existente em todos os sujeitos.

2. Da capacidade de construir vínculos com o outro, restaurando a integração com o semelhante, expressos também na personagem *jovem-menos-teimoso*, sabendo o que deseja realizar, possibilitou, inclusive, uma maior abertura ao próximo, sua mãe.

3. Do poder pessoal, expresso pela mesma personagem, *jovem-menos-teimoso*.

4. Da linha de vivência da vitalidade, uma vez que “no aspecto psicológico a vitalidade se expressa pela alegria de viver” (TORO, 2002, p.85), evidenciada na personagem *jovem-alegre*.

9.4. JOSÉ

José, um jovem de 17 anos, compareceu ao primeiro encontro do grupo de arte-identidade no horário em que havíamos combinado e entregando o questionário conforme solicitado. Compareceu a 12 (doze) dos 14 encontros, com uma frequência de 85,71%, representando o maior índice de participação, juntamente com o Roberto, e não apresentando faltas consecutivas.

Desde o primeiro encontro José mostrou-se aberto e interessado nas atividades realizadas no grupo, uma vez que sempre era o primeiro a chegar e durante os diálogos emitia sua opinião quando convidado, caso contrário, mantinha-se calado durante todo o encontro, mostrando-se como *participante-disponível*. José também participava das vivências com boa capacidade de entrega e intimidade. Tais características fizeram-nos perceber como *participante-aberto*, *participante-pontual* e *participante-que-se-entrega*.

Ao utilizarmos a metodologia do círculo de cultura, buscávamos permitir que a palavra circulasse inclusive entre os participantes, que não necessariamente eram tímidos, mas estavam ali, abertos, atentos, disponíveis, precisando somente de “um empurrãozinho”. Cabia, portanto, a nós, facilitadoras, dar esse impulso, instigando não somente a reflexão, mas também criando um clima de espontaneidade, respeito mútuo e confiança, de modo que, progressivamente, cada participante se sentisse motivado a expressar-se. Buscávamos criar um espaço de construção coletiva, no qual a opinião contrária deveria ser igualmente respeitada, valorizando cada palavra e estimulando a confiança de cada integrante no grupo.

Além das personagens de José citadas alhures, havia outra que surgia no grupo durante os exercícios de Biodança na linha da vitalidade: *participante-com-pouca-vitalidade*, que o fazia procurar uma cadeira ou um pilar da palhoça para apoiar o corpo. Toro (1991) aborda a vitalidade do ponto de vista sistêmico, como resultante de múltiplos fatores que se integram para manter a estabilidade funcional, permitindo sua expressão genética e conservando a harmonia do sistema, apesar das mudanças ambientais. Nesse sentido, estimulávamos no grupo essa linha de vivência e percebíamos em José pouca vitalidade do movimento, expresso pelo baixo tônus muscular, ímpeto e potência durante os exercícios.

A assiduidade, a pontualidade e a regularidade de José nos encontros diziam-nos que o grupo estava impactando de forma positiva na sua vida, intuição que foi confirmada na palavra geradora “mudado”, que ele escolheu para expressar como se sentia no grupo. Seu discurso no 1º círculo de cultura nos revelou a personagem *jovem-mudado*: “Sei não, eu sei que eu mudei alguma coisa aí... (risos) tá crescendo aí... alguma coisa, um degrau subindo na minha vida...” (CC1.P9.L467-469). Relembramos Ciampa (2007) ao afirmar que cada metamorfose vivida é um derradeiro degrau que deflagra sucessivos processos de desenvolvimento. Nesse sentido, apesar de nesse momento não saber ainda nomear a(s) mudança(s), o jovem apontou o caminho do

aparecimento de uma nova personagem com a qual não convivia: o *jovem-que-não-julga-os-outros-pela-aparência*, revelando empatia para com os outros.

José mostrou-se desde o primeiro encontro sua afinidade com a arte e a criatividade, pela sua maneira de pintar, colar, dançar, falar e se expressar, evidenciando um aspecto saudável da sua identidade que, segundo Toro (2002), é a capacidade criativa.

A arte nos convida para um outro lugar, para um pulsar, uma entrega entre a desordem infinita e a grande ordem da vida. A criação num gesto sutil e intenso é a possibilidade de alinhar as forças difusas presentes em nós, como uma força desconectada, que muitas vezes, é chamada de caos. Na arte, nos processos criativos, podemos vivê-los, conectá-los dentro de uma ordem expressiva, num pulsar entre a origem e uma nova percepção diante da vida. Eis o sentido da realização criativa: a vivência expressiva da conexão entre as forças internas e externas, suaves e agressivas, percebidas como singulares e transcendentais. (MENEZES, 2007, p.3).

No 2º encontro do grupo, ao apresentar sua colagem afirmou: “*Eu sou José e eu quero liberdade de expressão*” (RV.3.P8.L380). Principalmente por sua ligação com a música, percebemos a personagem *jovem-artista*, além das afinidades já citadas. Esta personagem emergiu no 2º encontro, quando afirmou que gostava de cantar e no 8º quando afirmou que fazia parte do grupo de louvor da igreja que frequenta. Pelo grupo, a personagem *jovem-artista* foi confirmada, quando lhe atribuíram o adjetivo de poeta. Além disso, foi percebido como um jovem muito simpático, brincalhão, que gosta muito de computador, inteligente e persistente, o que não se caracteriza como personagem, uma vez que esta se revela mediante a afirmação do próprio sujeito de como ele se percebe, através do “eu sou...”, por exemplo.

Por também participar do grupo de louvor da sua igreja, a personagem *jovem- evangélico* emergiu em dois momentos da história do grupo: 1. quando solicitamos que cada um cantasse uma música de que muito gostava no 8º encontro, ele o fez com uma evangélica; e 2. quando ele chegou mais cedo em um dos encontros para que nós lhe empreitássemos um CD com música com sons da natureza, para ele utilizar na abertura do grupo de louvor da igreja.

Dentre as metamorfoses vividas por José durante o grupo enunciadas no 2º círculo de cultura, ele evidenciou que antes vivia a personagem *jovem-vazio* e passou a ser um *jovem-paciente*, *jovem-mais-pensativo* e *jovem-mais-amigo*. No seu discurso: “*Então, meu antes, eu coloquei um vazio que é denominado a um tipo de vazio que eu pensava que eu tinha tudo, mas, no decorrer do tempo, eu percebi que eu não tinha*

nada. Me faltava uma pequena coisa para me deixar assim um pouco mais feliz. O que podia ser? A paciência. Um passarinho para fazer um ninho tem que ter paciência. E um pouco mais pensativo pra pensar no que fazer na vida...” (CC2.P3.L102-106).

QUADRO 10: Papéis e personagens de José

JOSÉ				
PAPÉIS	PERSONAGENS			
Participante do grupo	Disponível			
	Aberto			
	Pontual			
	Que se entrega			
	Com pouca vitalidade			
Jovem	Mudado			
	Que não julga os outros pela aparência			
	Artista			
	Evangélico			
	Vazio			
	Pensativo			
	Paciente			
	Amigo			
Metamorfose	1º círculo de cultura		2º círculo de cultura	
	Antes	Depois	Antes	Depois
	-	Jovem-mudado	Jovem-vazio	Jovem-paciente
	-	Jovem-que-não-julga-os-outros-pela-aparência	-	Jovem-mais-pensativo
-	-	-	Jovem-mais-amigo	

Concluindo, podemos afirmar, a partir das mudanças das personagens de José, que o grupo de arte-identidade atuou nas seguintes transformações:

1. Na ampliação da capacidade de empatia, ou seja, de captar o outro com precisão e sensibilidade, através da personagem o *jovem-que-não-julga-os-outros-pela-aparência*.

2. No fortalecimento do vínculo consigo, evidenciado pela personagem *jovem-mais-pensativo*.

3. Na emergência de um dos aspectos saudáveis da identidade, a capacidade de intimidade, a partir da mesma personagem, *jovem-mais-pensativo*.

4. Na ampliação da capacidade de construir vínculos com o outro, restaurando a integração com o semelhante, ou seja, o vínculo original com a espécie, a partir de uma reeducação afetiva advinda do fortalecimento da linha de vivência da afetividade, expressos na personagem *jovem-mais-amigo*.

5. No fortalecimento do poder pessoal, expresso pela mesma personagem *jovem-mais-amigo*.

9.5. LIA

Lia, uma jovem de 18 anos, compareceu ao primeiro encontro do grupo de arte-identidade no horário em que havíamos combinado e entregando o questionário conforme solicitado. Compareceu a 11 (onze) dos 14 encontros, com uma frequência de 78,57%, tendo o cuidado de justificar as faltas cometidas, as quais se deram por motivos de saúde de sua filha.

A personagem *jovem-mãe* vivida por Lia foi a nós apresentada desde o primeiro encontro. No momento de construção do acordo de convivência, a jovem disse que tinha uma filha de 2 anos⁴⁷, motivo que talvez ocasionasse suas faltas. Engravidando aos 16 anos, Lia passou a compor o cenário de inúmeros casos de gravidez precoce, apesar de cuidar da filha contando com a ajuda que recebia de sua avó, que exercia para a jovem o papel de mãe (*filha-distante-da-mãe-biológica*). No 9º encontro, quando discutíamos a relação mãe-filho, esta última personagem novamente apareceu no discurso de Lia, quando afirmou que desde pequena morava com a avó e que a considerava sua mãe. A jovem mora com sua avó, a filha, a irmã que tem 16 anos e o filho da sua irmã.

Haguette (1982) caracteriza dois tipos de família: 1. a extensa, marcada pela presença de muitos filhos, pela assimetria entre marido e mulher e pela grande autoridade dos pais sobre os filhos, sendo um modelo mais comum nas gerações passadas e nas famílias rurais; 2. a nuclear, composta pelo pai, mãe e filhos, sem muito contato com laços de diferentes graus de parentesco. Lia, portanto, vivenciava a experiência de uma família nuclear com a diferença do distanciamento da figura paterna e pela substituição da mãe biológica pela avó, que exercia o papel de mãe de duas filhas, dela e da irmã.

Contrastando com a personagem *jovem-mãe*, Lia também convivía com a *jovem-que-é-uma-eterna-criança*. Segundo Kehl (2004, p.106), as adolescentes grávidas vivenciam uma contradição que atinge os demais jovens da atualidade: “o descompasso entre uma vida sexual ‘adulta’ que acompanha as condições de maturação

⁴⁷ No grupo também havia uma jovem, Penélope, que era mãe e nesse momento ela também justificou possíveis ausências no grupo, pois teria que ficar com o filho. No entanto, o número de faltas suas foi superior ao de Lia, o que fez com que ela não fosse incluída como participante desta pesquisa.

biológica e o lugar social de dependência em relação à família que lhes confere uma condição infantil”. Corroborando com a autora, a personagem *jovem-que-é-uma-eterna-criança* não foi transformada com a sua participação no grupo: “A gente não deixa de ser criança, né?, só passa a ter mais responsabilidade, né?” (CC2.P23.L1117-1118)

É interessante pontuar que nos momentos de expressão artística, Lia se envolvia corporalmente durante o processo de criação: “eu acabei percebendo que dentro da gente tem uma criança... Eu gostei da dança, da pintura... pois quando a gente tá aqui voltava a ser criança, né?” (CC2.P23.L1118-1119). Nesse discurso, encontramos a arte como possibilidade de fusão, de regressão, de retorno à origem, como abaixo, nas palavras de Menezes:

As imagens escolhidas ainda não nos pertencem, quando recortamos, juntamos umas com as outras, mudamos de ângulos, estas começam a se fundir em nós, é o processo de regressão, de transe, de um outro estar. Não se pode controlar. Para quê? Controlar é desconectar, é voltar a um estado de alerta. A fusão artística nos faz ser a imagem [...] por alguns instantes somos a nossa criação e podemos sentir nas emoções que nos impulsionam, os traços, as cores, a expressão como pertencente, única, idêntica ao que sentimos, ao que podemos representar. Começa o processo de singularização, a emergência da singularidade, cuja base, é a vivência de fusão. A identidade emerge como única, como expressão (MENEZES, 2007, p.6).

Diferentemente dos momentos de expressão artística, a jovem nos exercícios na linha da vitalidade expressava ligeiramente cansaço, através do desejo de sentar-se nas cadeiras, reduzindo o movimento corporal e caminhando em direção a elas, evidenciando uma *participante-com-pouca-vitalidade*.

A principal metamorfose vivida por Lia a partir do seu ingresso no grupo se deu através do surgimento da personagem *jovem-mais-pensativa*, que passou a fazer “meu presente, pensando no futuro e revendo meu passado” (CC2.P22.L1059). “O mais importante é verificar como o conhecimento das diferentes fases pode contribuir para o amplo conhecimento da identidade. [...] Ficar só no ontem é tão absurdo quanto ignorá-lo. O mesmo vale para o hoje e para o amanhã” (CIAMPA, 2007, p.199). Pela proposta de investigação aqui tomada não nos propusemos a fazer um levantamento da história de vida de cada jovem, por ser para nós interessante apenas fotografar os movimentos dados dentro do grupo de arte-identidade, nosso objeto de pesquisa. No entanto, faz-se importante ressaltar as palavras de Ciampa no sentido de sabermos que estamos, da identidade de cada jovem, conhecendo apenas uma parte.

QUADRO 11: Papéis e personagens de Lia

LIA				
PAPÉIS	PERSONAGENS			
Filha	Distante da mãe biológica			
Participante do grupo	Com pouca vitalidade			
Jovem	Mãe			
	Que é uma eterna criança			
	Pensativa			
	1º círculo de cultura		2º círculo de cultura	
Metamorfose	Antes	Depois	Antes	Depois
	-	-	-	Jovem-mais-pensativa

Concluindo, podemos afirmar, a partir da metamorfose da personagem de Lia, que o grupo de arte-identidade atuou no fortalecimento:

1. Dos aspectos saudáveis da identidade, a capacidade de intimidade, com o aparecimento da *jovem-pensativa*.
2. Do vínculo consigo, também expresso pela mesma personagem *jovem-pensativa*.

9.6. ROBERTO

Roberto, um jovem de 20 anos, iniciou a participação no grupo a partir do 2º encontro, comparecendo a 12 (doze) dos 14 encontros, com uma frequência de 85,71%, faltando somente a um encontro por motivos de saúde.

A personagem mais marcante deste jovem no grupo era o *jovem-moleque*, que apareceu desde seu primeiro contato com os outros membros. Sua presença alegre, espontânea e contagiante presenteou o grupo com a descontração. Além do *jovem-moleque*, o *participante-brincalhão* também estava presente no grupo, que emergia do seu modo de interagir com os diversos participantes durante as atividades sugeridas a cada encontro.

O seu poder de entrega e abertura às diferentes atividades propostas também lhe eram característicos, permitindo-o “molecar” e “não molecar” quando conveniente, entrar e sair da vivência quando convidado, interferindo de forma positiva nos outros, pois ele tornava fácil para o grupo entrar na brincadeira ou vivência. Tais aspectos nos fizeram enxergar suas personagens: *participante-aberto* e *participante-que-se-entrega*,

além de perceber sua capacidade de intimidade, um dos aspectos saudáveis da identidade.

Sua participação ativa durante os diálogos mostraram a personagem *participante-problematizador*, presente principalmente nos círculos de cultura. No entanto, nos momentos de intimidade verbal, Roberto expressava sua opinião sobre os fatos, falava através de metáforas, mas não expressava o que sentia, como se sentia ou o que vivia ou viveu diante dos temas abordados pelo grupo. Revelava-se, pois, o *jovem-que-esconde-os-sentimentos*. No seu discurso: “*Quando eu tô triste, eu procuro não demonstrar que eu tô triste, [...] Então deixa eu ficar moleque mesmo pra todo mundo rir, mangar...*” (CC2.P19.L889-896), ou seja, o *jovem-moleque* caminhava lado a lado com o *jovem-que-esconde-os-sentimentos*, evidenciando-se mais em detrimento desta última personagem.

No 1º círculo de cultura, evidenciou suas metamorfoses incipientes: se percebia antes como *jovem-moleque* e *jovem-muito-ansioso*, e depois do grupo *jovem-menos-moleque* e *jovem-menos-ansioso*. A ansiedade é, portanto, um sinal natural de alerta, que adverte sobre os perigos iminentes e capacita o indivíduo a tomar medidas para enfrentar ameaças. No entanto, passa a ser um problema quando se torna um sentimento generalizado ou exagerado de preocupação, apreensão, medo ou pressentimentos ruins, acompanhado de sensações físicas.

A personagem que não sofreu metamorfose foi o *jovem-mutável*. “*A gente vive em constante mudança, é sempre um aprendizado. Quando a gente pensa que se conhece a gente passa a gostar de uma coisa diferente. Passa a conhecer coisas diferentes. Por isso que a gente passa por um processo interminável de auto-conhecimento*” (CC1.P5.L185-188). A personagem *jovem-mutável* trouxe consigo exatamente a discussão que estamos realizando nesta pesquisa: a identidade como metamorfose. “*Ser é ser metamorfoseada! A metamorfose é a expressão da vida. Como tal é um processo inexorável, tenhamos ou não consciência dele*” (CIAMPA, 2007, p.113).

No 2º círculo de cultura, Roberto reapresentou as mudanças evidenciadas no 1º círculo de cultura e apresentou 3 (três) personagens com que convivia e que não sofreram metamorfose: *jovem-cara-de-pau*, *jovem-estressado-ao-extremo* e *jovem-que-usa-máscaras*. No seu discurso: “*tem mais dois Robertos que vocês não conhecem [...] o Roberto quando está pensando, calado, não quer conversar, não quer compartilhar o que está sentindo. Esse Roberto vocês, graças a Deus, ainda não conhecem. E tem o*

Roberto estressado ao extremo. Estressado eu brinco, agora tem aquele tipo de estresse que não dá pra perdoar” (CC2.P18.L877-884).

O grupo percebeu o Roberto conforme as personagens que ele permitiu evidenciar durante o processo grupal. Nesse sentido, foram-lhe atribuídos os seguintes adjetivos pelos demais participantes: não é tímido, tem altos e baixos, cara-de-pau, intrometido, palhaço, pouco estudioso, tem o poder de despertar o lado espontâneo das pessoas, muito doido, sem vergonha, animador.

QUADRO 12: Papéis e personagens de Roberto

ROBERTO				
PAPÉIS	PERSONAGENS			
Participante do grupo	Brincalhão			
	Aberto			
	Que se entrega			
	Problematizador			
Jovem	Moleque			
	Que esconde os sentimentos			
	Ansioso			
	Mutável			
PAPÉIS	PERSONAGENS			
	Cara de pau			
	Estressado ao extremo			
	Que usa máscaras			
	1º círculo de cultura		2º círculo de cultura	
Metamorfose	Antes	Depois	Antes	Depois
	Jovem-moleque	Jovem-menos-moleque	Jovem-menos-ansioso	Jovem-menos-ansioso
	Jovem-muito-ansioso	Jovem-menos-ansioso	-	

Concluindo, podemos afirmar, a partir das mudanças das personagens de Roberto, que o grupo de arte-identidade atuou nas seguintes transformações:

1. No resgate de auto-regulação, através da renovação orgânica que, em Biodança, advém como efeito da homeostase, do equilíbrio interno e da redução dos fatores de estresse. Assim, a personagem *jovem-ansioso* pode manifestar-se de forma mais branda, ou seja, como *jovem-menos-ansioso*.

2. Na ampliação de um dos aspectos saudáveis da identidade, a capacidade de intimidade, com o aparecimento do *jovem-menos-moleque*, o que lhe possibilitou maior recolhimento em situações do cotidiano.

9.7. RICARDO

Ricardo tem 18 anos e, diferentemente da maioria dos jovens do grupo de arte-identidade, ele não cursava informática. Estava participando do curso de vendas oferecido pelo MSMCBJ e conheceu o trabalho realizado por nós em 2007.2, quando realizava o curso de informática. Por ter gostado da experiência e pelo fato de o grupo ser aberto a todos os jovens que realizam atividades na ONG, Ricardo compareceu a 9 (nove) dos 14 encontros, com uma frequência de 64,28%. Suas faltas consecutivas no início do grupo se deram por estar participando do processo seletivo para conquistar o primeiro emprego⁴⁸ como empacotador em uma rede de supermercados de Fortaleza. Após obter sucesso na seleção, passou a ter frequência regular, chegando sempre um pouco atrasado, quando iniciou o trabalho em Maio.

No 1º encontro do grupo, Ricardo evidenciou a personagem *participante-que-brinca-na-vivência*, traço da *jovem-moleque* com que convivia antes de frequentar o grupo, sendo esta última transformada em *jovem-menos-moleque*, segundo seu discurso no 1º círculo de cultura.

No 2º círculo de cultura Ricardo afirmou que o grupo contribuiu para que a personagem *jovem-tímido* fosse metamorfoseada em *jovem-menos-tímido*. Podemos concluir que o *jovem-moleque*, na verdade, era um *jovem-tímido* querendo se comunicar, se expressar, através da molecagem para camuflar a timidez, que o impedia de falar e expressar-se verdadeiramente, que ora o fazia “molecar”, ora ficar em silêncio. Freire (2005) evidenciou que uma das formas mais eficientes de silenciar a sociedade se deu por intermédio da educação bancária, na qual o professor fala e os alunos escutam, fato que manteve e ainda reforçou a opressão popular. Tal educação, em sua teoria e prática, constituiu-se verdadeiramente como uma força de imobilização e fixação dos indivíduos em uma única possibilidade de existência.

Durante os diálogos realizados, buscávamos possibilitar que a voz de cada jovem pudesse de fato ser dita, ouvida e acolhida. Assim, o grupo possibilitou que Ricardo conhecesse o *jovem-menos-tímido*, que passou a ser menos moleque, pois encontrou outras maneiras de se expressar, passando a ser “mais livre”, “mais espontâneo”. Com suas palavras: “*bom, o que mudou em mim é que eu era meio trancado, né? Depois que eu vim pra cá eu comecei a ficar mais solto...*”

⁴⁸ Tal conquista foi mediada pelo MSMCBJ, que tem como proposta encaminhar os jovens para o primeiro emprego, após realização de um curso profissionalizante.

(CC2.P21.L1035-1036). Acreditamos que a conquista do primeiro emprego, que fez emergir o *jovem-trabalhador* no 11º encontro, também contribuiu para facilitar seus processos de comunicação, diluindo assim a timidez.

Cabe aqui, portanto, uma reflexão sobre o primeiro emprego conquistado por ele. Segundo Diogo (2005), existe como pano de fundo uma discussão acerca do desemprego estrutural de inserção, onde não se tem o primeiro emprego por não se ter experiência e não se tem experiência por não encontrar oportunidade para o primeiro emprego, realidade social esta que faz com que muitos jovens sejam empregados no setor informal, em negócios da família, ou em subempregos, como no caso de Ricardo.

QUADRO 13: Papéis e personagens de Ricardo

RICARDO				
PAPÉIS	PERSONAGENS			
Participante do grupo	Que brinca na vivência			
Jovem	Moleque			
	Tímido			
	Trabalhador			
	1º círculo de cultura		2º círculo de cultura	
Metamorfose	Antes	Depois	Antes	Depois
	Jovem-moleque	Jovem-menos-moleque	Jovem-tímido	Jovem-menos-tímido

Concluindo, podemos afirmar, a partir das metamorfoses das personagens de Ricardo, que o grupo de arte-identidade atuou na seguinte transformação:

1. Na expressão de si mesmo de forma espontânea, através do surgimento da personagem *jovem-menos-tímido*, que passou a ser menos moleque, por ter encontrado no grupo outras formas de se expressar.

9.8. GLÓRIA

Glória, uma jovem de 17 anos, compareceu ao primeiro encontro do grupo de arte-identidade no horário em que havíamos combinado e entregando o questionário conforme solicitado. Compareceu a 10 (dez) dos 14 encontros, com uma frequência de 71,42%, apresentando faltas intercaladas, jamais consecutivas.

A frequência de Glória estava relacionada com a presença/ausência de Lia, uma vez que ela compareceu somente nos encontros que a amiga esteve presente,

faltando um a mais que ela, por motivos de saúde. Durante o grupo, mantinha-se calada, atenta, observando e participando, quando convidada a expor sua opinião.

No 9º encontro, ao discutirmos sobre o relacionamento mãe-filho, Glória afirmou que se sentia muito distante da sua mãe e gostaria de se aproximar dela. Nesse mesmo encontro, trabalhamos com o recurso artístico de confeccionar um cartão orgânico para a mãe. Ao final, convidamos cada jovem a apresentar seu cartão para o grupo a partir da seguinte consigna: “Eu sou ____ e eu queria dar ____ para minha mãe”. No seu discurso, Glória expressou: “*eu quero estar mais próxima da minha mãe*” (RV9.P17.L888).

No penúltimo encontro reconhecemos uma de suas personagens, quando o grupo vivenciou seu segundo momento de intimidade verbal, no qual cada um ali presente pôde expressar de forma mais profunda um pouco da sua história pessoal e familiar. A jovem comentou o quanto foi difícil superar a separação dos pais, no entanto, tal fato foi potencializado, pois ela afirmou nunca ter tido um bom relacionamento com ambos. A *filha-distante-dos-pais* afirmou que se sentiu muito sozinha nesse processo.

Por não ter participado do 1º círculo de cultura, conseguimos apenas no 2º compreender de que forma o grupo estava influenciando ou não no seu cotidiano. No seu discurso: “*Antigamente eu me achava assim, mais tímida... eu ainda sou um pouco tímida, mas eu era mais fechada para as pessoas. Eu era mais sozinha e mais triste também. E agora eu não ligo mais assim pros problemas como antes eu ligava, sei lá... passei a sorrir mais...*” (CC2.P3.L125-128).

Com esse discurso, pudemos compreender que a personagem jovem-tímida estivera presente no grupo durante seu processo, sendo no início a *jovem-mais-tímida* e ao final a *jovem-pouco-tímida*, o que evidencia o motivo de seus silêncios.

Dentre outras metamorfoses apontadas por Glória, percebemos a substituição da personagem *jovem-mais-sozinha-e-mais-triste* pela *jovem-que-sorri-mais* e *jovem-mais-segura*. As personagens acima citadas foram ratificadas pelo grupo quando lhe atribuíram os seguintes adjetivos: forte, decidida e tímida.

QUADRO 14: Papéis e personagens de Glória

GLÓRIA	
PAPÉIS	PERSONAGENS
Filha	Distante dos pais
Jovem	Tímida
	Sozinha

	Triste
	Sorridente
	Segura

Metamorfose	1º círculo de cultura		2º círculo de cultura	
	Antes	Depois	Antes	Depois
		-	Jovem-mais-tímida	Jovem-pouco-tímida
		-	Jovem-mais-sozinha-e-mais-triste	Jovem-que-sorri-mais
	-	-	-	Jovem-mais-segura

Concluindo, podemos afirmar, a partir das metamorfoses das personagens de Glória, que o grupo de arte-identidade atuou na seguinte transformação:

1. Na expressão de si mesma de forma espontânea, através do surgimento da personagem *jovem-pouco-tímida*, por ter encontrado no grupo outras formas de se expressar.

2. No fortalecimento da linha de vivência da vitalidade, uma vez que “no aspecto psicológico a vitalidade se expressa pela alegria de viver” (TORO, 2002, p.85), evidenciada na personagem *jovem-que-sorri-mais*.

3. No fortalecimento do seu valor pessoal, expresso pela personagem *jovem-mais-segura*, que passou a acreditar na sua capacidade de viver, de conviver e de realizar trabalho.

10. DESENHANDO OS CONTORNOS DA ARTE-IDENTIDADE

Neste capítulo, iremos aprofundar com clareza teórica a direção positiva em que se deu as metamorfoses identitárias a partir da arte-identidade, contemplando, assim, o *objetivo 2* do nosso estudo: *2. Compreender a direção da expressão e metamorfose da identidade mediante a presença de novas personagens e o desaparecimento de outras.*

Para isso, o leitor encontrará os seguintes tópicos: iniciaremos abordando a arte-identidade e o fortalecimento dos aspectos saudáveis da identidade (ausência de agressão gratuita, percepção de si mesmo como criatura portadora de um valor intrínseco, capacidade de intimidade, capacidade de auto-regulação e empatia). Posteriormente, versaremos sobre arte-identidade e as linhas de vivência que foram mais evidenciadas no discurso dos jovens (vitalidade, criatividade e afetividade), para logo em seguida apresentarmos os itens arte-identidade e os tipos de vinculação com a vida, arte-identidade: valor pessoal e poder pessoal e arte-identidade e identidade-amor. Finalizaremos com o tópico, arte-identidade e a arte da facilitação apresentando o movimento da identidade da pesquisadora-facilitadora que também emergiu com esse estudo.

10.1. ARTE-IDENTIDADE E O FORTALECIMENTO DOS ASPECTOS SAUDÁVEIS DA IDENTIDADE

Toro (1991) enumerou 16 (dezesseis) critérios para se perceber uma identidade saudável: ausência de agressão gratuita, capacidade de estabelecer um limite às agressões externas, capacidade de fuga frente a uma força superior, capacidade de intimidade, vivência de consistência, estabilidade de consistência frente às dificuldades, auto-determinação do limite de contato, ausência de espírito competitivo, ausência de autoritarismo, alto nível de vitalidade, capacidade criativa, experiência de íntase, percepção do semelhante como único, diferente e com valor intrínseco, percepção de si mesmo como criatura com valor intrínseco, respostas em *feed back* com a realidade e motricidade com equilíbrio, energia e sinergismo. Na sua obra publicada em 2002, reduziu esses critérios a 12 (doze), excluindo vivência de consistência, auto-

determinação do limite de contato, experiência de íntase e respostas em *feed back* com a realidade.

No nosso estudo, encontramos dois desses critérios (percepção de si mesmo como criatura portadora de um valor intrínseco e capacidade de intimidade) e incluímos mais dois, a capacidade de auto-regulação e a empatia, por compreendermos que tais elementos também representam uma expressão saudável da identidade.

10.1.1. Percepção de si mesmo como criatura portadora de um valor intrínseco

A percepção de si como alguém que possui um valor que lhe é inerente, independentemente de referenciais externos, está vinculada com o conceito de auto-estima trazido por Toro (2002, p.101), que define como sendo:

A vivência do próprio valor e da auto-aceitação [...] provém da sensação de estarmos vivos, de sentir-nos, de sentir o corpo como fonte de prazer e de sabermos o que desejamos, de nos considerarmos únicos e originais, de pensarmos em nós mesmos, de assumirmos nossa própria identidade e de decidirmos sobre sua prática. Entre o saber o que se deseja e fazê-lo coloca-se o processo de auto-realização e de auto-criação existencial.

O que muitas vezes ocorre é a construção de referenciais externos para decidirmos quem somos, para onde vamos ou o que queremos fazer, desvinculando o ser humano do poder que lhe é próprio para tecer sua vida.

Atuar de forma positiva na expressão da identidade é criar condições para que cada vez mais o ser humano possa reconhecer o valor que lhe é próprio. Percebemos dentro da amostra de oito jovens participantes da pesquisa, uma apresentou metamorfose nessa direção. Pâmela no seu discurso apontou o aparecimento da personagem *jovem-que-gosta-mais-de-si*: “*Eu gostei mais de mim*” (CC2.P23.L1107).

No estudo realizado por Ribeiro (2008), intitulado “Biodança e saúde percebida: um olhar biocêntrico sobre a saúde”, a autora encontrou resultados semelhantes, pois 28,3% dos participantes de um grupo regular de Biodança passaram a ter maior auto-cuidado, auto-estima e auto-confiança.

10.1.2. Capacidade de intimidade

A intimidade possibilita que cada vez mais possamos mergulhar nas fronteiras de nós mesmos, percorrendo nossos rios interiores sem temer os vales e as cachoeiras. E

após esse mergulho, retornar ao mundo, construindo-o de dentro pra fora e de fora pra dentro. A arte-identidade possibilitou que 3 (três) jovens ampliassem sua capacidade de intimidade: José com a personagem *jovem-mais-pensativo*, Lia com a personagem *jovem-pensativa* e Roberto com a personagem *jovem-menos-moleque*, evidenciados pelos seguintes discursos:

[...] um pouco mais pensativo pra pensar no que fazer na vida... em diversas situações da vida (José, CC2.P3.L106).

Eu agora faço meu presente, pensando no futuro e revendo meu passado (Lia, CC2.P22.L1059).

[...] Agora não, eu estou mais caaaalmo. Não pareeece, mas eu realmente estou adquirindo um grau de maturidade bem elevado. Rapaz eu era muito moleque, muito moleque. Tu num ia agüentar ficar meia hora comigo não (Roberto, CC1.P6.L329-335).

10.1.3. Capacidade de auto-regulação

O processo civilizatório, com a primazia da racionalidade, vem nos afastando na nossa raiz biológica, animal, primitiva e instintiva. Desaprendemos e esquecemos os sábios caminhos necessários de renovação orgânica para que nosso organismo possa se afastar dos efeitos da entropia, gerando desgaste, envelhecimento e enfermidades. Tal fato compromete a auto-regulação compreendida como algo a ser vivenciado pelo indivíduo, através de um retorno às funções originais da vida.

No nosso grupo de arte-identidade, percebemos que Roberto encontrou um caminho à auto-regulação quando apresentou sinais de redução da ansiedade através da colagem realizada no 2º círculo de cultura, evidenciando a personagem *jovem-menos-ansioso*:

[...]além de eu ter aprendido a controlar um pouco a minha ansiedade e a minha hiperatividade, eu aprendi a controlar também que eu não posso fazer tudo da maneira que eu quero. Tem que ser uma coisa atrás da outra, não pode ser uma linha reta... tem que ser uma linha reta, mas seccionada, devagarzinho, devagar se vai ao longe [...](CC2.P2.L67-71).

As vivências biocêntricas buscam gerar saúde, renovação, neguentropia, transtase, em outras palavras, a partir do processo de diferenciação evolutivo, facilitar com que o organismo encontre possibilidades de maturação, desenvolvimento, aumento de complexidade e restabelecimento da homeostase. “As potencialidades latentes se integram progressivamente com o funcionamento do organismo, aperfeiçoando suas

funções vitais, elevando seu rendimento adaptativo e sua coerência interna⁴⁹” (TORO, 1991, p.266). Com o fortalecimento da identidade, a Biodança facilita o desenvolvimento da capacidade de auto-regulação, que se constitui como um processo de equilíbrio dinâmico voltado para a manutenção da vida e para a auto-criação existencial.

Todas as variações dentro de uma curva da sessão de Biodança devem seguir uma organicidade, que está em sintonia com a pulsação, respeitando os ritmos biológicos de ativação-reposo-ativação, que são os mesmos dos demais organismos vivos (astros, plantas, animais), que também emergem e se recolhem dentro do ciclo vital de um dia. A curva de cada encontro de arte-identidade orientou-se pelos seguintes critérios: 1) cuidados com a auto-regulação, respeitando os automatismos viscerais; 2) promoção da integração do esquema corporal; 3) obediência ao princípio da progressividade, quer na ativação ou na regressão; e 4) favorecimento da homeostase (RIBEIRO, 2008).

10.1.4. Empatia

Empatia é uma característica humana e pode se fazer presente em qualquer relação. Ela é um processo existencial de múltipla constituição, envolvendo duas ou mais pessoas que, empaticamente, criam e recriam a si mesmos. Estar presente numa relação implica e despir-nos de nossos conceitos e valores e estar aberto ao diferente.

Revelando essa possibilidade de abertura ao outro, José expressou o surgimento da personagem *jovem-que-não-julga-os-outros-pela-aparência*, a partir da qual pôde se relacionar de uma maneira mais compreensiva. No seu discurso: “*eu sei que eu mudei alguma coisa aí... [...] tá crescendo aí... alguma coisa, um degrau subindo na minha vida... [...] Assim como eu via as outras pessoas... não levar consideração a aparência... mais ou menos isso*” (CC1.P9.L467-474).

Por acontecer numa relação, a empatia é um conceito relacional através do qual o encontro genuíno entre dois ou mais diferentes torna-se possível acontecer. “O homem se torna EU na relação com o TU” (BUBER, 1982, p.32). Dissemos isso de diferentes formas, enfocando diversos autores, mas para falar de empatia faz-se necessário resgatar essa idéia central para que possamos afirmar que ela só existe diante

⁴⁹ Tradução realizada por nós, cujo original é: “Las potencialidades latentes se integran progresivamente al funcionamiento del organismo, perfeccionando sus funciones vitales, elevando su rendimiento adaptativo y su coherencia interna”.

da alteridade. Nesse sentido, compreender o outro em sua particularidade é fundamental e inevitável relacionar-se efetivamente com a diferença e isto exige, e só é possível, na medida em que, nos abrimos para a diferença do outro, efetivamente somos afetados por sua outridade, e nos criamos como diferente, dele e de nós mesmos, como diferença, como fluxos de diferença (FONSECA, 2005).

10.2. ARTE-IDENTIDADE E AS LINHAS DE VIVÊNCIA

Nesta pesquisa, enfocamos pelo corte metodológico às vivências, emoções e sentimentos expressos pelas personagens dos jovens através de seus discursos, a partir das quais, inferimos sobre essas linhas a partir do grupo de arte-identidade. As que foram mais tocadas com a arte-identidade foram a vitalidade, a criatividade e a afetividade.

10.2.1. Linha de vivência da vitalidade

Toro (2002) define que esta linha é gerada pelo conjunto de funções presentes no organismo capaz de manter a homeostase. Nesse sentido, um dos objetivos da vivência biocêntrica é atuar com eco-fatores positivos que possibilitem a expressão do potencial genético da vitalidade. E como indicadores dela temos: resistência ao esforço, vitalidade do movimento, estabilidade neurovegetativa, potência dos instintos e estado nutricional. Mesmo orientadas pelo referido autor que nenhum desses indicadores revela por si mesmo o nível de expressão desta linha de vivência, elegemos o critério vitalidade do movimento – que se expressa através do tônus, agressividade, elasticidade, agilidade, ímpeto e potência – para observar a vitalidade dos participantes, uma vez que estávamos munidas apenas do movimento dos participantes durante a vivência biocêntrica.

Além da observação do movimento que foi utilizado para nomearmos algumas personagens (Pâmela, Lia e José: *participantes-com-pouca-vitalidade*), utilizamos principalmente o discurso dos integrantes nos círculos de cultura realizados para percebermos o movimento identitário. Através do discurso, pudemos enxergar os aspectos psicológicos da linha de vitalidade. Nos participantes da pesquisa, a alegria tomou destaque entre as mudanças, percebida na personagem *jovem-mais-alegre-e-mais-sorridente* de Pâmela, no *jovem-alegre* de Gilson e na *jovem-que-sorri-mais* de

Glória. Assim, concluímos que o grupo de arte-identidade atuou no fortalecimento da linha de vivência de vitalidade. Observamos seus discursos:

Meu antes eu botei essa pessoa aqui, né, subindo cada dia mais, um degrau... [...] e depois tá aqui eu, né? mais sorridente e mais alegre (Pâmela, CC2.P3.L109-114).

Eu era mais sozinha e mais triste também. E agora eu não ligo mais assim pros problemas como antes eu ligava, sei lá... passei a sorrir mais... (Glória, CC2.P3.L125-128).

10.2.2. Linha de vivência da criatividade

“Nascemos para nos expressar, e a expressão humana é um gesto essencialmente criador. O ser humano, ao expressar-se das mais diversas formas, cria e recria o mundo e a própria vida. Para Toro, ‘o ato criador é [...] o ato de parir-se a si mesmo’” (ANDRADE; ARRAES, 2007, p.165). Percebemos, pois, a partir do discurso dos jovens, que a arte-identidade facilitou a expressão de si de forma mais espontânea. Assim, Gilson pôde conhecer o *jovem-brincalhão-em-qualquer-canto*, não precisando mais guardar as brincadeiras para o ambiente familiar. Já Glória passou a viver a *jovem-pouco-tímida* e Ricardo conheceu o *jovem-menos-tímido*, ao afirmar:

Eu antes era assim oh [mostrando sua colagem]... era mais reservado, mais na minha, né? Aí quando eu comecei a passar por essas terapias eu fiquei assim oh [mostrando sua outra colagem], mais livre, mais espontâneo (CC2.P4.L152-155).

A criatividade consiste na arte de viver poeticamente, na qual cada criatura tem o poder de criar, de transformar, de inovar e de mudar a si mesmo e o mundo. O mundo se subjetiva, tornando-se realidade interna e o ser se objetiva tornando-se presença no mundo. Assim como tudo o que vive, também o homem, singularidade inter-existente, está em constante processo de criação, de manutenção e de transformação. Tudo que se cria é arte, então, se o criar é condição da vida, a arte é condição para a vida, de modo que não podemos separar os criadores das pessoas comuns. Segundo Toro (1991, p. 391), “o artista é apenas aquele que tem a coragem de expressar suas potencialidades⁵⁰”.

O potencial criador que buscávamos deflagrar no grupo com as vivências artísticas fazia-nos compreender o conceito de arte simular ao exposto pelos jovens: “... eu acho que a partir do momento que a gente se expressa verdadeiramente, a gente tá

⁵⁰ Tradução realizada por nós, cujo original é: “el artista es apenas aquel que tiene el coraje de expresar sus potencialidades”.

produzindo arte [...] Quando a pessoa faz qualquer coisa que ela expressa, o seu real sentimento, isso é uma forma de arte...” (Roberto, CC1.P14.L736-762). “*Não foi uma coisa que você ficou planejando... foi naquele minuto [...] foi espontâneo*” (Pâmela, CC1.P15.L812-814). Também buscávamos, através da vivência biocêntrica, facilitar o desenvolvimento natural da função criativa, estimulando o ato de expressar-se de forma espontânea.

A coragem de criar, portanto, não é estimulada por nossa cultura, que reprime a criatividade através das instituições políticas, sociais, educacionais e religiosas. Tal repressão traz como efeito: 1) dissociação afetivo-prática: o indivíduo mantém-se paralisado, impedido de realizar o que sente; 2) mecanização: o indivíduo move-se a partir de padrões de movimento, alheios a si; 3) descompensação e perda da homeostase: a repressão da criatividade impede o fluxo organizador do sistema vivente, trazendo como consequência alterações na auto-regulação do organismo; 4) despersonalização: sem a expressão da criatividade, o indivíduo deixa de apresentar sua versão singular no mundo (TORO, 1991).

Não podemos separar criador e criatura, o homem de sua obra, pois corremos o risco de dissociar o que sentimos do que fazemos. Nesse sentido, Menezes (2007) fala de fusão artística, quando, no momento da criação nos tornamos nossa obra. Ou ainda, quando dançamos, nos tornamos a música (TORO, 2002).

10.2.3. Linha de vivência da afetividade

A identidade se expressa na presença de outra identidade, constituindo um dos paradoxos identitários: o eu só se faz na presença do tu. Nesse sentido, é na convivência social que forjamos nossa singularidade e, para tanto, precisamos estar vinculados com o entorno social no qual somos inseridos.

A arte-identidade potencializou a linha da afetividade nos jovens, expressos pelas personagens *jovem-menos-ignorante* que emergiram em Pâmela e Wilson após a participação no grupo:

Assim eu percebo que eu estou mais calma assim no modo de tratar as pessoas. Antes com a mãe, ela falava uma coisa, antes dela terminar eu já falava 1000 coisas em cima dela (Pâmela, CC2.P23.L1105-1106).

Antes eu era uma pessoa mais ignorante, preso e assim, não pensava também antes de agir. E agora, com o decorrer do tempo eu estou mais unido das pessoas e mais calmo também (Wilson, CC2.P3.L129-130).

Nesse sentido, a convivência desses jovens no grupo facilitou a expressão do potencial afetivo, o qual muitas vezes pode apresentar diferentes formas patológicas, tais como os impulsos autodestrutivos, a discriminação social, o racismo, a injustiça, o relativismo ético, a ira, o ciúme, a insegurança e a inveja (TORO, 2002). Tais fenômenos embotam o potencial afetivo presente em cada indivíduo e impossibilitam que a identidade atinja seu cume evolutivo: identidade-amor.

A forma como se tem vivenciado a afetividade no contexto presente tem causado sérios prejuízos sociais, uma vez que desde a infância observamos comportamentos de violência e destrutividade, alguns que viram casos de mães de classes populares que percorrem os centros médicos ou os projetos sociais para “*bater uma chapa da cabeça*” do filho ou para ser consultado por um psicólogo⁵¹. Além da família, a violência ocupa diferentes níveis da sociedade: a escola, a política, a comunidade e a cidade em geral. Torna-se cada vez mais difícil o estabelecimento de vínculos afetivos entre os homens e mulheres.

Compreendemos, pois, afetividade como “um estado de afinidade profunda para com os outros seres humanos, capaz de originar sentimentos de amor, amizade, altruísmo, maternidade, paternidade, solidariedade (TORO, 2002, p.90). A expressão privilegiada do afeto é o amor que, segundo o autor, há em duas dimensões: amor indiferenciado (direcionado ao universo, trazendo à tona o encantamento pela vida e pela humanidade como um todo) e amor diferenciado (direcionado a uma só pessoa, trazendo possibilidades de aperfeiçoamento diário na tarefa de aprimorar o trato mútuo, evitando os pormenores que prejudicam a convivência).

Segundo os dados da pesquisa de Ribeiro (2008), 38,1% dos participantes perceberam uma ampliação e maior qualidade nas relações interpessoais e de amizade, respeitando os próprios limites e os dos outros, percebendo-se cuidando e/ou sendo cuidado pelos outros, lidando melhor com expectativas, sofrimento, rejeição e reprovação, e com situações de sucesso e fracasso na relação com as pessoas.

⁵¹ Estas foram frases corriqueiramente ouvidas por nós quando atuávamos num projeto social voltado para crianças e adolescentes e vinculado a Prefeitura Municipal de Fortaleza. Comportamentos de violência na infância muitas vezes são atribuídos a problemas neurológicos, destinados ao saber médico gerar soluções, ou a problemas de conduta, destinados aos psicólogos ensinarem como as crianças devem se comportar. No entanto, com a base afetiva familiar e comunitária comprometida, pouca eficácia há as intervenções dessas categorias profissionais.

10.3. ARTE-IDENTIDADE E OS TIPOS DE VINCULAÇÃO COM A VIDA

O homem contemporâneo, desvinculado da função de conexão com a vida, caminha em direção a enfermidade pela incapacidade de estabelecer uma comunicação com tudo o que está vivo no ambiente. O processo de degradação e negação dos instintos também muito contribuiu para tal fato, uma vez que foi reprimida toda a sabedoria da espécie, transmitida geneticamente e acessada por um estímulo, sem sequer passar por um processo de aprendizagem. Assim, desaprendeu o homem a se alimentar, dormir, respirar, sentir desejo ou prazer, criar, amar, integrar unidades cada vez maiores, enfim, transcender.

Cavalcante (2007) toma a vida como referência para a construção do conhecimento através da relação do indivíduo consigo, com o semelhante e com o meio ambiente, propiciada por uma aprendizagem reflexiva e vivencial e pela reeducação afetiva através da Educação Biocêntrica.

Assim, buscamos com a arte-identidade estimular os três níveis de vinculação entre os participantes, e encontramos os seguintes resultados:

a) Fortalecimento do vínculo consigo mesmo, percebido a partir da *jovem-pensativa* que Lia passou a encarnar e do *jovem-mais-pensativo* de José. Este último também encarnou a personagem *jovem-paciente*: “*Me faltava uma pequena coisa para me deixar assim um pouco mais feliz. O que podia ser? A paciência. Um passarinho para fazer um ninho tem que ter paciência*” (CC2.P3.L104-106). No estudo de Ribeiro (2008), 9,4% dos participantes perceberam um aumento da tolerância, paciência, serenidade, flexibilidade e harmonia após vivências biocêntricas.

b) Fortalecimento do vínculo com o outro, que eliminou os “bloqueios e represamentos que geram cargas explosivas” (ANDRADE; ARRAES, 2007, p.160), a partir das personagens *jovem-menos-ignorante* da Pâmela, *jovem-menos-ignorante* e *jovem-mais-amigo* do Wilson, *jovem-menos-teimoso* do Gilson e *jovem-mais-amigo* do José. Tais personagens apontam os mesmos dados dos estudos de Ribeiro (2008) citados no item “a”.

c) Fortalecimento do vínculo com o a totalidade: que é “resgatar o vínculo com o primordial que une o homem à natureza e [...] reconhecer-se como parte de uma totalidade maior” (TORO, 2002, p.34). Registramos no nosso estudo nenhum discurso que apontasse a expressão ou metamorfose de alguma personagem nesta direção.

10.4. ARTE-IDENTIDADE: VALOR PESSOAL E PODER PESSOAL

Os estudos de Ribeiro (2008) apontaram que a participação regular em grupos de Biodança possibilitou em 38,1% dos participantes uma ampliação e maior qualidade nas relações interpessoais e de amizade, respeitando os próprios limites e os do outro, cuidando e/ou sendo cuidado e lidando melhor com expectativas, sofrimento, rejeição e reprovação. Também evidenciou em 33,3% dos sujeitos uma melhoria das relações familiares e/ou de casal, participando mais e melhor nos grupos em que convive - família, amigos e trabalho; e um maior auto-cuidado, auto-estima e auto-confiança, em 28,3% dos participantes. Por fim, revelou que em 28,3% houve uma ampliação dos sentimentos, vontade de expressá-los, prazer, coragem, liberdade, bem-estar, renovação, esperança, vontade de viver mais, de cuidar, de sorrir.

No grupo de arte-identidade, foi percebido o resgate do valor pessoal principalmente em Pâmela, quando expressou o surgimento da personagem *jovem-que-gosta-mais-de-si*, e em Glória, com a *jovem-mais-segura*, mostrando-se segura para agir no mundo a partir do discurso: “*eu me sinto mais segura agora*” (CC2.P22.L1058).

É preciso afirmar o valor da vida para que possamos reconhecer o nosso valor pessoal, uma vez que, segundo Góis (2003), o valor pessoal é compreendido como um sentimento que gera capacidade de viver, conviver, gostar de si mesmo, realizar projetos, trabalhar, amar, construir vínculos, ou seja, sentir-se uma pessoa, atuante no mundo. Tal sentimento se manifesta ao entrarmos em contato com a vida que habita em nós, na sua dimensão biológica, visceral.

Percebemos o conceito de valor pessoal complementar ao de poder pessoal, sendo este último “a potência com que se vive a cada momento, buscando o crescimento de si e do outro, e a transformação da realidade” (GÓIS, 2003, p.51).

Dentro dessa perspectiva, podemos afirmar que o grupo atuou no fortalecimento do poder pessoal de Pâmela (*jovem-menos-ignorante*), de Wilson (*jovem-menos-ignorante, jovem-mais-amigo*), de Gilson (*jovem-menos-teimoso*) e de José (*jvem-mais-amigo*).

10.5. ARTE-IDENTIDADE E IDENTIDADE-AMOR

Diante da direção tomada pelos movimentos identitários, podemos afirmar que a arte-identidade atuou no fortalecimento da identidade juvenil no caminho da identidade-amor.

Havia, pois, nas facilitadoras-pesquisadoras uma intencionalidade amorosa em cada gesto, olhar, sorriso, palavra, proposta de atividade, escolha dos materiais de arte e vivência biocêntrica. Desde o princípio, quando buscávamos encontrar a matriz grupal, estávamos atentas a como estava se dando a vinculação entre os participantes. O grupo era como se fosse um espaço experimental de fortalecimento da afetividade para que, a partir daí, os processos de metamorfose fossem se dando, uma vez que tal fenômeno só se dá no encontro de dois ou mais indivíduos.

Não falávamos diretamente de amor, o que poderia ser interpretado pelos jovens como um tema piegas, amortecendo a poder de tal palavra. Fazíamos com amor, os tratávamos com amor e estimulávamos para que assim fossem construídas as relações entre eles. O amor é a energia que conserva e integra a vida, ameniza os efeitos da entropia, gera condições para a nutrição da vida, afasta os homens do individualismo e proporciona solidariedade e transcendência. “O amor só se realiza a partir da identidade⁵²” (TORO, 1991, p.64). Assim, identidade é amor, e só nele pode acontecer uma identidade saudável. A partir do paradigma biocêntrico, as relações interpessoais baseiam-se na confiança, na amizade, na cooperação, na fraternidade e no amor.

A identidade e movimento associados ao amor constituem uma presença sensível de vida no mundo, com possibilidades amplas de alterações de referenciais presentes nos relacionamentos interpessoais; de expansão da ternura e da restauração do sentido pleno de viver com o outro, em comunidade e em comunhão com a totalidade (RIBEIRO, 2008, p.13).

O amor por si mesmo, pelo outro, pela vida, gerando profunda vinculação, admiração, emoção, enternecimento e respeito ao valor intrínseco de cada coisa que vive. No grupo, vimo-lo brotando entre identidades desconhecidas que, inicialmente, escondiam-se tímidas e receosas. E aos poucos, principalmente no último encontro com o discurso de cada jovem no círculo de cultura, concretamente surgindo, encarnado em cada personagem, vestido de afetividade, de conexão com a vida, de ausência de agressão gratuita, de empatia, de valor e poder pessoal entre os outros matizes já referidos.

⁵² Tradução realizada por nós, cujo original é: “El amor sólo se realiza desde la identidad”.

É importante ressaltar que este foi o caminho possível desenhado por nós, facilitadoras-pesquisadoras, no encontro com o grupo de jovens moradores do Bom Jardim que realizavam cursos junto ao MSMCBJ. Os encontros poderiam (e ainda podem) evocar mudanças em outras direções para as quais também apontam a Biodança, a Educação Biocêntrica e a arte-identidade. No discurso de Roberto: *“o trabalho de vocês, no meu ponto de vista, tá excelente. A única sugestão que eu dou é que não feche ele desse jeito, deixe aberto porque com esse grupo funcionou, desse jeito funcionou, mas é sempre bom deixar esse trabalho livre porque o próximo que vier vão ser pessoas diferentes e como nós todos, as pessoas são diferentes, então é sempre bom deixar aberto... mas pra nós, pra nós, essas pessoas presentes aqui foi a pérola do ano. Merece o Oscar”* (CC2.P22.L1083-1088). Tal fala nos remete ao próprio método dialógico-vivencial que utilizamos durante toda a facilitação, a partir do qual foi criado cada encontro. Vejamos um pouco mais sobre o que aprendemos com a facilitação.

10.6. ARTE-IDENTIDADE E A ARTE DA FACILITAÇÃO

Versamos muito sobre o método dialógico-vivencial e de como ele foi a base para que essa pesquisa-facilitação pudesse acontecer. O fato é que nessa caminhada compreendemos um pouco mais, também com a ajuda de outros autores, sobre a arte da facilitação de grupo e, se chegamos até aqui, foi porque ocorreram não somente metamorfoses no grupo e nos participantes, mas também em nós, pesquisadoras-facilitadoras. Nossos rumos e escolhas durante a pesquisa foram descritos durante a metodologia e a análise dos dados. Deteremos-nos agora em como se deu nossa vivência como facilitadoras, a fim de inspirar o leitor e, quem sabe, vivenciar também esse fascinante percurso.

Para descrever a facilitação dos primeiros encontros irei⁵³ me deter um pouco mais, pois percebi que esses encontros são mais recheados de sentimentos, reflexão e cuidado. No primeiro dia do grupo, senti-me muito ansiosa antes de iniciar (*facilitadora-ansiosa*). Meus pensamentos ficaram inquietos diante de tantas

⁵³ Pedimos licença ao leitor para, neste tópico, utilizarmos a 1ª pessoa do singular na conjugação de alguns verbos, quando referir acerca da percepção pessoal sobre minha caminhada como pesquisadora-facilitadora. Retifico que o restante do corpo deste trabalho foi tecido a 6 (seis) mãos, contando com a participação do orientador Prof. Dr. Cezar Wagner de Lima Góis e da Mestranda Cândida Maria Farias Câmara.

possibilidades que poderiam acontecer naquela tarde. Ao ler as palavras de Diógenes (2007, p.208-209), senti-me confortada:

o início de um grupo de crescimento é um momento muito delicado. A maioria das pessoas está tensa, ansiosa, confusa, com medo e cheia de expectativas. O facilitador também tem o direito de se sentir e de aprender a lidar com isso [...] O primeiro momento de um grupo é uma grande oportunidade para o facilitador aprender a lidar com a incerteza e a insegurança. Exige muita atenção e cuidado.

O método dialógico-vivencial (MDV), como tantos outros, só se torna familiar com a prática. Para estrearmos com ele, criamos algumas estratégias para gerar segurança nos nossos primeiros passos, e assim a ansiedade foi se diluindo na medida em que fomos começamos (*facilitadora-segura*). Eu diria que a estratégia principal para os primeiros momentos é pensar uma estrutura básica para o encontro, como fizemos: 1. apresentação das facilitadoras e da proposta; 2. acordo de convivência; 3. coleta de expectativas; 4. vivência biocêntrica, focando as linhas da vitalidade e criatividade.

Relendo o 1º encontro no capítulo anterior, percebo que tudo isso aconteceu, mas não nessa ordem, não desse jeito, porque é a sensibilidade de leitura do grupo é que aponta o momento de cada coisa acontecer. Elencamos atividades importantes para um primeiro contato com o grupo de pessoas, mas como se dá a facilitação quem nos diz é o grupo. Recordo-me de uma maratona da Escola de Biodança do Ceará em que discutíamos metodologia de facilitação de grupos de Biodança. O professor Cezar Wagner, ministrando esse módulo disse: “vocês podem até programar a sessão, mas esqueçam o papel em casa”. Vivi naquela tarde a profundidade dessas palavras. De fato, estava tudo o papel, mas se eu olhasse para o papel eu não veria os jovens, não enxergaria o grupo.

Quando se tem um roteiro e nos fixamos nele, perdemos a potência do grupo, que a todo instante sinaliza aonde que ir e até onde pode ir. Por isso somos facilitadores, e não coordenadores ou professores, uma vez que precisamos ter uma postura sensível, orientadora e receptível ao processo grupal. A função do facilitador é “entrar no fluxo do grupo e facilitá-lo evolutivamente, estimulando e apoiando os participantes a dançar a vida, à expressão e ao encontro entre eles” (GÓIS, 2002a, p.111).

Não é tão simples como parece. Para criar, orientar, entrar no fluxo do grupo, ser sensível, receptivo, estimular o encontro e a expressão a ponto de deixar em casa o planejamento do encontro é preciso consistência teórica, metodológica e vivencial. Em outras palavras, é preciso conhecer a teoria, saber como manejar os instrumentos

metodológicos e já ter vivido o que está se propondo, pois ninguém pode levar o outro num lugar onde nunca esteve. Diferentemente de algo do tipo “na hora sai”⁵⁴, uma forma irresponsável de conduzir processos humanos, o MDV exige um preparo contínuo do facilitador, para que no ato da condução do grupo haja uma coerência e uma consistência teórico-metodológica.

Durante a facilitação do 1º encontro, percebi que eram muitos os eventos que aconteciam e que precisavam ser cuidados: mobilizar a fala de cada participante no diálogo, conhecer o nome e um pouco de cada um, administrar as brincadeiras durante os exercícios de Biodança, substituir a música que o grupo não gostou, enfim, a cada instante uma escolha. Participar das atividades propostas foi uma boa escolha, que gerou aproximação, vínculo, entre nós e os jovens. Ou seja, quando convidávamos – e utilizamos muito essa palavra descrevendo os encontros – o grupo para realizar determinada atividade, buscávamos participar de algum modo (dizer o nome e o que mais gosta, caminhar pelo salão, formar duplas para algum exercício, entre outros), o que só foi possível porque estávamos em regime de co-facilitação. Percebo que sozinho o facilitador não pode participar de muito do que propõe, pois, no papel de guardião do grupo, precisa estar mais atento a cada movimento.

Ao final daquele encontro percebi que meu maior desafio a ser vivido como facilitadora era saber entrar e saber sair de cada vivência. Havia em mim um risco de ora mergulhar demais ou ficar fora demais. Era preciso encontrar um meio-do-caminho entre estar, entrar e facilitar. No entanto, por muitos momentos me percebi dentro, envolvida, criando junto, sensível à minha intuição para escolher o próximo passo a ser dado. Acredito que a co-facilitação me trouxe um maior conforto e segurança, principalmente no trabalho com jovens, pois era preciso muita agilidade e fluidez entre um passo e outro.

No 2º encontro, os jovens demoraram a chegar e, por alguns instantes, pensei que não viriam participantes suficientes para acontecer o grupo (*facilitadora-ansiosa*). Iniciamos atrasados com a proposta da intimidade verbal, que não foi possível em um grupo ainda pouco vinculado. Optamos por esclarecer com mais detalhes a arte-identidade como sendo nossa estratégia principal para aquela tarde. Confiávamos em Andrade e Arraes (2007, p.146), quando afirmaram que: “... as pessoas se entregam

⁵⁴ Contextualizando o leitor: quando eu era estudante da graduação em psicologia, participava do Núcleo de Psicologia Comunitária NUCOM e havia entre nós uma brincadeira, satirizando o MDV, que era o método NSH (na hora sai). Claro que nunca utilizamos tal método, mas rimos muito falando dele.

mais quando são preparadas. Elas precisam confiar para se entregarem. O facilitador conquista essa confiança aos poucos, com segurança, afeto e fundamentação teórica”. Construímos, então, tarjetas com frases que eles utilizaram para responder o conceito de auto-estima no questionário, resgatando Freire (2005) que defendeu a importância de os textos de leitura partir dos próprios alunos, voltando a eles para suas análises. Não houve identificação por nossa parte nem por parte deles.

O grupo estava não somente dividido, como também dividido por gênero nos exercícios realizados em pares. Solicitamos que cada dupla fosse composta por um participante do sexo masculino e uma do sexo feminino, o que movimentou a energia entre os participantes, ainda mergulhados em muita timidez. Aprendi que alguns direcionamentos são necessários durante a facilitação a fim de romper com determinados padrões de comportamentos e relações. No entanto, eu ainda ficava em dúvida sobre o que sugerir em determinadas situações, principalmente novas para mim (*facilitadora-insegura*). Nesse encontro, aconteceu algo desse tipo no desfile pelo túnel. Todos foram rápidos e não me veio, na hora, idéia alguma de como proceder para aumentar a potência daquele exercício. Vários dias depois, me ocorreu que poderíamos tê-lo repetido, dando a consigna para caminharem mais devagar, olhando os outros; mas a oportunidade passou.

No 3º encontro, eu estava me sentindo mais segura (*facilitadora-segura*), principalmente por estar ainda mais familiarizada com o nome dos jovens, o que é um poderoso recurso, pois pude me reportar a todos mobilizando a participarem do diálogo e preservando cada identidade. A segurança também trouxe mais espontaneidade durante a facilitação do jogo que criamos para estimular a interação e a ludicidade, como também trouxe uma maior descontração na demonstração dos exercícios de Biodança. Eu me sentia como se tivesse conquistado aqueles que ainda estavam participando dos encontros. Se estavam ali, eu acreditava, era porque estavam minimamente gostando, pois os outros motivos foram surgindo durante a pesquisa-facilitação. Acreditar nisso me impulsionava a dar o melhor de mim em cada gesto e palavra.

“A Educação Biocêntrica pretende despertar a afetividade nas pessoas” (CAVALCANTE, 2007, p.61). E aos poucos, percebia que a afetividade brotava no grupo pela expressão verbal e corporal. Valia à pena estar ali vendo o desabrochar de cada movimento contido em corpos tão potentes, sentindo o calor das mãos daqueles jovens, me encantando com cada dança e sorriso.

Minha angústia por não ver uma matriz grupal se formando crescia no 4º e 5º encontros, por uma necessidade prática de iniciar a pesquisa e por não perceber a construção de sólidos laços de vinculação num grupo em que os participantes não tinham regularidade ou em que sempre chegava uma pessoa nova. Era como se em cada sexta-feira houvesse um recomeço, pois os iniciantes conheciam poucos ou ninguém, não sabiam o que se vivia naquele grupo, não estavam conectados com o processo, enfim, como se costumava dizer: “caíam de pára-quadras”. No entanto, fazíamos o esforço de incluí-los, cuidando dos princípios que garantem a operatividade da Educação Biocêntrica (ANDRADE; ARRAES, 2007): progressividade (respeito do ritmo de cada um), reciprocidade (regulando as relações no grupo), vivência e reculturação (estimulando valores pró-vida).

No 6º encontro percebi o grupo atento, falante, interativo, próximo e mais espontâneo, indicadores de que a matriz estava se formando entre os participantes regulares. Era hora do papel de *pesquisadora-facilitadora* entrar em cena, no encontro seguinte.

No dia da 1ª coleta de dados o grupo estava numeroso, uma vez que a média de participantes era 10, naquele dia tivemos 15 jovens na palhoça. Iniciei vivenciando a personagem *pesquisadora-facilitadora-ansiosa* receando a rejeição dos jovens em participar da minha investigação acadêmica, afinal minha pesquisa de campo estava em xeque até o momento de assinatura do termo de consentimento. Por fim eles aderiram tranqüilamente, no entanto a personagem referida acompanhou-me durante toda aquela tarde, por estar pela primeira vez utilizando o círculo de cultura como instrumento de coleta de dados.

Sabia que estava no caminho, mas, nesse momento, os encontros de orientação da pesquisa foram imprescindíveis, pois eu estava muito mergulhada no papel de facilitadora, utilizando-me mais da intuição e da sensibilidade para conduzir os encontros. O papel de pesquisadora, no entanto, é mais reflexivo e exige maior rigor metodológico. Integrar essas dimensões, aparentemente antagônicas, adquirindo uma intuição reflexiva e um sensível rigor metodológico, me tornaria uma *pesquisadora-facilitadora-competente*, que emergiu somente no último encontro com a realização do 2º círculo de cultura. Mas até lá teve muito chão.

A minha identidade de pesquisadora-facilitadora foi se consolidando progressivamente. Desde o início, redigindo os relatos de vivência, eu ia me conectando com a dimensão reflexiva da facilitação. Assim, quando ia conduzir o grupo, a

sensibilidade já havia se vinculado ao olhar de pesquisadora. Percebi que o hábito de realizar os relatos de vivência foi o meio por excelência para integrar as polaridades presentes nos adjetivos atribuídos ao papel de pesquisadora e de facilitadora. Esse instrumento funcionou como uma ponte que me auxiliava a organizar cartesianamente o que havia sido vivido, para depois traçar os objetivos e as estratégias metodológicas para o encontro seguinte. Uma vez sabendo aonde eu queria chegar e achando o caminho, a entrega era a melhor maneira de seguir. Em outras palavras: conhecendo o momento do processo grupal e traçando os objetivos para fortalecê-lo, facilitar o encontro era uma dança. Fui-me transformando numa *pesquisadora-facilitadora-competente* aprendendo a arte de dançar com o grupo.

Uma vez vinculado, o nosso grupo passou a acolher as diferentes pessoas que transitavam sem compromisso ou regularidade alguma com o processo. Assim, compareceram jovens que participaram do grupo de arte-identidade em 2007.2, jovens oriundos do grupo de auto-estima realizado de manhã, um co-facilitador interessado em aprender um pouco da nossa metodologia e uma estudante americana realizando uma pesquisa⁵⁵. Eu percebia essa abertura na fluidez com que esses participantes pontuais entravam e saíam do grupo, como se sempre ali estivessem. Nas palavras de Almeida (1995, p.21): “O encontro é a verdadeira pedagogia, é o lugar da realização do humano, é o instante da vivência [...] Eis o saber que não pode ser ensinado, somente pode ser aprendido”. Percebia que o grupo aprendia a encontrar-se com o diferente, com o novo, com o outro e consigo.

Dois encontros muito me emocionaram: o 8º e o 13º, quando o grupo viveu momentos de intimidade verbal. Foram nesses momentos em que percebi os jovens mais íntimos, espontâneos e entregues como uma criança.

Uma criança é espontânea; ela não tenta ser. A espontaneidade vem – ela flui, como a chuva. O trovão acontece, as árvores crescem, as flores se abrem. Ninguém força uma flor a se abrir; ela se abre sozinha. O seu ser também. Deixe-se ser o seu ser. Não no sentido egoísta, mas apenas permitindo que a manifestação ocorra, de modo que cada um tenha a possibilidade de dançar e se mover segundo si próprio (HUANG, 1979, p.163).

Também me percebi criança em muitas daquelas tardes de sexta-feira, quando me via aprendendo, me abrindo, desabrochando e acontecendo espontaneamente.

⁵⁵ Trabalho intitulado: Revitalizing the Human Spirit Together: A Case Study of Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim, realizado por Ana Bonilla em 2008. Disponível em: http://digitalcollections.sit.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1009&context=isp_collection Acesso: 02 Mar 2009.

Lembro-me juntamente com eles encenando peças, dançando livremente, rindo, imitando apresentadora de programa de auditório, dando gritos de guerra, batendo palmas, me emocionando, gargalhando... Nas palavras de Diógenes (2007, p.191), o facilitador precisa desenvolver algumas atitudes e habilidades: “disponibilidade para o constante aprendizado, permanente processo de cuidado consigo mesmo, compromisso com a própria evolução, respeito às suas limitações e talentos”. Somado a isso, é preciso seguir a letra de Gonzaguinha: “fé na vida, fé no homem, fé no que virá”. E ainda acreditar no que diz o educador Paulo Freire (2005, p.81): “...não há também diálogo, se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e refazer. De criar e recriar”.

Busquei construir entre mim e os jovens uma relação baseada no amor e no respeito mútuo, acreditando que tal fato impulsionaria a construção de relações mais saudáveis e amorosas no cotidiano deles. Outro momento que me marcou foi falas do 2º círculo de cultura acerca de como percebíamos uns aos outros. Ao chegar a minha vez eles falaram:

Lia: *Simpática.*

Ricardo: *Espontânea*

Lívia: *Colgate! A sorrizinho...*

(Gilson ri muito alto)

Glória: *Ei no primeiro dia... não deixe pra lá...*

(risos)

Facilitadora 1: *Diga aí, diga aí... não se encabule não...*

Lívia: *De primeiro eu achava assim... a gente achava teu nome difícil... aí a gente ia comentar na sala de informática os nomes, aí a gente chamava você de Colgate.*

Gilson: *Aí era a Colgate [apontando para Facilitadora 1] e a Sorriso [apontando para Facilitadora 1] (CC2.P9.L424-434).*

Até na brincadeira, percebi que havia respeito, sinceridade, espontaneidade, vínculo. Ou seja, para além dos papéis e dos personagens por mim desempenhado, antes de tudo consegui ser o que sou, agregando minhas características pessoais ao meu estilo de facilitação, percebido na fala dos jovens acerca do papel de facilitadora:

Lia: *Não é porque aqui elas gostam mais de escutar do que de falar, né?, escutar o que a gente tá falando.*

Ricardo: *Quem tem que falar no grupo é a gente... elas ficam só na delas.*

Facilitadora 1: *Porque a gente está num papel diferente, não é? Se eu tivesse no papel de participante, seria outra coisa.*

Pâmela: *Aí na maioria das vezes ia perder o respeito, também, né?*

Glória: *Não, mas é porque muitas vezes elas ficam só puxando algumas coisas pra gente poder falar... aí ficam ajudando a gente a se soltar mais, falar mais...*

Pâmela: *É. Se elas não puxarem, ficam uns só olhando pra cara dos outros (CC2.P15.L710-718).*

E foi assim, ensaiando os passos em casa e dançando com o grupo que a *pesquisadora-facilitadora-ansiosa* cedeu o lugar para a *pesquisadora-facilitadora-competente*, que agora está almejando uma nova personagem: a *pesquisadora-facilitadora-mestra* com a aquisição do título de Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. Para assim, seguir sua trajetória de pesquisas e facilitações pelo mundo afora.

11. ÚLTIMOS ACORDES...

Ainda falando na primeira pessoa do singular, busquei com as linhas acima escritas responder os objetivos que me mobilizaram durante esse estudo. Toda a caminhada até aqui se dedicou a tal intento.

No entanto, não estava presa somente aos objetivos: o próprio processo científico, teórico, metodológico, criativo, experimental e vivencial se fez genuinamente mais rico do que o produto que agora o leitor pôde ler, pois o que ficou em mim é bem maior do que a tinta e o papel conseguem exprimir. Contudo, resultados eu precisava apresentar, uma vez que a personagem *pesquisadora-facilitadora-mestra* almejava expressar-se.

Conclui, portanto, que a arte-identidade é um poderoso instrumento de facilitação e afirmo isso a partir da direção em que se deu o movimento das personagens dos jovens, uma vez que o grupo de arte-identidade atuou no fortalecimento:

1. Dos aspectos saudáveis da identidade: a “percepção de si mesmo como criatura portadora de um valor intrínseco” (TORO, 2002, p.103), a partir do surgimento da personagem *jovem-que-gosta-mais-de-si* (Pâmela).

2. De outro aspecto saudável da identidade, a capacidade de intimidade, a partir das personagens *jovem-mais-pensativo* (José); *jovem-pensativa* (Lia); e *jovem-menos-moleque* (Roberto).

3. Da auto-regulação, através da renovação orgânica através da personagem *jovem-menos-ansioso* (Roberto).

4. Da capacidade de empatia, ou seja, de captar o outro com precisão e sensibilidade, através da personagem *jovem-que-não-julga-os-outros-pela-aparência* (José).

5. Da linha de vivência da vitalidade, uma vez que “no aspecto psicológico a vitalidade se expressa pela alegria de viver” (TORO, 2002, p.85), evidenciada nas personagens *jovem-mais-alegre-e-mais-sorridente* (Pâmela); *jovem-alegre* (Gilson); e *jovem-que-sorri-mais* (Glória).

6. Da linha de vivência da criatividade, possibilitando uma expressão de si mesmo de forma espontânea a partir das personagens *jovem-brincalhão-em-qualquer-canto* (Gilson); *jovem-menos-tímido* (Ricardo); e *jovem-pouco-tímida* (Glória).

7. Da linha de vivência da afetividade, quando emergiram as personagens *jovem-menos-ignorante* (Pâmela); *jovem-menos-ignorante* (Wilson); e *jovem-mais-amigo* (José).

8. No fortalecimento do vínculo consigo, evidenciado pelas personagens *jovem-mais-pensativo* (José); e *jovem-pensativa* (Lia).

9. Da capacidade de construir vínculos com o outro, restaurando a integração com o semelhante expressos nas personagens *jovem-menos-ignorante* (Pâmela); *jovem-menos-ignorante* e *jovem-mais-amigo* (Wilson); *jovem-menos-teimoso* (Gilson); e *jovem-mais-amigo* (José).

10. Do valor pessoal, que é expresso pela capacidade de viver e de gostar de si mesmo, percebido pela *jovem-que-gosta-mais-de-si* (Pâmela); e *jovem-mais-segura* (Glória).

11. Do poder pessoal que é “a capacidade de influir na construção de relações saudáveis com os outros e com a realidade” (GÓIS, 1993, p. 73-74), expressos pelas *jovem-menos-ignorante* (Pâmela); *jovem-menos-ignorante* e *jovem-mais-amigo* (Wilson); *jovem-menos-teimoso* (Gilson); e *jovem-mais-amigo* (José).

Creio que presenciei o desabrochar de muitas flores do Bom Jardim para chegar até aqui. Percebo, agora, que a jornada de tornar-se mestra quem tece é a vida e que os títulos são somente mais um dos presentes que, se formos merecedores, receberemos. Tudo o mais continuará... Com ou sem os títulos, todas as manhãs haverá o canto dos bem-te-vis, a aurora aquecerá o dia, a brisa acariciará o corpo, o sol permanecerá nascendo e a lua embelezando a noite dos enamorados, as montanhas continuarão movendo-se lentamente no seu tempo, sábio tempo que muitas vezes os prazos acadêmicos se esquecem de nele buscar inspiração.

Enfim, tudo continuará seguindo a eterna jornada de tornar-me mestra, pois compreendo hoje que a maior sabedoria não é ensinar, mas adquirir humildade para continuar permanentemente aprendendo com a vida, dentro do limite e da possibilidade de cada dia, pois é preciso ser eternamente aluna para ser mestra. Acredito ainda que viver com maestria é permitir fluidamente que a vida atue e se manifeste em mim com toda a sua abundância e potência. E assim, todos os dias, enquanto me for concedida a graça de mais um dia, poder dizer: “Gracias a la vida que me ha dado tanto”.

E dentro das graças recebidas, ressalto a inspiração que me foi dada para contribuir com a relevância teórico-metodológica desse estudo, construindo uma nova forma de fazer pesquisa no cotidiano de um modo engajado, vinculado, comprometido,

reflexivo, vivencial, rigoroso e fluido, que utilizou a estratégia de facilitação e de convivência para gerar um conhecimento inserido numa realidade maior: a vida. Assim, pude utilizar os recursos da facilitação na minha opção de fazer ciência, e como numa orquestra os co-criadores (jovens participantes da pesquisa) e a pesquisadora-facilitadora tocaram seus instrumentos do princípio ao fim, gerando uma sinfonia harmônica e amorosa, sem quebras, sem pausas, sem ensaios, sem pré-testes. Era a vida ali mesmo acontecendo e tudo virando conhecimento acadêmico.

Acredito que o modo de fazer pesquisa envolvendo seres humanos precisa cada vez mais caminhar de mãos dadas com a ética da vida: não utilizando homens e mulheres, jovens e crianças, idosos e idosas somente como geradores de informações, mas numa relação amorosa de mútuo ensino e aprendizagem descrever os frutos de uma convivência, onde do encontro brota a construção de conhecimento, vínculo, cidadãos, pessoas mais amorosas, cuidado com a natureza, uma sociedade justa... o processo de construção do conhecimento precisa estar vinculado com a vida não somente na área das ciências humanas, mas principalmente nas exatas e na saúde, onde muitas vezes a ética é a do capital.

Tentei assim proceder no percurso desse estudo, e com a companhia da Cândida e do Cezar, a caminhada foi mais doce. No entanto, afirmo que fazendo eu a escolha de inovar metodologicamente, optando pelo o que estou chamando de ética da vida, arriscava a desaprovação da banca no momento da defesa desta dissertação. Mas a coragem veio porque esse caminho tinha coração. Etimologicamente, coragem vem do latim *cor, cordis*, que quer dizer coração. Portanto, ter coragem é pôr o coração naquilo que faz.

Percebo ainda que há aberturas investigativas, que poderão ser aprofundadas por outros pesquisadores interessados em sistematizar ainda mais a arte-identidade, principalmente no tocante à arte. Perguntas ficam no ar: o que acontece no momento em que os participantes entram em contato com a arte? Como se dá a regressão a partir daí? Quais recursos artísticos potencializam a regressão? Enfim, me detive na identidade por ser minha categoria de análise, mas faz-se necessário continuarem novos caminhos investigativos. Um deles foi tomado por Cândida Maria Farias Câmara ao ingressar no mestrado e, mesmo ainda passando por processos de definição da pergunta de partida, já aponta a arte-identidade como seu objeto de estudo.

E a caminhada com a arte-identidade continua, tendo o Bom Jardim e outros horizontes como cenário.

Costumeiramente, encontro os jovens que participaram desse estudo nas ruas do Bom Jardim, pois ainda continuo envolvida com pesquisas e facilitações nesta comunidade. Sempre que nos vemos, trocamos conversas, sorrisos, abraços, sonhos e desejos de reencontro. São encontros fugazes, que não permitem perceber se as personagens metamorfoseadas continuam se expressando, uma vez que para isso elas precisam encontrar, no cotidiano, condições objetivas como as que foram dadas no continente do grupo. No entanto, fica-nos a certeza que de algum modo, interferimos de forma positiva nessas identidades. E fica o convite ao leitor para se aventurar na beleza dos caminhos da arte-identidade.

12. REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, Arminda e KNOBEL, Maurício. Adolescência normal. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- ALMEIDA, Custódio. Método vivencial: reflexões para uma crítica epistemológica. Salvador: Monografia (Titulação em Biodança), Escola Cearense de Biodança, 1994.
- _____. O mito e o jogo como modelos originários para a vivência em Biodança. Porto Alegre, 2007 (texto não publicado).
- ANDRADE, Cássia Regina Xavier de. **Educação Biocêntrica: vivenciando o desenvolvimento organizacional**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2003.
- ANDRADE, Liomar Quinto de. **Terapias Expressivas: Arte-Terapia, Arte-Educação, Terapia-Artística**. São Paulo: Vetor, 2000.
- ARRETSHE, Marta. **Avaliação de políticas públicas é objeto de pesquisa**, 2002. Disponível em: <http://www.comciencia.br/entrevistas/ppublicas/arretche.htm>. Acesso em: 26 abr. 2009.
- BARDIN, L. **Análise de discurso**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARROS, João Paulo Pereira. **Considerações sobre a práxis do(a) psicólogo(a) nas Raízes de Cidadania e nos Centros de Referência da Assistência Social (CRAS) de Fortaleza**. Fortaleza: Monografia (Bacharelado em Psicologia), Universidade Federal do Ceará, 2007.
- BERGER, P; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BOFF, Leonardo. **O nascimento de uma ética planetária**. Disponível em <http://www.triplov.com/boff/etica.html>. Acesso em: 22 Set 2007.
- BOCK, Ana Mercês Bahia e LIEBESNY, Brônia. Quem eu quero ser quando crescer: um estudo sobre o projeto de vida de jovens de São Paulo. IN: OZELLA, Sérgio (Org.). **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2000. p. 203-221
- BRAGA, Tiago. Grande Bom Jardim receberá primeira ação do Pronasci. **O Povo on line**, Fortaleza, 01 jul. 2008. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/opovo/fortaleza/800739.html#>. Acesso em: 26 abr. 2009.
- BUBER. Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

CAEIRO, Alberto. **Todas as opiniões.** Disponível em: <http://www.secrel.com.br/jpoesia/fp282.html>. Acesso em: 02 Mar 2008.

_____. **Acho tão natural que não se pense.** Disponível em: <http://www.secrel.com.br/jpoesia/fp239.html> . Acesso em: 02 Mar 2008.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida:** uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Trad. Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 2004.

CARLOS, S. A. O processo grupal. In: M. da G. C. Jacques, M. N. Strey; N. M. G. Bernardes; P. A. Guareschi; S. A. Carlos & T. M. G. Fonseca (Orgs.). *Psicologia social contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CAVALCANTE, Ruth. Aprendendo e ensinando com a educação biocêntrica. In: PACHECO, Lillian. **Pedagogia Griô:** a reinvenção da roda da vida. Lençóis, Bahia: 2006.

_____. **Educação Biocêntrica:** um movimento de construção dialógica. Fortaleza: CDH, 2007.

CIAMPA, Antônio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina:** um ensaio de Psicologia Social. São Paulo: Editora Brasiliense S/A, 1ª Ed. 9ª reimpr, 2007.

DEMO, Pedro. Elementos metodológicos da pesquisa participante. In: BRANDÃO, C.R. **Repensando a Pesquisa Participante.** São Paulo: Editora Braziliense, 1984

DIAZ GOMÉZ, Álvaro. Técnicas de intervención y procesos de investigación em psicología comunitária. In: OSNAYA, Martha Córdova; PÉREZ, José Carlos Rosales (coord.). **Psicología Social** – perspectivas e aportaciones hacia um mundo posible. México: Amapsi Editorial, 2007.

DIÓGENES, Fátima. Terapia, Biodança y Educação Biocêntrica. In: CAVALCANTE, Ruth (org.). **Educação Biocêntrica.** Fortaleza: Edições CDH, 2007.

DILTHEY, Wilhelm. **Teoria de la concepción del mundo.** México: Fondo de Cultura Económica, 1978.

DIOGO, Nara Maria Forte. **Sísifo e Pandora:** identidade pessoal e a primeira Inserção profissional de dois jovens no município de Maracanaú-Ce. Fortaleza: Tese (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal do Ceará, 2005.

ERIKSON, Erik. **Identidade:** juventude e crise. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

ESTEBAN, Maria Teresa. Sujeitos singulares e tramas complexas – desafios cotidianos ao estudo e à pesquisa. In: GARCIA, Regina Leite (org.). **Método, métodos e contramétodo.** São Paulo: Cortez, 2003.

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. RJ: Editora Nova Fronteira, 1988.
- FERREIRA, José Hamilton. De corpo & alma. São Paulo: Editora Olavobrás, 1997.
- FILHO, Milton. **História Moderna e Contemporânea**. São Paulo: Scipione, 1993.
- FLORES, Feliciano E. V. Considerações sobre o Pensamento Biocêntrico. **Cadernos de Biodança**, edição n. 6, 1998. Disponível em: <[http://www.agbiodanca.org.br/CADERNOS-PDF/CAD-06-PDF/02-\(06\)-CONSIDERA%C7%D5ES%20SOBRE%20O%20PRINC%CDPIO%20BIOC%CANTRICO.pdf](http://www.agbiodanca.org.br/CADERNOS-PDF/CAD-06-PDF/02-(06)-CONSIDERA%C7%D5ES%20SOBRE%20O%20PRINC%CDPIO%20BIOC%CANTRICO.pdf)>. Acesso em: 03 Nov 2007
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- GAJARDO, M. Pesquisa Participante: Propostas e Projetos. In: BRANDÃO, C.R. **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo: Editora Braziliense, 1984
- GARAUDY, Roger. **Dançar a Vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- GÓIS, Cezar Wagner de Lima. **Noções de Psicologia Comunitária**. Fortaleza: Edições UFC, 1993.
- _____. **Biodança – identidade e vivência**. Fortaleza: Edições Instituto Paulo Freire do Ceará, 2002a.
- _____. **Modelo de facilitação de desenvolvimento**. Supervisão do Estágio anual em Psicologia Comunitária na Assessoria de Mobilização Social da Prefeitura Municipal de Maracanaú, janeiro a dezembro de 2002b. 1f. Notas de Aula. Manuscrito.
- _____. **Psicologia Comunitária no Ceará: uma caminhada**. Fortaleza: Instituto Paulo Freire, 2003.
- _____. **Psicologia Comunitária – atividade e consciência**. Fortaleza: Publicações Instituto Paulo Freire de Estudos Psicossociais, 2005a.
- _____. **Arte-Identidade**. Fortaleza HumanizaSUS, Fortaleza: Secretaria Municipal de Saúde, 2005b. v. 01. p. 47-63.
- _____. **Método Dialógico-Vivencial: Encontro de Formação do Núcleo de Psicologia Comunitária**, 25 e 26 de outubro de 2005c. 8f. Notas de Aula. Manuscrito
- _____. **Saúde Comunitária: pensar e fazer**. São Paulo: Hucitec, 2008a.
- _____. **Aspectos psicológicos e antropológicos em Biodança**. II Maratona da turma 10 da Escola Cearense de Biodança, 09 a 11 de maio de 2008b. 9f. Notas de aula. Manuscrito.

- HAGUETTE, Maria Teresa Frota. **O mito das estratégias de sobrevivência**. Fortaleza: EDUFC, 1982.
- HELLER, Agnes. (2000). **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra.
- HUANG, Ai Chung-liang. **Expansão e recolhimento**: a essência do tai chi. São Paulo: Summus, 1979.
- LANE, Silvia Tatiana Maurer. O processo grupal. In: LANE, Silvia Tatiana Maurer. ; CODO, WANDERLEY (Eds.). **Psicologia Social: O homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- LANE, Silvia Tatiana Maurer. A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. In: Lane, Silvia; Sawaia, Bader (orgs.) **Novas veredas da Psicologia Social**. São Paulo: EDUC e Brasiliense, 1995.
- LEMOS, Sanclair. **Una percepción biocêntrica del movimiento**. Nota dos Cadernos de Biodança – Escola Gaúcha de Biodança. 2003.
- LEMOS, Sanclair. **O princípio biocêntrico**. VI Maratona da turma 10 da Escola Cearense de Biodança, 12 a 14 de setembro de 2008. 9f. Notas de aula. Manuscrito.
- LEONTIEV, Alexis. La Actividad en la Psicología, Moscú, **Cuestiones de Filosofía**, nº 09 y 12, 1979.
- LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.
- _____. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b.
- MACHADO, Antonio. **Obras, poesías y prosa**. Buenos Aires: Losada, 1964.
- MARTIN-BARÓ, I. **Sistema, grupo y poder**: psicología social desde Centroamerica II. San Salvador : UCA, 1993.
- MARTINELLI, Maria Lúcia. O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em serviço social. In: MARTINELLI, Maria Lúcia (org). **Pesquisa qualitativa**: um instigante desafio. São Paulo: Veras Editora, 1999.
- MATTOS, Ricardo Mendes; CASTANHO, Marisa Irene Siqueira; FERREIRA, Ricardo Franklin. **Contribuições de Vygotsky ao Conceito de Identidade: Uma Leitura da Autobiografia de Esmeralda**. Estudos e Pesquisas em psicologia, Rio de Janeiro, n.1, p. 119-138, jan./jul. 2003.
- MATURANA, Humberto. **As árvores do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Athena, 2001.
- MENEZES, Ana Luisa Teixeira. **Arte-Identidade**: o corpo como obra de arte. Fortaleza, 2007. (texto não publicado).
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

- MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. Campinas: Papirus, 1997.
- MORENO, Jacob. Levi. **Quem sobreviverá?** Fundamentos da Sociometria, psicoterapia de grupo e Sociodrama. Goiânia, GO: Dimensão, 1994.
- MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio-Roger; MOTTA, Raúl Domingo. **Educar na era planetária**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.
- MOURA, Ricardo. Jovem deve ser foco das ações de segurança, diz especialista. **O Povo on line**, Fortaleza, 12 jul. 2008. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/opovo/fortaleza/803868.html>. Acesso em: 26 abr. 2009.
- MUNNÉ, F. **La teoría del caos y la Psicología Social**. In Fernández y Martínez. (orgs.) Epistemología y procesos psicosociales básicos. Madrid : Eudema, 1993.
- NASCIMENTO, Milton. **Nos bailes da vida**. Disponível em: <http://milton-nascimento.lettras.terra.com.br/letras/47438/>. Acesso em 23 Jun 2007.
- OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky – aprendizado e desenvolvimento, um processo histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.
- OLIVEIRA, Fábio Porto. O diálogo e o desenvolvimento humano na facilitação de grupos. **Cadernos Paulo Freire**: Instituto Paulo Freire, nº 01, p.21-28, 2004.
- PINHO, Ana Maria Melo. **El valor ético del arte**. Buenos Aires: Libris, 2003.
- PRIETO, Mayra Paula Espira. Humanismo, complexidade e totalidade – o giro epistemológico do pensamento social. In: GARCIA, Regina Leite (org.). **Método, métodos e contramétodo**. São Paulo: Cortez, 2003.
- QUAPPER, Klaudio Duarte. ?Juventud o Juventudes? acerca de como mirar e remirar a las juventudes de nuestro continente. In: BURAK, Solum Donas. **Adolescência y juventud en América Latina**. Cartago: Libro Universitario Regional, 2001. Cap.3, p. 57-74
- REBOLUÇAS JÚNIOR, Francisco Gilmário. **A Psicologia Comunitária e a Psicologia Histórico-cultural – interfaces teóricas para a compreensão do psiquismo**. Fortaleza: Monografia (Bacharelado em Psicologia), Universidade Federal do Ceará, 2007.
- RIBEIRO, Fernando. Estatísticas do Ciops apontam bairros mais violentos da RMF. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 28 mai. 2007. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=437501>. Acesso em: 26 abr. 2009.

- _____. Bairros periféricos da RMF são redutos da criminalidade. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 280 out. 2008. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=582424>. Acesso em: 26 abr. 2009.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-terapia: o processo grupal**. São Paulo: Summus, 1994.
- RIBEIRO, Kelen Gomes. **Biodança e saúde percebida: um olhar biocêntrico sobre a saúde**. Fortaleza: Tese (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal do Ceará, 2008.
- RICHARDSON, Roberto Jarry e cols. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985.
- _____. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.
- ROBIM, Michael. **Tornando-se dançarino: como compreender e lidar com as mudanças e transformações**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- RODRIGUES, Maria Lúcia. **Caminhos da transdisciplinaridade: fugido as injunções lineares**. Revista Serviço Social e Sociedade, São Paulo, Ano XXI, nº64, Cortez, Nov/2000.
- RHYNE, Jane. **Arte e Gestalt: Padrões que Convergem**. São Paulo: Summus Editorial, 2000.
- SARTI, C. O jovem na família: o outro necessário. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Orgs). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SEVERO JÚNIOR, Raimundo. **Criatividade, identidade e arte: descobrindo caminhos no trabalho com grupos em saúde mental numa perspectiva existencial fenomenológica**. Fortaleza: Tese (Mestrado em Saúde Pública), Universidade Estadual do Ceará, 1999.
- TORO, Rolando. **Projeto Minotauro: Biodança**. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.
- _____. **Coletânea de Textos de Biodança**. Org. GÓIS, C. W. de L. (1. ed. Fortaleza: Escola Nordestina de Biodança, 1982), 2. ed. Fortaleza: Editora ALAB, 1991.
- _____. **Biodanza**. SP: Editora Olavobrás/ Escola Paulista de Biodanza, 2002.
- TÚLIO, Demitri. A reinvenção do bairro. **O Povo on line**, Fortaleza, 22 mar. 2008. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/opovo/politica/774987.html>. Acesso em: 26 abr. 2009.
- UZUNIAN, Armênio; PINSETA, Dan Edésio; SASSON, Sezar. **Biologia: introdução à Biologia**. São Paulo: Anglo, 1991.

VECCHIA, Agostinho Mario Dalla. **Aspectos da metodologia em biodança.** Pensamento Biocêntrico. N° 1, 7-21, out/dez, 2004.

_____. **Afetividade e a estrutura teórica unificada e sistêmica de Fritjof Capra.** Pensamento Biocêntrico. N° 4, 53-80, jul/dez, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **Obras Escogidas.** Vol IV. Moscú: Editorial Pedagógica. 1984. Cap. 16, p.225-248.

XIMENES, Verônica Moraes; GÓIS, Cezar Wagner de Lima. **Núcleo de Psicologia Comunitária (NUCOM):** uma práxis libertadora. In: Raquel Guzzo. (Org.). A definir. Campinas, 2006, v., p. -..

ANEXOS

ANEXO 1**TEXTO DISCUTIDO NO 6º ENCONTRO**

3M D14 D3 V3R40, 3574V4 N4 PR414, 0853RV4ND0 DU45 CR14NC45
 8R1NC4ND0 N4 4R314. 3L45 7R484LH4V4M MU170 CON57RU1ND0 UM
 C4573L0 D3 4R314, COM 70RR35, P4554R3L45 3 P4554G3NS 1N73RN45.
 QU4ND0 3575V4M QU453 4C484ND0, V310 UM4 OND4 3 D357RU1U 7UD0,
 R3DU21ND0 0 C4573L0 4 UM M0N73 D3 4R314 3 35PUM4..
 4CH31 QU3, D3P015 D3 74N70 35F0RC0 3 CU1D4D0, 45 CR14NC45 C41R14M N0
 CH0R0, C0RR3R4M P3L4 PR414, FUG1ND0 D4 4GU4, R1ND0 D3 M405 D4D45 3
 C0M3C4R4M 4 CON57RU1R 0U7R0 C4573L0. C0MPR33ND1 QU3 H4V14
 4PR3ND1D0 UM4 GR4ND3 L1C40; G4574M05 MU170 73MP0 D4 N0554 V1D4
 CON57RU1ND0 4LGUM4 C0154 3 M415 C3D0 0U M415 74RD3, UM4 OND4
 POD3R4 V1R 3 D357RU1R 7UD0 0 QU3 L3V4M05 74N70 73MP0 P4R4
 CON57RU1R. M45 QU4ND0 1550 4C0N73C3R 50M3N73 4QU3L3 QU3 73M 45
 M405 D3 4LGU3M P4R4 53GUR4R, 53R4 C4P42 D3 50RR1R!! S0 0 QU3
 P3RM4N3C3 3 4 4M124D3, 0 4M0R

ANEXO 2

POR QUE AS PESSOAS GRITAM?

Um dia, um pensador indiano fez a seguinte pergunta aos seus discípulos: “Por que é que as pessoas gritam quando estão aborrecidas?”

- “Gritamos porque perdemos a calma”, disse um deles.
- “Mas por que gritar quando outra pessoa está ao seu lado?”, questionou novamente o pensador.
- “Bem, gritamos porque desejamos que a outra pessoa nos ouça”, retrucou outro discípulo.

E o mestre volta a perguntar: “Então não é possível falar-lhe em voz baixa?”. Várias outras respostas surgiram, mas nenhuma convenceu o pensador.

Então ele esclareceu:

- “Vocês sabem por que se grita com uma pessoa quando se está aborrecido?. O fato é que, quando duas pessoas estão aborrecidas, os seus corações afastam-se muito. Para cobrir esta distância, precisam gritar para poderem escutar-se mutuamente. Quando mais aborrecidas estiverem, mais forte terão que gritar para se ouvir um ao outro, através da grande distância. Por outro lado, o que sucede quando duas pessoas estão enamoradas? Elas não gritam. Falam suavemente. E por quê? Por que os seus corações estão muito perto. A distância entre eles é pequena. Às vezes estão tão próximos os seus corações, que nem falam, somente sussurram. Quando o amor é mais intenso, não necessitam sequer sussurrar, apenas se olham, e basta. Os seus corações entendem-se. É isso que acontece quando duas pessoas que se amam estão próximas.”

Por fim, o pensador conclui, dizendo:

“Quando vocês discutirem, não deixem que os seus corações se afastem, não digam palavras que os distanciem mais, pois chegará um dia em que a distância será tanta que não mais encontrarão o caminho de volta”. (Mahatma Gandhi)

ANEXO 3

A LIÇÃO DA BORBOLETA

Um dia, uma pequena abertura apareceu num casulo e um homem ficou observando o esforço da borboleta para fazer com que o seu corpo passasse por ali e ganhasse a liberdade. Por um instante, ela parou, parecendo que tinha perdido as forças para continuar.

Então, o homem decidiu ajudar e, com uma tesoura, cortou delicadamente o casulo. A borboleta saiu facilmente. Mas, seu corpo era pequeno e tinha as asas amassadas. O homem continuou a observar a borboleta porque esperava que, a qualquer momento, as asas dela se abrissem e ela saísse voando.

Nada disso aconteceu. A borboleta ficou ali rastejando, como corpo murcho e as asas encolhidas e nunca foi capaz de voar! O homem, que em sua gentileza e vontade de ajudar, não compreendeu que o casulo apertado e o esforço eram necessários para a borboleta vencer essa barreira. Era o desafio da natureza para mantê-la viva. O seu corpo se fortaleceria e ela estaria pronta para voar assim que se libertasse do casulo.

Algumas vezes, o esforço é tudo o que precisamos na vida. Se Deus nos permitisse passar através de nossas vidas sem quaisquer obstáculos, ele nos deixaria atrofiados. Nós não iríamos ser tão fortes como poderíamos ter sido. Nós nunca poderíamos voar.

A força vem das dificuldades, a sabedoria, dos problemas que temos que resolver. A prosperidade, do cérebro e músculos para trabalhar. A coragem vem do perigo para superar e, às vezes, a gente se pergunta: não recebi nada do que pedi a Deus. Mas, na verdade, recebemos tudo o que precisamos. E nem percebemos.

ANEXO 4

LISTA DE EXERCÍCIOS DE BIODANÇA⁵⁶

Abraco fraternal

Abrço procedido de olhar e aproximação progressiva: aos poucos as pessoas se juntam em comunhão de sentimentos fraternos.

Caminhar alegre com encontros

Movimentos com ênfase no lúdico, no olhar, no toque suave ao encontrar as pessoas, diversificar continuamente os encontros.

Caminhar confiando (I)

Escolhe-se um par, mãos na cintura; inicia-se um caminhar juntos; um permanecerá de olhos fechados, abandonando-se ao movimento, sendo protegido pelo outro, que dará a direção. Depois troca-se de posição, quem conduziu, fecha os olhos, e deixa-se conduzir.

Caminhar rápido

Movimento acelerado das pernas acompanhado de movimentos coordenados dos braços; olhar à frente, fitando os outros. Um andar vigilante e atento. Integrar todo o corpo com o movimento

Ciranda

O grupo fica em roda, passo ritmado, mãos levemente acima; há uma repetição contínua do movimento com o pé direito à frente e o esquerdo levemente fletido atrás, pequenos saltos apoiados somente pos um pé. Dar ênfase à sensualidade.

Dança de auto-regulação

Dança de expressão livre, com ênfase na variação dos movimentos yin/yang, força, velocidade, saltos, leveza, giro, ficar atento à respiração.

⁵⁶ Extraído de ANDRADE, Cássia Regina Xavier de. **Biodança** – gestos, palavras e músicas. Fortaleza: Monografia (Didata em Biodança), Escola de Biodança do Ceará, 2002.

Dança de luta

Realiza-se em par, de frente levantando os braços à altura dos ombros, seguram-se as mãos para medir as forças. Pé direito à frente, pé esquerdo atrás, criando e mantendo um clima de luta: se sentir que o outro põe pouca força, provocar para que ele se coloque no movimento. Finalizar na posição de valor, braços cruzados sobre o peito, punhos cerrados.

Encontro de mãos e conexão com o olhar

Duas pessoas vão se aproximando lentamente em conexão com o olhar, seguram-se firmemente as mãos e inicia-se uma conexão profunda de olhar. Despedem-se e buscam outra pessoa.

Eutonia

Duas pessoas unem os dedos (indicador) da mão direita; realiza-se uma dança lenta, com passos breves, conferindo-lhe um caráter ligeiro. Conservar os dedos unidos, apesar das trocas de posição. Eventualmente pode-se fechar os olhos.

Fluidez I e II

Com as pernas levemente flexionadas, olhos fechados, faz-se movimento contínuo dos braços para frente e para trás. Em seguida alternam-se os braços, o corpo acompanha o movimento, afrouxar o pescoço.

Grupo afetivo

Grupo todo próximo, mãos soltas, olhos fechado, pernas levemente flexionadas; o grupo fica parado, numa postura de aconchego, cabeça apoiada no ombro do outro, podendo ou não ter carícia.

Movimento segmentar de braços

Apoiar as mãos sobre o peito, alterna-se com o movimento de abertura e fechamento, pernas ligeiramente flexionadas.

Movimento segmentar de ombros

Fazer a rotação dos ombros da frente para trás, com olhos e boca semi-abertos; movimentos de recolhimento e expansão do corpo.

Oferecer o coração

Encontro progressivo entre duas pessoas a cada vez, entrar em sintonia através do olhar, com as mãos sobre o peito, abrir lentamente os braços num gesto de entregar o coração, em seguida pode receber o coração da outra pessoa e celebrar num abraço.

Posição geratriz de intimidade

Inicialmente, de pé, colocam-se as duas mãos superpostas sobre o peito, cabeça relaxada, pernas ligeiramente flexionadas, olhos fechados e lábios entreabertos, numa postura de envolvimento com o próprio ser.

Posição geratriz de valor

De pé, colocam-se os braços cruzados sobre o peito, as mãos em punho, olhos abertos, pernas retas, em posição paralela, olhando para frente com firmeza, altivez e serenidade.

Respiração (deitado)

A pessoa deita e entra em contato com sua respiração: sugerir uma respiração mais profunda, porém não utilizar técnicas de respiração, somente deixar a respiração mais solta.

Roda afetiva de coração a coração

Numa roda, as pessoas de mãos dadas colocam sua mão esquerda no peito (conseqüentemente a direita estará no peito da pessoa ao seu lado esquerdo e assim sucessivamente). Inicia-se nesta posição e aos poucos, num pulsar, vai se abrindo ao encontro do coração do outro, e traz o outro para o nosso coração.

Roda das transformações

Formam-se várias rodas que dançam separadamente. Aos poucos, um participante de uma roda sai do seu grupo, entra noutra roda e assim sucessivamente, cuidando para não desfazer nenhuma roda

Roda de ativação progressiva

Roda livre, pode ser usada dependendo de clima do grupo, do que se quer trabalhar em seguida, e do objetivo da sessão

Roda de comunicação

Segurando as mãos, inicia-se uma dança dos braços com fluidez; o corpo vai suavemente ora para um lado, ora para o outro, movimento ritmado e fluido, olhos fechados.

Roda de despedida

Sugerida para o final da sessão, tem um matiz euforizante, olhar, sorrir, beijos, despedir-se com alegria.

Roda de olhar

As pessoas ficam de mãos dadas em círculo, movimentando-se com fluidez. Olhas com suavidade e sem tempo determinado, enquanto promover sensação agradável: ir regulando o olhar.

Roda estelar

As pessoas com as cabeças ao centro da roda juntam-se de mãos dadas e pernas abertas; deitam-se formando uma grande estrela.

Samba cadenciado

Dança individual com movimentos pélvicos, de pernas, ombros, sugerindo um sentimento de alegria

ANEXO 5**APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

Universidade Federal do Ceará
Comitê de Ética em Pesquisa

Of. N° 175/08

Fortaleza, 28 de março de 2008

Protocolo COMEPE n° 37/ 08

Pesquisador responsável: Geisa Sombra de Castro

Dept°./Serviço: Departamento de Psicologia/ UFC

Título do Projeto: "Diálogos e vivências com arte e identidade"

Levamos ao conhecimento de V.S^a. que o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará – COMEPE, dentro das normas que regulamentam a pesquisa em seres humanos, do Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde, Resolução n° 196 de 10 de outubro de 1996 e complementares, aprovou o projeto supracitado na reunião do dia 27 de março de 2008.

Outrossim, informamos, que o pesquisador deverá se comprometer a enviar o relatório final do referido projeto.

Atenciosamente,

Mirian Parente Monteiro

Dra. Mirian Parente Monteiro
Coordenadora Adjunta do Comitê
de Ética em Pesquisa
COMEPE/UFC

APÊNDICES

APÊNDICE 3

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Estamos realizando uma pesquisa intitulada “**Diálogos e vivências com arte(e)identidade**”. Temos como objetivo principal compreender as implicações da participação em um grupo de arte-identidade no movimento da identidade de jovens vinculados ao Movimento de Saúde Mental Comunitária do Bom Jardim (MSMCBJ).

Esta pesquisa poderá ser útil como contribuição teórica para a Psicologia Comunitária Cearense e a Biodança na atuação com jovens, fortalecendo a construção de um modelo pautado numa proposta dialógica e vivencial, bem como contribuir com a *práxis* do MSMCBJ.

Serão aplicados dois círculos de cultura com jovens participantes do grupo de arte-identidade. Com essas informações, gostaríamos de saber sobre a sua aceitação em participar dessa pesquisa.

É necessário esclarecer que: 1) A sua aceitação/autorização deverá ser feita de livre e espontânea vontade; 2) Que você não ficará exposto a nenhum risco; 3) A sua identificação será mantida em segredo; 4) Que você poderá desistir de participar a qualquer momento, sem qualquer prejuízo para você; 5) Será permitido o acesso às informações sobre procedimentos relacionados à pesquisa em pauta; 6) Somente após você se sentir devidamente esclarecido e ter entendido o que foi explicado, deverá assinar esse documento.

Em caso de dúvida você poderá se comunicar com a pesquisadora Geísa Sombra de Castro, através do telefone (85) 9145-6464, do endereço eletrônico geisasombra@yahoo.com.br, ou através da coordenação do Mestrado Acadêmico em Psicologia da Universidade Federal do Ceará - UFC, situado na Avenida da Universidade, 2683, CEP: 60.020 -180, telefone: (85) 3366.7661 ou (85) 3366.7651.

Ainda em relação ao esclarecimento de dúvidas quanto à participação na pesquisa, é possível entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – fone: 3366.8338.

Consentimento pós- esclarecido

Declaro que, após as explicações da pesquisadora e por ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar, de livre e espontânea vontade, da pesquisa apresentada.

Fortaleza, __ de _____ de 2008.

Assinatura do
participante da pesquisa.

Digital do Participante da pesquisa:

Assinatura do responsável

Assinatura da Pesquisadora

APÊNDICE 4

QUADRO TEMÁTICO

Temas	Participantes	Unidades de sentido	Personagens
PERCEPÇÃO DE SI	Roberto	<p>(questionado se é difícil para ele dizer quem ele é hoje)</p> <p>Roberto: Não, não é que é difícil. É fácil, o negócio é que é mutável. A gente vive em constante mudança, é sempre um aprendizado. Quando a gente pensa que se conhece a gente passa a gostar de uma coisa diferente. Passa a conhecer coisas diferentes. Por isso que a gente passa por um processo interminável de auto-conhecimento. Eu acho isso. (CC1.P5.L185-188)</p> <p>(a facilitadora pergunta se hoje, ao escrever a sua palavra, foi difícil para ele identificar o como ele estava)</p> <p>Roberto: É como eu falei. Mas amanhã eu posso olhar pra essa palavra e dizer assim: “nada a ver” o que eu coloquei. Daqui há 10 anos eu posso estar do mesmo jeito de hoje, mas um dia eu vou mudar... deixar de ser moleque. (CC1.P5.L191.193)</p>	<p>jovem-mutável</p> <p>jovem-moleque</p>
		<p>(Ricardo afirma que é tímido e que gostaria de ter a “cara-de-pau” do Roberto)</p> <p>Roberto: eu vou dizer... é... quando eu era criança, falo sério, quando eu era criança, eu sofria muito porque eu era aquele meninozão que... trancado dentro de casa, não conhecia nada da vida. Eu tinha medo de ir na esquina comprar um bombom porque eu tinha medo de me perder. Falando sério! Eu era tímido, tímido mesmo. Só que eu comecei a minha vida escolar, no Ensino Fundamental, até a 2ª série eu era muito tímido, eu não conseguia falar, eu não conseguia chegar perto da galera pra puxar assunto e tal... foi aí que chegou um menino pra mim, né?, aí que sentou perto de mim, puxou conversa comigo, aí deixei pra lá, fiquei tentando me sair. Aí ele falou que ia me pegar lá fora.</p> <p>(risos, conversas paralelas comentando a cena que o Roberto narrou apanhando na escola)</p> <p>Roberto: Quando foi lá fora ele sentou o sarrafo em mim. E... aí eu comecei a ver que aquela timidez não ia me levar a nada. Aí eu comecei a tentar... (CC2.P5.L215-226)</p> <p>(Gilson brinca com o comentário de Roberto)</p> <p>Roberto: A soltar a pêia... aí eu comecei a ver que aquilo dali não era pra mim não. Aí eu comecei a tentar puxar conversa com a galera. Aí pronto, eu fiquei sem vergonha, sendo cara-de-pau mesmo. Porque tem que ser cara-de-pau, não adianta você</p>	<p>jovem-cara-de-pau</p>

Percepção de si (cont.)	Roberto (cont.)	dizer “aaaí, eu sou tímido”... Vai pra lá! Negócio de timidez. Me prejudicou muito quando eu era criança. Levei um cocorote. (CC2.P5.L229-233) (Penélope comenta que se uma pessoa é muito espontânea, ela é criticada) Roberto: Não, mas isso que a Penélope falou é verdade, você que é tímido, a galera lhe critica porque você é tímido, mas, se você é solto demais, a galera lhe chama de cara-de-pau, né? Me chamaram de cara-de-pau aqui, né? Não, porque eu vi que pra mim, por quê? Ter vergonha de quê? Eu tô roubando? Eu tô matando? (CC2.P5.L240-243)	
		(Dara comenta que, mesmo chegando com o processo grupal em andamento, logo começou a falar com o Roberto, entre outras pessoas) Roberto: Eu? É minha cara de pau. (CC2.P7.L334)	jovem-cara-de-pau
		(Roberto expõe sua percepção sobre si mesmo após o grupo comentar como o percebe) Roberto: concordo a parte, em parte de tudo que vocês falaram a meu respeito, a respeito da minha pessoa. Realmente o Roberto é doido, o Roberto é sem juízo, o Roberto é moleque, o Roberto é brincalhão, o Roberto anima, ele puxa o cordão, mas tem o Roberto, aliás, tem mais dois Robertos que vocês não conhecem... (CC2.P18.L874-877) (Gilson pergunta qual é o Roberto que eles não conhecem) Roberto: o primeiro é aquele Roberto que é sério, não brinca... (CC2.P18.L878) (Pâmela pergunta se o Roberto que eles não conhecem é o Roberto profissional) Roberto: eu não diria assim taaaanto o profissional, o profissional é sério, mas não é tanto aquele parecido com o Roberto quando está pensando, calado, não quer conversar, não quer compartilhar o que está sentindo. Esse Roberto vocês, graças a Deus, ainda não conhecem. E tem o Roberto estressado ao extremo. Estressado eu brinco, agora tem aquele tipo de estresse que não dá pra perdoar. Alguém passa por você e: “-bom dia”, aí: “-se o dia for bom, à noite eu lhe digo”... (CC2.P18.L881-886) (Pâmela o chama de falso) Roberto: é, assim... Dizem que as pessoas falsas são pessoas ruins, pessoas que usam máscaras, né? Eu uso máscaras, não vou mentir. Eu sou falso... eu sou falso pra proteger as pessoas que eu gosto, não falsidade de falar dele ou dela e pelas costas, falar mal. Mas é proteger as pessoas de mim. Quando eu tô triste, eu procuro não demonstrar que eu tô triste,	jovem-moleque jovem-que-esconde-o-que-sente jovem-estressado-ao-extremo jovem-que-usa-máscaras

<p>Percepção de si (cont.)</p>	<p>Roberto (cont.)</p>	<p>porque a gente sabe que quando a gente tá triste, muito triste mesmo, as pessoas que nos amam, que estão ao nosso redor, acabam ficando triste também. Então, eu amo vocês, vocês estão ao meu redor, não tem porque eu querer que vocês compartilhem da minha tristeza. Então deixa eu ficar moleque mesmo pra todo mundo rir, mangar... (CC2.P19.L889-896) (Gilson cita o exemplo de um dia em que viu Roberto assim) Roberto: pois é... por isso que é melhor eu ser moleque mesmo, molecar, levantar os cabelos do suvaco dela e iiiieeeeeiii (levantando o braço de Dilma). Pois é, é isso aí. Obrigado pelo espaço! (CC2.P19.L899-901)</p>	<p>jovem-que-esconde-o-que-sente</p> <p>jovem-moleque</p>
<p>Percepção de si</p>	<p>Ricardo</p>	<p>(a facilitadora pergunta se algum participante do grupo se identifica com a opinião do Roberto acerca das mudanças constantes que acontecem na vida) Ricardo: Comigo já aconteceu e acho que com tudim daqui. Com todo mundo aqui, né? Você não teve infância? Você era tratado como moleque. Aí, depois você começa a ter responsabilidade. Aí sai de casa, vai ficando mais maduro. É o que meu pai fala, ele diz que eu sou moleque. (CC1.P5.L197-200) (a facilitadora pergunta se ele acha que o pai tem a opinião correta a seu respeito) Ricardo: Tem. (risos) Ricardo: Só que eu tô deixando agora, tô parando. Tô mais quieto agora. (CC1.P5.L203-205)</p>	<p>jovem-moleque</p> <p>jovem-menos-moleque</p>
<p>Percepção de si</p>	<p>Glória</p>	<p>(a facilitadora pergunta se as pessoas que afirmaram serem tímidas na sua apresentação inicial sentem-se tímidas em outros grupos sociais) Glória: Eu sou mais assim quando eu tô começando a entrar, assim, a entrar em um grupo novo ou quando eu chego em um novo colégio, no primeiro dia de aula assim... Ai no começo assim é difícil. (CC2.P5.L193-195) (a facilitadora pergunta se foi difícil pra ela entrar nesse grupo)</p>	<p>jovem-tímido</p>

Percepção de si (cont..)	Glória (cont.)	Glória: Não, nesse aqui não foi tão difícil até porque a Lia veio comigo e assim, de uns tempos pra cá eu estou mais solta. Também lá no curso de informática, né, lá, quando foi começar aqui já tava com um bom tempo, nera? Que a gente já se conhecia do curso de informática. (CC2.P5.L197-200)	jovem-pouco-tímida
		(a facilitadora pergunta se as pessoas que afirmaram serem tímidas no grupo sentem-se tímidas em outros espaços) Glória: Só as vezes também, mas eu não me sinto muito não. (CC2.P5.L207)	jovem-pouco-tímida
PERCEPÇÃO DE SI – METAMORFOSE	Pâmela	(José convida Pâmela para apresentar sua colagem que expressa como ela se sentia antes e depois de participar do grupo) Pâmela: Sou eu né? Meu antes eu botei essa pessoa aqui, né, subindo cada dia mais, um degrau... (CC2.P3.L109-110) (Roberto pede para Pâmela mostrar sua colagem) Pâmela: e depois tá aqui eu, né? mais sorridente e mais alegre. (CC2.P3.L114)	jovem-mais-sorridente-e-mais-alegre
		(com todos em pé numa roda com os braços entrelaçados na cintura, a facilitadora convida cada participante a expressar sucintamente como se sente antes e depois do grupo) Pâmela: menos ignorante. (CC2.P22.L1038)	jovem-menos-ignorante
		(a facilitadora convida o grupo a fazer uma avaliação do trabalho realizado com eles e Pâmela, além disso, relata como percebe suas mudanças) Pâmela: assim eu percebo que eu estou mais calma assim no modo de tratar as pessoas. Antes com a mãe ela falava uma coisa, antes dela terminar eu já falava 1000 coisas em cima dela. Eu gostei mais de mim. (CC2.P23.L1105-1107)	jovem-menos-ignorante jovem-que-gosta-mais-de-si
Percepção de si - Metamorfose	Wilson	(Glória convida Wilson para apresentar sua colagem que expressa como ele se sentia antes e depois de participar do grupo) Wilson: Meu nome é Wilson. Antes eu era uma pessoa mais ignorante, preso e assim, não pensava também antes de agir. E agora, com o decorrer do tempo eu estou mais unido das pessoas e mais calmo também. Vai Lívia... (CC2.P3.L129-131)	jovem-mais-calado jovem-mais-ignorante jovem-mais-amigo jovem-menos-ignorante

<p>Percepção de si - Metamorfose (cont.)</p>	<p>Wilson (cont.)</p>	<p>(com todos em pé numa roda com os braços entrelaçados na cintura, a facilitadora convida cada participante a expressar sucintamente como se sente antes e depois do grupo) Wilson: eu me sinto mais amigo. (CC2.P22.L1060)</p>	<p>jovem-mais-amigo</p>
<p>Percepção de si - Metamorfose</p>	<p>Gilson</p>	<p>Gilson: Eu, por exemplo, já era mais brincalhão em casa, eu tô ficando já mais calado. Agora não, tô mudando um pouco, brincalhão em casa, tem aqueles momentos de brincar em casa ou em qualquer canto. Depende dos meus amigos, ou de onde tiver. Por exemplo, agora, eu não vou levar um carão porque estou conversando agora, né? A não ser que eu seja um Roberto da vida. É um elogio, cara. (CC1.P5-6.L212-216)</p> <p>(Lívia convida Gilson para apresentar sua colagem que expressa como ele se sentia antes e depois de participar do grupo) Gilson: Meu nome é Gilson. Antes eu achava que eu, assim, era errado no dia-a-dia... não seguia o caminho certo, não ia... realizar o que eu tinha que realizar... Se o caminho era esse, eu ia sempre pro outro canto, eu sempre fui assim, oh. Acho que até hoje ainda sou um pouco. Mas agora não, agora sou completo de vida, sou livre, TENTO ir pelo caminho mais certo quando a minha mãe fala, só que eu ainda sou bem teimoso, bem danado. (CC2.P3.L137-142)</p> <p>(com todos em pé numa roda com os braços entrelaçados na cintura, a facilitadora convida cada participante a expressar sucintamente como se sente antes e depois do grupo) Gilson: alegria. (CC2.P22.L1062)</p>	<p>jovem-brincalhão-em-casa</p> <p>jovem-brincalhão-em-qualquer-canto</p> <p>jovem-teimoso</p> <p>jovem-menos-teimoso</p> <p>jovem-alegre</p>
<p>Percepção de si - Metamorfose</p>	<p>José</p>	<p>(a facilitadora pergunta quem foi o participante que escreveu a palavra mudado) José: fui eu. (CC1.P8.L463) (a facilitadora convida José a falar de suas mudanças) José: Sei não, eu sei que eu mudei alguma coisa aí... (CC1.P9.L467) (risos) José: tá crescendo aí... alguma coisa, um degrau subindo na minha vida... (CC1.P9.L469) (a facilitadora comenta que nem sempre sabemos nomear a mudanças que vivemos)</p>	<p>jovem-mudado</p>

Percepção de si – Metamorfose (cont.)	José (cont.)	<p>José: Assim como eu via as outras pessoas... não levar consideração a aparência... mais ou menos isso. (CC1.P9.L473-474) (a facilitadora pergunta se quando José chegou no grupo ele já conhecia alguém)</p> <p>José: só ele ali (aponta para Wills), que faz curso comigo. (CC1.P9.L476) (a facilitadora pergunta se teve alguém que ele teve uma má impressão e depois mudou de opinião)</p> <p>José: Teve, mas num posso falar, né? (risos) (CC1.P9.L479)</p>	jovem-que-não-julga-os-outros-pela-aparência
		<p>(Suzane convida José para apresentar sua colagem que expressa como ele se sentia antes e depois de participar do grupo)</p> <p>José: Eu... é, meu nome é José, todo mundo me conhece já. Meu antes... bom, o passado. Pra mim eu tinha tudo, mas quem tem tudo? Ninguém tem tudo, né? Sempre está faltando alguma coisa. Então, meu antes, eu coloquei um vazio que é denominado a um tipo de vazio que eu pensava que eu tinha tudo, mas, no decorrer do tempo, eu percebi que eu não tinha nada. Me faltava uma pequena coisa para me deixar assim um pouco mais feliz. O que podia ser? A paciência. Um passarinho para fazer um ninho tem que ter paciência. E um pouco mais pensativo pra pensar no que fazer na vida... em diversas situações da vida. Só isso. Eu escolho... a menina ali, ó, a Pâmela. (CC2.P3.L100-107)</p>	jovem-vazio jovem-paciente jovem-mais-pensativo
		<p>(com todos em pé numa roda com os braços entrelaçados na cintura, a facilitadora convida cada participante a expressar sucintamente como se sente antes e depois do grupo)</p> <p>José: eu fiz novas amizades. (CC2.P22.1043)</p>	jovem-mais-amigo
Percepção de si - Metamorfose	Lia	<p>(Pâmela convida Lia para apresentar sua colagem que expressa como ela se sentia antes e depois de participar do grupo)</p> <p>Lia: Meu nome é Lia e eu coloquei... porque coloquei... (risos) (apontando para a colagem que representa o antes, depois vira a página)</p> <p>Lia: Apesar de ser uma eterna criança, né? eu aprendi a rever melhor as minhas coisas. Glória! (CC2.P3.L121-124)</p>	jovem-que-é-uma-eterna-criança jovem-mais-pensativa

<p>Percepção de si - Metamorfose (cont.)</p>	<p>Lia (cont.)</p>	<p>(com todos em pé numa roda com os braços entrelaçados na cintura, a facilitadora convida cada participante a expressar sucintamente como se sente antes e depois do grupo) Lia: eu agora faço meu presente, pensando no futuro e revendo meu passado. (CC2.P22.L1059)</p>	<p>jovem-mais-pensativa</p>
<p>Percepção de si - Metamorfose</p>	<p>Roberto</p>	<p>(iniciando a discussão sobre o tema-gerador “eu no grupo”) Roberto: é o auto-conhecimento... eu vou falar logo a palavra que eu coloquei, logicamente, por experiência própria. Antes de participar desse grupo eu era uma pessoa muito ansiosa. Muito “eu quero agora”, “tem que ser agora”, “tem que fazer isso”, “vai agora, agora, agora, agora”, não existia depois, amanhã ou futuramente. Era agora, agora, agora. Agora não, eu estou mais caaaalmo. Não pareeece, mas eu realmente estou adquirindo um grau de maturidade bem elevado. Rapaz eu era muito moleque, muito moleque. Tu num ia agüentar ficar meia hora comigo não. (CC1.P6.L329-335) (Gilson brinca com a fala do Roberto) Roberto: bicho eu fazia piada até dos caras que morriam, doido! Fazia piada, mah. Moleque, moleque, moleque, moleque. Seu cabra safado, você era moleque. (CC1.P6.L337-338)</p> <p>Roberto: Bem, meu nome é Roberto e... um dos motivos mais notórios e visíveis que fizeram eu entrar pra este grupo foi a ansiedade. Era muito ansioso e, por incrível que pareça, muito mais hiperativo. É... graças ao trabalho que foi realizado, né? Hoje eu estou mais calmo, não parece... é, pode rir, palhaço! Mas eu estou mais calmo, menos ansioso... pode mostrar logo o desenho? (CC2.P2.L49-53) (a facilitadora afirma que pode) Roberto: O meu antes, era assim: tem a ver... só tá errado aqui (Roberto mostra a sua colagem, uma pessoa abraçando o planeta Terra) porque eu não queria abraçar o mundo com as mãos não, eu queria abraçar com as pernas, eu queria fazer tudo ao mesmo tempo. E... se não desse, se eu não conseguisse fazer, eu jogava tudo pra cima, dava um bicudo e começava tudo de novo.</p>	<p>jovem-muito-ansioso jovem-menos-ansioso jovem-menos-moleque</p> <p>jovem-muito-ansioso jovem-menos-ansioso</p>

Percepção de si – Metamorfose (cont.)	Roberto (cont.)	<p>E as minhas idéias eram assim, ó (mostra, na sua colagem, que picou vários pedaços de papel e colocou um em cima do outro), idéias boas! É... essa cara aí mesmo! Que porra é essa? Porque não batia as idéias, eram tudo junta, não sabiam onde entrar patavina de nada. Aí beleza! Aí depois, chegou... depois, evidentemente. Continua sendo eu, com certeza, brincalhão, não tá nem aí com nada, o que eu quero fazer, eu faço. PORÉM, existem lugares que você pode fazer tudo e existem lugares que você não pode fazer tudo. Então, eu coloquei essas duas figurinhas aqui... Eu sei que esse aqui é um ladrão, porque ele é político... E esse cara aí que não tá nem aí com nada. Porque, eu aprendi... além de eu ter aprendido a controlar um pouco a minha ansiedade e a minha hiperatividade, eu aprendi a controlar também que eu não posso fazer tudo da maneira que eu quero. Tem que ser uma coisa atrás da outra, não pode ser uma linha reta... tem que ser uma linha reta, mas seccionada, devagarzinho, devagar se vai ao longe. Pois é, eu coloquei aqui e tal. Eu até assumi a minha verdadeira identidade, né? De Luis Shakall Roberto... Eu escolho o chagal porque ele é um animal bastante interessante, né? Show de bola! Obrigado pela oportunidade. (CC2.P2.L55-73)</p>	jovem- menos- moleque
		<p>(com todos em pé numa roda com os braços entrelaçados na cintura, a facilitadora convida cada participante a expressar sucintamente como se sente antes e depois do grupo)</p> <p>Roberto: eu me sinto menos ansioso. (CC2.P22.L1040)</p>	jovem- menos- ansioso
Percepção de si - Metamorfose	Ricardo	<p>(Gilson convida Ricardo para apresentar sua colagem que expressa como ele se sentia antes e depois de participar do grupo)</p> <p>Ricardo: Bem, meu nome é Ricardo, né? E eu antes era assim oh (mostrando sua colagem)... era mais reservado, mais na minha, né? Aí quando eu comecei a passar por essas terapias eu fiquei assim oh (mostrando sua outra colagem), mais livre, mais espontâneo. É só isso. (CC2.P4.L152-155)</p>	jovem- tímido jovem- menos- tímido
		<p>(com todos em pé numa roda com os braços entrelaçados na cintura, a facilitadora convida cada participante a expressar sucintamente como se sente antes e depois do grupo)</p> <p>Ricardo: bom, o que mudou em mim é que eu era meio trancado, né? Depois que eu vim pra cá eu comecei a ficar mais solto e mais moleque. (CC2.P21.L1035-1036)</p>	jovem- tímido jovem- menos- tímido

Percepção de si - Metamorfose	Glória	(Lia convida Glória para apresentar sua colagem que expressa como ela se sentia antes e depois de participar do grupo) Glória: Antigamente eu me achava assim, mais tímida... eu ainda sou um pouco tímida, mas eu era mais fechada para as pessoas. Eu era mais sozinha e mais triste também. E agora eu não ligo mais assim pros problemas como antes eu ligava, sei lá... passei a sorrir mais... (CC2.P3.L125-128)	jovem-mais-tímida jovem-mais-sozinha-e-mais-triste jovem-que-sorri-mais
		(com todos em pé numa roda com os braços entrelaçados na cintura, a facilitadora convida cada participante a expressar sucintamente como se sente antes e depois do grupo) Glória: eu me sinto mais segura agora. (CC2.P22.L1058)	jovem-mais-segura
PERCEPÇÃO DE SI PELO GRUPO	Pâmela	Roberto: a Pâmela? Chata, chata, chata... mexeu, bombeou, buuum!, pé no freio! Aí quando ela vem parece um trem, mais de mil. Piuííííí. Tuuum! Porém é uma ótima... (CC2.P19.L935-936) Gilson: ela é a mistura de um trem com um avião, imagina... (CC2.P19.L937) Roberto: porém é uma pessoa que também demonstra ser bastante amiga, compreensiva, fiel as suas amizades, fiel ao namorado, ô meu deus do céu... que eu queria que ela não fosse... (risos) Roberto: ...está sempre alegre, rindo. Aí eu já não sei se é qualidade ou defeito, mas ela tem uma dificuldade, digamos assim, de espontânea que ela é contigo: se ela está mal-humorada, ela fecha a cara; se ela ta triste ela fica borocoxô aqui, meia murchinha; se ela ta alegre, ela fica pilando, piuííííí... (CC2.P20.L938-945)	
		Lívia: Legal. (CC2.P20.L953)	
		Wilson: simpática. (CC2.P20.L954)	
		Ricardo: bonita. (CC2.P20.L955)	
		Facilitadora: mas eu percebo mesmo isso que o Roberto falou, é como se fosse um excesso de sinceridade... (CC2.P20.L956-957)	
		Penélope: eu acho ela espontânea. (CC2.P20.L966) Dara: alegre. (CC2.P20.L967) Roberto: espontâneo, mas não é aquele espontâneo quase caindo. É: peraí, eu sou espontânea, mas deixa eu ver onde é que eu tô pisando pra depois eu não levar topada. (CC2.P20.L968-969)	
		(a facilitadora pede a confirmação de Pâmela sobre o que os participantes do grupo afirmaram a seu respeito) Pâmela: tá certo. (CC2.P20.L971)	

Percepção de si pelo grupo (cont.)	Pâmela (cont.)	(a facilitadora pergunta especificamente do que ela acha acerca do que Roberto falou a seu respeito) Pâmela: é verdade. (CC2.P20.L973)	
Percepção de si pelo grupo	Wilson	Dilma: engraçado. (CC2.P9.L401) Pâmela: eu concordo com a Dilma, engraçado, bem engraçado. (CC2.P9.L402)	
		Lívia: o Wilson é o “Créu”! (CC2.P9.L399) (Alguns participantes não entendem o comentário de Lívia e Roberto pede para ela explicar) Lívia: Porque teve um momento que as meninas colocaram...foi a primeira vez eu acho, que as meninas colocaram [uma música]... e a gente até ficou meio assim comentando que não tinha gostado da música, aí ele, o Wilson disse assim: “- Era melhor que fosse Créu”. (CC2.P9.L405-407)	
Percepção de si pelo grupo	Gilson	Ricardo: Sério. (CC2.P10.L447) Facilitadora: Sério? (CC2.P10.L448) Pâmela: Ave Maria! (CC2.P10.L449)	
		Dilma: Quando o Roberto não está aqui ele não é moleque. (CC2.P10.L453) Pâmela: É mesmo! Ele é mais moleque quando tá perto do Roberto. (CC2.P10.L454) Roberto: Ele é meu primo... (CC2.P10.L455) Gilson: Eu sou primo do Roberto... (CC2.P10.L456)	
		Monera: Espontâneo. (CC2.P10.L460)	
		Roberto: Moleque. (CC2.P10.L451)	
Percepção de si pelo grupo	José	Gilson: um poeta. (CC2.P15.L724) Lia: você é muito simpático. (CC2.P15.725) Monera: brincalhão. (CC2.P15.L726)	
		Glória: gosta muito de computador. (CC2.P15.L729)	
		Roberto: Ele é o cara assim tipo... aquele cara que dá a sua opinião, mas não é aquele que fala só pra participar, é aquele que participa sabendo o que	
		está falando. Não é aquele idiota que “- ah, arroz com sal é bom!”, todo mundo sabe que arroz com sal é bom. Mas ele fala, com sal é bom, porque é bom, por isso e por aquilo. Ele... tem fundamento o que ele fala, tem fundamento, pronto! (CC2.P16.L747-751) (a facilitadora pergunta se ele está querendo expressar que acha o José inteligente) Roberto: é, digamos que sim. (CC2.P16.L753)	

Percepção de si pelo grupo (cont.)	José (cont.)	<p>Penélope: e é uma pessoa que quando quer uma coisa ele insiste, insiste, persiste, até ele conseguir, mas ele não desiste. Às vezes enche o saco, mas ele não desiste. (CC1.P16.L754-755) (a facilitadora pede confirmação de José.) José: Com certeza. (CC2.P16.L757)</p>	
Percepção de si pelo grupo	Lia	<p>Lívia: É activa, a Lia é Activa. (risos) Lívia: Como é aquela pasta? Sorriso, também. (CC2.P10.L486-488) Pâmela: Simpática. (CC2.P10.L489) José: Lia, você é 10, parceira! (CC2.P11.L514) (os participantes do grupo brincam com o comentário de José) José: É bom que você cabe no mínimo espaço do meu coração... (CC2.P11.L516) (os participantes do grupo continuam brincando com o comentário de José)</p> <p>José: Deixa eu... destrinchar o meu vocabulário. Esse é todo o meu coração, certo? No mínimo detalhe, por ela ser pequena, ela cabe e ainda fica folgado. (CC2.P11.L523-524)</p>	
Percepção de si pelo grupo	Roberto	<p>(Roberto ficou um tempo do processo grupal em silêncio após o convite da facilitadora de quem é mais extrovertido vivenciar, naquele momento, o papel de tímido. O grupo começa a se incomodar com o silêncio do Roberto e pede para ele falar) Gilson: não, não, Roberto, tem que ficar tímido! (CC2.P15.L737)</p> <p>Lívia: O Roberto! Tem altos e baixos... (CC2.P18.L849)</p> <p>Gilson: cara-de-pau. (CC2.P18.L851)</p> <p>Roberto: Eu tenho cara de estudioso? (CC2.P13.L602) (o grupo afirma que não) Roberto: Não, não leve a mal não, mas eu sou! (CC2.P13.L604) Penélope: Definitivamente não! (CC2.P13.L605) Glória: Ow bicho intrometido, ó. (CC2.P13.L607) Gilson: Palhaço! (CC2.P13.L608)</p> <p>Penélope: eu nunca venho aqui, eu sempre falto, mas teve um dia que eu vim que ele não veio, ficou tão calmo... ninguém brincava, ninguém ria... foi normal... ele tem o poder de despertar esse lado espontâneo das pessoas. (CC2.P18.L867-869)</p>	

Percepção de si pelo grupo (cont.)	Roberto (cont.)	Ricardo: eu não gosto de falar muito assim pro grupo não... eu queria ser assim, ter um pouco da coragem do Roberto. (CC2.P5.L209-210) [...] Ricardo: O Roberto é cara-de-pau mesmo, ele fala mesmo! Eu sou tímido cara... queria ter um pouco da tua cara-de-pau. (CC2.P5.L212-213)	Ricardo: jovem-tímido
		Ricardo: Tem que ser igual o Roberto, macho, cara-de-pau, sem vergonha! (CC2.P14.L687)	
		Glória: intrometido, muito doido. (CC2.P18.L852) (a facilitadora ressalta a fala de Glória expressando que sem o Roberto “seria mó paia”) Glória: porque ele anima, sei lá! Quando o Roberto não tá aqui fica todo mundo mais calado. (CC2.P18.L863-864)	
		Roberto: concordo a parte, em parte de tudo que vocês falaram a meu respeito, a respeito da minha pessoa. Realmente o Roberto é doido, o Roberto é sem juízo, o Roberto é moleque, o Roberto é brincalhão, o Roberto anima, ele puxa o cordão, mas tem o Roberto, aliás, tem mais dois Roberto s que vocês não conhecem... (CC2.P18.L874-877)	
Percepção de si pelo grupo	Ricardo	Monera: ele é perseverante... ele luta pelo o que ele acredita, pelo o que ele quer... Ele pensa no futuro dele. (CC2.P21.L992-993) Ricardo: é verdade! (CC2.P21.L994) Dara: ele é uma pessoa que é diferente e que luta para ser alguém na vida. Eu acho isso. (CC2.P21.L995-996)	
		Lívia: jovem.(CC2.P20.L976)	
		Roberto: não, o Ricardo é uma pessoa 10 anos, porém tem a capacidade de adivinhar como a pessoa é... ele é tímido, retraído, tem aquela cara de ‘menino pidão’. (CC2.P20.L979-980) (Ricardo agradece) Roberto: não peraí, tem mais! Tem mais? Demonstra ser inteligente... (CC2.P20.L982) (Ricardo agrade) Roberto: ...simpático, fiel com as suas amizades... (CC2.P20.L984) (Ricardo agradece) Roberto: ...assim como parte que eu consegui notar dos nossos companheiros do grupo... (CC2.P20.L986)	

Percepção de si pelo grupo (cont.)	Ricardo (cont.)	(Ricardo pede para Roberto continuar) Roberto: é uma pessoa que tem um certo grau de impaciência. Tipo assim, a gente percebe por coisas simples assim, coisa normal, mesmo. Bom, esse é o meu ponto de vista em relação a sua pessoa. (CC2.P20.L988-990)	
		Penélope: ele é uma pessoa calada, uma pessoa tímida, assim, mas tem certas horas que ele se solta. Mas ele é espontâneo, só precisa de um empurrãozinho. (CC2.P21.L1004-1005)	
Percepção de si pelo grupo	Glória	Facilitadora: Eu te acho muito forte, decidida. Quando bota uma opinião... assina embaixo! (CC2.P12.L542) Pâmela: É mesmo, concordo com tudo que ela disse! (CC2.P12.L543)	
		Ricardo: Fechado! (CC2.P12.L545)	
		Penélope: Ela já tá toda vermelha! (CC2.P11.L529)	
PERCEPÇÃO SOBRE O GRUPO	Pâmela	(fala da sua percepção sobre o grupo a partir da sua palavra: A UNIÃO; discordando de Anderson) Pâmela: Eu coloquei porque, eu vejo assim, que até agora não teve atrito nenhum. Porque, por várias vezes, eu participei de outros grupos daqui mesmo e teve atrito entre os membros. Eu coloquei por isso, porque até agora não teve confusão nenhuma... (CC1.P10.L538-541)	
		(sua opinião acerca da impressão de o grupo ter começado a mais tempo do que de fato) Pâmela: realmente... (CC1.P11.L568)	
Percepção sobre o grupo	Wilson	(a facilitadora convida Wilson para expressar como ele percebe o grupo) Wilson: Eu acho que o que aconteceu aqui foi muito importante, me aproximei de gente que eu não falava, inclusive tem pessoas que eu ainda não falei ainda, mas que eu pretendo me aproximar. (CC2.P8.L385-387) (a facilitadora faz referência à colagem de Wilson que traz a imagem de união, e pergunta se ele sente isso no grupo unido) Wilson: Sinto... de união. No início eu não sentia muito não, mas no decorrer do tempo... (CC2.P9.L391-392) (a facilitadora pergunta como ele percebe que contribuiu para essa união) Wilson: vindo, participando... (CC2.P9.L394)	
Percepção sobre o grupo	Gilson	(referindo-se a que outros grupos ele percebe a igualdade no relacionamento entre participantes e facilitadores) Gilson: no colégio... (CC1.P7.L372)	

Percepção sobre o grupo (cont.)	Gilson (cont.)	(questionado se percebe união no grupo pelo fato de não haver conflitos) Gilson: Eu acho que sim. Porque muitas vezes o conflito aqui vai haver na hora do debate. Em alguns grupos, o cara não pode errar. (CC1.P10.L550-551)	
		(dirigindo-se a Anderson que afirmou que no grupo não há motivos para brigar) Gilson: Não, porque muitas pessoas no grupo não gostam de ser errado. E eu falo uma coisa, tu já rebate com outra que eu me sinta... banal. Ai, já vai gerar uma discussão, banal! Por besteira.... (CC1.P10.L554-556)	
		(sua percepção sobre o número de encontros realizados pelo grupo até então)	
		Gilson: parece 50... (CC1.P11.L569) (revelando o motivo da sua percepção sobre o número de encontros realizados pelo grupo até então) Gilson: tem que ver que os debates que nós temos agora, a gente sempre começa falando de uma coisa aqui, uma coisa ali, até que sai alguma coisa. (CC1.P11.L574-575)	
Percepção sobre o grupo	Roberto	(referindo-se como percebe a união do grupo) Roberto: de vez em quando... (CC1.P7.L371) (expressando em que outros grupos percebe a relação de igualdade entre os membros além do nosso, segundo Anderson) Roberto: dentro de casa... eu e a minha irmã somos muito parecidos. (CC1.P7.L373) (expressa sua opinião com relação ao comentário de Anderson de que o grupo é dividido) Roberto: Eu concordo e discordo com o que ele falou... Eu concordo que realmente a galera chega por aqui, fica por acolá... não é aquela interação, mas discordo que a gente as vezes encontra o problema na outra pessoa, as vezes o problema tá com a gente e a gente não consegue perceber. Por exemplo, só um exemplo, eu sou moleque e eu sei que a Pâmela não gosta de menino moleque, mas mesmo assim eu sou moleque... então, se eu não mudar a minha forma de lidar com ela, ela não vai se aproximar de mim porque ela não gosta de menino moleque. Tipo, da coisa assim... é mais ou menos isso aí. (CC1.P9-10.L510-517) (a facilitadora pergunta o que é que ele percebe, então, que acontece no nosso grupo)	

<p>Percepção sobre o grupo (cont.)</p>	<p>Roberto (cont.)</p>	<p>Roberto: Neste grupo, o que percebo, eu acho que é mais... que é a falta de segurança de chegar pro outro e conversar, porque não tem muita intimidade. (CC1.P10.L519-520) (Anderson concorda com o seu comentário)</p> <p>Roberto: Por exemplo, eu vou falar assim, eu falo com todo mundo, mas é aquela divisão. Eu falo com o Gil: “- E aí, Gil, beleza?”, e tal, eu brinco com as meninas, eu falo com o Anderson, mas, sinceramente, eu não chegou pro Gil 2 ali e fico conversando com ele. Pronto, o Rômulo? (CC1.P10.L522-525) (o grupo corrige o nome do participante a que Roberto se referiu)</p> <p>Roberto: Rô..., Rômulo, nem o nome do menino eu sei direito, ta vendo, oh? Eu não vou mentir, não sinto segurança de chegar pra ele assim, ainda, e puxar um assunto com ele. Até porque eu não o conheço bem, então eu sou o tipo da pessoa que eu espero, já que a gente tá no grupo pra se conhecer, eu espero eles se expor um pouco para eu saber do que eles vão gostar para que eu possa ter algum assunto com eles. Porque não adianta nada eu chegar assim pra ele e dizer: “ – Ei, mah, tu assistiu Pokémon ontem?” e ele detestar Pokémon. E aí? (CC1.P10.L527-533) (questionado se pelo fato de no grupo não ter atritos caracteriza-o como unido)</p> <p>Roberto: Eu acho que não ter atrito não é o fato de haver união, é o fato de haver respeito. Eu sei respeitar a opinião de cada um e, espero que cada um saiba respeitar a minha... (CC1.P10.L557-558) (a facilitadora comenta os últimos encontros)</p> <p>Roberto: Ao meu ponto de vista, o grupo ser unido, começar a usar mesmo essa palavra, que o grupo é unido, não precisa de muita coisa não, basta, sei lá... um tentar perder a timidez, o outro não ser tímido... perder a vergonha de chegar e... (CC1.P11.L584-586) (a facilitadora pergunta se o grupo precisa ser “sem vergonha”)</p> <p>Roberto: É, pronto! (CC1.P11.L588)</p>	
		<p>(sua percepção sobre como está sendo os encontros realizados pelo grupo até então)</p> <p>Roberto: Tá sendo produtivo, eu acho... (CC1.P11.L572)</p>	
		<p>(a facilitadora pergunta se os participantes sentiram sinceridade em cada um que participou dos encontros)</p> <p>Roberto: Metal, metal, metal total. (CC2.P6.L276)</p>	

Percepção sobre o grupo (cont.)	Roberto (cont.)	(a facilitadora resgata a discussão ocorrida no primeiro círculo de cultura sobre a união presente ou não no grupo e convida os participantes a se expressarem sobre o tema) Roberto: mas, assim, em todo grupo vai haver panelinha... é normal... é até de certo modo, benéfico, né? É porque é assim, o grupo é unido, certo? Mas não necessariamente por ser unido, a gente quer falar na mesma hora, do mesmo assunto, no mesmo local. Eu mesmo quero falar do Bob	
		Esponja e você da Barbie, e aí? Vamos ficar juntos pra quê? Entendeu? É o tipo da coisa assim, tem gente que quer fazer coisas diferentes naquele horário, naquele exato momento, entendeu? (CC2.P7.L292-297)	
PERCEPÇÃO DO PAPEL DA FACILITADORA	Pâmela	(Inicia a discussão sobre o papel do facilitador no grupo e Ricardo afirma que quem tem que falar no grupo são os participantes. A facilitadora comenta que se tivesse no papel de participante, seu comportamento seria diferente.) Pâmela: Aí na maioria das vezes ia perder o respeito, também, né? (CC2.P15.L715) (Glória complementa a idéia de Ricardo, afirmando que essa postura do facilitador incentiva o grupo a falar e ajuda cada um a se soltar.) Pâmela: É. Se elas não puxarem, ficam uns só olhando pra cara dos outros. (CC2.P15.L718)	
Percepção do papel da facilitadora	Lia	(o grupo está comentando como percebe a facilitadora) Lia: Não é porque aqui elas gostam mais de escutar do que de falar, né?, escutar o que a gente tá falando. (CC2.P23.L1110)	
Percepção do papel da facilitadora	Ricardo	(o grupo está comentando como percebe a facilitadora) Ricardo: quem tem que falar no grupo é a gente... elas ficam só na delas. (CC2.P15.L712)	
Percepção do papel da facilitadora	Glória	(o grupo está comentando como percebe a facilitadora) Glória: não, mas é porque muitas vezes elas ficam só puxando algumas coisas pra gente poder falar... aí ficam ajudando a gente a se soltar mais, falar mais... (CC2.P15.L716-717)	
PERCEPÇÃO DA PROPOSTA DA ARTE-IDENTIDADE	Pâmela	(a facilitadora convida o grupo a fazer uma avaliação do trabalho realizado.) Pâmela: apesar de sempre ter participado eu achei mais interessante com vocês do que dos outros que eu vim... era cansativo que só (referido-se aos encontros que participou de outros grupos de auto-estima). (CC2.P23.L1102-1103)	

Percepção da proposta da arte-identidade (cont.)	Pâmela (cont.)	(durante a avaliação do trabalho realizado pelas facilitadoras, Lia afirma que foi trazido temas que eles gostaram, e que se caracterizaram como atuais e interessantes) Pâmela: os temas mais polêmicos, né? (CC2.P23.1112)	
Percepção da proposta da arte-identidade	José	(a facilitadora pergunta como os participantes do grupo percebem o trabalho desenvolvido com eles) José: perseverante. (CC2.P22.L1081)	
Percepção da proposta da arte-identidade	Lia	(fazendo uma avaliação sobre o trabalho desenvolvido pelas facilitadoras) Lia: foi bom né? Porque vocês debateram o que a gente gostou, pediu, trouxe temas atuais, interessantes... (CC2.P15.L710-711)	
Percepção da proposta da arte-identidade (cont.)	Lia (cont.)	(fazendo uma avaliação sobre os momentos de expressão artística vividos no grupo) Lia: A gente não deixa de ser criança, né?, só passa a ter mais responsabilidade, né? E eu acabei percebendo que dentro da gente tem uma criança... Eu gostei da dança, da pintura... pois quando a gente tá aqui voltava a ser criança, né? (CC2.P23.L1117-1119)	jovem-que-é-uma-eterna-criança
Percepção da proposta da arte-identidade	Roberto	(fazendo uma avaliação sobre o trabalho desenvolvido pelas facilitadoras) Roberto: o trabalho de vocês, no meu ponto de vista, tá excelente. A única sugestão que eu dou é que não feche ele desse jeito, deixe aberto porque com esse grupo funcionou, desse jeito funcionou, mas é sempre bom deixar esse trabalho livre porque o próximo que vier vão ser pessoas diferentes e como nós todos, as pessoas são diferentes, então é sempre bom deixar aberto... mas pra nós, pra nós, essas pessoas presentes aqui foi a pérola do ano. Merece o oscar. (CC2.P22.L1083-1088)	
		(fazendo uma avaliação sobre os momentos de expressão artística vividos no grupo) Roberto: estimulou a criatividade, a atenção... ajudou naquilo que a gente está procurando, naquilo que a gente deseja. (CC2.P23.L1115-1116)	
Percepção da proposta da arte-identidade	Glória	(a facilitadora convida o grupo a fazer uma avaliação do trabalho realizado.) Glória: não, no primeiro dia eu achei as músicas meio estranhas, mas agora eu gosto. A gente dança, a gente anda, a gente pula, a gente fica correndo... é legal. (CC2.P23.L1095-1096)	

PERCEPÇÃO SOBRE ARTE	Pâmela	<p>(concorda com Anderson com relação ao processo de criação vivido no grupo como sendo a expressão espontânea de cada um)</p> <p>Pâmela: e foi uma coisa que aconteceu naquele minuto, né? (CC1.P15.L810)</p> <p>(Anderson concorda com Pâmela)</p> <p>Pâmela: Não foi uma coisa que você ficou planejando... foi naquele minuto. (CC1.P15.L812)</p> <p>(a facilitadora pergunta se foi espontâneo)</p> <p>Pâmela: foi espontâneo. (CC1.P15.L814)</p>	
Percepção sobre arte	Gilson	<p>(sua percepção sobre a palavra-geradora TALENTO que definiu o conceito de arte para dois membros do grupo)</p> <p>Gilson: é um dom. (CC1.P14.L733)</p>	
Percepção sobre arte	Roberto	<p>(a facilitadora solicita a percepção do grupo sobre a palavra-geradora TALENTO que definiu o conceito de arte para dois membros do grupo)</p> <p>Roberto: é o dom... agora assim, sobre arte, talento, eu</p> <hr/> <p>tenho um ponto de vista, não é querendo puxar a sardinha pro meu lado não. Mas eu acho que a partir do momento que a gente se expressa verdadeiramente, a gente tá produzindo arte, seja em qualquer coisa, até no andado. Se a gente tiver expressando o mesmo que a gente tá sentindo naquele momento, andando, já é uma arte. Agora, talento é faz com que meu andado fique visivelmente mais belo, mais notável... eu penso assim. (CC1.P14.L735-740)</p> <p>(Anderson discorda da opinião de Roberto)</p> <p>Roberto: Não, deixe eu tentar me explicar melhor. Eu tô falando não do talento em si, eu tô falando da arte. (CC1.P14.L756-757)</p> <p>(a facilitadora pede confirmação se ele está falando de expressão)</p> <p>Roberto: É... é mais ou menos isso, eu acho que é exatamente isso. Quando a pessoa faz qualquer coisa que ela expressa, o seu real sentimento, isso é uma forma de arte. Vou dar um... o andado de novo: eu tô muito triste, tô muito triste, se eu andar triste, vão perceber que eu tô triste, certo? Mas se eu tiver o talento, não de andar triste, mas o talento de interpretar o que eu tô sentindo, vai ficar muito mais visível. Eu gosto de jogar futebol, eu tô muito alegre, se eu tô alegre e tô com gás, evidentemente que eu vou correr o campo todo, eu vou fazer um gol. Se, eu tiver talento pra jogar futebol, meu gol vai sair muito mais bonito. Entendeu? (CC1.P14.L759-766)</p> <p>(a facilitadora solicita um exemplo de arte vivido</p>	

<p>Percepção sobre arte (cont.)</p>	<p>Roberto (cont.)</p>	<p>no grupo para diferenciar do seu conceito de talento) Roberto: Nesse exato momento agora de discussão, certo? Estamos discutindo, isso é uma arte, ao meu ver, aos meus olhos isso é uma arte... o que acontece, se eu, se fulana de tal, se você, tem talento com a sua fala, faz com que a sua parte da discussão torne-se mais visível para os demais. Talento... não tô dizendo que o talento não é nada , mas talento é o quê da coisa, é o amarelo do sol. É o que faz a coisa mais bonita. Por exemplo, eu e Picasso vamos pintar um quadro, se eu expressar o meu sentimento, vai ficar bonito, mas se ele expressar também vai ficar mais bonito porque além dele expressar o que ele estava sentindo, ele tem talento. (CC1.P15.L775-782) (a facilitadora pergunta se algum participante do grupo já se sentiu fazendo arte nos encontros) Roberto: Com certeza! (CC1.P16.L823)</p>	
<p>Percepção sobre arte</p>	<p>Ricardo</p>	<p>(a facilitadora inicia a discussão sobre o tema-gerador ARTE e solicita que algum participante expresse sua opinião) Ricardo: Tem que ter cultura, né?, tem quer o talento, tem que ter, né?, se tratando de arte, tem que ter o conhecimento, tem que ter o estudo, tem que ter tudo aí que tá escrito bem dizer... (CC1.P14.L726-728) (a facilitadora solicita a percepção do grupo sobre a palavra-geradora TALENTO que definiu o conceito de arte para dois membros do grupo) Ricardo: é um dom. (CC1.P14.L734) (a facilitadora pergunta se algum participante do grupo já se sentiu fazendo arte nos encontros) Ricardo: Naquele dia da peça? (CC1.P16L.820) (a facilitadora refere que pode ser em qualquer encontro, em qualquer momento) Ricardo: Já hoje aqui. O que a gente fez aqui é arte... um quadrado desse aqui... é arte isso aqui! A arte de debater... (CC1.P16.L825)</p>	
<p>PERCEPÇÃO SOBRE IDENTIDADE</p>	<p>Wilson</p>	<p>(falando da sua palavra-geradora TUDO que expressa o seu conceito sobre identidade) Wilson: Eu escrevi isso aí porque ela vai mostrar o que a pessoa é... (CC1.P12.L650) (a facilitadora pergunta o que é tudo) Wilson: pode ser o medo. (CC1.P8.L654) (falando dos aspectos que caracterizam a palavra-geradora TUDO que expressa o seu conceito sobre identidade para Wilson) Gilson: é o modo de ser, de agir... (CC1.P12.L659)</p>	

<p>Percepção sobre identidade</p>	<p>Roberto</p>	<p>(falando dos aspectos que caracterizam a palavra-geradora TUDO que expressa o seu conceito sobre identidade para Wilson)</p> <p>Roberto: As máscaras! (CC1.P12.L658) (a facilitadora pergunta se é difícil falar sobre o conceito de identidade)</p> <p>Roberto: É porque tem... é não, tem as máscaras, né? A gente nunca sabe se a pessoa está usando máscara ou não, muita gente leva a palavra máscara como um sinônimo de falsidade e nem sempre é... às vezes é uma questão de coerência com o ambiente, como Gil falou que, o professor dele na sala de aula é uma coisa e quando termina o horário, é totalmente outra, e quer queira quer não, é uma máscara... e uma máscara, digamos assim, benéfica, né? Benéfica... benigna... né nem tumor... (CC1.P13.L676-681) (a facilitadora pergunta se uma mesma pessoa pode aparecer de mais de um jeito)</p> <p>Roberto: Exatamente! ... (CC1.P13.L684) (a facilitadora pergunta, então, se isso é que caracteriza uma máscara)</p> <p>Roberto: Com certeza! Por exemplo, o rapaz ali quando está nos canto é moleque, mas quando tá em casa é comportado. Isso, no meu ponto de vista é uma máscara. Por exemplo, eu sou diferente no meu comportamento quando estou com meninas, quando estou com meninos. Isso é uma máscara. ... (CC1.P13.L686-689) (a facilitadora pede confirmação se o conceito de máscara é o jeito diferente que cada um se apresenta)</p> <p>Roberto: Com certeza! Eu acho... ... (CC1.P13.L691) (a facilitadora refere que esse assunto estava sendo discutido no início do encontro)</p> <p>Roberto: E o autoconhecimento eu acho ele assim, interessante porque só a partir do momento que eu realmente me conhecer eu posso arriscar tentar conhecer o próximo. Então não adianta eu saber, tentar saber, tentar conhecer ela, saber que ela gosta de tomar café com bolacha Maria de manhã, se nem eu sei o que eu gosto. Isso fica meio difícil. É como fazer churrasco sem carne. ... (CC1.P13.L693-697) (a facilitadora pergunta como é possível uma pessoa se auto-conhecer)</p> <p>Roberto: Pra isso ela precisa das outras pessoas. ... (CC1.P13.L702) (a facilitadora pergunta se sozinho ninguém consegue)</p>	
--	-----------------------	---	--

Percepção sobre identidade (cont.)	Roberto (cont.)	<p>Roberto: Com certeza! Por exemplo, eu nunca, jamais, <i>never</i>, nesse planeta nem no outro, eu ia saber que era ansioso, porque pra mim era normal isso que eu sentia. As pessoas diziam: você é muito ansioso, tu é muito avexado, apressado... ... (CC1.P13.L704-706)</p> <p>(Gilson pede para Roberto confirmar o que disse)</p> <p>Roberto: Ô! Depois que as pessoas falam pra gente é que a gente vai abrir os olhos. Ai eu disse, num é que eu sou aperriadim mesmo? ... (CC1.P13.L708-709)</p>	
		<p>(fazendo a síntese das idéias principais sobre o conceito de identidade que foi discutido naquele encontro pelo grupo)</p> <p>Roberto: Bem, identidade é ali né? Quem sou eu, né? É tudo! É quem você é, é tudo. É o seu autoconhecimento, com isso, vai formar o seu caráter, sua confiança, o seu senso comum, fala com todos e também com o comum, né? E porque né, é como eu falei, as pessoas são diferentes umas</p>	
		<p>das outras. Acho que tá bom né, já falei demais... É... e arte... Arte, nada mais é que a expressão de, é o talento de expressar cultura... que isso, pra fazer isso tem que ter o estudo, com o estudo traz o conhecimento... e sendo assim, a cultura é uma arte e a arte é uma cultura! ... (CC1.P17-18.L908-914)</p>	
Percepção sobre identidade	Ricardo	<p>(a facilitadora pergunta o que é identidade para ele)</p> <p>Ricardo: Identidade é aquele papelzim veeerde... (CC1.P3.L117)</p>	